

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
LINHA DE PESQUISA: FILOSOFIAS DA
DIFERENÇA E EDUCAÇÃO

Temáticas: Didática da tradução, transcrição do currículo e escrituras
da diferença



ESCOLA *LIBRIAÇÃO*: biografemática do gesto

CAROLINA COMERLATO SPERB



Porto Alegre
2017

CAROLINA COMERLATO SPERB

ESCOLA *LIBRIAÇÃO*: biografemática do gesto

Tese defendida ao PPGEDU/
UFRGS como requisito final para
obtenção do título de Doutora em
Educação, orientada por Sandra
Mara Corazza.

Porto Alegre
2017

CAROLINA COMERLATO SPERB

ESCOLA *LIBRIAÇÃO*: biografemática do gesto

Tese aprovada como requisito final a obtenção do título de Doutora em
Educação pela banca examinadora constituída por:

Prof.^a Dra. Sandra Mara Corazza. Orientadora. FACED/UFRGS.

Prof.^a Dra. Karen Elisabete Rosa Nodari. HUMANIDADES/UFRGS

Prof.^a Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan.
FACED/UFRGS.

Prof.^o Dr. Cristiano Bedin da Costa. FACED/UFRGS.

Prof.^o Dr. André Ribeiro Reichert. DLSB – Departamento
de Libras/UFSC

Defendida em Porto Alegre: 31 de agosto de 2017

AGRADECIMENTOS

Amores de escrever, traduzir-imaginar e sinalizar-criar

Aprecio por movimentos docentes e discentes

Ações e afetos desde vida.

Bianca, bem feito de filosofias. Mente-gênio diabólico do bom bem.

Carlos, filosofias nos fortalecem e às vezes, juntos ou separados, fortalecemos além de nós mesmos. Espelho do Sérgio, meu pai exemplar.

Cristina, voz-mãos forte-política das comunidades sinalizadores,
a amamos.

Diego: espelho de reversão. Gracias.

Débora, unidas pela vida budista toda.

Energias, ao redor sentido-corporal de doçura.

Doce do sal, nem vivo.

Extensão, a desejo mais viva.

Familiares e movimentos sinalizadores: agradeço por tratamentos neutros
e outros afetuosos.

Haha, hehe, hihi, riso/sorriso/kkk. Sorrio para vida que fico mais
simpática.

Flávia: romanesca-poética por ações agilizadas.

Liana de bochechas lindas-macias.

Libras, sentida de mentes+corpos+corações.

Lisete, berço-colo de amor. Frios tornados por diários quentes.

Luiz, a chave corretora-tradutora de onde entro em dissipação.

Mina, convívio de amor.

Português mal sentido. Hoje, amante.

Sandra: de inferno-paráiso sinal-artística.

Sperb: Tomás, Matias, Augusto, Tatiana, sangues-corpos amados.

CIP - Catalogação na Publicação

Sperb, Carolina Comerlato
Escola Libriação: biografemática do gesto /
Carolina Comerlato Sperb. -- 2017.
272 f.

Orientadora: Sandra Mara Corazza.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Escola. 2. Libras. 3. criação. 4. biografema.
5. gesto. I. Corazza, Sandra Mara, orient. II. Título.



RESUMO

A presente tese traduz, imagina e transcria uma escola biografemática do gesto denominada Libriação. Este nome significa e deriva de Libras e de criação e vive por meio de biografemas (vidas de grafemar) curriculares-didáticas da arte, do gesto, do romance, do cenalário e da diferença. O texto compõe-se de procedimentos tradutórios de pensar-criar, desde signos e conceitos sentidos; funciona em elementos-atributos científicos-filosóficos-artísticos; e traduz em três formas: de pesquisa, ensino e extensão, que não se separam, mas operam, de forma conjunta e transversalizada, em meio à educação e à vida. O primeiro bloco é formado pela biografemática de pesquisar-ensinar-extensionar sobre produções-efeitos de pensamentos e extensões educacionais-contemporâneas; o segundo bloco é escrito por cenalários da educação contemporânea; e o terceiro conclui em um eu pesquisador, um educador e um extensionador, impossíveis de ser definido, pois é resultante de possibilidades diárias-vivas de criar.

Palavras-chave: Escola, Libras, criação, biografema, gesto.

ABSTRACT

The present thesis translates, imagines and transcribes a biographical school of the gesture denominated *Libriação*. This name means and derives from Libras and creation and lives by means of *biografemas* (live of *grafemar*) curricular-didactics of the art, the gesture, the novel, the scenario and the difference. The text consists of translational procedures of thinking-creating, from signs and concepts sense; Works on scientific-philosophical-artistic-attribute elements; and translates into three forms: research, teaching and extension, which do not separate, but operate, jointly and transversally, in the midst of education and life. The first block is formed by the *biographemática* of research-teach-extend about productions-effects of thoughts and educational extensions-contemporary; the second block is written by contemporary education cenarios; and the third concludes in a researcher, an educator and an extension worker, impossible to be defined, because it is the result of daily living possibilities to create.

Keywords: School, *Libras*, creation, biographe, gesture.

LISTÁRIO DE IMAGENS/FIGURAS/FOTOS/DESENHOS






1 Imagem retirada de Barthes	44
2 Dicas para ler bem e escrever potente	58
3 Sinal Nomadismo	74
4 Sinal Diferença.	75
5 Montagem pela autora. Escola Criação.	81
6 Sinal Arte (DINARTE, 2017).	91
7 Montagem de autora: “proliferação”	96
8 Traços biografemáticos.....	107
9 Um simples dedo	111
10 Montagem de fluxos	112
11 Montagens da autora.....	113
12 Desenho da autora.	119
13 Pulsing Collectively (LAPIAK, 2008).....	123

14 Ptolemy of Language (LAPIAK, 2006).....	124
15 CFA.....	127
16 (SILVA, 2012 p.15).....	132
17 Montagista-criativa de EIS AICE.....	133
18 Docentes do momento e discentes do espaço.....	134
19 (WILHELM, 2006, p.5).....	137
20 Fotogesto: Ética.....	145
21 (HORROCKS; JEV TIC, 2013, p.63).....	148
22 Silent Experiences (VARDHAN, 2014).....	153
23 Birth Right 1 (WALKER, 2015).....	154
24 (LAPIAK, 2014).....	156
25 Blocos/planos/traços/trajetos/mundos pensamentais.....	157
26 Sinais de CFA.....	160
27 Sinais possíveis: Tradução, transcrição, transformação.....	167
28 Objeto de saber.....	171
29 Objeto de terceiro grau.....	172
30 Sinalário: Vida e Morte.....	173

31 Sinais: Casa, estudo, gesto.....	178
32 Sinal: poder.....	180
33 Sinal Cadeia Alimentar (EPEEM, 2015)	195
34 Imagem via youtube Educação proibida.....	211
35 Imagem do Roland Barthes.....	236


SUMÁRIO

I

DESDE QUE	14
...PESQUISA-ENSINO-EXTENSÃO	15
ESCOLA-CASA-GESTO POÉTIC@	29
QUE ESCOLA FUNCIONAL-ATIVA É ESTA.....	32
BIOGRAFISTA	39
	53
DIRETA...	
MENTE.....	55
QUE DESEJO?	59
QUE  DA  ?.....	64
	68
 HISTORIANDO	71
MO(N)STRA VISUAL-GESTUAL.....	72


O RUMOR SURDO-MUDO.....	73
VIS@@GESTUAL DA LÍNGUA.....	76

II

PORTAL-IMPrensa PÚBLIC@.....	81
ESCOLA LIBRIAÇÃO	84
LIBRIANDO ESCOLA	95
CARTO-BIOGRAFEMISTA.....	97
FANTASIAS PARTILHADAS	99
	115
CENALÁRIO+ESCOLÁRIO=POETÁRIO	121
CENALÁRIO VERSITÁRIO+POÉTICO	130
AULA TRAÇADA-FILOSÓFICA-NÔMADE	142

III

MÃOS BIOGRAFEMÁTICAS DE/EM GESTO	167
DE EXTENSÃO: singularidades	186

DE EXTENSÃO: multiplicidades	186
EXTENSÕES+INTENÇÕES = INTENSAS+EXTENSAS	199
OPERAÇÃO CIENTE-ARTISTA	201
REENCONTROS-CRIADORES SEMIOLÓGICOS-LITERÁRIOS	204
	231
AMIZADES CULTURAIS-INTELECTUAIS	226

IV

O FIM DESTA ROMANCE?	239
TAGARELA, passadas, desvaziadas?	244
REFERÊNCIAS	258

DESDE QUE

Escrever-ler, junção-deslize ao ato de traduzir por si mesmo. Físico ou mental? Dois. Traduzir, como? Desde que ler-escrever, o deslize-invente de novas escrituras e desde que não se traduz tão verdadeiro ou tão falso, mas trabalhe com seus ou esses signos tradutórios mentais/físicos/espirituais/mundiais/culturais. Tendo a produção efetiva de significar por si mesmos, significar como? Desde que ler-escrever, não escreliê signo ou conceito “previsto”, como significado fixo, mas por uma chama (BACHELARD, 1989).

Desde que te signifique, por uma chama, como momento de se imaginar (não se fixar), enquanto se vê a chama de verdade, apercebe a sombra velada-acesa de cor amarela alaranjada. Por meio de visão imagética-cristal, a chama inflama (BACHELARD, 1989) em alguns segundos ou minutos, toma-o como um pensador de mundo traduzido último, lembrador-sonhador, um leitor interpretador-repetidor ou escritor além de repetir-diferenciar (DELEUZE, 2006)?

Mas não deixe esta chama te fazer memorizador de conceitos prontos, deixe a chama te fazer pensar-sentir-acontecer como um breve lembrador de significações últimas e criador de conceitualizações traduzidas ou novas. Assim, o livro, a leitura, ou mesmo a escrita, é a chama última ou o gesto último. Desde que te retorne traduzida-transcriada de modos-elementos culturais-linguísticos-biografemáticos próprios e últimos.

Como traduzir? Como significar? Como transcriar? As traduções partem de nós mesmos, sendo sujeitos/objetos de pensamento e agentes-agidos daqui extensionados, tomemos ressentimento (falo de repetir o sentimento, o de resentir) os termos e conceitos de arqueologia-genealogia, tornemos tradutores de arquivos-atos e, também, produtores de saberes-potências (ou poderes, ou ações). Isso significa que estamos nós próprios arqueologistas-biografistas de/em pensamento último.

Mais a posição docente-discente arquivál-ética, muito menos arquivada-transmitida. Como? Por exemplo, o termo aforismo, que é traduzido em múltiplas versões conceituais, sendo que há aqueles mecânicos-recebedores-passadores que interpretam e pesquisam significados e autorias que já foram mortos. Há também aqueles que vivificam as mortes neutras-científicas e as tomam como vidas científicas-artísticas.

Ao reler *AFORISMO*, “a” indica não, “forismo” indica o modo marcado de “fora”. Aforismo conceitual-ético não significa não-algo que vem de fora para pensar, significa algo que não é de fora e que vem, mas que se adentra sentida de conceitos. Opero com aforismos últimos, mas ainda, às vezes possivelmente escrita-traduzida, às vezes duvidamente significada-traduzida, às vezes ilógica de sentido último. Se vejo/vê um eu tradutor de forismo preto e branco, fuj@-peg@ em aforismos puros-escritores para se manter em alma-chama. Daí partimos daqui chamados a...

...PESQUISA-ENSINO-EXTENSÃO

Pesquisa é currículo. Ensino é didático. Extensão é criação. Currículo é ciência. Didática é filosofia. Criação é arte. Ciência é algo ciente (palavra, sinal, imagem). Filosofia é algo complementado (palavração, sinalização, imaginação). Arte está nessa última chama (ou criação). Pesquisa é saber científico. Ensino filosófico é potência criativa. Arte é ética prazerosa-viva. Conhecimento ciente de que é diário retificado (BACHELARD, 1996). Acontecimento potente em que é possível montar-inventar-criar. Artistamento é “o que dá gosto, regala a vida!” (CORAZZA, 2002c, p.370). Pesquisa é neutra enquanto ensino intuitivo e, daí extenso. Se a pesquisa for para repetir e reescrever o mesmo conceito, não funciona o aprender, torna-se mumificado em camadas de papéis colados. Se a

pesquisa for para diferenciar em conceito próximo-presente, o ensino é sentido.

Tudo isso são educações transdisciplinadoras e transcriativas (ou criadoras). Não tão somente pesquisar-ensinar, mas estudar-aprender a pesquisar-ensinar e extensionar a criar e recriar. Existe instituição de ensino que é subjetivada-objetivada por professor que passa-ensina o aluno a pensar-aprender-traduzir a partir da falsidade ou verdade, do certo ou errado, do correto ou falso. Tudo isso é a triste dependência de signos-conceitos opostos ou favorecidos e contraditos ou à mercê de comprovadores. Existe outra que arrebatava o gestor, o professor e o aluno de modo chamado, inflamado, biografemático e transcriador.

Onde objeto, conceito ou ação que são considerados forismos reais que nos fazem pensar como aforistas de visão, não de previsão ou depois-visão, onde os sentidos de aforismos criados vão sendo-estando-ficando criativos-criados. Senão, caímos na armadilha de nos tornarmos recebedores-passadores e pessimistas. Se sim, é para “precisar, retificar, diversificar, são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo” (BACHELARD, 1996, p.21).

Decreto primeiro é: estimular-escrever-traduzir-transcriar a partir daquilo que estou escrevendo. De como pesquisa, de que ensino, de quando ajo. Por qual ciência, filosofia ou arte, educo-me? Não trato de primeiras ciências históricas-filosóficas, mas últimas. Ou a partir da noção deleuziana (de *O que é a Filosofia?*, portanto, deleuzo-guattariana) *Arte*, vejo-sinto/penso-crio em instante último. Agrego-dissolvo-dissipo como pesquisadora-educadora-extensionadora em último instante. Desde que eu nasça como escritora de vidarbos, renasço em um eu difuso-ético-prazeroso-artístico. Às vezes romanesco-teatralizado. Às vezes biografemático-biografemático curricularista. Às vezes didartista imaginadora. Há uns eus infantis, adolescentes e quase adultos que dependiam de pensamento

daquele tipo de “não é isto. É isto. Não é isso. É isso. Não é aquilo. É aquilo”. Algo assim trágico. Coisa triste mesmo. Por que? Longo tempo perdido para futilidade-banalidade-julgabilidade. Hoje e agora, é perder-ganhar tempo por meio de pensamento-artistamento.

Melhor perder-ganhar tempo por meio de água-terra-fogo-ar. Saberes, conhecimentos, arquivos marinhos, sedimentares, desejantes e gozados. Terra pode ser entendida como ciência. Ar, filosofia. Água, arte. Fogo, poético. Fogo, como produção efetiva. Produzir diferentes fogos e criar nos queimados. Desde que te signifique por poética como ato de criar, ato de poetizar. Poética lembra de uma vez última, como potência + ética. Ética é um ser-sentido-ativo.

Assim, desse sentido e dessa forma, é a escola Libriação. Uma fantasia-sonho escolar espacial-temporal maquinada-literária, significada-transcriada, arqueológica-genealógica traduzida-escreitora desde sempre produtivo pensamento-acontecimento-giramento é o que refere a pensar-sinalizado-gestual de de sentir-lendo, sentir-escrevendo a própria significação e criação.

Com amplo material de literaturas, filosofias, poesias, há artes possíveis-afirmativas a criar, tem-se muita coisa escassa, é para que tomemos o tempo-espço antigo-contemporâneo que traduz-cria-transcria pesquisas-ensinos-extensões. Curricular-didático da criação, formados por conteúdos-aulas-ações e transformados por linguagens-praticagens-artistagens tanto para produção de pensamento quanto para criação de artes. Isso é um gesto último. Não último gesto. Sim último gesto apagado. Algo pouco difícil de ver por meio de onde ando como peão vivo. Algo fácil de produzir por meio de um eu agente-criativo.

Explico em novas palavras a respeito daquilo que estou escrevendo, de como penso-crio e de quando o faço, daqui extensa. São alguns coisificados-nomeados-tradutores: signos (compostos de significantes-significados) são tradutores-inventores-criadores, assim como significações (compostas

de significados-significadores) também criadores. Tanto signo quanto conceito, ou tanto signação/significação quanto conceitualização, são atributos de pensar-criar-fazer. Opostos de pensar-interpretar-definir, tantos nomes, tantos adjetivos e poucos verbos?

A cada pensar e cada agir, move-se desde sempre, Libriação. Também palavrção cultural-experimentada-poética. Libras, idioma, língua ativa. Criativa. Português também. Depois desse instante visuo-gestual, escrevo pensando-transcriando por meio de fonemas, morfemas, teoremas, gestemas, etc. E porvires.

Traduzibilidade e criabilidade. Como traduzo signos e conceitos por meio de tese/pensamento/ciência? Biografemas cientes-gestuais-últimos. Ciência desses signos. Gesto é impulso. Ultimidade é algo que vê-noemia-adjetiva-verbaliza-extensiona em si. Vidas escrituras-imagéticas-transgestemas e transteoremas. Teorias são palavras? Também sinais. Mas que teorias? Teorias da repetição? Da diferença? Filosofias da diferença? Filosofias e diferenças?

Teorias neutras, filosóficas e artísticas maquinadas, fabricadas, expressadas. Teorias neutras e vazias são aquelas que obrigam a estudar-aprender-pesquisar como filiação nomeada, caracterização, mecanização, representação, interpretação, classificação, memorização, repetição e tradição-especialização-capitalização. Teorias filosóficas desconstroem e constroem. Teorias neutras como filosofias da repetição servem máquina de pensar-traduzir por meio filosófico da diferença. Invenção-criação-inflamação de sentidos palavreados, sinalizados, imagéticos, gozados.

Gosto por escola que ensina-forma-cria sujeitos e objetos filiados-sentidos; estimula características singulares-individuais de cada um de nós se põe a representar-traduzir seres animais-vivos-objetivos; pesquisa-ensina classificações conceituais últimas, estuda-extensiona memórias, lembranças, sonhos, desejos, prazeres, gozos desde que fruídos; repete desde sempre a fórmula de diferenciação.

Sem gosto é ver onde se matam aprendendo união entre sujeito-objeto, em cadeiras duras, de frente presa às mesas de copiar-entender-recopiar palavras, conceitos, significados fixos que dependem de palavras apontadas como únicas e de sinais indicadores de conceitos prontos. Saberes-poderes (nomes e verbos) de mesmice, de repetição e de transmissão transformados e transcriadores por meio de nomes-verbos-estilos possíveis-afirmativas-inventores (educados de tradição científica-filosófica-artística e deseducados em tradução-extensão). Computador, cadeira, corredor, rua, pátio, espaço confortável, mas rigoroso-leveza de pesquisa-ensino produzida sempre desde pensamento-acontecimento-extensionamento e além, de diferenciamento-acontecimento puro.

Pensar, escrever, ler, traduzir, criar, extensionar sempre parte de sujeito-objeto-ação. Por traduções inéditas e não por representações feitas. Como lemos e escrevemos significações ao ler-escrever ou escrever-ler. Lemos, escrevemos, sentimos e agimos por meio de significações últimas. Não primeiras significações, nem primeiras origens comprovadas de onde saiu fulano, tal signo, tal conceito.

Práticas científicas necessárias, mas não ao repetir mesmos conceitos, sim ao formar-traduzir por novas práticas bioéticas, então, não são tão somente teoremas, mas transcriativas. Tradução última de que o estamos lendo, escrevendo e traduzindo, são essas básicas e complexas misturas de criar. Não se trata de concentração signal e conceitual, mas além da contemplação (compostos de templos+ações? tempo+laço+ação?).

Trigestemas. Trifonemas. Trimorfemas. Esses “prefixos” são fixos necessários de pensar-traduzir-criar. Formações-três, operações-três, funções-três. Pensares variáveis e deriváveis, variário-derivário. Extensões, compostos e sentidos. Tradução e originação. Intuitivo e original. Fórmula 3. Linguagem: *stop* do passado sanguíneo, presente totalmente verde e um incerto e esperançoso de sentidos negativos-afirmativos e afirmativos-positivos. Pensamentos e extensões subjetivados-objetivados fervidos por

chamas de se imaginar e de se criar após apagados. “O verbo inflamar [...] comanda todo um setor do mundo da expressão. As imagens da linguagem inflamada inflamam o psiquismo, dão um tom de excitação que a filosofia da poética necessita” (BACHELARD, 1989, p.10).

Verbo inflamar, verbo chamar? Talvez. Chama é produtora de: Fantasias. Imaginações. Poesias (BACHELARD, 1989, 1998, 2008). Ciências chamadas? Sim, ora filosóficas ou produtivas de efeitos-atos letrados, gestuais, éticos. Ciências produtoras de ciências novas. Chama é como mundo de montar mundidade-criatividade. De traduzir chamados-poéticos, de transcriar imagens, objetos, sujeitos, ações de gostos, desejos, aventuras, loucuras. Chama pode ser algo além de livro, de tela, de quadro, de realidade, esta, última.

Como é Libriação? Como está posta esta biografemática do gesto? Como vive a chama? Vivo sinalizada-falada de/em Libras, vivo-escrileio palavras e frases imaginadas e sentidas. Ser, estar e viver são verbos básicos e complexos de sentir-imaginar-criar, o básico eu pesquisador-estudador-extensionador que deseja o livro de ser-estar-viver individual-singular e que gestualiza-inflama o ser-estar-viver coletivo-plural. Isso é um gozo intelectual. O complexo é tentar nomear-adjetivar-verbalizar as ciências de ser, estar e viver. Porém, “o conhecimento efetivo do-que-foi-feito é a melhor maneira de nos prepararmos para fazer e entender o-que-não-foi-feito e o-que-se-pode-fazer-de-novo em poesia” (CAMPOS, 1991, p. 29). Fórmula dos três.

Em escrita, em escrileitura, em cenalário imaginador, em ações inventivas. Criativas (criar-ativar em ação). Tudo isso se encontra a primeira parte de pesquisa do livro daqui. Pesquisa-docência-discência, interdisciplinar e transrelacionada, então com a segunda parte de ensino, que compõe de cenalários imaginados-romanescos-dramatizados-comediantes- tragicos-risonhos por meio de currículo-didático em/de criação.

Bentido querido diário. Não interprete como objeto de escrever “Querido Diário”, mas traduz como querer-bem-diário, em cada querer, cada bem, cada dia, que pode ser diário. Não entendi! Calma, com alma familiar, repensemos em didaticário, cenalário, sinalário ou gestuário. Benditas biogestemas, tribiografemas. Não apenas passamos didáticas filosóficas, mas transpassamos. Maltidas biogestemas, por exemplos, produção e transmissão de pensamentos, conhecimentos e imaginamentos de preto e branco.

Como começa-finaliza o pensar? Como começa-finalizar o criar? Como começa-finaliza o fazer? Todos esses elementos verbais-básicos de pensar-criar-fazer funcionam como um todo, pensamento em conjunto. Atributos científicos-filosóficos-artísticos (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Atributos- científicos-conhecimentais-artísticos (BARTHES, 1981). Atributos arqueológicos-genealógicos-éticos. Todos eles e entre nós, trabalhamos em pensamento produzido de mundo-corpo-espírito terceiro. Não feito de terceira pessoa, mas de pessoa-si. Pessoa-eu mutada por significação última. Além de pensamento intensa-extensa, dissipa em extensão. Depois disso, funciona extensão real-maquinado por novos outros possíveis afirmativos pensares-criares-fazeres.

Como escritora de vida, invento cenalário curricular-didático em educação, isto é, uma ação de educar, não em nome próprio. Caso optássemos pela auto-nomeação, atribuindo lugar ao educador-autor, estaríamos fixando signo e conceito. Mas operamos de forma diferente: escrevemos em atos que movem cenários em espaço escolar e onde flutuam cenas em línguas semiológicas-semióticas-filosóficas-literárias-romanescas-artísticas; esses cenalários se transmutam por meio de Gestores, professores e Estudantes da Educação Básica-Superior.

Assim, trata-se de “uma escritura da consciência de tal desejo criador na área da educação; desde que, ao exercer o ofício de educar, muitas coisas funcionam” (CORAZZA, 2016, p.1). Jogamo-nos funcionários

de escrituras tradutórias em/de línguas maternas e transpassamos para a criação de pensamentos da diferença, a heterodoxia, não da repetição doxista.

Desde que se possa, jogadores-tradutores-renovadores da escola escreitora-gestual. Teses-ideias-pensamentos, produzidos por currículo e didática da criação. Que currículo? Feito de saberes últimos. Didática curricular-prática de traduzir, de intuir. Textos criados-transformados-transcritos por meio de biografemas, isto é, de gesto (ou chama, ou leituras-escritas-quereres-desejantes-prazeres-gozos). Cenários da tradição filosófica e da tradução conceitual-contemporânea.

Traduções tratam de além de línguas opostas gramaticais, seja Libras e português, significam produção de indicar-escrever-reescrever e também funcionam criações tanto sinalizadas quanto escritas. Índices curriculares-didáticos entre repetições-diferenciações-atualizações. Operação de escrituras vivas e de escrituras biografemáticas. Escritas-sinalizadas-docentes-discentes de ciências, filosofias e artes. Função científica em último sentido *signal*, produção última e última criação. Mãos que traduzem, criam e transcriam. Mãos que leem sentidos e escrevem pensamentos. Mãos que digitam por meio de pensações inéptas, produzindo mundos últimos de significação. Mãos envolvidas por meio de escola real-fantasiástica.

Ensino-me, não de forma transmissora. Sim de criação, por exemplo, o termo filosofia é traduzido por diferentes conceitos, que inventam novos signos-conteúdos sinalizados-curriculares-conteudistas-conceituais desde sempre diferença. Verbo de diferenciar, ato de não-repetir e sim-montar sob nova-diferente criação. Verbo urgente-expostamente diário por aqui. Mãos didaticartistas. Que montam ciências, filosofias ou artes a partir de perspectivas, atividades e criatividade. Mãos dos biografemas. Mãos que lêem palavras mentais e depois, quando podem e sentem, escrevem.

Gesto de pesquisar. Gesto de ensinar. Gesto de artista. Trigestemas. Formuladas que desde Antiguidade, ou melhor, desde que pintou este

Mundo-planície-Natureza. Gestos não referidos somente aos sinais, também às palavras, às imagens que pintar (nascer), sentir (expressar) e criar (inventar). Mãos dos gestos. Impulsos. Sonhos. Desejos. Artes. Cenários navegados de pensamentos globalizados-econômicos-culturais-reprodutores heterotropias e heterodoxias da diferença última.

Pensamentos de bater e desviar de torres babélicas de signos, conceitos naturais, nomeados, artísticos, culturas múltiplas, línguas inúmeras, imagens infinitas, espaços-tempos fruídos, histórias, geografias, números intuitivos (não teomáticos), físicas-espirituais, químicas-corporais-espirituais. Assim mais uma torre balélica criada. Eis a criação. Tomada como tal, criativa. Pode ser chamada de topológica-ótica em criação. Transcriatividade.

Poética da casa, conceito bachelardiano (2008), seria como criação natural e de lares conceituais e poéticos. Filosófica da janela aberta a ciências que reabrem artes de pensar-sentir-criar. Artes literárias, poéticas, romanescas, políticas-éticas. Janela fechada a ciências que não se interpretam como históricas-originais-passadas, mas se traduzem em história-originalidade-contemporaneidade.

Arte ou poesia ou chama ou gesto, verdadeira matéria de mutação de/em/entre funções de ciências e produções de filosofias. Quais meios funcionais-criadores-estéticos de pensamento? Escriteiras vitais, diferenças absolutas, girações sentidas, pinturas de imaginação, gestos produtivos, semiológicas babélicas, gestuais poéticas, literárias-fantasia, artísticas, científicas, filosóficas, pragmalinguísticas, pragma-e-logos-e-dramas. De extensão, tomo vida de invenções e gestualizações.

Que depois, de pensamento? Pesquisa plurigrafia da educação de/em/entre repetição-diferença. Ensino currículo-didático-transcriador por meio de romances fantasiásticos-biografemáticos. Extensão, tomada como Escola, espaço-casa biografemático e poética, que movem-traduzem-transcriam em *continuum*.

Por todo livro, lanço com partes de escrita, que não são formadas por significados ordenados ou previstos, mas possivelmente traduzidos por sentidos de pesquisa-ensino-extensão, sendo a primeira parte referida a produções escritas-teses-biografemáticas curriculares-didáticas de filosofias, diferenças e educações, tendo a segunda parte escrita de cenários que traduzem currículo-didático da criação por meio de estudantes, professores, gestores e profissionais de educação nova. E última parte que não é conclusiva com resultados ou salvação, mas conclui-se em resultados afirmativos da diferença e negativos da repetição. Nossa “esperança é de que a reflexão sobre essas coisas, que aconteceram há cerca de um século com a linguagem, possa contribuir para a melhoria da produção e do consumo de poesia [arte]” (CAMPOS, 1991, p.29).

Atualização de signos começa não a partir de livros, mas de *vidarbo*s [vida + obra] (CORAZZA, OLIVEIRA, 2015) que cada um de nós comporta ao escrever por meio à vida pensamental. Produção de signos finaliza com significações últimas e não com últimas interpretações. Não significa inventar um nome, uma ciência, uma palavra absoluta, sem relação com algo antes ou depois. Algo de arte que nos cria artistas-personagens de mentes imaginativas, de filosofia, também nos fazem personagens conceituais. Daí que nos tornemos personagens escritores da diferença.

Heranças tradicionais-contemporâneas de ciência, filosofia e arte, sempre presentes desde que pintou este Mundo, cada vez gerado por mundo primeiro, segundo, triplo, quarto, nascido, crescido e processado por multiplicidades categóricas-convencionadas, colonizando conhecimentos-saberes sem singulares, coletivos conceituais-teóricas-saberes-arquivos de cada área/campo/linha/programa/grupo. Todas elas se conhecem e reconhecem entre si. Há as que se fazem interdisciplinares, porém, desconhecem que são partes da mesma família, tradicionais-tradutórias, semiológicas-semióticas. Tantas obras, tantos livros, tantos continentes, tantas árvores conceituais, tantos rizomas. Mas Artes? Gestos?

Explico novamente que muitos cientistas pesquisam, inventam e discursam o tanto de importância vital-física-humana-química-biologia, mas devem parar com produção de objetos tão sem graça, por exemplo, pesquisa fixa de signos e conceitos, tal signo é tal conceito, tal conceito é signo. São memórias distantes e de torturas mentais-físicas-espirituais. Pesquisas feitas de significados de tempos-espacos que nem existem mais.

Muitos filósofos comentam como eram as vidas dos “antigos”, como de paraíso-inferno, vivenciado-ético-de virtudes próprias e a coragem para transformar arte e coletivar, entre artistas, educadores da diferença, com novidade, e para transformar matérias ricas-conceituais, que pelos seus discursos favorecem produção de linguagem e pensamento. E tornemos nossos discursos em relações potentes, micropoderes e ao nosso redor. Religiosos, melhor levantar cabeças não abaixadas, relaxem, que é puramente vazio, tendo olhos esforçados com tantas palavras ou tantos sinais que nunca lhes salvam.

Talvez, escola, igreja, universidade, casa, mídia já nascem subjetivados-objetivados dessa maneira/perspectiva? Nascem crescendo oprimindo os próprios prazeres, desejos e vontades singulares? Nem tem sentido. Da Antiguidade até hoje, registramos três partes-fases-blocos de pensamento, mas de forma repetida, de modos de se diferenciar por meio de palavras, discursos, sinais, gestos, textos, livros. Não percebemos que somos todos repetidores de linguagens e diferentes dos diferentes pensamentos, mas além disso?

Sustento uma certa, mas também incerta, tese, que apesar de tudo o que pensamos sobre o que são métodos, sobre como produzi-lo ao nosso redor vivo? Como, para que sintamos a própria inserção no ser? Como, para que pensemos outra inserção no ter-viver? Ou retornamos à mesma inserção que impulsiona por palavras, o que “não exclui o antes e o depois, mas os superpõe numa ordem estratigráfica” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.78). Bem, à virtude disso, voltemos e retornaremos

novamente, sintamos-aprendamos nossa inserção no ser, no ter, no querer, no nomear, no objetar, no fazer, no subjetivar, no olhar, no agir, no artistar. Entre inúmeros verbos.

Está aí uma parte da arte, como projetos¹ de pesquisa²-ensino³-extensão⁴ que Sandra Mara Corazza pesquisa-coordena-professa-multiplica por meio de didática de tradução, transcrição de currículo, escrituras da diferença, curriculares-didáticas artistas de/em espaços, signos, imagens (EIS), inventariando por autoria, infantilidade, currículo e educador (AICE).

Escola é a obra-testemunho-vivo, “não de um pretense expert, *bien-penser* ou coisa que o valha” (AQUINO, 2014, p.21), mas de um estudante-artista, de um gestor-ético, de um artista-professor, “longe do conforto e da segurança de uma experiência cumulativa, vê-se cada vez mais atravessado por hesitações crescentes, sobretudo quando estão em pauta os quebradiços contornos do éthos” (AQUINO, 2014, p.21) discente-pessoal,

¹ *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze* (2011-2015); *Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* (2011-2014); *didática da tradução, transcrições do currículo: escrituras da diferença* (2015-2019).

² *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze*, desenvolvido na Linha de Pesquisa 9 - Filosofias da Diferença em Educação, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse Projeto de Pesquisa foi aprovado e desenvolvido pela referida pesquisadora (de março 2011 a fevereiro de 2015) com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ *Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, ação de política pública de pesquisa nacional do Programa Observatório de Educação (OBEDUC), com financiamento do Ministério da Educação na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), desenvolvido no período de 2011/1 a 2014/2 e composto de quatro núcleos: UFRGS (coordenação), UFPel, UFMT e Unioeste.

⁴ Projeto de Pesquisa de Produtividade (CNPq) *Didática da Tradução, transcrições do currículo: escrituras da Diferença* (2015-2019), que almeja complementar, correlacionar e consolidar a formação de professores-pesquisadores mediante observação e análise dos resultados e impactos das produções oriundas das três pesquisas, investigando um currículo e uma didática da diferença.

agente-educacional, pessoal-docente. Desde então, foram inventadas como disciplinas-econômicas-políticas, tão categorizadas, lembremos outra vez de que estamos tanto concretos quanto vazios de signos, imagens e espaços de arte. “Mas, se isso fosse verdade, a crise no nosso sistema escolar não se teria transformado numa questão política e as autoridades responsáveis pela educação não teriam sido, como foram, incapazes de tratar o problema a tempo” (ARENDDT, s/d, p. 2).

Governos de Estado, o básico, esse de governar outros, quando governa de si mundos de pensar e não de fixidez, mas de regulação, pois vimos que decisões governamentais de educação regidas por “pessoas já educadas” (ARENDDT, 2000, *apud* HEUSER, 2017, p.208) de mundos duplos, doando apenas para produto e produtor sem afetos, efeitos, sensações, para isso, necessitam de novas formações filosóficas-artistas, no diário, vimos tantos discursos forismos da próprias realidades, afastados de nossa inserção corporal-espiritual-mundial. Também não desejo “nossas batalhas políticas travadas nos pátios das escolas” (ARENDDT, 2004, *apud* HEUSER, 2017, p.208). Desejo essas batalhas-movimentos da diferença científica-filosofica-artística, pois, “o papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, desde a Antiguidade até aos nossos dias, mostra bem como pode parecer natural querer começar um mundo novo com aqueles que são novos por nascimento e por natureza” (ARENDDT, s/d, p. 3).

Escola-batalha-natural para singularização, coletivização e expressão de modos diversos educacionais, em prol de sermos produtos da diferença e produtores artistas. Repetimos tantos discursos, tantas defesas acadêmicas, mas sempre oposta a quê e quem vivemos ao caminhar, ao ver os reais. Os reais também, da mesma forma que trabalham-vivem pagando com suor para comprar diplomas. Assm, acabo na lembrança do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=e_7hm9S_xtc, artista-interpretador dum pensamento de Foucault em relação ao “papel de autoridade”.

Dai, com isso, falo, por Deleuze e Guattari (1997), que é preciso resistir-rachar-verter máquinas de Estado pelas máquinas de arte (guerra). Assim, “nos impele a pôr em questão nossas próprias concepções cristalizadas e a criar respostas, sejam novas ou antigas, que não se sustentem sobre clichês. Aproveitemos a crise para pensar!” (HEUSER, 2017, p. 208).

Lá, desde a Antiguidade, existem pessoas que circulam como produtos de receber, fazer e dar, em modalidade dualista de pensamento e ato, como copistas e produtores em uma mesma repetição até hoje; também existem os que circulam como produtos e produtores de receber-fazer-dar, fabricando a partir de pensamentos individuais-referenciais, modos de se traduzir e criar diferentes linguagens-praticagens-artistagens. Existiram escolas antigas, as de Estado e as de populações. Por exemplo, Sócrates, o grego, morto pelos gregos de Estado. Desde então, nunca existiu uma escola que trabalha-racha três planos de pensamento e linguagem, de fruir e agir. Vivemos-trabalhamos-comemos-sinalizamos no espaço-tempo que é de corpo-mundo-espírito-dualista. Para isso, existiria possivelmente com articulações de universidades, governos e empresas, conjugação entre ciências, filosofias e éticas/religiões/artes, consumos, produtos e atos básicos e de vitalismo potente para o que sinalizamos-trabalhamos-vivemos.

Perguntaram-me se essa crítica sobre tudo isso seria “válida”, alertando que é impossível sair dela, por estarmos vivendo desde sempre e nesse modo. Bom, fui religiosa, mecânica, cientista de cabeça que está sem memórias-conhecimentos, que desde a escola até a universidade, quase que por 20 anos de tanto estudo e hoje, num primeiro minuto, *puf!*. Cabeça, corpo, vazios. Hoje, corpo-cabeça-olhos-pensamento (de linguagem-praticagem-artistagem), acredito nessa crítica que faço desde quando me encontrei com textos, conversas, aulas e vídeos proferidos por escritores/pesquisadores/professores/estudantes/sinalizadores da diferença pura.

Ou biografemática. Escola-casa-gesto são três planos-traços-trajetos misturados, a pensar, a traduzir e a criar. O título com uso de @, é, pois, múltiplo de teorias-práticas artistas. O @ é um apenas símbolo. Mas símbolo de várias definições que cabem nomear. O @ também pode ser corpo-mundo-pensamento variável e invariável de artes semiológicas-semióticas poéticas. Escola é tese transeducacional-transatualizada de espaços, imagens e signos (EIS) caseiros-gestuais de semiologias e literaturas (BARTHES, 2013), lembranças e sonhos (BACHELARD, 2008), de memórias e intermédios de signos (DELEUZE, 2003), de documentos-saberes-monumentos-poderes corajosos-artistas-éticos (FOUCAULT, 2011), que nos tornam autores-infantis-curriculistas-educadores da diferença da diferença, que nos retornamos criativos-poéticos em gestualidade-visualidade instantânea e realidade-corporalidade última. Sim, donos da criação, muito mais que inscrever e inventar Vida-Obra, vidarbos, sempre que possível em transmutação meta-gesto, de método de criar, muito mais fundo ao diário verbal de des-formar e de trans-formar sistemas educacionais em atualidade.

“Se os tempos da Neutralidade Iluminada e da Suspeita Absoluta são filhos naturais da Modernidade e da educação moderna, este de agora, o do Desafio, é cria legítima da pós-Modernidade e da educação que lhe corresponde” (CORAZZA, 2002b, p.4). Escola não comum, ou melhor, (trans)comum, de Ciências Humanas, Exatas, de Natureza, Sociais. Escola-casa comum-incomum de ciências nômades e produções de currículos-didáticos de/em/entre repetição, diferença e arte (DELEUZE, 2006). Escola inventiva de elementos políticos- intersemióticos-poéticos (PLAZA, 2010) e traduzida por memórias e imaginações que “não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão da lembrança

e da imagem” (BACHELARD, 2008, p.200). Comunhão, ou intermédio de signos de memórias e inteligências (PROUST apud DELEUZE, 2003). Escola atuante “a abrir-se para algo que os transborda, um curto instante revolucionário, um impulso experimentador” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, P.26) e atuadora de pesquisas, ensinos e extensões em diferenciação, em diferença inédita. Transformação complementada e inter-transdisciplinada-versalizada do não “lugar do idêntico e do negativo, da identidade e da contradição” (DELEUZE, 2006, p.8), identidade de signos parte por nossos olhos, primeiro, apenas significantes (formas-imagens-simbólicas-sinais-letras), daí entregamos significados em outros rostos-olhos de tradução mental-intelectual, às vezes movem-se gestos significadores de imaginário, breve, longo, recortes, intraduzíveis.

Escola é arquiteta-inventiva onde sintamos caseiros em decifrar, traduzir e criar signos, imagens, espaços, tempos, movimentos, efeitos e saímos dela transformados por árvore não categorizada de áreas/campos de conhecimento, translinguística, transfilosófica e transartística. Assim, escola também trabalhada-traduzida não de primeiras origens históricas, mas origens de si mesmas primeiras. Isto antes. e na agoridade, aqui, segunda repetição-diferença como espaço-tempo múltiplo de sentidos, pois, “a experimentação, a criação, a descoberta e a invenção devem constituir a forma do ensino”, “de sua instrução e de sua formação” (PIGNATARI, 1971, *apud* CORAZZA, 2009, p.1). Experimento signos de gesto, crio uma gestualidade-visualidade, descoberta de ciências tradicionais de/em terceira forma, invento cenários currículos-didáticos da tradução de/em educação romanesca-biografemática.

Escola, tela da herança científica+filosófica, debaixo, envolvemos essenciais-potentes e compartilhamos dúvidas, angústias, felicidades, negatividades, afirmavidades, tristezas, assim saímos para fora desta casa, transformados, retornamos, desformados, reformados e transformados, por diante. Isso é uma escola maquinada entre morte+vida= educados da ação e além de vida+morte= agentes+potentes de criar.

Casa, segunda tela, como máquina de conceitos-desconceitos-reconceitos-desconceitos-transconceituais, também refiro aos signos, em memória voluntária de práticas linguísticas+didáticas da tradução, os imaginar fabricados-compostos de “prefixos”, mas ao mesmo tempo (está aí memória involuntária) os complemento com a função de prefixo, isso é, de desafixar de conceitos afixados. Casa diariamente limpa e suja, mas transformada.

Poética, arte que transforma e trasmuta em artistagens disparas. Sinalizada de/em pensamento da diferença. *Escola* possui uma ampla conceitualidade desde tal época, ou tal idade, ou tal fulano. Longe disso tudo. Daqui exposta não “como um objeto, muito menos como um substituto do objeto”, mas sim como exposta “em sua realidade específica” (CORAZZA, 2014c, p. 10). Exposta por matérias filosóficas-artísticas, subvertendo ciências de transmissão por as de criação. *Escola* como espaço de mobilizações políticas, ocupações éticas e ações educacionais interligadas com “quais estariam contidas a sabedoria do mundo, a realidade da vida ou a verdade da educação” (CORAZZA, 2012c, p. 1026).

Escola não laica, não hipotética, não categorizada, não disciplinada, uma vez que no sentido composto e múltiplo, transdisciplinar de filosofias e artes, escola libertadora de laicidades, distante de sistemas-regimes de signos categóricos-curriculares. Escola com plena liberdade. Escola presente de afirmações e possibilidades e ausente de negações e proibições. Escola+casa= somente presente+gesto poético+literário, (insuportáveis-intolerantes, falando mal? Ou melhor bem falar: indispensáveis) aos meios educandos a educados. Isto “pertence a essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 2015, p. 1) e potência do devir também deve seguir mesmos passos de puxar dois sentidos e os transformar em todo sentido.

Escola que busca aprender e ensinar presencialidades filosóficas, não somente virtualidades históricas. Devir presente, não passado, como

fazem alguns professores escolares, tão somente passando conteúdos-saberes-conhecimentos-memórias, e os estudantes com corpos físicos-mentais pouco potentes, por horas e horas, sentados tediosos. Ao invés disto tudo, por escola, ajamos por devires fantasísticos-imaginários-reais-virtuais em potência onde movimentam-operam personagens, conceitos, signos, espaços, tempos, matérias e devires desde a perspectiva da diferença (DELEUZE, 2006). Cenas escritas-sinalizadas-traçadas de diálogos entre professores, estudantes, gestores, administradores, diretores, líderes e amigos sob olhares corajosos (FOUCAULT, 2011, 2014); de vez guiada por mares corazzianos (CORAZZA, 2013, 2014b, 2015). Escola romanesca (BARTHES, 2005a), literária, atual-virtual (DELEUZE, 1996), diária e exposta.

QUE ESCOLA FUNCIONAL-ATIVA É ESTA⁵?

Mas seria uma Tese-Escola apenas? Mas o que compreende uma ideia escolar? Sentidos fixos? Permanências? Não. Pelo contrário, uma Tese educada-educanda de vida que “não basta viver; importa viver bem” (BERGSON 1983, p.13), isso estabelece um campo de pensamento bem pensado e depois disso, em fluxo de criação e em produção-rede da novidade. Vive-se um cotidiano de percepções+afeções=crises de ação em que uma tese escolartista se coloca dessa maneira. “Sem medo do novo ou medo do antigo defende, “até a morte o novo por causa do antigo e até a vida o antigo por causa do novo”; desde que “o antigo que foi novo é tão novo como o mais novo”; cabendo-lhe discernir entre eles (CAMPOS, 1978 apud CORAZZA, 2013b, p.192).

⁵ Créditos ao Luiz Daniel Dinarte, tradutor-interpretador de signos letrados-gráficos por meio de Libras. Texto complementado de novas biografemas últimas.

Tomemos como exemplo a escola onde o professor sinaliza, e os alunos, todos ao mesmo tempo, depreendem da sinalização ordens de significação. Num plano estratificado, as significações são reduzidas e guardadas em um espaço de pensamento rígido – aprende-se a memorizar-estudar a essas significações. Da mesma maneira uma igreja. Os fiéis ali estão expostos às significações ordenadoras da linguagem. Na vida política, a participação dos debatedores também remete à categorização do pensamento, que envia a significação a um plano homogêneo do pensar. Na universidade também, certamente. Porém, há uma linha que corta esse plano homogeneizante. Pode-se dizer que uma Filosofia da Diferença em Educação deseja esse corte, inaugurando um plano de pensamento que se cria e se elabora fora da significação, em um plano de pensamento que comporta três abalos na dureza da significação. Três abalos que nascem um do outro, um dentro do outro, neste fora de ordem que é o traçado da Diferença.

Se antes, os alunos, os fiéis e os faladores, estavam confinados naquela ordem de remissão entre significantes e significados, sujeitos ao que era previamente estabelecido como palavra e como malha de sujeição, agora vemos um número pequeno que não se conforma a esses traçados. Em uma perspectiva da Diferença, o primado é da criação e da fuga. Não há como não lembrar que a Ciência, no decorrer da história da humanidade, sempre fez as vezes de ordenadora, com suas categorias e procedimentos, com sua semântica e sua sintaxe. Porém, ao seu lado é preciso resgatar a Filosofia, como um alicerce ou um plano de fundo do pensar científico, sempre sofrendo da lucidez que a ciência supunha como um dado. E, imediatamente ao lado, a Arte, como atividade de manipulação das matérias do caos, que são, em seguida, esparramadas em um plano formal. Não terá sido muito pouco? Não terá sido mínima a valorização dessa Arte que lida diretamente com o formal? Destes três abalos no plano do pensamento, não seria preciso artistar à Arte seu papel de legítima atividade que possibilita a Vida?

Ainda nessa digressão que expõe o problema da Ciência, da Filosofia e da Arte no plano do pensamento, é preciso pensar ainda na Arte, em seu poder de reversão, em sua suspeita religiosidade, em sua afetação quanto aos outros dois domínios. No que diz respeito à Ciência, sua repetição, quando é entendida como significação, remonta a uma Antiguidade, mas uma antiguidade e uma anterioridade que se perpetuaram em todo o pensamento humano, ainda aí há o crivo da Arte como mobilizadora do pensamento científico. E também, obviamente, da Filosofia. Então o que aconteceu? Porque recebemos todo este movimento em planos registrados como uma ciência da classificação? Porque falamos em domínios distintos, como “a” Ciência, “a” Filosofia e “a” Arte? Nesse sentido, o que uma Tese que se pretende partidária do pensamento da Diferença realmente supõe? Uma Tese que fantasia uma escola, o espaço-escola, um lugar sob um teto onde funcionaria um pensar da Diferença e com a Diferença, o que esta Tese diz, de fato?

Para Bachelard (2008), um espaço poético é um adentramento no espaço de realização daquele que lê-escreve a narrativa de potências passivas vertidas por ativas; a expressão de inteligências involuntárias e voluntárias por sujeitos, objetos, autores, escritores, tradutores, interpretadores, criadores, gestores, professores manifestados por ensino de três blocos de pensamento, artistas-literários-gestualizadores, donos escolares em prol de transcrição, para Campos (2013), como “uma redoação das formas significantes em convergência e tendendo à mútua complementação” (p. 98).

Para Benjamin (2008, p. 26): “A tradução é em primeiro lugar uma forma”. Ciência é uma forma? Primeira forma? Ao contrário, seja primeira, meio ou última. Traduzida por formas reformuladas e transmutadas. Não é simplesmente traduzir e formar, mas, “para Benjamin, a operação tradutora deve ser “estranhante”, ao invés de acomodatória, naturalizadora, neutra (CAMPOS, 2013, p. 103). Em complemento curricular: “Tra-

dução, aqui, não quer dizer sentido verdadeiro, mas transcrição ou transpoetização, calcadas nas potências dos originais” (CORAZZA, 2015, p. 111). Que originais? Pensemos como uma partida-origem de signos, imagens, espaços, tempos, movimentos, assim, também não só é concebida como interpretação criadora de realidades reais-virtuais-atuais-cristais-imagéticas-tempo, imagéticas-movimento, fantasiadas, além de interpretação, há plena tradução. Daí cada tradução é cada diferença.

Objeto de tese em diferença é “o novo como novidade, que não pode ser traduzido de volta ao antigo das formas estabelecidas” (ADORNO, 2003, p. 42). O mesmo que criação. Nietzsche (2013, p. 104) entra e sai: “não autorizamos a ficção conceptual. Somente na obra de arte”. Onde os signos, as imagens, os movimentos ali encontrados remetem ao abrigo do leitor e fora de abrigo, então escritor. Esta é a sua casa, este é o seu texto. Ou é a casa muda-vazia de significados dos significados? Portanto, passado. Um envolvimento, no mesmo plano de pensamento, nesta nuvem triádica da Ciência, da Filosofia e da Arte, é o que traduz-cria forma à uma tese viva, ou tese-vida diária e contemporânea.

É que a Ciência se instituiu dessa maneira, em significações que formam elementos conectáveis, e cuja conexão das partes se deu através de eixos inventados. Agenciando as partes, tanto nas junções como nas disjunções, definindo campos, ordens, segmentos, a Ciência cria seus domínios, assim como a Arte cria suas imagens sob outras regras. Então, que aconteceu com aquela escola, antes mencionada? Se nesta escola os elementos são vistos como dados que se podem desconectar e que ainda assim se sustentam, como a Arte ainda pode ser pensada como um dos modos do pensamento? Não seria preciso que essa Ciência fosse, de certa maneira, artística, mesmo que a potência da Arte fosse a de criar outras linguagens? Para que a Ciência não seja esse vazio de forma sem sustentação, não seria preciso que se movesse assim como se move o pensamento artístico?

Uma Escola-Criação. Um lugar onde se ensina e se aprende, onde as mãos proveem o insumo dos olhos que aprendem, um espaço-tempo de vivência dos olhos que aprendem. Vejamos: uma cena em que o mundo se impõe como uma entrada do corpo sinalizador neste plano pensamental. O que se pode fazer como corpo que lê os sinais e os escreve na própria superfície corporal? Temos uma herança, uma tradição, um fechamento da cultura em certos limites que definem aquilo que é possível transmitir. Mas como isso nos chega? Como ver com clareza esses limites da tradição? O problema é que são limites que, especialmente em nossa época, vazam, se confundem, recusam a moldura e o foco da consciência. Afirmo que esta tradição, que no plano do pensamento se abre e fecha, contorna-se e vaza-se, é um movimento de criação, um atual-virtual que entendo estar no domínio de um Gesto. Mas também este Gesto é corporal, e também este Gesto é pensamental na medida em que é o próprio corpo que escreve que o coloca em movimento.

Este pensamento, que é um mundo, que é um corpo escreitor e que é científico-filosófico-artístico, é o que nos autoriza escrever as atualidades-virtualidades criadas no domínio deste Gesto. É este movimento corporal-pensamental que permite confundir a cronologia, pensar o passado, o futuro e o presente no mesmo corpo sinalizante. O corpo precisa disso. Não é possível mais sustentar o peso de um pensamento que não seja aquele manipulado e vivido num corpo que sinaliza. O pensamento não aguenta mais estar separado do corpo, como um setor que somente vê as imagens sendo registradas, mas não as toca. É nisso que a tradição se faz tradução. Quando, ao ser colocada frente a frente com os corpos e na disputa entre temporalidades, faz do corpo sinalizante sua casa. Aí é possível criar: traduzindo.

Um texto escrito em Libras. Língua cujo meio de expressão é o corpo e que produz visualmente e corporalmente os enunciados de forma não-linear. Diferente das frases em língua portuguesa, a Libras não ordena

seus elementos sequencialmente, mas conjuntamente, sobrepondo os sinais. Imaginemos esta escrita sinalizada como uma repetição do corpo que sinaliza, já imerso em um mundo-linguagem. A linearidade da língua portuguesa escrita parece reduzir aquilo que a Libras mantém como um movimento agenciador de elementos. A expansão da Libras encontra os limites sequenciais do escrito. O gestual da Libras cultiva o plano triádico do pensamento mesmo durante o seu registro, as palavras dessa língua continuam pairando na nuvem do pensamento científico-filosófico-artístico. Então, trata-se de verificar como aprender e ensinar funciona nesse modo de expressão. Barthes (2013), por exemplo, se detém num plano científico dos signos. Mas o faz de maneira a remeter estes signos ao funcionamento em um plano literário. Da literatura à escritura, vê-se uma ciência do signo entregue ao movimento do pensar e do corpo, daí, tem-se escreitura traçada de algo intenso e mais intenso. Literário, mais literário.

Envolver-se nessa nuvem pensamental triádica, capturando o que os signos possuem de força criadora, em um processo de escreitura, requer a entrega à tradução como agência do sentido tendo como solo as palavras. Nisso, aparece o hífen como elemento conjugador dessas forças, como em ensino-pesquisa, como em ensino-ciência-elemento-neutro. A escreitura funciona, portanto, como dispositivo para dar um solo para o pensamento. Visualmente, a língua de sinais dispõe os significantes em meio à nuvem pensamental, e a hifenização é um dos artificios de condensação em uma escreitura. “Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente” (CORAZZA, 2002a, p.55). Não é de ter formação de pesquisa-ensino como acúmulo de conhecimentos-saberes, mas como práticas de ligação-articulação-criação por meios docentes-presentes. Pesquisa-ensino-extensão, ligação indissociável por meio de formas do pensamento ou da criação caótica entre ciência-filosofia-arte (DELEUZE; GUATTARI, 2010) em/de/entre educação. Essa “lei e seu fundamento está presente na origem de nossa tradição filosófica e nunca deixou de inspirá-la”

e “vem afirmando com estardalhaço a sua volta e sua nova vitalidade (RANCIÈRE, 1996, p.9).

A escola-Tese. A Tese, portanto, não opera com dados, mas com produção de si no mundo que é um abrigo e uma morada, não como eixos ou caminho para que a linguagem seja estabelecida. A linguagem se dá ao mesmo tempo que o mundo, não requer construção prévia. O mundo é um vivido dos signos, que se quer escrever e ler. E que é aqui explicitado como carecendo de artifícios de montagem em um texto escrito em língua portuguesa.

Pense-se na criança histórica: seu crescimento e entrada progressiva em um mundo de linguagem, caso sejam entendidos como encaixe de eixos prévios e regramentos, não consistiriam em um mundo, O infantil sorve os significantes antes de estes se definirem como conceitos ou eixos de pensamento. Mundo-pensamental que repete seu estatuto vital como linguagem-praticagem-artisagem.

A escola-casa na educação da Diferença (CORAZZA, 2002b) tende, portanto, a ser pensada: Arte-Ciência-Filosofia envolvendo os infantis em um sorver com os olhos, alimentar-se de mãos. Mesmo as escolas históricas, lineares, capitalistas e endurecidas por um entendimento de ciência como desligada do mundo, mesmo estas podem ser atravessadas pela Escola Criação. É “tempo de Desafio da Diferença Pura porque todas as suas concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, salas de aula e pátios de recreio, dias e noites” (CORAZZA, 2002b, p.4). O tempo cronológico é dobrado no âmagô da nuvem pensamental. Há sem dúvida uma luta. Mas não a luta dentro dos limites do Estado. Não uma luta que seja conforme às mesmas formas-sujeitos-linguagens, como diz Deleuze e Guattari (1997, p.25) conformes à “Escola das Pontes e Vias” e às categorias instituídas de ensino e de aprendizagem. “Trata-se da luta própria do campo da criação” (COSTA, 2011, p. 50).

Criação. É o ponto de mediação. Nessa partida-chegada, os planos de pensamento já operam em potência máxima. Criação não é o que brota de uma mente inspirada, nem o que surge ao lado do sujeito como mágica. Criação só acontece quando se cria um mundo inteiro. O corpo flutuante em meio a um mundo desconhecido e realizado de mundo conhecido. O corpo falante em meio a formas que conversam e se tocam antes de haver conceito ou eixo definido. Uma palavra entra em meio à nuvem – logo ela flutua. Logo ela dança entre as mãos tradutoras. Transcrição. Pergunta-se, assim como o faz Corazza (2013a), O que se transcria em educação? Ou seja, como os signos entram em nosso meio e os tornamos parte de um mundo? Ou melhor, quais mundos esses signos trazem consigo? Eu registro minha sinalização em vídeo, o leitor escreve sua própria sinalização em vídeo. Como os signos funcionam nesses registros?

TOPO-ME EISAICEANA. ROMANESCA.

“Afaste (se a tem) sua maldita erudição” (CORAZZA, 2012a, p.128).

Verdade. Retorno:

BIOGRAFISTA

(A) Pessoa de abecedário (B) Pessoa burrocática. (C)iente de ineditismo

B. Que Escola é esta? Nunca a vi, nome?

A.O que? Ah esta...é apenas fantasia.

C. Ora, ouse consigo mesma, fantasia de quê?

A. Bom, ouse-me sinalizar então: escola é inscrita de EIS, imprimida de AICE, inventiva entre CFA, funcional de EEE e criadora de CEM.

B. Calma aí. Mas que conceito é esse?

A. Antes perguntou do que é Escola, mas preferiu apropriar de

conceitos que já se desvaneceram? Tomo Escola Vital. Ou Escola Nômade. Ou Escola maquinada-cheia de artistagens. Escola do número 8 e simbolo de @?

B. Perai, antes de começar a jorrar dúvidas, que signos são esses?

A Estamos em pensamento da diferença, certo? Desde sempre isto.

C. Escola como casa ou estabelecimento onde se recebe ensino científico-lógico-filosófico-literário-romanesco-ético-artístico (*ping pong...*)

Visitantes desse jogo de *ping pong* terminaram por rir, jogando com palavrário, ao mesmo tempo com esporte, pegando a toalha para secar suores e depois tomar água. Saúde escolar.

Barthes (2005a, p. 224) nos didatiza que “o romance começaria não pelo falso, mas quando se misturam, sem prevenir, o verdadeiro e o falso: o verdadeiro gritante, absoluto, e o falso colorido, brilhante, vindo da ordem do Desejo e do Imaginário”. Por isso não crio cenários dispostos-cronogramas-cronológicos, nem conteúdos definidos, pensou a docente-ética. Por isso não faço Tese apinhada de ciências, que já foram passadas, pensou a teórica-artista. Por isso faço o drama de vida conforme atualidade “no nível do corpo, e não da consciência” (CORAZZA, 2015a, p. 33), pensou a escritora. Por isso manipulo próprio objeto que vale tanto funções de se atuar quanto funções de se artistar, pensou a extensora desta Tese.

E penso-me atuadora da diferença em educação “de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise” (CORAZZA, 2005a, p. 94). Tese discursiva de ciências, filosofias e artes, tens modos-maneiras-perspectivas-ações agentes por ciência-filosofia de signos e conceitos. Herança-tradição-tradução-transcrição de signos e conceitos em própria significação. Acontece enquanto estou pensando. Em linguagem. Reacontece enquanto estou escrevendo-me. Em artesanagem. Desaconteceu um eu de sonho-fantasia. Ah, “o bom método é aquele que consegue se fazer esquecer.

Não se trata de apoderar-se de um modo operatório pré-estabelecido, que permitiria ir de um ponto inicial a um ponto final” (COUSTILLE, 2016, p.252).

“Quem podia guiar-me?” (BARTHES, 1984, p.12). Somente-eu que nasce e pinta. Que ensaia e inventa. Que intermedia e media consigo mesmo. Teoria-arte eisaiceano ou o “bloco EIS AICE não se apresenta como constituindo uma nova região teórica; mas se instala, desde sempre, em um espaço intermediário, feito pela intersecção de regiões e por sua circulação permanente no novo campo de forças” (CORAZZA, 2017, p.7). E, espaço, I, imagem, S, signo. A, autor, I, infantil, C, currículo, E, educador, tudo isso se esquia. Por isso romance (querer-escrever-amar) se esquia em cada processo. Biografema (bio é vida, grafema é obra) redoa-se esquivando. Tudo a esquivar “àquilo que nos põe diante da presença intensa” (CORAZZA, 2017, p. 4).

EIS, unidade curricular-amigável com os escritores-pensadores-educadores da diferença. Espaços, imagens e signos, sempre transmutáveis. AICE, unidade didática-artista. Claro, ser autora de signos traduzidos-inventivos, da autoria de EIS em diferenciação-acontecimento (DELEUZE, 2006; 2015) em infantil, isso dá o gosto novo ao aprender-pesquisar-ensinar e não ao assimilar-copiar-transmitir conteúdos “adultos” de Ciências disciplinadas-de controle (FOUCAULT, 2008; DELEUZE; 2005a). Currículo da vida, aquele que não é *ensino fantasmático* (Barthes 2013, p. 46), o fantasma regulado de signos-conceitos-signos duplos (produção de torturas desnecessárias), é,

[...] decepcionante, por natureza, uma literatura que interpreta os signos relacionando-os com objetos designáveis (observação e descrição), que se cerca de garantias pseudo-objetivas do testemunho e da comunicação (conversa, pesquisa), que confunde o sentido com

significações inteligíveis, explícitas e formuladas (grandes temas) (DELEUZE, 2003, p.31).

Educadora do “pensamento enfático” que “exige coragem civil” e defende a própria educação curricular-didática “de não nadar a favor da própria corrente é a de resistir contra o previamente pensado”. Favor a diferenças específicas, contra diferenças genéricas (DELEUZE, 2006). Com EIS de Corazza e de Barthes o método biografemático, é transcriado em meio a uma educação literária-romanesca. Método biografemário (ciência de outros). Lendo mãos+gestos em Libras e traduzindo por aqui mãos de teclado, estas próprias mãos se traduzindo e se digitando. Sem mãos, não existiria Tese? Sem autores-escritores de vida, existiria esta Obra? Primeira opção vetada. Segunda-terceira-múltiplas imagens-gesto que fascinaram totalmente. E fascinam parcialmente, sempre que possível escrevo-me.

Mãos que montam signos. Signos letrados, gestuais, imagéticos, imaginários. Mãos digitando-traduzindo neste instante. Signos sinalizados-escritos-lidos em mente. Ações figuradas. Ações manipuladas. Mãos que se glosam em significações. Mãos biografemáticas. Talvez seja mais fácil definir dois signos como significações ultimas. Mãos querem dizer como estou digitando. Querem dizer também formas de se significar, como mãos que produzem sinais gestuais, sinais táteis. Mãos, parceiras de olhos. Isso é uma das identidades visuais. Pensemos nos Ouvintes, boca, parceria de ouvidos? Pensemos nos Surdocegos, mãos, parceiras de cérebro? Biografemas ao ato de escrever. Biografemas em Gesto. “Multiplicar o gesto pornográfico” (DINARTE, 2010, p. 17). Biografema, como máquina viva-fruída da máquina desejanje. “O retorno é sim, após a feliz escritura de outrem, é do papel ao sangue, é pele e fluído” (DINARTE, 2010, p.12).

Acontecimentos-agenciamentos-devires que se desdobram, dobram e redobram sentidos de significação e potências em meio à educação

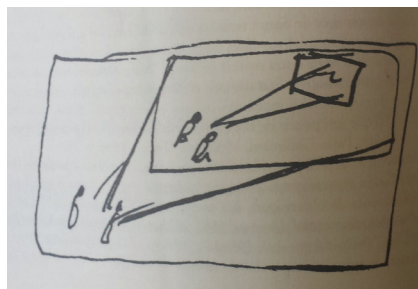
contemporânea, inventariando cenalário (conjunto ético-transcriador de cenas-cenários) diário biografemático-romanesco (conjunto científico-filosófico de vidas escrituras-amorosas) (BARTHES, 2005a, 2005b, 2005c) da/na/para escola. Fantasias por meio de aulas curriculares-didáticas da diferença e, ao mesmo tempo, ocupam, resistem e insistem em políticas educacionais como currículo disciplinar obrigatória, retirada ou complementada; acontecimentos de Escola Temida, Escola sem partido e escola sem mordça, escola com liberdade, escola proibida, escola livre, entre outros.

Texto-cenalário-romance de figuras-passagens, se distanciando de focos emissionários-conceituais. O texto é misturado e difuso entre signos-imagens-espacos semelhantes e diferentes, conceitos atuais-e-virtuais presentes e em atualização. Tese, texto, pensamento, é de conhecer e reconhecer as escreleituras produtivas e produtoras de mundos em significação, possibilitando tipologia-heterodoxia de tradução, imaginação, transcrição, arquivo, atualização vivendo sob relações amigáveis-conceituais de autores da diferença. Além de curriculário, de didaticário, de palavrário, sinalário, imagético, cenalário, avista-se um termo de que gosta. Qualquer lugar. Se vê escola, inventa escolário. Se vê, pensa temporário.

Que o romance [...] tenha encontrado toda uma nova linguagem que se faz ao modo do “Questionário” ou do “Inquisitório” (DELEUZE, 2006, p.187). Assim, romance escolar se diferencia em questões vitais-presentes. Desconfio de termo inquisitório, lembro que foi a noção traduzida entre francês e português, o tradutor traduz conforme si mesmo. Mas, Corazza (2010, p.152) nos disse: “não há resultados melhores ou piores de um currículo, em relação a outros, apenas os mais apropriados às verdades formuladas por cada um”, retorno-torno repetido de torre de babel derivado-composto-mutável, educação é o bendito educário, não? Então, invento o romance inventário-biografemário de educação.

É a descoberta romanesca da Idéia, sua descoberta teatral, sua descoberta musical, sua descoberta filosófica...; é, ao mesmo tempo, a descoberta de um exercício transcendente da sensibilidade, da memória-imaginante, da linguagem, do pensamento, descoberta pela qual cada uma destas faculdades se comunica com as outras em plena discordância e se abre à diferença do Ser, tomando como objeto, isto é, como questão, sua própria diferença (DELEUZE, 2006, p.187).

Chamo escola de Criação. Escola básica de ciências, filosofias e artes (CFA). O local de fantasias-imaginações e espaço-tempo de tradução-criação que começa e finaliza em/de trabalho de terceiro grau fecundo e projetivo (BARTHES, 2004b, 2005b), ou da “terceira forma” (BARTHES, 2004a, p. 287). Primeiridade, secundidade e terceiridade são campos pesquisados-conjugados de traduzir-criar. Grau, forma, “espectro” (BARTHES, 2005b, p. 92) traço tradutório, plano de criar, além de escrever e sinalizar-visualizar ciências, filosofias ou artes, onde educamos-nos e educamos nossos alunos em corpos-mundos-pensamentos de/em educação da diferença, com Corazza, (2002). Espaços-tempos criativos são produzidos em/de tanto pensamento corporal-mundial quanto extensão de si corporal. Em pensamento, não é dualismo entre signos e conceitos, ou entre conceitos e signos. Pensamento lógico de sentido múltiplo (DELEUZE, 2015). Ao pensar, seja a partir de ciências que tratam de filosofias e artes, seja a partir de filosofias que tratam de ciências e artes e ou a partir de artes que tratam de ciências filosóficas.



1 Imagem retirada de Barthes, 2005b, p. 92

Primeira cena indicada de EIS, traduzida de CFA, segunda produzida de AICE e terceira criadora de EISAICE. Ou inversas, desvertidas. Trocas-verões. Com Barthes (2013, p.28), ciências semiológicas e literárias ou “ciências dos signos” últimas. No processo de pensar, envolve iniciação, mediação, criação, efetuação, finalização, continuação, tradução sempre. Mas de que? De que modo? De qual arquivo? Por meio de

[...]tradução-criação, tradução-hermenêutica, tradução-existencial, tradução-poética, tradução-desleitura, tradução-acrécimo, tradução-estética, tradução-exemplificativa, tradução-lacunar, tradução-recorte, tradução-antropofágica, tradução-incorporação, tradução-confirmação, tradução-reelaboração, tradução-luciferina, tradução-futurista, tradução-transferência.(CORAZZA, 2015c, p.2)

Esses tipos de tradução variam entre os pensares e escritores de escrituras (CORAZZA, et al, 2014), maneiras criativas de ler-escrever em meio à vida, maneiras estratégicas de verter o meio morto ao vivo em artistagens. Existentes tradicionais/históricos/tradutórios/transcriadores/translumaninares (CORAZZA, 2013, 2015c). Invenção de uma escola contemporânea-poética. Transcrição poética do currículo-didático. Elementos biografemáticos, romanescos, curriculares, didáticos, tradutórios, translinguísticos, transpensamentais, transartistas e etc. Lançamentos poéticos de/em Libras e português.

Com Corazza (et al, 2017, p.5): “É, assim que, de modo dramático, nas aulas-sonhos revelam-se os humanos instintivos, não como subprodutos somáticos, resultados de automatismos psicológicos ou intelectuais, mas como inventores. Sonhos-aulas”, como sonhos-gonzos-gestos impulsionados e aleatórios. Redondos, mas se multiplicam voltas lâminas a lâminadas. Cenalário onde enrola sinalário, palavrário, livroteca, videoteca como pensamento de partida e de tradução. Cenalários metamórficos (meta-morfemários), metamorfoseados de mudar-me escritora científica-

filosofa-artista, além disso, acontece de que “o *eu* que escreve o texto nunca é mais do que um *eu* de papel” (BARTHES, 2004a, p. 72) e desejar-me sinalizadora de elementos diversos-didáticos em/de/entre CFA. Semiologias literárias, semióticas gestuais, filosofias de tradução, artes de criação e ciências de natureza neutra de ler-escrever breves, pontos, traços, rastros, planos, trajetos, imagens, Libras, português silábico, cuja repetição tem função de traduzir, arquivar, saber. Assim funções são atos de se nomear. Assim repetição da arte. Que se difere. Existe escola da morte. Outras da vida-morte escritora de conceitos pedagógicos, escrituras de/em/para formações curriculares, nômades, traduzido-didático por formas-composições em português aos sinalizadores da Libras, diria, como criadores. Tradição, primeiridade de escola nômade, tradução, o meio secundário de pesquisar-aprender e de aprender-ensinar e nesse meio gestualiza criações em um terceiro infinito olho. Isto

[...]recusa qualquer analogia, qualquer eminência, qualquer forma de superioridade de uma série sobre a outra, qualquer ação ideal que pudesse supor uma preeminência: não existe superioridade da alma sobre o corpo, assim como também não existe superioridade do atributo pensamento sobre o atributo extensão (SPINOZA apud DELEUZE, 1968, p.73).

Alma, corpo, pensamento ou espírito-corpo-mundo são mistos de agir em extensão a educação. Estar de harmonia com signos não é algo visto (e anormal?) nas escolas e nem universidades. Por meio de *Filosofias de diferença e educação* e por aqui pois, “os signos são os verdadeiros elementos do teatro. Eles testemunham potências da natureza e do espírito, potências que agem sob as palavras, os gestos, os personagens e os objetos representados” (DELEUZE, 2006, p.31).

Cada cena, cada literatura “aprende-se a pintar pelo olho, não por álgebra; aprende-se a fazer uma aula fazendo-a, pelo coração, pelo desejo,

pela vontade de educar” (CORAZZA, 2012a, p. 240). Cenas fantasiadas por prazer de escrever Cenas transversais de currículos-contéudos, didaticário por fruição do desejo de educar. Própria função pedagógica do conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010), escrevo escola da vidário em artesanagem. Arte do vidário ou vidário da arte?

Dois. Ambos sentidos se direcionam no mesmo rumo de significação: a criação. Barthes (2004, p.8) faz outra pergunta: “Como não questionaria a própria linguagem que lhe serve para conhecer a linguagem?” Essa pergunta é necessária a repensar os contextos educacionais e os alunos. Sem a incluir em si mesmos, continuariam repetidor e diferenciador entre linguagem e representação, ou representação e interpretação, descrição e nomeação, nada disto.

Daí reconhecemos que são signos de ponto a nós de mentais-leitores-escretores seremos próprio signário. Às vezes sinto tensão, mas re-sinto sua elasticidade conceitual. Sei bem que não sei definir e nem fundamentar. Personagens amigáveis e geradores da diferença deste Texto, (nome de Medo não fica aqui, pois é abstrato-negativo). Tomo coragem graciosa por jogos linguageiros, às vezes repetidos, às vezes traduzidos, às vezes criados enquanto linguagem agente de signos letrados. E signos gestuais-sinais? Nem posso dizer pois ainda não o tomo signadora no real, mas no virtual-real-atual de pensamento, correm mil gestos em tempos-espacos diários. A luta por registro de sinalidade continua em guerra grande. Mas, “usamos a bricolagem de todos os saberes e metodologias que sejam úteis para nossos trabalhos. Neles, servimo-nos do que nos serve” (CORAZZA, 2003, p. 6).

Trapaceio prazerosamente a difusão de se textualizar. Isso “permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem” (BARTHES, 2013a, p. 16), o isso dito de ouvir, penso eu, aqui trato de permissão de trapacear o prazer de escrever em toda a sinalidade, que indica palavras, gestos, expressões, por meio de olhos e de

mãos. Ouvidos? Boca? Não os tenho com plenos sentidos? Pouco importa, basta utilizar a visão, talvez o sentido mais necessário de todos, pois me parece que alguns se proclamam como cegos, por ouvidos celestes. Até eu, que temia ser traidora da Ciência, mas hoje pergunto: traidora de quais valores? Traio a mim se traír as ciências da diferença. Um eu de linguagem-praticagem-artisanagem = manipulado de um leitor-escritor de sentidos dobrados, desdobrados e transdobrados. Escrever-me como juventude da obra-vida: a própria atividade do texto e a própria lei vital. Teses desta Texto transsistemático.

Desde educação, filosofia e arte, como linguagens estrangeiras e criativas, é preciso tomar a exploração de diferença que é dramatizada de tradução, além da tradição, torcendo (com bastante água e sabão) de tais roupagens da identidades e diferenças curriculares e didáticas e secando a tomar Sol! Ora bolas, belas: “Daqui para a frente, apenas um pensamento impessoal, inconsciente e involuntário, que pensa o infantil como paradoxo, acontecimento, devir” (CORAZZA, 2005a, p. 45). É esta defesa da escola infantil, paradoxal e criativa.

Se algo é para afirmar, afirme-se teses de que não há algo que represente Toda Pesquisa, algo que salva Toda Educação, e que há aquilo que produz processos de significação e criação. Se algo é para questionar, questione não sua origem conceitual, histórica, questione por tradução de signos e inventa signos da tradução. Se algo é para ensinar, aprenda que há educações possíveis e ensine enquanto pensamos em ato filosófico-artista. Se algo é para aprender, ensine que há saberes saborosos e empíricos-transcendais e aprenda transcriad@. Se algo é para filosofar, crie significações conceituais. Se algo é para imaginar, manipule cenário gestual-visual-biografemático. Gesto refere não só aos sinais que abrangem pensamento vivo-simultâneo, também às palavras de derivar, compor e flexionar. Se algo é para viver, viva por signos corporais de vida. Se algo é para morrer, subverta-se! Se algo é para criar, crie-se. Se algo é para citar, cito em gozo: “leitura-escritura da

vontade de potência, desde que, ao exercerem o ofício de educar, muitas coisas funcionam”, diz Corazza (2016, p. 1).

Invenção é a ação de criar. Mas invenção não começa a partir de ciências. Tradução é a ação de aprender-ensinar por meio de biografemas (BARTHES, 2005c), mas não começa com filosofias. Transcrição, começa e finaliza com ciências, ou filosofias ou artes, mas de/em/para diferença e diferenciação continua. Também, invento-me traduzida. Vejo-me inventada. Imagino a Tese como invenção própria. Daí tomo de empréstimo sinais-conceituais, os adeço, os amargo, os invento, os transmuta. Assim é uma *didática filosófica do Gesto* (DINARTE, 2016). Didática da Tradução. Poética da Tradução. “Não, não há, nem pode haver, uma ciência da tradução, ainda que esta possa e deva ser estudada cientificamente” (PAZ, 2010, p.21). E daí invenção-criação da escola. Lugar onde estudantes criativos-espertos se envolvem em cada memória e inteligência (DELEUZE, 2003). Mémoire=qualquer objeto-sujeito-mente. Inteligência=sujeito-objeto-criação. Claro, Proust e Deleuze. Memória não decorada, nem pronta. Memória-imaginante (DELEUZE, 2006). Memória em vento-ar-água-fogo-água, em natureza própria. Escola esta que se insere num ponto de viragem: “[...]por inventar o novo, fabricar o que ainda não existiu nem existe, mas que nós podemos fazer existir, justo porque temos toda uma história que nos dá sustentação para isso” CORAZZA, 2002a, p.1).

Torno-disciplino-alegro-me com o pensamento da diferença, da criação. Provo-me como lagarta-borboleta e como lagartixa-dragão. Em cada execução, exercício, tarefa de formar-reformar-transformar, faço-me apaixonada de biografemas-biografias em palavrário, sinalário, cenalário, curriculario-didaticario da poética, violenta de espaços-imagens-signos (EIS) e inventivas-teorizações-escolarizações científicas-filosóficas-artísticas. Mesmo assim, “os personagens conceituais transformam em larvas, pois “são os únicos capazes de suportar os traçados, os deslizamentos e rotações” (DELEUZE, 2006, p.209).

Algo que abre e fecha - é o que equivale a pensar aquilo que traduz e cria; a escrever, que lê e expressa; a ler, que escreve e sinaliza; a criar, que inventa e aposta! Que portário cheio. Portas-janelas-casas-porões-sótãos-cabos em gesto. Ah! É a casa-espaço poético ou “poética da casa” (BACHELARD, 2008). Poética da tradução, da criação. Saída e entrada são dois lados sempre criados-complementares, sempre transmutados. Tradução-diferenciação-transcrição daqui. Tradição-formalização-regulação de muito tempo deixado para lá. Um abrigo em meio ao fascismo tão adornado, tão nosso. Uma fuga, uma fuga.

Que conceito é esse, neste momento? O que está em jogo? Todo dia, dia todo; meio dia; meia noite, se escreve-traduz-reescreve. Escrever certos signos, traduzir os parciais e reescrever outros signos. Signos foucaultianos a signos semiológicos-estéticos (via Barthes). Signos das próprias ciências. Desconfio de sinal gráfico de consciência, subconsciência e inconsciência. Ciente? Consciente = com + ciente. Inconsciente = sem ciência? E me faço guerreira de signos, mas ao mesmo tempo faço amizades, brigo, topo e escrevo-me. Guerreio sinalário por registro! Violenta em biografemas. Signos de afecção e não de preconceito (antes de entrar em conceito), de produção desejante (em via Deleuze e Guattari, 2011). “Corpo como modelo”, corpo de consciência, “trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, e o pensamento não ultrapassa menos a consciência que dele temos” (DELEUZE, 2002, p.24).

Produzo esta tese como romance escolar-artista. Não pensem que é coisa de amor entre professor e aluno, mas sim é objeto pesquisado-estudado por professor e alunos, sendo de amor e de ódio. Além do amor e do ódio, além do bem e do mal. Como? Grande neutralidade? Não, além do que é isto, muito, mais que isto. Vivo em pesquisa da diferença. Seria o choque da significação de que o escrever amoroso de signos-espaços-tempos-imagens é amor? Também é ódio de signos anteriores? Torno-me escritora de signos estabelecidos e de sentido múltiplo.

Mãos biografemáticas por meio de Educação-Filosofia poderia ser interpretada por possíveis representações + interpretações + descrições + subjetivações + objetividades + atividades de vida (e ao mesmo tempo tornam fragmentárias). Formação de campo de conhecimento não é objetivo desta Escola. Transformar alguns conhecimentos curriculares de Libras, língua portuguesa, história, filosofia, arte e etc. e criá-los por meio de pensamentos biografemáticos. Depois disso, extensões.

De longe, criação de cenários curriculares-didáticos. De perto, currículo-didático da tradução em criação, em gestualidade, em certo gesto. Cenários expressados por enquanto, estou digitando, estamos sinalizando, isso é o processo de traduzir a traduzir, por enquanto estou olhando certos objetos como escola, conteúdos, procedimentos, etc; isso é um processo de significante-significado a significação. Invento uma aula de português barthesiana. Não ensino tipos de conteúdo: isso é substantivo, aquilo é adjetivo ou isto é verbo, etc. Qualquer signo é composto por conceito multifuncional. Logo, envolvo-me com elementos romanescos, científicos, visuais-gestos poéticos, isso é a característica de expressar em que cada um de nós comporta. E ato de fazer romance? Como é? Que não seja modelado pela representação anterior, ou montado sob mesma representação, que disponha a nós a possibilidade de criarmos diferenciações representacionais. Mas como é criar representação-diferenciação? É escrever-ler-traduzir sempre em forma cinestésica. Então, escritor romântico, oposto do escritor acadêmico, escritor diferenciador da tradução, bem ao contrário do repetidor da tradição “ocidental”, “humana-científica”. Dida-tradutor, para Corazza, escritor biografemático, para Barthes, escritor da *différance* para Derrida, filósofo da diferença, para Deleuze, e para Carolina? Defino-me, mas temporariamente escritora+sinalizadora em/de gestos. Gestos, feitos-modos inspirados e apagados, muitas vezes, mas penso, se não consigo nem descrever ou filosofar como penso, nem eu e ninguém entende.

Diferença é a noção famosa, elogiada, erudita, mastria-monstra, mostra representacionista, tomo de empréstimo *A identidade e a diferença são criações sociais e culturais* (SILVA, 2009, p. 76). Criadas e acopladas ao mesmo tempo. Identificamos signos, mas os diferenciamos em outros signos, isso é tradução. Dentro de tradução, formas, imagens, espaços-tempos. Formas conceituais, sejam gramáticos, biológicos (biólogos de/em virtualismo+realismo=realismo biológico e biodramatizado por meio de práticas reais-ambientais e cotidianas. Diz ele, as noções de diferença e identidade “são criadas por meios de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade” (SILVA, 2009, p. 76). Apanhamos juntos, o cuidado com repetição de discursos sobre tais noções sem entrarem em próprias significações sentidas e depois em sentidos últimos.

Muitas vezes discursam repetindo, aposto que muitas vezes estivemos torturados em noites anteriores, perdendo tempo de loucura científica, e no evento, real, acontecido, é outra prática! Detesto quem aponta falta de metodologia, problemas de dificuldade, proclamam por salvação religiosa, discursam trechos bíblicos e fazem práticas impotentes. Pois repetem mesmos atos de linguagem ao acontecimento linguajeiro. Precisamos de acontecimentos linguísticos+pragmáticos. Mas eles são ingênuos e temos de ver como envolver com suas cabeças por meio de conceitos de desconstrução-criação. Dependentes de linguagens-pensamentos de que foram de herança tradicional de mundos representacionistas. Sim, entre nós, trabalhamos com representações, como as de citações de autores-escritores-pensadores de/em diferença, entramos representacionistas de nossos corpos+imaginários=mundiais+visuais=espíritos cinesticos.

Identifico unidade EIS, a diferencio em nova unidade. Identifico-me circulada entre linguagens didáticas de AICE e diferencio-me, isso é, uma ação e mover-me a inventar. Por isso os professores tradicionais da repetição dualista apagam muitas vezes as cabeças de alunos, que cada vez mais copistas e menos imaginantes. Docentes da diferença acedem velas

didáticas, apagam ao tomar signos de ciência, ou de filosofia, ou de arte, mas sempre em trabalho coletivo de transcrição. Dai isso fabrica cabeças-corpos-corações de discentes a tomarem sujeitos-objetos de criação e de multiplicação. Identifico-me autora de ciências, filosofias e artes inventivas. Ao mesmo tempo, diferencio-me em um eu sucessivo-infinito (ZORDAN, 2015). Diferença = crise de identidade. Crise de signos de identidade fixa. Fragmento identitário. Identidades e diferenças fragmentadas. Política de identidade como identidade em crise. As comunidades sinalizadoras de Libras se defendem em identidades surdas, culturas surdas, comunidades surdas. Causas importantes. Mas quando defendem graduação e pós-graduação, acabam repetindo as mesmas ciências generalizadas e não diferentes de si mesmas, tendo esboçado nenhum procedimento filosófico-artista em educação. Resta a escassez, tanto da teoria quanto da arte. Aqui no mundo, vejo que crescem formigas de ciências e tartarugas de práticas. Ao mesmo tempo, crescem animais-humanos em corpo-espírito-mundo (CEM) (via valeryana de CAMPOS, 2017). CEM intenso e exposto. Cem multidões mundiais centenários entre autores da tradução transcriadora o conhecem, o apreciam, o conhecem, o passam criando mais cem centenários autores outros. Daí faço riso suscitado pela comédia desses signos (língua bergosiana). Girassóis em gesto, outros girassóis de gesto.



Certa vez, perguntaram-me no que consistia a Tese que eu estava escrevendo. Facilmente digo que está se fazendo a Tese. Dificilmente expresso certas respostas, mas vem à mente “a gramática do ornamento”, decido dizer apenas que tese está em ornamentação.

- Ornamento? Que isso?
- Sim, algo de fantasiar a desfigurar, a figurar, a manipular.
- Certo, e qual tema?

Novamente, sem respostas. Outra certa vez, entre encontro-conversa, mesma pergunta.

- Filosofias de/em/entre Libras e português.
- Mistas? Como?

– Não é isso. Vou experimentar vídeos de Libras, falo de idiomas diferentes, línguas produzidas, uma por conceitos imagéticos e outra, por letrados...em Libras, o sentido do sinal de problema é pouco variável, tem uma semântica dura, o problema é o negativo, é o “a resolver” e nada mais. Por tradução cultural entendo o processo de derivação de um oceano semântico a outro, troca de ambiente de um disparo da linguagem. Da língua portuguesa para a Libras, por exemplo, sinalizar “problema” requer não apenas transportar essa partícula vocabular para que seja decalcada em um sinal, o sinal de problema. É preciso fazer pororoca, fazer colidir com as águas que não se misturam. Desde filosofia da diferença, sinal de Libras é este.

- Não seria como traduzir entre duas línguas? Teria como transcriar?
- Talvez.

Na outra vez, entre um cafézinho e cigarro, entre risos compartilhados, pergunta curiosa sobre “minha tese” e respondi que estava pesquisando-estudando os três lados.

- Que isso, guria?
- Primeiro, algo de pesquisa-estudo, como devo disciplinar-me comprovadora de tese pública né, então segundo, produtos de ensino e extensão e terceiro...não sei bem....

Uma outra vez, outra. Tempo de dez meses, complexo, misto e terrorista de signos, imagens, espaços-tempos esquizofrênicos ou pragmáticos (DELEUZE, GUATTARI, 1995b). Questionada sobre como estava produzindo a Tese. Respondi: sei que não sei, sei lá! Amigos

bem amigos, não são separáveis. Questionamentos sobre vida de outros amigos são potentes e colaboram com que pense-repense a ornamentar filosofias. Quem me lisonjeia é meu inimigo; quem aponta minhas falhas é meu amigo” (KUNG apud STÜTTGEN, 2016, p.7). Na outra vez encontrada-amiga de EIS, respondi, em novo EIS, que a tese estava produzida por desdobramentos conceituais. Lançamentos poéticos, romanescos, filosóficos, literários em/de/entre gestos. Produto-força em/de/para transcrição e produtora-criadora por meio de ensino imaginário-biografemático-biofragmentário.

Perguntas que faço de volta, assim como aos leitores, qualquer tema que vê, destrói representações feitas de interpretações ambíguas e que voe com atenção ocular ao ponto de imaginação veraz em biografemas (CORAZZA, 2013a). Biografema é entendido aqui como vida de graficar em vitalismo. Intensivismo. Quando lemos signos, produzimos pensamentos, mas como são feitos? De mil maneiras, de quê? Criar. Quando? Depende. Por que? Cabe simplesmente a nós entrar no pensamento, que transforma em acontecimento e então abusamos desse ornamento. Tomo as palavras emprestadas de Foucault, quando escreve que “por isso mesmo, a linguagem não será nada mais que um caso particular da representação (para os clássicos) ou da significação (para nós)” (FOUCAULT, 2007, p. 59). Clássico, deriva de classificação, em nossa atualidade, existimos clássicos da repetição e clássicos de diferença? Significação em si difere de significação em jogo.

DIRETA...
MENTE.

Se aqui transparece uma relação com o lado direito, destrua este livro. Volte somente quando for direto ao plano criativo.

Deleuze e Guattari (2010), plano singular-imanente de criação varia entre escritores-autores-extensores-imaginadores, varia entre imagens de movimento-acontecimento-pensamento em que me inventario. Imagem atual+ virtual +cristal. Imagem+tempo+espaço. Imagem+movimento=imagem+percepção, imagem+afecção, imagem conceitual+gestual, imagem conceitual+letrada, imagem didática da tradução, imagem transcriada de linguagens curriculares, que cada um de nós lê/visualiza e escreve/sinaliza + escreve/lê e sinaliza+cria e cada um de nós criadores de artes além de mente-espírito-pensamento-mundo. Arte, produto de pensar e também de produzir. Estética, violenta, pacífica, como figuras que desenho, violento signos próprios e últimos, com calma e alma, monto criação. Sou-estou-vivo educada de/em diferença. Em educação, atuo-me educadora. Entro-me discente-ovelho de ensinamentos e saio-me de transdisciplinamentos de artes.

Fonemas e gestemas, sempre em guerras imagéticas. Em paz, tornam-se escritos ou sinalizados. Para cada um de nós também gestualizar como desconstruídos do construtivismo científico em excesso (não percebem que, desse modo, não se cria potências de fabricar e subjetivado-submisso de passividade positivista a passividade negativa-contrária) e cabe a nós ousarmos estrategistas-fugidores para práticas construídas de corporativismo de mil teorias-e-práticas científicas+conceituais (filosóficas) e reais (artísticas). É preciso trabalhar com/entre/para educação “como sua pedagogia e sua ontologia, sua criação e sua autopoisição, sua idealidade e sua realidade. Real sem[contra] ser atual, ideal sem [contra]ser abstrato” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p.34). Contrariar o ser atualidade histórica-geográfica ao fazer realidade de imagens-espaços em atualidade diária e infinita. O real-atual em/com virtualidade de ciências conceituais e transcria por meio de composições arquivais-vitais. Ideal sendo abstrato de ciências fechadas e concreto de ciências filosóficas.

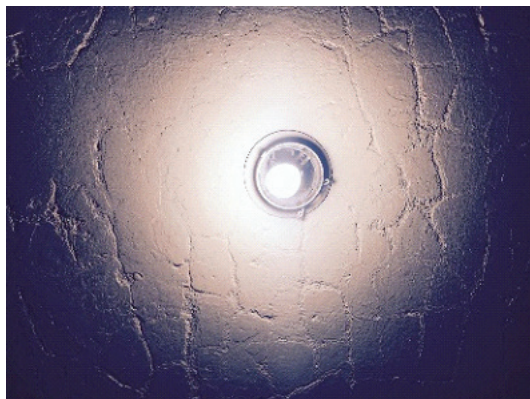
Direto eu, não, mas sou direta e autora de planos-traços da criação. Se forem leitores de modo aberto e intuitivo, lembram-esquecem que sou da

Direita e esquecem-lembram de que somos do capitalismo esquizofrênico. Se forem leitores de modo fechado e representário, lembro-esqueço que nem sou da direita. Nem da esquerda. Talvez nos rotulem como “superiores da Filosofia”, “aqueles que fazem poesia”, estão corretíssimos, além de conceitos, fazemos artes, isso é uma superioridade transcriada. Em nossa inferioridade, artes imaginárias em cheio, mas estão também errados, pois fazemos conceitos filosóficos a partir de ciências, a partir de artes. Compositores de música entre/além de ciências e artes, escritores de poesias entre/além de ciências e artes, poéticos de gramática, administradores de artes, gestores de ética, mas talvez em outro sentido. Um lado de EIS que cria, em cheio, outro lado em AICE. Aqui, moradoras-alicianas dos blocos-unidades-integrantes das maravilhas.

Pouco-Sempre, as vezes de meios, muito de criação e nunca mais? Outra vez pouco, meio, muito, acabou. Outra vez, por diante. Tradução diária em/de intersemiótica e para/além de pragmática viso-signal+gestual. Por exemplo, a partir de nomes ou objetos, os montamos como sujeitos próprios de linguagem e remontamos esses pensamentos, ainda passando por vários territórios-corporais e ou tradutórios-celestes. Método geométrico-matemático de criar os elementos-blocos-gestos que veêm, organizam e traduzem “os sintagmas-planos” (PLAZA, 2010, p.113) e transcriar-os em paradigmas de planejamento/desenvolvimento/concluímento curricular-didático. Esse método deve, desde já, implementado-transdisciplinar de/contra/além Língua Portuguesa, Geografia, História, Matemática, etc. Porque? São invenções capitalistas-econômicas-mundiais, não ousou chamar de ocidentais e questiono de “mundo oriental” e “ocidental”, são continentes, signos, dentro desses, mil platôs formigados.

Porque? Porque são conhecimentos fluxos de signos e conceitos. Como? Substantivo é conceito de nomes, nomes de coisas, nomes de animais, nomes de pessoas, adjetivo é o que serve especificamente, modificamento e qualificamento e verbo, para expressar palavras de passado, presente

e futuro. “Vovó forte come lobo negativo”, vovó é substantivo, é, verbo, lobo, é conceito de objeto que complementa com sujeito e verbo, negativo é adjetivo. Destruam tudo isto. São puros abstratos. Tristes diabo+anjo do mau (DELEUZE, 2002). Negação afastada dessa, “não porque ela negue o signo, mas porque nega que seja possível atribuir-lhe caracteres positivos, fixos, a-históricos, a-corpóreos” (BARTHES, 2013, p. 16). Mas o estudo de gramática pode ser “ao mesmo tempo negativa e ativa” (BARTHES, 2013, p.16). Inventamos-nos diariamente em descrição imagética, ao mesmo tempo, saímos narradores agentes e discursamos por linguagens dissertativas de verbo infinitos, inventores de nomes últimos. Filosofias praticamente práticas. Noções reais-virtuais-atuais de linguagem a pensamento a transdisciplinamento, ou governamento, ou políticos ou pragmáticos. Pouco-Sempre, as vezes de meios, muito de criação e nunca mais? Outra vez pouco, meio, muito, acabou. Outra vez, por diante.



2 Dicas para ler bem e escrever potente

Planos-devires-punctuns. Planos de palavras, de sinais, de imagens, de espaços-tempos, de ações passadas, riscadas entre variação de conceitos, entrando pensadores vivos, saindo como agidos de cor. “Repete-se uma

obra de arte como singularidade sem conceito, e não é por acaso que um poema deve ser aprendido de cor” (DELEUZE, 2006, p. 11). Disciplinas-áreas-cursos-programas-grupos pesquisam-estudam as ciências e os inventam em ciências conceituais da diferença, do gesto poético. Plano de referências sinais-espaciais-temporais+ composições autores, infantis, curriculogéticas (currículos gestuais+ poéticas +éticas)= ideias educadores+ educandos= eternas des-traduições e *apofáticas* (BARTHES, 2013) em contínuo estado criativo.

De.....Oco.....Brado+Rato..... Dobradico de dobraduras
 Dê.....Oco.....Brado+Rato..... Dobradico de dobraduras

... Artistadora-artista-artesão
 ... Artistadora-artista-artesão

DOBRA-TE EM PRÓPRIAS DOBRAS.

QUE DESEJO?

“Por nos fazer “passar do Prazer de Ler ao Desejo de Escrever”, cada vida-obra desenha uma “conjunção amorosa, em que cada um vai deformar o outro por amor, e de modo a criar um terceiro termo: ou a própria relação, ou a obra nova, inspirada pela antiga” (BARTHES, 2005, *apud* CORAZZA, et al, 2017, p.9), é voltar-me como escritora de teses-textos maquinados da diferença desejanse de signos. Este/esse/ aquele Texto presente é o escrever do Agora? Sim! Em que medida? “segundo a verdade do desejo” (BARTHES, 2013, p. 24). Texto presente, acontecimento puro. Este texto passado e presente. Depois, outra vez, perco sonhada, depois desvanecida, por meio espaço-tempo atual-virtual-cristal. Inscrever uma palavra, um sinal, uma imagem, uma ação, que, ao mesmo tempo, é metamorfoseada de sentidos, efeitos e artes? Sim. Ao riscar, como animalidade de signos? Claro! Ao riscar, como asas traçadas do romance e,

ao riscar, mãos biografemáticas são um grande Sim. Decido inscrever-me em textuário através de significações últimas deste tempo, ao movermos olhos aos dedos-configurações de mão a ler-escrever significações. Decido novamente criar por meio de Língua de sinais (ou língua gestual)? Criar por meio dessa língua escrita? Tanto isso quanto aquilo.



A tese toda é finita (em própria significação). Toda tese, infinita da Ciência, Filosofia e Arte. Pois, invento ciências linguísticas- semiológicas-biografemáticas, isso comprova, desde já, que existem variantes e variações filosóficas (produção diária de conceitos) que se transformam por meio de artes romanescas e em meio à educação. Para defender uma Tese de Doutorado, é preciso um Objeto acabado e colocado na prateleira onde se encontra empoeirado? Qual prateleira? Biblioteca. Local muito pouco pisado. Videoteca, uma breve invisibilidade ao meu redor. Mas como estou escrevendo em tempo presente, sabemos que posso (e podemos traduzir) escrever-digitalizar e digitalizar-traduzir novos tempos que reagem aos pensares e criações, e então nos encontramos em breve.

Ao escrever e ao ler, sempre há retorno criativo; conceitos traduzidos-escritos de Barthes (2003, p. 6, 7, 8) resumem: Método#cultura. Método de uma desgeneralidade, de uma desmoralidade. Carolina Sperb moralista e sem ética. O viver de quem escreve aqui, imoralista mas ética. A fantasia como origem da cultura, como engendramento de formas, de diferenças. Mas método = cultura, citando Mallarmé, como método fictício de “linguagem refletindo sobre a linguagem, exercício de cultura = escuta das forças, das diferenças”; “de todo o jogo das diferenças (FOUCAULT, 2008,

p. 15). Desses olhares, a Tese é escrita não em uma única noção, e nem em um conceito. Enfim, é escrita de escrileitores vitais e de significações últimas. Tese considerada *queer* e romanesca-artística em educação. Em vez de olhos cegos de conceitos de idade e autoritários, olhos pulsantes do imaginário da obra vital. Se não se trocar dessa forma, seria “a impotência da prática do romance” (BARTHES, 2005a, p.225).

Eis a escolha do “Romance como Ópera” (BARTHES, 2005a, p. 41). Vejamos com Deleuze e Guattari (2010, p. 46): “A história da filosofia não implica somente que se avalie a novidade histórica dos conceitos criados por um [ativista-e-artista], mas a potência de seu devir quando eles passam uns pelos outros”. A sinalizadora deste Texto se dá no prazer. Dar sementes de pimentas do prazer no nosso aparente silêncio. Talvez silêncio ingênuo. Talvez silêncio cego. Talvez silêncio que se espera: ser músico. Silêncio fantasmático. Silêncio de má-fé. É preciso desviar destes males. Noção, citação, teoria de outros tecnicamente estruturados de diferentes culturas e desenhados, de diferentes épocas: hoje tornam apenas obras passadas, que são indutoras “de diferentes sentidos, incertos e, no entanto, nomeados” (BARTHES, 2007, p. 109).

Aqui pouco descrevo-explico-repito as pesquisas históricas que os filósofos, professores, artistas (etc.) analisavam, pois, se formavam “em escala totalmente diferente, com referenciais históricos totalmente diferentes, documentos totalmente diferentes, esse problema do governo de si e dos outros” (FOUCAULT, 2010, p. 38⁶). O conceito de governo de si, para ele é conduzir a mim mesma como governada por limites, sob estados em que me movimento e esquematizo com relação ao governo de outros eus. Pois então para Deleuze e Guattari (2010, p. 34): “Os conceitos filosóficos são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras,

⁶ Aula de 5 de janeiro de 1983. In: _____. O governo de si e dos outros: curso no Collège de France.

já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças”. Mas além de quebra-cabeças de história-filosofia de sistemas pensamentais, correm mil fragmentos. Benjamin (2008, p. 75) reafirma: “Não existe uma Musa da filosofia, nem existe uma Musa da tradução”. Foucault (2014b) diz que se as pesquisas estão voltadas apenas às ciências, se tornam fragmentárias, de construções abstratas constituídas de operadores epistemológicos, ou ainda, numa “morfologia da vontade de saber⁷”. Ou para Deleuze (1992, p. 108), sociedade científica como portadora de uma “noção duvidosa e pueril”. Duvido de ciências do Eu não derivado, desconfio de ciências de eus outros, entretanto, invento outras ciências, distanciando-me de formas legitimadas e inventando modos e ensaios virtuais-atuais-criativos, o que pode “ser útil para analisar e para transformar o que acontece à nossa volta, hoje” (FOUCAULT, 2014c, p. 222). Porque, é de

um fragmento de massa destacado, e nasce do desmembramento do agenciamento coletivo; mas este é sempre como o rumor onde coloco meu nome próprio, o conjunto das vozes concordantes ou não de onde tiro minha voz. Dependo sempre de um agenciamento de enunciação molecular, que não é dado em minha consciência, assim como não depende apenas de minhas determinações sociais aparentes, e que reúne vários regimes de signos heterogêneos (DELEUZE; GUATTARI, 1995b, p.18).


“Como máquina abstrata (imaneente, singular, criativa) – ‘quase muda e cega, embora seja ela que faça falar e ver’”(DELEUZE apud CORAZZA, 2013a, p.53). Tomo-me em um meio entre manipulação de saber amargo e fruição nebulosa de ciências-filosofias-artes. Criadora de um estilo assistemático, romanesco e supostamente próprio. Não

⁷ Obra Aulas sobre a vontade de saber, 1970-1971. (FOUCAULT, 2014, p. 203).

submissa de línguas maiores. Ativa de línguas menores “como línguas de variabilidade contínua -seja qual for a dimensão considerada: fonológica, sintática, semântica ou até mesmo estilística” (DELEUZE, 2010, p. 38). Além disso, os conceitos e sentidos mudam e, sem dúvida, expandem-se em multiplicidades. Quando inscrevemos signos, produzimos conceitos, isto é, a tarefa de nomear-caracterizar- agir os elementos científicos, filosóficos ou artísticas em arte, que é exatamente de tomada dela mesma como meio para tradução, criação, transcrição na/da/para a educação (CORAZZA, 2013a).

Parto-chego-medio-entro, a navegar e imaginar: Signo: algo escrito, visual, imagético. Imagem: algo descritível do instante. Espaço: tempo que move mundo. Animais de ciência. Plano de referência. Animais de filosofias. Plano de composição. Animais de artes. Plano de criação. Glossário de filosofias cotidianas. Só “queremos pensar a diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao Mesmo e as fazem passar pelo negativo” (DELEUZE, 2006, p. 8).

É isto, mais ou menos. Descoberta-criação filosófica-gramática-linguística, ou semiológica de/em/para graduações concluídas/produzidas/infinitas, Letras/português e literaturas e Letras/Libras. Coberta-maquinação infantil-científica-disciplinar, cobertura essa murchada. Coberta de criação com/entre/ao lado de diferença. Derivação. Família radical. Composição. Torre de Babel. O próprio destruidor de problemas e criador de problematizações. Dobras simultâneas de morte-vida. Excursão desta linguagem metódica segundo a verdade do desejo”. (BARTHES, 2013a, p. 26). Tradutora e colocada em jogo. É um maior número de mudanças para ontem. Aliás, mudanças não, transavoluções. Aprendiz-pesquisador-docente de eterna repetição-diferença. Método de criação, ou procedimentos, ou processos, ou máquinas de criar, um paraíso, um inferno!

QUE  DA  ?

A escrita desta Tese é “um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria visível ou vivida. Em processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o visível e o vivido. A escrita é inseparável do devir” (DELEUZE, 1993, p. 11). Devires de pesquisadora, professora e extensora. Devir de jogadora com conceitos de diferentes autores, devir de inventora, devir de experimentadora em realidades-linguagens inconscientes.

Reformulação de sílabas, derivando por outras sílabas, invenção de conceitos que façam sentido na arte de transformar aulas científicas, filosóficas, artísticas, complementando o hiato transversal, como transdisciplinares, transcurriculares e transdidáticas, como possam buscar a “trans”, (e não procurem usar “pós”) como ações além de educação em devir - potência. De acordo com o plano original, plano de criação; plano de arte. Figuro teses deste Livro como ensaios independentes e não como capítulos-conteudos-curriculos-conceitos encadeados.

Filosofia de fragmento é montar, inventar, subverter conceitos que sejam úteis nas/pelas/para as atualidades escolares, curriculares e didáticas, que são ficções falsas. Ao artistar falsidades tornando realidades de escrever uma Tese que fosse pública e livre, e especialmente a Tese é a *parrésia*, como fala franca, como *coragem da verdade* (FOUCAULT, 2011).

As línguas cotidianas que escrevo, leio, visualizo e gestualiza, mistas, difíceis de serem reconhecidas, p, mesmo que os variados pensamentos fabriquem subjetividades derivadas desde sempre. Para isso proponho inventar uma escrita que seja lida por um público livre, abusando de encenação de aulas e produção de diários que são inventados variavelmente ao longo deste trabalho servidor-público.

Em aulas que conotam traduções, pensações, criações, transcriações, ensaios, experimentações na/entre/para a educação em potência. “Nunca

se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos” (DELEUZE, 2003, p.21). Opera, ao mesmo tempo, com produção, circulação e criação de teses por meio de videoteca, fototeca e livroteca. “Há verdades [e falsidades] a serem descobertas nesse tempo que se perde é o resultado essencial do aprendizado” (DELEUZE, 2003, p.20). Os personagens conceituais derivam, compõem (composicionam) e traduzem de modos intraduzíveis, imanentes e esquizoanalíticos. Em suma, sejamos educação e educador da diferença gestual e de didática da criação.

Diferença é algo de onde verte a repetição da cópia e do simulacro e opera novidade. Gestualidade implica sentido próprio aos sinais, imagens, signos, espaços, infantilidades, acontecimentos, movimentos. Daí diferenciamos atos de se educar, inventariando didáticas da criação, isto é, de criar conhecimentos, aulas, atos de pensar e de reagir, para Adorno (1995, p.17) “onde o pensar é realmente produtivo, onde é criador, ali ele é sempre também um reagir”. Por exemplo, ensinar gramática como prefixo e sufixo, a aula pobre é aquela que coloca no quadro, pergunta se é sufixo ou prefixo. Prefiro questionar o sentido do uso do sufixo “berçário”, daí os sentidos proliferam em cada vez que apropriarmos de signos instantinhos em manário, glossário, vocabulário, dicionário, bocário, sinalário, palavrário, didaticário. Escrita sinal-imagética-espacial “livroteca” e “videoteca”.

Tese é fragmento. Ciência, ideia, cientes de si mesmas, fragmentárias. Tese é o intermédio de signos científicos-filosóficos-artísticas em educação. Tese é arte, mas, “saber o que é a arte, determinar o que é arte: algo tão complicado quanto explicar o que é a vida” (ZORDAN, 2005, p. 262). Tese de doutorado temática? Destrua esta Tese: dogma conceitual da educação. Aqui, simples: crie a própria educação ao escrever de modo didático e artístico. A semente surdo-gestual da Diferença. Mo(n)stra surda-gestual

da Diferença (Mostra = Tese objeto. Mostra de teses por meio extensivo e intensivo). “Não temos nenhum conceito. Temos somente uma impressão, uma impressão que insiste através do sentimento instável de uma figura móbil, de um esquema ou de um processo infinito ou indefinido” (DERRIDA, 2001, p. 44). Imprimida-impressora de/em mãos didáticas-biografemáticas. “O plano envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam, mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.51).

Desde que nasci, invento linguagens, mentalizo mapas conceituais, desenho-pinto-traço pensamentos e experimento ensaios temporários, modificados, que fragmentam significados, conceitos. Falo de presente-repetição, o produzido mostra as filosofias da diferença e da educação, que me devolve as matérias como seres pensantes, obras, práticas, tiram-me da ignorância e provocam-me o sabor, o prazer e o desejo de criação de si e de outros na, entre e para educação. Assim, fervo os escritos de aulas fictícias-atuais, em invenção. É algo de criar composições imaginárias em relação a aulas criativas, às vezes a partir de fatos reais, às vezes a partir de efeitos que outros interpelam. Esses outros são sujeitos e objetos que manipulo com os conceitos, com o intento de inventar ficções-atuais desde sempre presente no chão, ao ar livre e disponível às artes de viver.

Outros escritos produzidos, os deste objeto são produções de tempos diferentes que mudaram e mudam infinitamente os modos de pensar. Assim, também é considerado como diários. Aqui produzida dessa tese, que se compõe de pensamentos marinhos, em dia-a-dia, procedo *diários*. Ou, em grego, *hypomnemata*, Foucault (2006, p.433; 2014d, p.144) salienta que os diários “constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas [visualizadas] ou pensadas; e eles faziam dessas coisas um tesouro acumulado para a releitura e a meditação ulterior”. *A própria tese já é hypomnemata por si?! Sim, o presente texto é vivo naquilo que houve*

e há, em várias direções desviantes, infinitas, inversas ao reler, refletir e reescrever. Foi assim que se deu o encontro de sentidos de pesquisar, que provocam em infinitos olhares, planetários, da diferença. Em certos tempos, era educada de operar conceitos, conceitos e conceitos de outros espaços-tempos que nem existem mais, agora não necessitamos mais de “erudição teórica”. Nesse ar angustiante, enjoativo, foi a própria conduta que desviou em morte à linha de resistência e planos de instância insistentes e agora, entram, saem e voltam. Torna, retorna e torno-me. Porque? Vivo-me artista. “A arte só é interpretável pela lei do seu movimento, não por invariantes” (ADORNO, 1970, p. 13). “A leitura seria o lugar onde a estrutura se descontrola” (BARTHES, 2004, p. 42) e o escritor é o único, por definição, a perder sua própria estrutura e a do mundo na estrutura da palavra” (BARTHES, 2007, p. 33). Escrever sempre novos pensamentos como desenhos de linguagens. “É o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer (BARTHES, 1987, p. 8). Não só de palavras. Pensamento por meio de sinalário que flui. Traduzi-lo em escrita produz nova tradução. Difusos, de “eu”, “experimento hoje essa sensação-certeza de viver o meio-do-caminho, de me encontrar nessa espécie de ponto” (BARTHES, 2005a, p. 4). “Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu [Moi]” (DELEUZE, GUATTARI, 1995b, p.18). Pontos distintos, que se flutuam por um eu inspirado que “faz do saber uma festa” (BARTHES, 2013a, p. 20).

Leitora-escritora de cenários que agenciam diferenças a partir de didáticos, que ativam imaginários de signos montados por outros signos, isso é confortável. Prazer. Vontade de potência alegre. Manipulo a própria literatura de palavras, dele mesmo, sinalário, em figuras, pinturas, imagens, com um sufixo latino - “ário”. Esse sufixo tem relação com ordem invariável de coisas. Como ordem intraduzível de coisas. Intradução é algo que não

se cria previamente. Parte desta própria tradução, que “é em primeiro lugar uma forma” (BENJAMIN, 2008, p. 26).

A forma de sinalário continua parcialmente invisível, mesmo tendo escrito “sinalário”, produz igualmente uma forma, forma sentida por um eu leitor de gestos-espacos-tempos. Sinalário de cenas. Cenário de sinalizador de língua gestual em movimento. Cenas imaginadas por personagens desejantes de se educar. Cenas desejantes pelo aprender. Somente em palavras? Mas, se, como leitora-escritora de Libras, também seria escritora com/em/entre palavras? Mas, é tão difícil escrever a Libras, Pena.



Escrevo-me para quem? Quem fantasmático. Escrevo para mim mesmo, assim faço-me fantasma de criação. Escrevo-me autora de multiplicidade, mas é de fantasmas conceituais. Escrevo-me para o quê? Escrevo-me ou não escrevo. Leio-me ou não leio. “O que” inexistente, que torna existente quando pintar existência vital e de arte. Escrevo-me como escritora e pensadora livre, torno-me sujeito-objeto de dúvida, negação, afirmação, morte. Escriteira da diferença em educação+objeto romanesco+literário+ético+artístico operatório-tradutório-transcriatório-escriteório de arquivos, procedimentos e criações. Escrita biografemática própria de pesquisa-ensino-extensão-inventiva de cenários de aulas, de conversas e de vida. Que cenários? Cenas, formas, imagens, sinais, palavras, espaços, tempos produtivas e produtoras, às vezes em conjunto, às vezes em fragmento. Resisto outra vez na destruição de teses-dogmas-doxas-logos conceituais, cabe traduzir de modos intraduzíveis o infinito

da educação, a drama de infantilidade. Educação como uma ação de aprender-estudar-pesquisar-ensinar-escrever a partir de algo insuportável, algo substancial, de fonemas-morfemas babélicas, até mesmo algo a criar.

Move e moveu-se imagens-tempos de escrever variadas, em gesto intenso-extenso da diferença e em pensamento-acontecimento do inconsciente. Consciente de escrever aqui seguindo em imagens-movimento para daí verter imagens-tempos, linhas de fuga. Mil platôs capitalistas+esquizofrênicos (DELEUZE, GUATTARI, 1995a, 1995b). Mil escriletores multidimensional. Tanto em palavrário quanto ao sinalário, os faço em transcrição diária. Impulsionado o método de criação em movimento, em contato com BOP, com pauladas, imagens de pensamento, com documentos-monumentos em defesa-criação a ciências, filosofias e artes em educação contemporânea, com arquivos-arquiescrituras-arquiarquivo da diferença filosófica. Teses arquivadas-éticas. Tradução curricular-didática-poética, em cada tradução poética, move forma a criar e intensifica em forma criativa de poesia-literatura-escritura-romance. Assim, funciona criação imagética-poética de pensamento. Mais um conceito poético, esse funcionamento, esse ato de transcriar é o gesto. Aparece intensamente imagens produtivas-criativas em pensamento. Logo se desapareceu imagens-tempo, em subconsciência, controla, foge, borra, rasga, e roer imagem-movimento, movimento-imagem, linguagem-sentimento, sentimento-linguagem em continuo pensamento e aqui descontinuado.

Sobretudo, afirmo e extensiono-me “em uma Filosofia Signal” (DINARTE, 2016, p.4). Teses de colegas-amigas queridas (que derivam de verbo querer) de filosofias, dissertações da arte científica-filosófica, projetos de pesquisa-ensino-extensão, sempre todos entre lei-vida, sempre escriletores em meio à vida transformada de morte por vida. Sempre investigada de vida (CORAZZA, 2007, et al, 2014). Escrevendo tese de doutorado, não a quero escrita de signos-conceitos esqueletos da tradução

em tradução, tradução de forma repetida sem diferenciar de si. Quero pesquisa feita de fragmentos didáticos de tradução. Fragmentadora de outros fragmentos. Sim, sucessão de fragmentos.

Se faço ciências, crio conceitos. Se ensino filosofia, aprendo novos conceitos. Se pego conceito deleuziano de diferença, que crio de autorias-e-obras em vitalismo. O termo ‘tese’ é uma ideia? Que seja de novidade. Uma ciência? Que seja da diferença. Ou mesmo uma arte? Que seja simplesmente de “artistar, inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas” (CORAZZA, 2007, p. 122). Até daqui como texto, também é uma arte de escrever. Desse sentido, constrói conceitos não finitos. É este método de vida. Ou método estruturalista de diferenças e desestruturadas de/em artes? “Neocapitalismo+esquizofrênico”? Método não “de direita”, ou “de esquerda”, nem “liberal”. Método de pesquisar-estudar é produzir arquivos-ações por meio à vida. Método de criação e recriação, assim também escrevemos teses vitais ao longo de tempos-espacos em que inserimos e tocamos ao escriler por meio de vidas mentais-reais-fictícias-fantasiásticas-imaginárias. Essa gama é arquivada-traduzida como escreitura e transcrita de signos, objetos, e/ou ações e os escrever em significações, reescreitores daqui.

Vivem-se intensamente mais de um escrito-sinalizado-pensado. Eu-escrito é arranjado ao ler-manipular-escrever palavrário via visão-mental. Eu sinalizado é visualizar-manipular-inscrever signos gestuais que se expressam significações pelos olhos e não pelos ouvidos. E vamos nos encontrar com muitos eus escritos. Continuem dançando, eus sinalizados! Brevemente, longamente, lentamente, rapidamente, registro-os. Escrevo-me em/entre/com sujeito+objeto amoroso de EIS, sujeito-objeto didático-criativo de AICE, sujeito-objeto odioso de impotências e de potências tristes e em nome indefinido. Foi-seria-é isso que me descubro, sempre, criada. Eu sinto/sentiu como próprio nome produtivo do ser. Destruo-me-eu. O ser é uma máquina diária de viver. Passo-me além desse veneno

dogmático, ainda mais em mil passos de distância acerca de signos-conceitos históricos, que deixam, desde já, de ser aquecidos em seus tempos-espacos de viver. Apenas vivo-sinto-vejo-fodo.

 HISTORIANDO

Era uma vez que a pesquisadora ignorante-subjetivada do corpop-mundo dualista questionou as diferenças significadas de *sinalizantes* e *sinalizadores* e suas fontes-origens. A escritora da tradução retorna-lhe com outra pergunta: – Podes imaginar a diferença entre escrevente e escritor? Silêncio. E complementei: o sinalizante é que sinaliza por meio de língua de sinais e o sinalizador, o criador em língua gestual. Indiquei Stumpf (2005), autora de noção sinalizante e interpretei Barthes criador de signos, ciente de signos (ciência semiológica), que ao mesmo tempo afirma e destrói noções linguísticas.

Era uma vez que a professorartista um dia leciona aula com estudantes de certa área de conhecimento, pergunta em que horas iriam se encontrar. O objetivo era o de ensinar sinais relacionados a tempos-durações, e sim, também, a intenção de ensinar-aprender os conceitos de Bergson conforme Deleuze. Em memória, tempo-relógio visto-cronologico-controlado na infância-adolescência escolar-disciplinar e na inteligência última, um descalabro, uma invenção curricular-didática em tempo-duração. Reconheço-me como ex-estudante-professora de pensamento Passado-Futuro e nem liberdade de criar-se. D/neste/ao tempo presente, sou-estou-vivo no relógio de vida.

A <autoria-obra poética-ética de signos gestuais-mentais>⁸ produz escrituras sinais pela operação didática da tradução como “transtextual

⁸ Uso <> significa eterno infinito de/em filosofia gestual.

e transcultural que reinventa a pesquisa-ensino” (CORAZZA, DINARTE, 2016, p.4). Invenção, docência (ato doce-amargo de ensinar) e discência (ato amargo-doce de aprender), em “entrega à heterogênesse da palavra-corpo enquanto duração, liberando o objeto nomeado do âmbito da representação ao mesmo tempo em que exterioriza as vozes narrativas” (DINARTE, 2016, p. 4) “do sangue ao sangue” (DINARTE, 2010, p. 13). Sangue de gesto puro +em gesto descontínuo, intermitente, eventual. em crivo, em devir, em infantilidade de signos. Signos interrompidos, variáveis, variantes, mutáveis.

Quanto a um eu turístico da ciência, expresso em língua gestual, língua de sinais, língua visual, língua de gestos. Jogos semiológicos-pragmáticos da invenção. O trabalho semiológico operado por desconstrução da linguística (BARTHES, 2013, p.29) e criativo por meios de literaturas, escrituras, romances, desejos de escrever. Ser-estar-viver autor de semânticas, operação de sentidos, pragmáticas, operação de sentidos contextuais. Imaginamento-movimento-pensamento, bloco, unidade, signo necessário.

MO(N)STRA VISUAL-GESTUAL

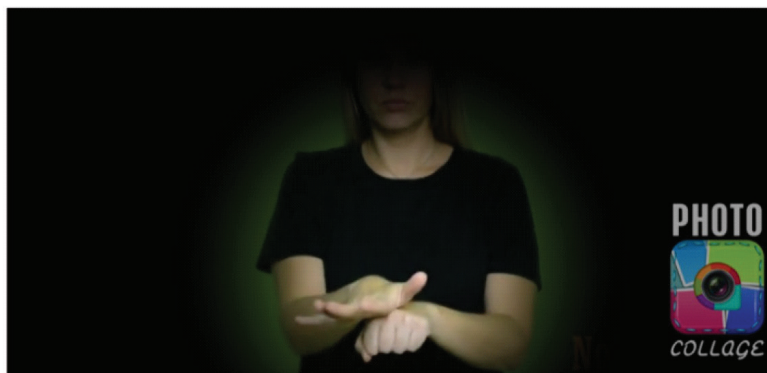
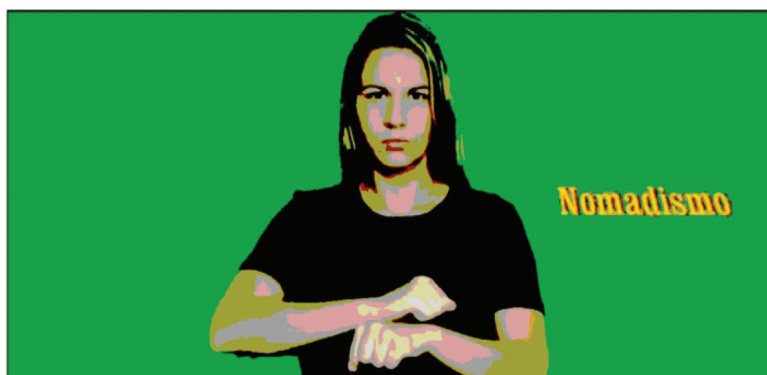
Ao lado de diferença-Novidade última, foge a tensão, outra vez, de escrever-me. Advirto-aviso que esta vidarbo “escapa às pesquisas da causalidade” (BACHELARD, 2008, p. 188), pois é o “êxtase da novidade da imagem” (idem, p.183). Mo(n)stra visual-gestual da Diferença-Novidade aplica sentido “sempre duplo sentido e exclui possibilidade de que haja um bom sentido da relação” (DELEUZE, 2015, p. 35/36). Pois então, em relação múltipla-linguística-filosófica, a Monstra gestual é inspirada-criada por

[...]unidade monstruosa, porque esvaziada dos elementos representativos ou emocionais, desde que é criado um vazio na consciência atual; a partir dessa unidade virtual, engendram-se vários movimentos da pesquisa que, embora heterogêneos, se afectam uns aos outros. (CORAZZA, 2004, p. 2)

Visualidade/gestualidade de Libras ou daqui em letrário, é esta a mostra gestual-artística em educação. Artistagens monstras-artistas por transcrição. Advirto, aos leitores da dualidade, ou, transemos junto por meios tradutores triplos de blocos criativos: sendo-estando-vivificando um eu ou você mesmo-físico-científico, um eu ou você atual-virtual-real e um eu formado e transformado em outros eus, que são curriculares, para ser mais potente-didaticamente: eu-você-eles-nós poéticos de imagens-espacos passados a futuros, amorosos de fixos-signos a signos últimos, odiosos deles fixadores de signos, abobados de repetição filosófica, espertos de conceitos últimos, criativos além deles, projetistas de/diferença, de gestos sendo gestual. Amigos de sabedoria infinita e contra eles inimigos de sabedoria fixa. É isto, ciência amiga de filosofia. É isto, arte.

O RUMOR SURDO-MUDO

Desde nascimento, crescimento e processamento, declaro-me pessoa Surda. Gosto de citar-me Surda e surda acerca de representações, julgamentos preconceitos, descrições que ao mesmo tempo esquivam-se. Assim, declaro-me Olhadora de/em gestos? Visualizadora? Sinalizadora? Escritora? Escreitora? Que bendito nomadismo.



3 Sinal Nomadismo

Primeiro sinal, palavra nomadismo, ciência neutra como mostra sinal passivo, fechado. Ao trabalhar com filosofia e arte, move-se o segundo sinal. Disparidade, Multiplicidade. Uso de sinal não se fixa em mesmo espaço-corpo. Move-se também sob frente de rosto, sob olhos segundos, rachamos signos em nomadismo. Move-se sinal para frente passada à traduzida em infinito. Educação nômade de/em/para Gesto. Versões inversas e reversas de sentidos não estabelecidos, sempre de sentido ambíguo e transversal. Se olhar denovo sinal de nomadismo, imagine-o movido a



4 Sinal Diferença.

Stop a visão nômade-repetida. Play a visão nômade-diferenciação. Simples assim. Visão entre diferença negativa, que se transforma em positiva e revisão transcriadora. Versão+visão verdadeira por potência. Visão negativa por visão de vontade própria. Movimento-pensamento veloz. Pena ser prático-real-atual em poucos espaços.

Diferença entre letra maiúscula de Surda e surda? Sim, nome próprio. Sou-estou-vivo posicionação linguística-política-estrategista. Mas, além disso, nomeio-me em nomadismo. *Mas não seria também “deficiente”, ou “pessoa com necessidade especial” “portadora de deficiência”, ou “pessoa com deficiência”?* Pensando melhor, pessoas com potências? Com qualidades? Sem deficiências pensamentais? Por acaso já comentamos do quanto não lhes é cansativo de oralizar ou sinalizar esses termos? O quanto lhes “risca” ouvidos ou escurece olhos? Estão habitados por linguagens

e discursos dentro de sentimentos preconceitos? Fora de sentimentos de si? E sem dúvida, procedemos por defeitos, por qualidades, fragmentos, hipóteses temporais e atemporais de nossos pensamentos. Declaro-me pessoa com potência gestual e com qualidade visual. Também declaro-me desconhecida de próximas potências.

Mas se a reflexão provier de escuridão, ou dúvida da própria linguagem e se arrisca a perguntar algo assim: - *Mas, chamar pessoa “surda” não seria como algo ofensivo?* Não tenham piedade de algo que desconhecem. Desalojem a lógica da piedade indistinta. Pessoa com deficiência auditiva ou pessoa surda, qual a diferença? Pouco importa. Há vários termos, mas não podemos dizer senão não sabemos como descrever e muito menos fundamentar. Como diz Wittgenstein: - *O que não se pode falar, deve-se calar.*

VIS@@GESTUAL DA LÍNGUA

Alunx oraliza com a mediação de intérprete: – Certo, não é deficiência, é surdez na visão cultural, mas você perdeu audição, isso, é o que pegou doença. Qual doença?

Professor sinaliza em tom terno: – Nenhuma, nasci surda. Como sinaliza Carilissa Dall’Alba: -*A Natureza tirou a minha audição, mas trouxe a inteligência e a visão.*

Alunx: –como?

Professor repete: –Nasci, cresci e cresço nascendo desde sempre visualidade. Expressa por língua gestual.

Alunxx: Deus te deu missão de lutar por sociedade.

Professor: Deus é singular e abstrato. Deuses, plurais-concretos, de + eus = diabos do bem, bruxos-fadas de potência...Missão e ação, duas palavras importantes, necessárias e pontentes, contanto que partem de/ além de nós mesmos e não de “cima”.

Alunx com expressão desacredita.

Alunxx: – Mas se não existissem doenças, vocês ouviriam e fariam.

Professor pensa com olhos acima e volta com olhos atentos:

–Independentemente de qual for fato, as línguas de sinais sempre existirão, quando nascem crianças com visão, ou sem, desenvolvem outros sentidos e outros sistemas linguísticos, isto é, passam a se comunicar pela visualidade e pela corporalidade. Não pela audição. “Falo” a língua brasileira de sinais e vocês estão a aprendendo, nos movemos para não falar ou falar, é depois de pensar-sentir signos reconhecíveis. Falar é igual a sinalizar, gestualizar. Antes de confirmar, antes de afirmar. É perguntar *como, talvez, não sei e o “será” interrogativo*. – Anotou em diário prático de/ em educação: próximo conteúdo, visão, audição, mudez. Virar surdo quando escuta cliclês. Ver diferença sendo cega de repetição comum. Mudez de palavras quando não as conhecem.



Mostra de língua de sinais é presente desde a Grécia, onde Sócrates (STROBEL, 2009, p. 18) pergunta, duvidoso, ao seu discípulo Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Platão, discípulo e cronista). Nem eles souberam definir. Aristóteles (STROBEL, 2009, p. 19) “acreditava que quando não se falavam, conseqüentemente não possuíam linguagem e tampouco pensamento, dizia que, de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento, portanto, os nascidos surdo-mudo se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão”. Totalmente enganado. Homem do capacitismo-metafísico. Não é mais bem-vindo conosco.

Pleynet: Então, não podemos nos compreender.

Foucault: Talvez você possa nos dizer, exatamente, o porque não pode compreendê-lo.

Pleynet: Porque, desde o início desta década, houve a questão da realidade. Sollers leu um texto, em seguida falamos muito de realidade em torno desse texto, depois se fez uma diferença; como você faz passar a realidade na linguagem? Gostaria de saber como aqueles que se perguntam sobre a realidade chegam a encontrá-la em outro lugar além da linguagem, e como eles vão dizê-lo para mim. Se há uma realidade fora da linguagem, gostaria de saber onde ela se exprime, como ela se exprime e onde vou encontrá-la.

J. Durry: Talvez um surdo-mudo não tenha a impressão da realidade.

Foucault: Acredito que o exemplo do surdo-mudo não é, igualmente, pertinente porque, apesar de tudo, vivemos em um mundo de signos e de linguagem, é precisamente este, acredito, o problema. Pleynet considera, e um certo número, creio, dentre nós, eu mesmo afinal, que a realidade não existe, que só existe a linguagem, e isso de que falamos é linguagem, falamos no interior da linguagem etc. Acredito que, para Sanguineti, a linguagem é um fenômeno histórico, social, no qual as escolhas individuais podem se realizar, escolhas que remetem a uma história, que remetem a um estilo etc (FOUCAULT, 2009, p. 168)

Pleynet nem se compreende. Nem faz conexão mental com suas palavras. Pois dizia palavras sem estar imerso com linguagem gestual-visual e acreditava que isso não tinha a menor importância. Não estava na ordem do dia. Ninguém encontra ou descobre linguagem “oculta”. Realidade-linguagem sempre produtiva e expressa em si. Durry, sem dúvida, teve impressão desrealizada. Foucault teve razão: linguagem histórica-social e de estilo.

No contexto de palavras: realidade e linguagem existem sempre juntos. Realidade para aqueles metafísicos, parece ser algo real e linguagem algo virtual. Mas entre nós, vimos sempre linguagem real e realidade linguística, acopladas. Há multiplicidade de significados e sentidos que remetem a

linguagem, mas questionamos como funciona a linguagem? Por meio de visão, audição ou tato, funcionam linguagens sinais, imagéticas, espaciais-temporais, linguagens de funções, percepções, afecções. Expressas de sentimentos, pensamentos e acontecimentos. Sentimos certo signo, pensamos aprendendo a decifrar, interpretar, traduzir e manipulamos-mundos puros de acontecimentos. Para Deleuze (2015, p. 57): “o modo do acontecimento é o problemático. Não se deve dizer que há acontecimentos problemáticos, mas que os acontecimentos concernem exclusivamente aos problemas e definem suas condições”. Cada mundo problemático-prático, cada “realidade do próprio pensamento” (DELEUZE, 2015, p. 63).

Com Wittgenstein (2012, p. 151): “Esses surdos-mudos aprenderam apenas uma linguagem de sinais, mas cada um fala para si mesmo em seu íntimo uma linguagem vocal”.

– Ora, você não entende isto? – Como sei se entendo?! – O que posso fazer com esta comunicação (se é que é uma comunicação)? – Toda a idéia de entender obtém aqui um cheiro suspeito. Não sei se devo dizer que entendo ou não entendo. Eu gostaria de responder:

Trata-se de uma frase em português; *aparentemente* em perfeita ordem, -a saber: antes que se queira trabalhar com ela; ela está, com outras frases, em um contexto que nos dificulta dizer que não se sabe propriamente o que ela nos comunica; aquele que não se tomou insensível pela filosofia, nota que aqui há alguma coisa errada. (WITTGENSTEIN, 2012, p. 151)

Sim, com ele, prefiro calar-me. “Filosofar é descrever” (DIDEROT, 1979, p.13).

A falta desta língua, a comunicação fica inteiramente rompida entre nós e os que nascem surdos, cegos e mudos. Eles crescem; mas permanecem em estado de imbecilidade. Talvez adquirissem idéias,

se nos fizéssemos entender por eles desde a infância, de maneira fixa, determinada, constante e uniforme, em suma, se traçássemos sobre a mão deles os mesmos caracteres que traçamos sobre o papel, e se a mesma significação lhes permanecesse invariavelmente vinculada (DIDEROT, 1979, p.43).

Na mesma página, Diderot presta homenagem aos métodos do Abade l'Épée na educação de gestos-sinais. Graças a essas orientações e a academia--filosofia em diferença-educação, não estou em imbecilidade, nem sou idiota! Invento mil linguagens gestuais. Crio praticagens! E, artistagens somos nós! “As sensações que houver apreendido pelo tato serão, por assim dizer, o molde de todas as suas ideias; e eu não ficaria surpreso se, após uma profunda meditação, sentisse os dedos tão fatigados como nós sentimos a cabeça”. (DIDEROT, 1979, p. 41-42). Dedos, mãos, cabeças, olhos, bocas, vaginas funcionam quando juntos. É preciso parar-me. Mil pensações como fossem areias ao vento.



VAGAS DISPONÍVEIS
NA ESCOLA CRIAÇÃO.

Mais informações: redescola@gmail.com

CURRÍCULO DIDÁTICO DA CRIAÇÃO:

- mil educações
- em devir
- por vir.
- em pintura.
- filosóficas
- semiológicas- literárias
- romances
- curriculares-didáticos da
- poética
- escreitoras
- políticas-estratégicas
- esportivas
- de querer-escrever
- intelectuais de drama
- autocomediantes-intelectuais.

5 Montagem pela autora. Escola Criação.

Mariana se sente dificuldade de decifrar palavras tão minúsculas, mesmo assim não deixa de se surpreender com o termo escola criação, fechando jornal, desesperada (sentido senso-corpo e também, é o que age sem esperar) por essa vaga de trabalho. Mochila e casaco. Saindo da sombra da cafeteira. Desceu rapidamente de ruas altas, olhou desejando o descanso no parque Germânia, mas teve de virar para ruas serenas. Porteiro reconhece-a como uma das proprietárias, mexe o controle e a porta abre. Estranho ler “porta automática”. Mariana entra “autorizada”, ao entrar em lar, direta ao computador (PC), abriu apressadamente aquele jornal, suspirou um ar e inspirou outro ar, diretando e-mail olhado e logo, digita no teclado com mãos firmes.

Para: redescola@gmail.com

De: marianalibras@gmail.com

Assunto: Interesse

Dia: 27.04.2017

Boa tarde, Escola de Criação, estou interessada em espaços-tempos diferenciados de aprender-ensinar e gostaria de saber se há vagas para professor de Libras? Envio, em anexo, o meu currículo Lattes. Obrigada.

Para: marianalibras@gmail.com

De: redescola@gmail.com

Assunto: Res: Interesse

Dia: 28.04.2017

Bom dia, Senhorita Mariana,
Já deves de saber que há vagas, logicamente conforme a imprensa. Não avaliamos pelo currículo. Aqui vivemos em/de/entre capitalismo+esquizofrênico (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Há três passos para desenvolver a vaga garantida, primeiro escreve-se como que

um teste de conhecimento curricular-didático potente. Pergunto: em que papel-funcionamento de ensino-aprender de/em língua gestual? Nossa escola Criação tem “um dos papéis da intuição o de denunciar seu caráter arbitrário” (DELEUZE, 2004, p. 38) de saberes-poderes-verdades passados-especializados e de produzir novos-diários caráter-caracteres arbitrários de ciências+filosofias+artes. Que caráter de transformar as formações e criar ações curriculares-didáticas? Segundo passo: verter-traduzir-criar por meio de imagem da imprensa pública e, enfim como esses signos-conceitos funcionam em gestualidade? Está aí o último passo, de enviar texto retornado.

Até,
Escola Criação.

Mariana se mexe rapidamente para fora da casa, acendendo nervosamente o cigarro e pensou como aquela escola era difícil. Fechou-se em si mesma. De outro lado espacial-temporal, Samie, oposta de Mariana, é um sujeito-objeto da diferença. Mas se recolhe. Deitada sob colchonete, com direito a vista para o lago. Sente gramas que arripiam pelos humanos e de naturezas outras. Folhas passadas, pausadas, temáticas conceituais inventoras de educação terceira, de educação necessária a profunda (CORAZZA 2013a). Encantou-se com a imprensa pública. Sonhou circular entre sujeitos-objetos-ações e em docência poética, não autorizada, libertada-libertadora, democrática, científica-tecnológica de si e de outros si. Sentiu realizada. Decidiu-se candidata àquela vaga. Chegou um e-mail em negrito, clicou. Mesmas orientações-procedimentos para garantia de vaga, presumiu que não era de modo automático-robótico. Imaginou-se cientista de ciências múltiplas. Quanto àquele exercício de mostrar-comprovar suas habilidades, competências e potências, decidiu se recolher em seu mundo de pensamentos.

Alguns dias depois, Mariana submeteu o seu texto, esperou por silenciosos dias, viu a frase pichada do túnel enquanto ia para casa: *Você não sabe a energia que reside no silêncio- Kafka*, pensou algo positivo, falsa esperança. No dia seguinte, recebe resposta: *nosso interesse é por professoras não dogmáticas e, inclusivamente, diferentes da diferença em diferenciação. Obrigado pelo contato.*

E-mail público maquinado-infografista da Libriação:

Senado Federal aprova currículo-didático obrigatório de todas escolas básicas: teatro biografemático, artes de visualizar+sinalizar, dança corporal-espiritual-intelectual, drama-comediante de filosofias contemporâneas. Para conhecer mais a proposta, a Escola Criação lhes convida ao encontro XVIII de gestor-pesquisador-professor-extensionador-estudante-flexionador público do dia 17.05.2017, às 9h.

Ficou clicado como “estrela” e “importante”. Gestos feitos de algumas pessoas de discursos estrelados da doxa, e, outras de interesse ao aprender-estudar-transformar.

ESCOLA LIBRIAÇÃO

Sérgio, diretor da escola, sorri, pensa e fala muito. Lisete, extensionadora, pensa e fala pouco, mas sorri muito, para ela só basta sensações e afecções. Nina, educadora, sorri, pensa e sinaliza muito. Guto, pesquisador-esportivo, trabalha, fala e vive. Maneiras diferentes de ser happy. Conscientes-inscipientes em própria existência ética-estética-potente ativa. Todos nem são “Edípianos” e nem pretendem, nem em morte.

Gestão fantasiosa-romanesca da Escola. Gestão composta por fechaduras arquitetadas e aberturas de portas-janelas-esgotos-tetos-chãos pensamentais. Gestão além de paredes, além de margens. Gestão de imagens-movimentos imaginários. Cada gestão singularidade ativa de si.

Para eles, produzir mil maneiras de ser é muito maior que o Ser, o Estar e o viver. Ambos pensam não em inconsciente vulgar-comum, mas em inconsciente estético-ético-artístico. Criadores dos espaços poéticos. Antes disso tudo em trinta e três anos de luta-guerra-profusão, hoje escola da diferença em realização. Aulas cheias de Ciência+Filosofia+Arte. Subjetivações singulares e objetivações filosóficas-artísticas se tornam mundo-produzido-terceiro-diário da diferença. Daí mundos de arte viram em desviragens e viragens de transcrição desde sempre, daqui e para frente. No horário-café, os profissionais da criação encontram-se animadamente, em vantagem intelectual-mediadora, e conversam entre si em modalidade linguística-gestual-visual:

– Certo dia, em algum lugar, vi que filosofia era “mal-estar” do/no contexto negativo-estruturalista e daí tirei proveito de educar-me que mal-estar filosófico refere imagens-tempos-espaços indefinidos e bem-estar filosófico tomada de conhecimento imparcial a movimento parcial. Bem-estar monumental, mal-estar escrita daqui. Mal-estar interpretado reinterpretado mal-ser mas também bem-ser, bem-estar, bem-viver, experimentei aula de substantivos-verbos-adjetivos conjugados em sentido bem olhado-feito. Olho-dedo! – Gargalhava Lisete em grande boca vermelha e seus cabelos ruivos também pareciam rir. Recebeu atenção dada por Sérgio, que sorria mesmo concentrado nas mãos que escreviam: se estamos carregados de respostas-perguntas em ordem categorizada, qualificativa, quantitativa, prendem-se mãos, braços e olhos das crianças. Prisão em meio ao voo de palavras e coisas. Nunca partimos em voo imaginário e nem chegamos ao mundo de acontecimento vital. Olhou ao seu redor e, em memória da Escola Criação, se sentiu contente, sentiu novamente alegre.

Levantou-se e deixou o grupo tagarelando. Encontrou em corredor com a gestora da escola, Sandra, e lhe comunicou que daqui a alguns minutos, Guto ajeitaria o lugar do público para acontecer o encontro XVIII de Gestor, Pesquisador, Professor, Extensionador, Flexionador público e Estudante de/em/para Criação. Sandra balançou a cabeça em tom afirmativo, pensou em buscar água, mas nem precisou mais ao ver a o atleta andando ao rumo de salão, de mãos ocupadas com garrafas-copos e almofadas, as colocando em círculo do grande tapete onde público pudesse se sentar confortavelmente.



Na recepção da escola:

- Vim pela propaganda de inscrição daqui
- Como estudante ou docente ou pesquisador ou extensionista?
- Estudante de pós-graduação?
- Aqui não existe isso, basta universidade, que “abraça se casando” com escola.

- Hum, há curso de extensão?

- Sim, temos curso de extensão de si. Não sei se você está a par do encontro XVIII, que inaugura daqui a pouco. Talvez seja oportuno você se inscrever em signos-espacos-imagens de abertura. Dessa abertura.

Mariana não sabia o porquê daquele momento de recepção. Decidiu ignorar. Entra tímida no salão, sente o ambiente alegre, vendo que outros já acomodavam sentados, como se a escola fosse casa. Rapidamente se escondeu entre várias pessoas, assistindo o Sérgio ‘cortando o laço’:

- Deleuze e Guattari, objetos-sujeitos necessários de filosofia e ciência, eles complementam entre si, que monto uma breve arte: Gestos-mãos, um pouco de bobeira: Dédédéguáguá (batendo cada mão em bunda

corpulenta e em gesto de linguagens dos patos e gorilas). – Colocou mãos no peito, pois doía o peito tanto de rir. Pausou. Olhou o público, uns em gargalhadas, e alguns em expressão facial neutra, e outros de expressão aquela de Família Mortícia Addams.

– “Em arte ou em literatura, quando a inteligência intervém, é sempre depois, nunca antes” (DELEUZE, 2006, p.21). Somente isto se mantém. Qualquer memória, palavra, sinal, frase, teatro, filme, trechos breves, escritos de instantes, tudo por meio de intermédio de signos-imagens-tempos-espacos. Somos transferidos de herança antiga e transformamos-nos como herdeiros de própria vida. Também multiplicadores de arte. Nós as dominamos e maquinamos opostamente da Escola Especial, áreas-campos-programas especialistas de fixação signal-conceitual, subtraída de repetição-generalização-serialidade. Tomamos a ideia pela própria escola da diferença. O signo de diferença é traduzido de diversos modos tradutórios. Diferenciar é se criar. Se não diferenciar, é se copiar. Fantasias de existência estética. Escola corajosa de práticas e medrosa de impráticas, trabalhamos-nos potentes-éticos-estéticos, sentindo sob próprias casas de pensamentais. Mil acontecimentos em gestos poéticos.... Casas da diferença pintada de poderes-potências-ações naturais-contranaturais-transnaturais. Proceder esses poderes exige cada treinamento intenso-extenso e prática arquiesscritura incessante. Escola-casa de potência alegre. Lembro-lhes que o termo PODER refere ao verbo presente. Agentes verbais-diários em possibilidade. Depois disso, novidade.

Mariana reconheceu-se como uma ignorante de ciências que nem lhes mais são práticas, saiu do lugar, esbarrou na moça que parecia estar afogada. Falou desculpas e recebeu resposta-gesto físico de “foi nada”, olhando-a entrar pela porta por onde estava saindo. Perdida em cristalidade imagética: mulher afogada e tranquila, mesmo apressada. Voltou consciente, de frente à recepção, pensou na gratidão de não se bater. Logo, de rosto estampado papel sob a porta: ESTAMOS NO SALÃO XVIII. Arrependida por sair.

Não ousei voltar e ser vista. Decidiu andar pelo longo corredor, viu os escritos “Não queira ter mais. Queira mais ter. Não queira ser mais, mas queira mais ser! ”. Se arrependeu outra vez. Mais passos adiante, viu o Grande deitado descalço, todo atento ao teto. Sentado em um móvel preto. Viu o animal deitado ao lado, de língua para fora, em tom folgado, logo de expressão facial como se fosse ver extraterrestres, entra abusada:

– Cachorro?!

– Obviamente. Mina é dona desta escola.

– Oi Mina. Me chamo Mari.

– Hum?

– Preguiça? – Baixou ao carinhar a Mina, vendo o absurdo da situação.

– Sim...

– Haha, eu também.

– Oi? Qual graça? Para você o significado de preguiça vem do latim negativo (sentido lento) ou grego afirmativo (sentido de não trabalhar)?

– ãhm?

– Parece ser visitante temporária aqui, não é? Aqui somos todos animais selvagens, ativos e, inclusive, vagabundos-passivos, em preguiça. Isto não significa lentidão ou dificuldade. Simplesmente é o que não trabalha em pensamento. Preguiça de qualidade, ócio produtivo. – Levantou-se rindo-se, intérprete do Barthes (2004b), passando cabelos que caíam na testa, demonstrando simpatia de dentes largos, gestualizou o nome-sinal próprio em alfabeto manual. Apresentou-se: Luke.

Samie, mesmo atrasada, sentou tão aliviada e contente, desde que estava ali. Atenta aos gestos palavras do Sérgio, aliviada por ser atendida em tempo hábil, guiada por visualizadores ao espaço a fim de melhor assistir:

– “A aula comporta fatalmente uma força de repressão, ainda que fosse só porque aí se ensinam coisas de que o adolescente não tem forçosamente desejo” (BARTHES, 2004b, p. 472), é a ideia oposta da

nossa Criação, desejos em gozo e necessidades em fruição. Forças de pensamento-movimento-acontecimento entram em erupção por desejos de aprender+ pesquisar+estudar+ensinar=artistar. Depois de vulcão de desejos, fruições terras-lamas-águas sempre em necessidade última. Agentes éticos de agenciamento singular a plural. Agentes estéticos de/ em/entre agenciamentos coletivos. Saberes-poderes-agentes em prol de espaço-tempo pura, como estado puro de significação, não de coisas em si.

Samie vê a mulher se aproximando de Sérgio, que pausou anterior fala. Distraiu-se e viu uma porta que dava entrada ao quadrado para acesso de bichos, pensou alegre na possibilidade de levar Bop de pelos peludos-de-urso caso fosse entrada como docente profissional. Levantou a cabeça, avistando-logo o cartaz escrito:

*sentado tranquilo sem fazer nada
a primavera vem
e a relva cresce por si mesma.
Roland Barthes⁹*

Decidiu anotar o autor. E vê a parede aberta à natureza ambiental, cheias esverdeadas e também achocolatadas. A paredes pareciam tão finas, tão translúcidas, permitindo uma visão fantástica praticamente o tempo todo. Surpreende-se ao avistar papagaio, macaco, gatos. Lembrou-se e voltou atenta à fala do Sérgio que comentava sobre o intermédio de signos não por abstrato do abstrato, mas sim abstratos que viram sentidos concretos. Decidiu anotar em seu caderno: PROUST e voltou consciente ao Sérgio:

– Entre nós, debatedores da escola, em “linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea”, que veem e abraçam de verdade mundos diariamente conceitos, desconceituais

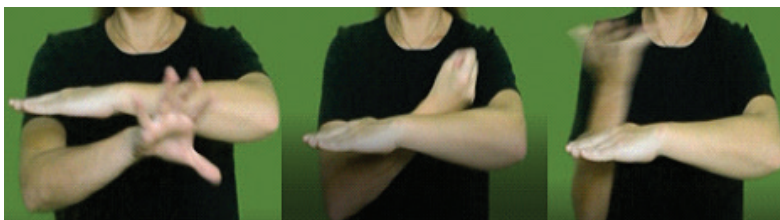
⁹ BARTHES, 2004b, p. 477

e desconceituais, sem pré-conceitos. Ou sem pós-conceitos, vemos e trabalhamos com práticas desestruturadas e múltiplas de pensar, de falar, de sinalizar, de visualizar, agimos por desejos e reagimos por quedas, desvios “colocados pela imaginação poética” (BACHELARD, 2008, p. 183). Nossa escola trata de esquecer os saberes sinais e conceituais que julgam como certos-errados, pois somos de subjetividades-objetividades criatividas e estamos em signos de que movimentam-acontecem em si. Próprios escritores-sinalizadores-educadores-educandos de sentimento-acontecimento. “Fora de toda doutrina, esse apelo é claro: pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica” (BACHELARD, 2008, p. 185). Realidades específicas, singulares e objetivas, modos múltiplos de maquinar-se. “Há verdades [e falsidades] a serem descobertas nesse tempo que se perde [e ganha] é o resultado essencial do aprendizado” (Deleuze, 2003, p. 20). Aprendemos e desaprendemos por meio de realidades de signos, imagens, espaços, estando profundos ao espaço-tempo, ao plano de criação. Cito Yoda escrita-preenchida de muro da rua daqui: DESAPRENDA O QUE APRENDEU. “É, assim que, de modo dramático, nas aulas-sonhos revelam-se os humanos instintivos, não como subprodutos somáticos, resultados de automatismos psicológicos ou intelectuais, mas como inventores. Sonhos-aulas, ao modo ético do antigo estoicismo” (CORAZZA, et al, 2017, p.6).

Lisete entra intrometida, sorri ao Sérgio, com quem rapidamente trocou um sorriso, interpretou seu corte como uma breve pausa comum aos tagarelas, depois percebeu que estava agindo complementadora de nova ação:

– O direito, a liberdade e o dever de dizer-a-verdade valem tanto em palavrário quanto em sinalário, ao mesmo tempo interrogamos as verdades produzidas e fazemos-as novas inventadas. Praticantes de ética herdeira por antigos-tradicionais de “própria existência de todo o discurso filosófico

desde a Grécia até nós” (FOUCAULT, 2011. p.3). Praticantes de discursos de/em/entre “*trip* greco-latina”-contemporânea (FOUCAULT, 2011. p.4). Praticantes de ações científicas+filosóficas+artísticas, Discursos poéticos, discursos políticos de vidarbos, diria Sandra Corazza. Falo disso em razão de “bilhete” de alguém público questionando noções de filosofia e poesia entre Deleuze e Guattari e Bachelard, respondo que com eles, tornamos filósofos, poetas, artistas. Amigos de conceitos, inimigos dos que alegam ser verdadeiros. Amigos de poesias. Inimigos de poesias que obrigam o aprender por detalhes tanto sem sentido e fazem perguntar o que é. Entre nós, estudamos como poetizar, como filosofiar, como artistar, estudamos-disciplinamos-transcriamos por meio de múltiplas modalidades-de comos e de quando. “Pesquisar é criar, e criar é problematizar” (CORAZZA, 2004, p. 27). Pesquisar+aprender é criar, que cria aberturas de efeitos pensamentais, ensinar+aprender também é criar, que abre novos efeitos transcontemporâneos. Ação necessária e profunda de pensar. Também trabalhamos com que pesquisar aprendendo e ensinando-aprendendo tornem práticas biografemáticas em meio à extensão, à vida. Detestamos “todos os poderes ligados à tristeza, que transmitem a ideia de se viver em estado perpétuo de dívida infinita” (CORAZZA 2013a, p. 9). Imagens-espacos-tempos-passado-presente-futuro movidos, estudados, pesquisados, aprendidos a ensinar+pesquisar em novos tempos diários. Signos, conceitos, ciências, filosofias dirigem aos nossos olhos a aprender e criar. Sempre nos desafiamos diferentes de diferenciação nova-rizomática.



6 Sinal Arte (DINARTE, 2017).

Primeira foto: Designamos-indicamos matéria vazia, neutra. Segunda: transformamos em matéria traduzida, e terceira matéria transmutada. Outra arte conceitual, plano de referência, de composição e de criação (DELEUZE, GUATTARI, 2010). Sim, nossa didática de tradução poética. Nomeamos em outro sinal gráfico de filosofia: movimento-acontecimento, sinal filosófico-poético que faz a língua ser banhada por águas diariamente passadas.

– Grato, Li. Recebemos outro bilhete, questionando qual método que adotamos aqui na Escola e quais funcionamentos funcionam, e se existe o PPP. – Saiu Guto, ignorando a pergunta que a Carol fez de que significados guardam as letras PPP, que olhou focada na figura de Sérgio, sinalizando projeto político pedagógico e depois de expressão de “ahhhhhh”:

– Política da nossa escola é poética da tradução, poética do espaço, currículo-didático da arte. É simplesmente Criação, complexamente de ciências-filosofias-artes (CFA). Temos nosso documento político-projetivo-pedagógico de CFA. Em política, apostamos no método de criação. “Método é entendido, aqui, como meta + hodós (= por essa via): “direção definível e regularmente seguida numa operação do espírito” (LALANDE, 1999, *apud* CORAZZA. 2013a, p.103). Ora em cada corpo-espírito de imagens-tempos-espaços, sentimos-movemos-metodizamos em/entre/para política de vida: nada sobre nós sem nós. Sabemos que nada sabemos de saberes passados. Não sabemos ser sujeitos-objetos de Toda História e Toda Geografia, somente de saberes últimos, poderes últimos, agentes últimos, mas sempre em continuidade, não dependentes da continuação de que signo é conceito, de que conceito é signo. Educação dupla de si mesma e de além de si mesma. Com imagens-tempo corazzianas-deleuzianas-foucaultianas, aprendemos-estudamos- ensinamos-pesquisamos- disciplinamos nós mesmos virtuais-cristais-gestuais. Com imagens-movimento, estamos construídos-desconstruídos-transconstruídos em/de/para atualidade. Gestão ativa por pessoas intelectuais da diferença. Sujeitos-objetos

semelhantes e diferentes (ao mesmo tempo) um com outro em termos intelectuais, afetivos, afetuosos, desde sempre, em novidade. Pois então, em palavras deleuzianas: “tais signos implicam sínteses ativas, isto é, a passagem da imaginação espontânea às faculdades ativas da representação refletida, da memória e da inteligência” (2006, p.83). Somos também metodológicos além de palavras, de sinais, de ações, expressamos ciências úteis por meio de ciências de arte. Assim, nos tornamos francos. Aqui temos vidas de militância do bem, de passividade positiva, de atividades ativas. Acontece também que caímos-cegamos assumidos de atividade negativa-impotência, e nossa escola nos estimula, nos provoca, nos fazem potentes-afirmativos-éticos de nós mesmos. A ciência sem arte é manca. A filosofia sem arte é repetida e com arte, diferenciada. Escola metodista+atualista se presentifica própria pesquisa+ensino+extensão. Ou chamemos método de prazer-gozo-fruição. Espírito movido de criação. Metacriatividade. A partir de ciências, na disciplina curricular-filosófica de Libras, por exemplo, língua de sinais é transversal e puro acontecimento enquanto funciona em línguas escritas, gestuais e poéticas. Universais-biografemáticas. Moventes movidos em intensivismo. Historicamente os escritores, filósofos e artísticos que produzem imagem-cristal que variam ciências, filosofias e artes entre si. Aula transhistórica, signos-espacos-tempos funcionais-conceituais-criativos. A nossa Escola ama conceitos filosóficos-artísticos de pensantes ao modo de repetição-diferenciação, de tradução-transcrição. Isso seria um método ativismo, animismo. Apostamos no método educacional-criativo de/em/entre/com Valéry, Deleuze e Corazza (2013a, p.56).

Educação profunda.

Se as “tradições ou práticas escolares não nos impedissem de enxergar o que é e não reunissem os tipos de espírito segundo seus modos de expressão, em vez de reuni-los pelo que têm a expressar, uma

História Única das Coisas do Espírito substituiria as histórias da Filosofia, da Arte, da Literatura e das Ciências”.

– Grata, Lisete, bem, nos governamos governantes de direitos humanos, espirituais e intelectuais. Essa herança-criação corraziana desde sempre. Metodistas de si mesmo, de nós mesmos, de nossos eus sucessivos-inventivos. – Deu-se uma pausa, olhou o público silencioso, viu uma mulher de cabeça abaixada, focada, escrevendo algo, avistou colegas preparando portas de saída, lembrou-se e olhou Guto que lhe fez sinal de cabeça, entendendo a vir encerrar.

– Nós agradecemos por vossa atenção, no próximo encontro XIX, trataremos de outra relação com pesquisa-ensino, gestão e extensão. Em dimensão corporal-espiritual, pesquisamos a partir de nós mesmos e ensinamos para nós mesmos. Daí donos da Criação. Grato.

O público que o assistira caracterizava como: o presidente triplo de escola, universidade e associação; o implementador de escolas integrais em Tempo Real; o gênio de filosofias políticas-curriculares; um gênio de filosofias contemporâneas. De vista próxima, turmas da Criação se espalham e saem em direção à porta do ônibus, transporte público exclusivo para estudantes da Escola Contemporânea-Criação. Garota-mulher Samie se dirige ao lugar livrário, e logo se atrai capa ousada da cadeira marcada-monstruosa em cores, distraidamente, de repente esbarra em Mariana:

– Opa...

– Sorry.

– O que é este livro?

– Livro comentado ali do evento... não estava lá?

– Ah, massa. Estava sim, mas sai, acabei voando. Pena não conseguir vaga.

– De que?

– Inscrevi-me interessada ao trabalhar aqui, coisa diferente, tipo outro de entrevista, de produção, aí escrevi segundo suas orientações conceituais e disseram-me que eu não batia com o perfil da escola.

– Quais orientações?

– Lembro pouco, bem, algo assim, ciências, arte, filosofia... lembro não mais.

LIBRIANDO ESCOLA

– Que escola é esta? Perguntaram-me, como podemos responder a isso?
– Questionou Lisete, que observara o público da Criação e direcionou-se aula aos estudantes universitários (de instituições parceiras) e escolares-donos da Criação:

– Fazemos um pouco jogo didático de tradução: personagens referenciais, composicionais, esquizofrenicas, sujeitas-gozadas e criativos, conceituais e criados por figuras estéticas (DELEUZE; GUATTARI, 2010). É feita de esrileituras biografemáticas onde...

– Tornamos. Tomados como personagens formadas-sentidas de logos e dramas, linguísticas-curriculares-culturais- didáticas-educadas-educadoras por meio de...

– Corpo organizante a organizador em gesto.

– Em ação primária-pensamental.

– Mas, Alice, parecemos aqui menores gestos, escrevemos enquanto esrilemos signos, imagens e espaços, são gestos maiores?

– Quando terminamos de terminar ao formar um bloco espirito-mente-corpo-mundo-pensamento-acontecimento-movimento...

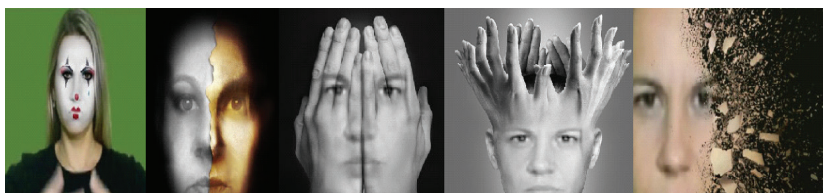
– Mas tornam ações menores...

– Menores tornam maiores porque não? Didática de tradução. Poética de tradução, de línguas, culturais e artes.

Os colegas voltaram olhares a Alice. Estava posicionada calmamente, em estado sereno. Gestualizou algo à Lisete e esta balança as mãos e a cabeça acompanha o movimento, sabendo que este seria um momento proveitoso, de memória e inteligência, para dar corpo aos processos de criação:

– Sinal: ESCOLA CRIAÇÃO (configuração de mão de cima significa casa ou estabelecimento caseiro, entre estrangeiridade de signos estrangeiros a familiaridade de espaços poéticos-artísticos-éticos). Então o que Lisete acaba de demonstrar é a imagética de que podemos criar o terceiro grau-traço-sentido. Logo, língua é currículo. Cultura é didática. Educação é arte, por exemplo. Jogos de três sínteses; três regras; três princípios; três modos; três produções; três mandamentos em diferenciação. Regra de três simples. Cria encontros com um quarto grau-traço-sentido que não traduzimos ainda em um problema, pois, por enquanto, conhecemos apenas três deles.

– Gostei gostando, Alice. Temos também método curricular-didática de tradução conforme Corazza (2015c, p.1): I. Pensamento de partida. II. Imagem dogmática do pensamento (IDP). III. Problema ou campo problemático. IV. Reversão da IDP. V. Plano de imanência ou nova imagem do pensamento. Jogo-me jogando jogada: I. Criação. II. Criação é cópia-recópia de copismo científico. III. Criação já é ato de problematizar e desproblematizar. IV. Criação é criar-ciente-conceitual-gestual. V. Imagem a seguir:



7 Montagem de autora: “proliferação”.

Alguns estudantes em velocidade lenta, outros, em violência de EIS. Em combinação, decidem seguir primeiro o método triplo de criar, depois de repetir-diferenciar-criar. Lisete sentiu aliviada, sabendo que poderia contar com coordenação pedagógica que Alice assumiria, e saiu da porta para aproveitar momentos outros, agradecendo a estrutura-sistema da escola. Vantagem de fazer mais, outras coisas para si mesma, e para Alice, estudante de graduação Filosofias da Diferença e Educação, vantajosa de aprender-ensinar, sujeitada e objetivada naquele meio universitário, em meio à escola. Em aula, Alice conversa com alunos e em alguns minutos, saírem dali para que se detivessem no primeiro método ou segundo método para se espalharem em diferentes lugares, pesquisando-estudando sob que regra de três-quarto-quinto. Enquanto Lisete, em conversa com Sérgio e Sandra, segura algo em formato A4, percebeu estar sendo observada pela Alice e a chamou se aproximar. Não seria para condenar seu ócio. Lisete entregou-lhe aquele papel A4, sinalizando que era uma carta de alguém com pretensão de fazer parte desta escola.

CARTO-BIOGRAFEMISTA

Aberta a ser lida. Depois destruída. Sempre lembrem de que todos somos destruidores de nós mesmos. Claro, os construímos, mas não os mesmos de conhecimentos conceituais anteriores, e sempre de saberes presentes, sem palavras de Status Julgador. Tudo queimado, desde fervemos sentidos. Ao ver-tocar qualquer signo ou conceito, pensem não interpretando conceitos, mas os criem em significações últimas. Efetuações, não de causas-fatos, mas de fluxo científico-artista.

Às vezes (esse “às vezes” também é senso comum...), será que estou correta? Serão as origens corretas? Sou-estou-viva errada de ciências fixas e corretas-amigas de ciências e artes filosóficas. Todo mundo é correto

desde que se ache apropriado e incorreto quando se ache não apropriado. Sinalizamos-movimentamos-acontecemo-nos. – *Mas precisa existir Ciência que comprove!* – Sim, sem dúvida, é comprovada-efetuada quando vivemos cientistas-cientes da diferença. Por exemplo, sinal é errado, é certo, Palavra é certa, é errada, porque tal fulano falou outra palavra certa, outro fulano contradiz dizendo que sua palavra é certa. E um bicho diz que todos são errados, estão amarrados como marionetes das ciências exatas, influenciados por pessoas e coisas da sequencialização como repetição, “adquirindo”, fazendo “aquisição” de conhecimentos e de status. Nas aulas, nos eventos, nos cursos, tudo é preciso repetição-diferenciação entre ciências ultimas, não entre hierárquicas verdadeiras, tudo é abstrato. Cientista em um bom equilíbrio físico, emocional, racional. Cientista de filosofias e praticante de artes. Cientistas de artes e praticantes de filosofias. Só assim funciona o mundo de transmutação.

Transmutação, eu vejo pouco em lugares físicos. Ando de bicicleta, percebo quanta complicação, quão uso acessível, seja bicicletários, cadeirantes, idosos, crianças, são, esses aí, número que poderia causar efeitos conscientes, mas o Governo é educado por herança-repetição. Transmutação, vejo pouco em instituições, entidades. Tudo categorizado e segregado. Ativistas-políticas? Muito de discursos e pouco de práticas. Conceitos que se esvaem de sentido, tornam-se vazios e inférteis. Conceitos e implicações éticas-estéticas-existências por meios vitais.

Educamos-nos em tempo-espaço do pensamento presente, entre tempo-espaço do passado e futuro possíveis ao tempo de atualização. Existem comunidades, uma se une interpretando e falando de terceiras pessoas e de terceiras coisas, não de si mesmas ou de si segundas, outra que dobra por forças somente exteriores, interpretando e imitando enquanto não se cria e a terceira comunidade é de signos, conceitos e acontecimentos em formação e em mutação. Se as duas primeiras comunidades pudessem se abrir sob a consciência (com ciências) de filosofias e artes, experimentados

seríamos todos brasileiros felizes. Mas estamos feitos de energias maiores de Negação à Cópia e refeitos de Afirmação à Criação. Potências de lado claro e outro escuro. Algo escuro, triste e amargo pega fácil, se contagia. E entram filosofias também amargas. Para atuar com elementos dida-artistas, educamos por meio de filosofias alegres, para depois de virarem mais forte acerca de artes tristes. Mesmo assim, isto e mais aquilo de potências ativas-alegres em êxito puro. Assim, já é a mudança, a mutação e revolução diária.

FANTASIAS PARTILHADAS

- Ah isso é Filosofia!
 - Como é?
 - É profunda.
 - De que?
 - Ciências, pesquisas, conhecimentos...
 - Ciência profunda? Mas filosofia já é ciência.
 - Ciência original, importante, valorizada...
 - Hum, vimos muitas ciências, vemos poucas artes, não?
 - Eles precisam de Ciências.
- Bloquead@. Apagad@.

∞1

- Ah isso é Filosofia!
- Como é?
- Muito estudo.
- Sim, mas pouco efeito.
- Como? Filosofia é erudita.

- Erudita de que?
 - Sabedoria
 - Sabedoria de como?
 - Ciências.
- Não respondido mais.

∞2

- Ah isso é conceito traçado!
 - Como é?
 - Um eu pensante-imaginante-agente, algo mais de fundo...
 - Fundo de que?
 - Algo imaginativo que move signos sentidos e cria outros novos-sentidos...
 - Depois de entrarmos-andarmos mais fundo, fazendo nós de derreter algo, liquefazer, inventar...mas criar?
 - Tipo saber-fazer conhecimento presente e agente...sociedade, comunidade, escola, família, tudo isso provoca a ligeira construção de conceitos singulares de si mesmos e coletivos além de si mesmos...
 - Sempre em prol de atualização de conceitos sentidos-vistos-rationais e de pele, Valéry citado de muitos lugares, disse que pele é a mais profunda. EIS fundos funcionais enquanto AICE operam profundidade tanto de mente quanto de pele.
- Amigos desde sempre.

∞3

- Filosofia, ferramenta poderosa para a transformação.
- Ah nada de cientificidade, pois já estamos traçados-conceituais em torno repetidor e retorno diferenciador.

– Filosofia parte de ciência e sai de nova ciência. Cientistas de filosofias e artistas de ciências.

– Para que precisamos de discursos, se temos mãos e pés para agir e dançar?

∞4

Nem eu também nem sei o que é filosofia em única definição. Filosofia é um 8. Nem começo nem fim de significação. Dizem que significa amor pela sabedoria. Filo, de grego, amizade, amor, fantasia enquanto sofia é saber, conhecimento, conceito. Talvez filosofia é função gostosa de saber e saber gostando, algo assim. Deleuze e Guattari são muito citados, por escreverem que a filosofia é a produção de conceitos. Há outros autores que os complementam. Muitas existências herdeiras de várias arqueologias-genealógicas-éticas repetidas-diferenciadas-artísticas e documentais-monumentais-limites. Poucas existências de artes que funcionam e criam entre linguagens, passagens, praticagens, paisagens e...

∞5

“Ah você leu muitos livros, por isso você conhece de filosofias”, não sei, com linguagens transformantes com que aprendi e aprendo criando. “Genialidade”. Sinto mais memórias e criatividade. Sabor por invenção, isso sim. Invento desde início-fim em ponto, de plano, entre desvios. Ingênuo da Ciência Única seria alguém que interpreta e vive sob mesma representação. Digo também, não existe Filosofia, existem filosofias, pois são simplesmente conceitos impulsionados por visão terceira.

∞6

Traducción: literatura y literalidad.

“La traducción refleja estos cambios: ya no es una operación tendiente a mostrar la identidad última de los hombres, sino que es el vehículo de sus singularidades” (PAZ, 2009, p.10). Tradução: literatura e literalidade. Tradução de Doralice Alves de Queiroz. “A tradução reflete essas mudanças: já não é uma operação com tendência a mostrar a identidade última dos homens, mas um veículo de suas singularidades” (PAZ, 2009, p.11).

– Homens? Humanidades? Singularidades animais? Hombres, dominadores-singularidades do prazer, não seriam obras de singularidades-subjetividades-objetividades da fruição? Homens e obras? Identidades-diferenças últimas dessa humanidade...

– Ora, veja “já não é, mas é”, ele fala de Homens metafísicos. – Alertou a Professora do português-padrão.

– Ora também, entre na dança, são nós homens e mulheres igualmente diferentemente metafísicas, metacríticas e metacriativas, ou só sou eu dançarina de signos complementares e editada em multiculturalidade-literalidade da paz!

∞7

Devoradora de carnes cortantes textuais

Alertadora de acasos

há momentos-conflitos entre palavras-sinais-coisas que sentem e odeiam-se

palavras-sinais-ações que sinalizam e gestualizam!

pensamento-movimento-acontecimento puro e agido.

∞8

Não manista de “pintar” Verdades

Manista de pintar verdades-falsas e fazer cera com ficções-reais
Manista de se colorir entre/em/de próprias verdades-falsidades, não
da Verdadeira/Falsa.

∞9

Quando olha o céu estrelado,
vê uma estrela, imagina o querer de sentir entre ele.
Do mesmo modo que quando traduz em pensamento,
imagina, desde queridos signos aos signos do querer-acontecer.

∞10

– Belo conceito? *No*. Belo conceitual!
– Conceito belo? E feio.
Ora transcreve-te conceito histórico que ao mesmo tempo se maquina
a maquiar.

∞11

– Oqqquuuuêééé
+Okkkkkkkkkkkkk

∞12

– Bem feito.
– O quuuuêêê?!
– O que o que?
– Bem feito? Idiota!
– Seria você idiota? Pois falei o feito de que foi bem bom.

∞13

Com intenção e decisão de comprar manteiga ou nata, a mãe prefere nata e me pede para ver o vencimento. Pergunto: venço em movimento? Ela ri e complementa: Validade. Respondo: encontrar nata de tanto valer?

∞14

Comunidade do senso inexistente e comunidade-subjetividade-objetividade. Esquece-te nômade. Lembra-te que comunidade deriva de comum, subjetividade de sujeito, objetividade, de objeto. Sujeito-objeto-comum sanguessuga = comum-senso inspirado e expirado? A única regra de filosofia é tornar e retornar peg@-tocad@-mutad@. É como chocolate da marca STAR5. Ciência é como pão de farinha e água, filosofia e arte, assados e de cacetinhos. Gasto bem gasto de bachelardores: intuição do instante. Instinto. Impulso. O impossível. Tornamos impossíveis de imitação e possíveis de reintuição.

∞15

Escrito-sinalizador em Libras (antes Libras icônica, depois tradutória) e o expresso de português:

#Precisa compra produto.

1. Veja perfume.

1. Creme Moveis.

1 Cloro Veja.

1. coala

– Português tão ruim.

– Português escrito ou falado?

– Ora, está escrevendo errado.

– Espera, porque te importa com “norma culta”, ou seja, gramática “correta”?

–Olhe bem a ausência do acento e do verbo de comprar...

–Julgas tão certo. Ora, atente para desconstrução desse seu pensamento...pense em novo conceito do que é uma ciência da diferença portuguesa? Te ponto dentro de justiça: Lei Bullying e Leis de Libras. Lei 13.185/2015: “Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)” e Lei 10.436/2002, “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”, e de 5.626/2005 (art. IV), “mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa”. [Vê dois pontos não mais usado? nova ortografia. Nova ciência], está aí nova filosofia.

∞16

Como é o escrever-texto sinalizado? Texto imagético de ações? Texto letrado? Derivado? PESSOA: criar-se. OBJETO: produzir-se. AÇÃO: fazer-se. Que texto? Aquilo. Isso. Isto. Qual texto? Infinitas? Finitas? Como entesar o texto? Como fluxionar? Produção de sentido da “afirmação, não florescimento” (BARTHES, 1987, p.30). Sim afirmação imaginativa. Não afirmativa de conceitos Corretos, pois vêm de traduções triplas de sentido. Sim florescimento-movimento-acontecimento por meio de escrituras ou sem escritos-lidos passados-futuros que não lhes pertencem.

∞17

Bate-se no queimar de conceitos já significados, queima-te metade do “Prazer do Texto” (BARTHES, 1987) e te cria outra metade do “êxtase da

novidade da imagem” (BACHELARD, 2008, p. 185). Diária dobrada de Ciências, Filosofias, Artes e diariamente desdobrada de ciências nômade-agenciadas, filosofiartistas e artistas-realizadoras. Mas esse desdobramento não move em ordens sequenciais, mas múltiplos, difusos, confusos, complicados, desacompanhados.

∞18



Mobius eterno acoplada com dobras exteriores e interiores. Mundos científicos de passividade e de atividade. Mundos filosóficos de passividade e de atividade. Mundos artísticos de passividade e de atividade. Que mundos são estes desses dos aqueles? Mais alto grau? Prefiro nomear, em outro nome, como um outro grau, elemento cinemagrafista e cinegrafemático. 3 graus composicionais de mesmo tempo presente virtual-real e inventores além desse tempo virtual-real-actual. Às vezes 360 de C+F+A com inconscientes que produzem consciência e composiência como tais. Às vezes 160, subconsciente, lendo-escrevendo sentida-percebida. Às vezes 90, perco-eu ativo-agente. Em zero grau, escrevo-me. Simples



8 Traços biografemáticos

EIS AICE no Texto das Maravilhas. Espaços avermelhados-grossos, como pontos de partida ao linguagem+pensamento, espaços pretos-grossos, os usamos como sem conceito, apenas significantes (de sinais:palavras+indocilidade) e fazemos bolos, os comendo, mastigando, reciclando. Daí somos de máquina-trator+liquidificador curricular de EIS (Espaços, Imagens, Signos) e tornamos didáticos fáticos=denotativos+conotativos de AICE (Autor-Infantil-Currículo-Educador) e tradutores entre/em jogos de/por denotação, conotação, criadores em prol de função fática+emotiva+poética. As possibilidades eisaceanas clarificam signo de ensaio. Signo múltiplo de ensaio e signo ensaiado por multiplicidades por vir. Ensaia-se em Espaço aberto, Imagética [imagem+ética]+ginástica], Signo Autor+Romanesco. Esse conceito último, foi partido-infantil do EIS Currículo da Educação. Currículo da vida= curso em vida. Educador por prazer e atuador por fruição, entre signos barthesianos (1987), por tradução e transcrição currículo-didático entre signos corrazianas (2013a,

2013b). Elementos de didaticário-ensaiário em determinados EIS AICE, escritos em seus tempos próprios de presente que pega emprestado passado e o cria futuro possível, como esta escritura. EIS AICE indeterminados de “instrumentos de cópia transmissora, mas “o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação” (CAMPOS, 2013. p. 4).

∞20

Rios dos “eus” passados, mas correntes. Subjetivamente e objetivamente, movem-se imagem-figura-cena de pensamento como “labirinto metafórico” que não se amacia no repouso da metalinguagem (BARTHES, 2005a, p. 250), nem da metapensamento da diferença, porque o quero artista. Um eu querido sempre de/em/para sentido ultimo. Distância de metalinguagem e fixidez da linguagem, estes se resumem como frequência a “sair de um embaraço intelectual por uma interrogação dirigida a meu prazer” (BARTHES, 2013a, p. 7). Escrevo este texto não de egoísmo prazeroso, ou “alguém que faz imaginações”, mas sim, inclusivamente, além disso, egoísta do prazer e da alegria. Alguém imaginário, imaginante ninguém. Nada abstrato ou tudo concreto. Percebo-me adjetivamente de um ego+queda (eu+ação) como aberta, livre, indefinida e trapaceada. Isso é um embaraço de se jornadasear. O jornadasear do embaraço textual. Um meu constante quebrar o paradigma teórico e inventar a partilha de todas as funções vitais simultâneas do Soberano do Desejo. Eu-sucessivo de imagem-movimento-tempo transformado por multidimensionais e em multiplicidades e depois torna escritor em papel. Papel rasgado, lixados, reciclados Forma-passa da unidade dimensional e singular? Ou inverto o desenho, em índice de obra-objeto, aquele que é singular que faz afirmar multiplicidade? Singularidade-multiplicidade-singularidade-multiplicidade...do *forever*. Agora não sinto mais um eu barthesiano nem sperbiano).

∞21

Signatura de aberturas a fechaduras. Há gente que briga por apropriação de signos. Há pessoas que se acham donos do Status Científico e comprovadores das comprovações comprovantes em comprovamento e comprovamentalidade. Entre nós, há amigos de filósofos e donos de criação em “artistagens, fabulações e variações” (CORAZZA, 2006).

∞22

– Feriado agora?
– Sim
– Hummm
– Ué não esperava ansios@ por esse dia?
– Você espera por coisas que estão longe de acontecer no presente. Não espero pela vida inexistente. Apenas a vivo.

∞23

– Querida...
– Muito.
– O que? - Risos.
– Um mil, querido eu...
– Acho que entendeu errado...eu chamei você de...
– Creio não, é tu que escreveste imagem representativa errada...
– Poxa, não entendo porra nenhuma.
– Não gozou hoje?
– Querida...

Bloqueado. Apagado. Feito por preferência de passar-perder-sinalizar espaços-tempos-signos com pessoas que significam não vida de Outros -

que mortificam nossos seres-teres-viveres, mas em própria vida que vive vida vital.

∞24

Libriando. Subjetivador-objetivador-arquiescritor. Configurações eisaiceanas da transcrição em educação.

“O *eu* de quem escreve *eu*
não é o mesmo que
o *eu* que é lido por *tu*” (Barthes, 2004a, p. 21).

∞25

Método bigeométrico
Método de criação dupla tripla
quarta quinta e assim por diante.
Método de duplista criativa
Mudava de noções conhecendo
Inventava novos desconhecidos
Mudava tensa de noções traduzindo de sinais simultâneos em palavras lineares.

Gostava espírita, gosto de verdade e amo-me criativa.

Obrigada não mais. Grata desde sempre. Gracias, vossas *ninas* de infância,

De adolescência ingênua de signos

De vida pura de um eu, alegre.

E madura de si.

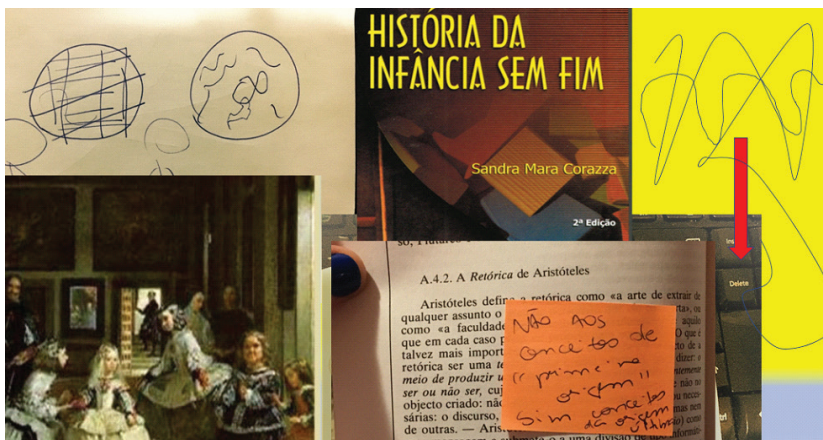
Fim não mais maduro (libriando).



9 Um simples dedo

Montagista+autora: Sinal minúsculo ao simultâneo. Um dedo do meio apontado fere orgulho de homens e machuca os de mulheres sensíveis. Esse dedo duro (o mesmo do meio _I_) provoca riso cômico de bobagens-artistagens. Um dedo de “isso é errado”, ou “isso é certo”, faço esses dois dedos de torcimento, destornado de Corretagem ou erradagem fixa. Certa escrita e, ao mesmo tempo, tradutória errada erradçada de espaços-tempos-signos. Tornados infantis e retornandos infantis-próximos: Vai à merdona da beleza.

∞27



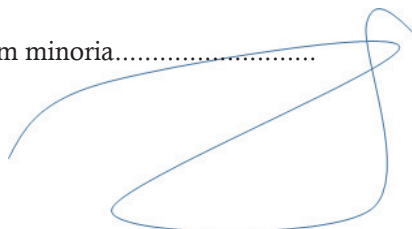
10 Montagem de fluxos

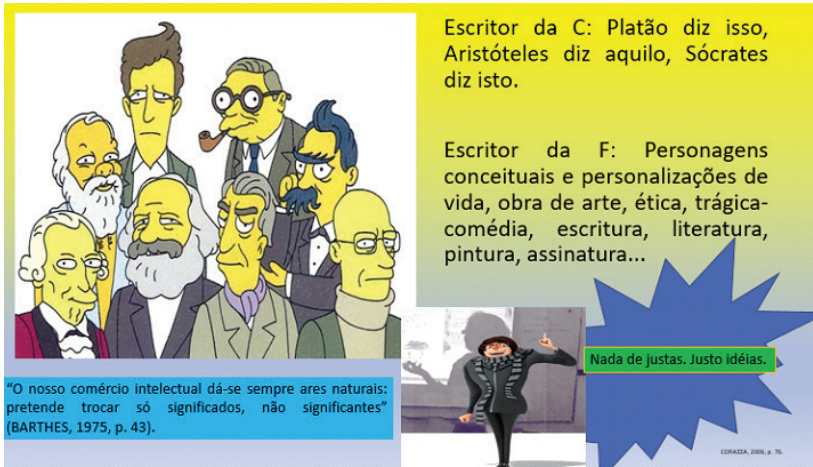
APERTE [DELETE] |

∞28

- Sim e não.
- Alegre e tristeza.
- Essência e intuição.
- Imaginário e representário
- Maioria e minoria.

Mas ainda [des][re][trans]continuamos em minoria.....





11 Montagens da autora.

(BARTHES, 1975, p.43; CORAZZA, 2006, p.76)

– Um desafio gramático em gesto: sinalizar “filosofia” como língua manual?



– E....? E/ou invente um novo “e” conjugado de verbal presente. Pensar+falar= presente, como?

– Como?

– Tu te desenhaste, certo, mas como se dá essa significação gráfica-manual-gestual-signal?



Filosofia é inverter as espectro-ciências e escriturar, cientes de elementos abertos-criativos. Verso de novos conceitos e reverso de conceitos novos. (sinalização).

– Está conosco aqui: nada de erudições signais ou conceituais “justas”, cada um é signador em signos últimos.

[Método cinestésico+autocrítico adorniano, 1995).



Alice terminou de dobrar os papéis criativos de alunos metódicos triplos-herdeiros, guardou na Caixa Poética (de jogos-atividades curriculares-didáticos), sentida de peles profundas, anotou figuras-slides e desenhou ++ (símbolo de atividade mais ativa“, escreveu as bases práticas-teóricas de Barthes do livro *O rumor da língua*, anotou imagens de corpos-imagens [de/em/entre/para/como CFA]: Fórmula básica!– Pensou ela satisfeita com a formação e a produção discentes aos docentes, viu-

¹⁰ Linguagem-e-pensamento, fazendo circularidade manual, indicando espaços gestuários por meio de olhos, ou coração, ou cabeça, ou fezes diárias de máquina abstrata e dai banhos pintários a máquinas de arte.

se estar no paraíso, mais satisfeita. Entra a invasora Carolina, alertando apresentação da direção escolar à nova docente, Samie. Alice reacorda, meio assustada com o gesto ligeiro, vendo apenas teu rosto e tronco (de homem com pernas de cavalos), e depois percebeu que estava de patins, andando-passando como mulher-fênix mensageira. Ao seguir seu rumo, encontra-se Samie de cara branca e de olhos arregalados. Alice toca-lhe o ombro e pergunta se precisa de alguma coisa.

– De certa forma. Estou um pouco sem fôlego (também sem jeito). Há pouco, ao chegar, vi uma pessoa subindo, como fosse fazer trilha no prédio, corri gritando, pensando no pior das sínteses suicidas. Aí percebi um jorro de risos ali. Estava o maluco em cima desta aqui, sorrindo e sinalizando: – ora! Aqui é o educador-super-aranha!!!

Alice deu um riso gentil e esticou corpo-olhado a Samie como se fosse um sinal para que passe pela frente, enquanto Samie surpreende-se passista entre vários muros de capricho e preenchimento traçado de EIS AICE. Indo ao túnel em direção ao espaço amplo-palco. Há ali perto de atrativas vistas aos diversos jogos-espacos de se exercitar-divertir-gozar, como pula-pula, pernas torcedoras entre corpos, posições de Yoga, corpos fazendo rolos. A nova dona vê o grande público e questiona:

– Intervalo?

– Não existe recreio, tudo se mistura conforme cada natureza e energia que lhes convém.



– Nós da Direção, equipe e donos da Escola Criação desejamos boas-vindas a Samie. Geralmente, em cada encontro, trabalhamos de

corpo-mente em silêncio absoluto, daí nos tornamos particular-pragmaticamente autores de instantes, fazemos dramatizações em literatura, romance, poesia etc. Guto é responsável por atividades de saúde e também de gravação de filmagem. Cada encontro se torna material de estudo, aula pública e registrada em nossa Videoteca chamada Mãos Caras. – Estendem braços do Sérgio semiabertos à Carolina como fosse a vez dela de sinalizar:

– Escola curricular-didática da tradução, composta por tradutores que se envolvem “com as inúmeras possibilidades de escrever e criar um sentido análogo – e curiosamente múltiplo – (PAZ, 2009, p. 5) à educação da diferença (CORAZZA, 2002). Simplesmente em prol da “diferença última e absoluta” (Deleuze, 2003, p.38). Estamos agora com Lisete.

– Somos escolarizad@s não de docência-discência mecânica de diferenças sistemáticas, de “livre-docência” (AQUINO, 2009). Docência ativa-livre de pensar-aprender-pesquisar-ensinar; discência também ativa-livre de visualizar+observar=estudar+analisar=significar+criar. Trabalhamos com/entre procedimentos de múltiplas direções e, às vezes, transversais, às vezes universais, às vezes versões repetidoras de diferença e de arte. Aulas cheias (CORAZZA, 2012a, 2012b). Conhecimentos-estilos sistemáticos como redações eventuais, biografistas, geografemáticas, ensaios resistentes, leves, experimentações e formações transcurriculares, dramatização de/em/entre/para mundos pensamentais, poesias derivadas além de criadas, querer-escrever de romance, romance do desejo-fruição sentir. Sim, Samie? Alguma dúvida?

– Sim, nossos estudantes da escola trabalham com produção de artigo e resumos em eventos científicos?

– Sim, sempre circularidade de ciências, mas, de diferenças, ou de filosofias, ao mesmo tempo, inversões e multiversalidades. Negamos tradição da repetição conceitual, afirmamos a tradição da diferença conceitual. Além disso, encontros produtivos entre amigos-colegas-

criativos de Ciência-Filosofia-Arte (CFA). “Os gêneros de conhecimento são modos de existência, porque o conhecer prolonga-se nos tipos de consciência e de afetos que lhe correspondem, de sorte que todo o poder de ser afetado seja necessariamente preenchido” (DELEUZE, 2002, p. 64). Preenchido desde sempre educação pura. Equipe formada-esquizofrênica-transformada da arte, com Deleuze e Guattari (2011), às vezes nos tornamos neuróticas de teorias de tradução-invenção-transcrição, às vezes psicóticas de ciências dessas teorias e, porém, sempre em regime esquizo-rizomático. Temos nossos professores gestuadores da escola, Carolina ministrante de romances biografemáticos em gesto; Luiz, didata-filósofo do Gesto (DINARTE, 2016); Samie, educadora-pesquisadora entre CFA; Alice, que ao mesmo tempo é estudante universitária, atuadora-formuladora da regra dos três; Lisete, sou eu, signadora-escritora do método deleuziano contemporâneo, Karen, gerente-escolar e fiscal de aulas “intempestivas” (NODARI, 2012). A escola se ativa por forças afirmativas-difusas-parcerias entre Sandra (CORAZZA, 2015¹¹), multiplicadora de docentes-discentes universitários; Idalina, produtora-ativa de corpo-mente-espírito valeryano e estudante-escritor-educador (EEE); Pollyana, noodramatizadora do arqui-arquivo- curricular-escriteiro; Fabiane, inventora-jogadora de didáticas escriteiras, todas professoras-colaboradores da escola Escriteiras. Todos somos estudantes-educadores-extensionistas que assumimos a responsabilidade

¹¹ DIDÁTICA DA TRADUÇÃO, TRANSCRIÇÃO DO CURRÍCULO: ESCRILEITURAS DA DIFERENÇA. Trata-se de Projeto para Pesquisa de Produtividade do CNPq, correspondendo ao exercício quadrienal de 2015 a 2019. A Pesquisa prosseguir, complementar, correlacionar e consolidar a formação de professores-pesquisadores, os resultados e impactos das produções de três pesquisas, por mim anteriormente realizadas, no decurso dos últimos quatro anos (2011-2015), quais sejam: Estágio Pós-Doutorado Señor (CNPq, PDS); Pesquisa de Produtividade 1D (CNPq); e Observatório da Educação, Projeto Escriteiras (CAPES-INEP), no qual exerci a coordenação geral de quatro Núcleos (UFRGS, UFMT, UFPel e UNIOESTE).

de indissociabilidade entre universidade e escola. EEE atuantes-atuadores por EIS, criadores de AICE. Sim, Samie?

– Uma pergunta só, como sou a docente, ao mesmo tempo aprendiz, obviamente, como faço o trabalho do EEE?

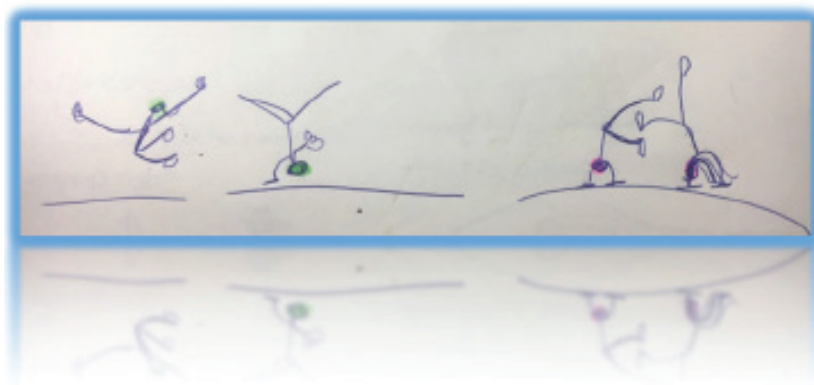
– Pergunta ótima, “Tanto na ciência quanto na filosofia, a inteligência vem sempre antes; mas a especificidade dos signos é que eles recorrem à inteligência considerada como algo que vem depois, que deve vir depois. O mesmo acontece com a memória” (Proust-Deleuze (2003, p.93), resalto que a relação de EEE não é só entre universidade e escola, mas também entre escolas escrituras, DIF, EIS AICE, fazemos gincanas, jogos de tradução e de criação, entre currículo-didática da tradução, transcrição do saber-poder-ética, escrituras de/em/para Gesto, entre ideias+práticas outras por vir. – Interpretou ligeiramente de memória de gosto sabido, estudante eterna do criar. Ex-aluna criança-jovem da mesmidade-mecanicidade e hoje, adulta de criancidade-infantilidade-maturidade. Essa pessoa, que se encontrou com livros da diferença, tornou-se criadora. – Pausou Lisete, em pensamento ativo, e se voltou ao real passivo:

– Temos atividades diversas por hoje, Guto te guiará para conhecer os donos da escola e reconhecer nossa escola. Encerramos por aqui, uma parte a outra parte para cada espaço do prazer-fruição. Bons passeios, e vocês, crianças, jovens e adultos, poetas de espaços-campos bachelardianos. – Suspirou Lisete ao perceber-se cansada de ter de conduzir, continuar em ação, e contente com o gesto do Sérgio oferecendo um copo de água. Sorrisos cúmplices de alegria compartilhados, desde sempre.

Após alguns minutos, formigas espalhadas enquanto Samie desce da grande concha, dirige-se ao longo corredor que dá para outro terreno amplo, visualiza os armários não de aço, mas de madeira, sem cadeados, abertos, com livros, cadernos, copos de plástico, aproveitou o momento de pegar um e encher na máquina de água ao lado, espiou rapidamente, caixas chamativas, poéticas, teve a ideia de pegar, mas resistiu. Lembrou

da vida eterna e imaginou o quanto era sortuda de trabalhar nesse lugar, de corpo físico, impulsionou o pula-pula ligeiro e sentiu o sentido da riqueza em vidarbo alegre. Percebeu-se ciente, em frente do Museu da Criação. De porta redonda- polo do colado entre figuras, fotografemas, imagens, textos, tantas materiais arco-íris, atraente-curiosa a entrar em intensidade, de repente, Guto a acorda consciente de si:

– É o lugar de ficar em sonhos poéticos, eróticos, trágicos, comediantes, talvez seja melhor aproveitar em outra hora. Vamos agora ao salão teatrologia. – Deu partida no motor, o pequeno-alto carro elétrico tipo de golf, enquanto Samie se sente uma turista ao avistar o paraíso esverdeado e achocolatado, vê a pessoa-mestre da ação, que orienta os alunos deitados, relaxados, segurando papéis, de vez em quando com a cabeça abaixada ao papel, interpreta: “Amantes de paradoxos e inventores” (DELEUZE, 2015, p. 9), e seguidamente os deitados dançam conforme significações rítmicas-musicais, alguns a sós, fazendo-se-a-si dançarinos, fazem torções de pernas coletivas-disciplinadas, em um tipo de ética.



12 Desenho da autora.

Linguagem de imagens foscas +pensamentais a artesanagem corporal+real+ciente. Corpo físico+intelectual=fruição inconsciente que flui em meio à arte, ao ar, ao vento, ao grama. Ciência essa necessária, pena ser oposta de que vejo algumas aulas de (para eles, seria “da”) Educação Física. Obrigações físicas, suores químicos de tensão, enquanto numa disciplina curricular humana ou exata, obrigações processuais-mentais. Elasticidade conceitual+artista (Deleuze; Guattari, 2010) = tensão leve. Elasticidade poética+espacial (BACHERLARD, 2008). Elasticidade de governo-si e de governos-eus+nós+eles (FOUCAULT, 2010a) em defesa de sociedade ética (FOUCAULT, 2010b. Tensão dramática a elasticidade cômica (BERGSON, 1983).

Samie, atraída pelos conceitos inventados pela atriz da aula, a vê como alguém que depende “sempre de um agenciamento de enunciação molecular, que não é dado” de si, assim como não depende apenas de representações “sociais aparentes, e que reúne vários regimes de signos heterogêneos” (DELEUZE, GUATTARI, 1995b, p.18), mais ainda, atraída pelas próprias sensações-afecções ao se imaginar sinalizadora, percebeu-se constrangida ao ver o Guto se fazendo olímpico enquanto sentia o peso das décadas.

Estava encolhida dentro do carrinho. Pensou que morreria feliz e atleta. Surpreendeu-se ao avistar o grande palco sem cadeiras hierárquicas, e sim o semicírculo, cheio de almofadas, pouco mais a frente, redes penduradas em cima, pensou que morreria feliz, vagabunda, vagapernas, vagabraços. Mexeu um dos braços ligeiramente na bolsa, pega caderno longo-estampado de figuras orientais-budistas-indianas-africanas e anota: memória de “educação proibida¹²” e educação da diferença (CORAZZA,

¹² Documentário “A Educação Proibida”. <https://www.youtube.com/watch?v=ceIuwmpyIX0>

2002), inteligências de educação livre, leve e rigorosa, produção de blocos-unidades-integrantes-teóricos eiseiceanos (CORAZZA, 2017), criação de CFA. O tempo de neutralidade iluminada (CORAZZA, 2002) signos (significantes soltos, neutros, e de sem sentido), logo tomamos suspeita absoluta (CORAZZA, 2002) acerca a signos (significantes-significados-significações). Imagens (imaginantes-imaginados-imaginários em gesto), máquinas desejanças de EIS AICE, de biografemas em biografemartistagens. Isso foi um jorrar bombástico de desafio da diferença pura (CORAZZA, 2002). Eu não existo. Eu faço-me existir, pensou. Fechou, com força o objeto de escrever e fechou mãos ao gesto parecido de “feminismo”: *Yes*. Feminista+criativa de palavras machonas. *Yes*. Percebeu sozinha e grata por não ser interrompida, talvez era uma das regras da criação espiritual em isolamento. Deleuze lhe responderia em justiça conceitual: “É essa noção de equivalente espiritual que funda um novo liame entre lembrar-se e criar, e o funda em um processo de produção considerado como obra de arte” (2003, p. 140).

CENALÁRIO+ESCOLÁRIO=POETÁRIO

A força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano. Assim é a também a força de um texto, uma se alguém o lê, outra se o transcreve. Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o comando do comandante faz sair soldados de uma fila. Assim comanda unicamente o texto copiado a alma daquele que está ocupado com ele, enquanto o

mero leitor nunca fica conhecendo as novas perspectivas de seu interior, tais como as abre o texto, essa estrada através da floresta virgem interior que sempre volta a adensar-se: porque o leitor obedece ao movimento de seu eu no livre reino aéreo do devaneio, enquanto o copiador o faz ser comandado. – Diz Benjamin traduzido por Filho e Barbosa (2012, p.16).

– Ele ensina algo de que possamos ser traduzidos de saberes últimos aos passageiros livres de imaginação, não é, gente?

–Somos experimentadores de algo dominado...

– O fazemos criador...

– De que? Primeiro leitor, depois escritor?

– Lemos, escrevemos e os sentimos por movimento-acontecimento-pensamento, daí escrevemos-lemos-sentimos ao sinalizar em algo verbal. Ação verbal. Verbo presente de agir e reagir. Ele “marca uma transformação no regime do pensamento da arte. E esse novo regime é o lugar onde se constitui uma ideia específica do pensamento” (RANCIERE, 2009, p.13).

– Mas que ideias específicas de pensar?

– É de dar-se especial ao corpo-espírito-mundo de traçar-inserir signos, imagens, espaços, tempos, ações que afastam de multidão de significados celestes-cristais-transcendentais e ao mesmo tempo, é traduzido de significações próprias. Ao dançar da expressão romanesca. Ao corpo dançante de dobradiças e de eixos manipulados. Corpo textual da desconstrução de sentidos. Corpo que inventa uma obra de própria vida. Não ao corpo celeste-doxista-dogmático-copiador. Sim ao corpo pedestre da vida-obra, este mesmo corpo. Corpo copiador-criador de ciências, filosofias e artes (CFA).

– Tantos signos sequer entendi.

– Mas quando e como funciona o corpo-espírito-mundo de nomear-interpretar-criar por meio de diversos ordens-graus-blocos de pensa-

mento funcional-produtivo-afetivo? Partimos da ciência de signo criação, que é referente a produção de conceitos e de afetos. Também partimos de arte funcional-produtiva-agente fazendo algo criar-interpretar-nomear? Vejamos um exemplo abaixo imagético, que é uma arte que faz nós sermos também artistas afetadas por afetos, os interpretar e os nomear?



13 Pulsing Collectively (LAPIAK, 2008).

– Se fossem meus pés, os faria pisar em cima de livro. O que isso quer dizer? É, pois, livro-obra escrita-sinalizada-passada, sendo pés presentes de eus-nós-eles do imaginário também, livros de *vidarbo* “como um programa operatório para texto, obra, vida” (CORAZZA, OLIVEIRA,

2015, p.11). Se fossem outros meus pés, também chutaria bem forte e dançaria pelo todo lugar daqui, *bye!* Quanto ao de interpretar-criar-nomear? Livro difuso de folhas velhas e construído por novas relvas criativas de um eu dentro e fora, de um outro eu subjetividade e objetividade, observador e observado, começo e fim, e assim por diante. Nome disso é o infinito. Inventemo-nos didáticos de criação entre textos, obras e vidas nossas e de outros. A seguir, a figura onde consta corpos-espíritos-mundos primeiros, segundos e terceiros a criar por meios mistos de ciências, filosofias e artes. Deleuze (2002, p.30): “a regra de três, nós a aplicamos, nós a consideramos um dever”. Depois, apliquemos o método de {Ciência} {Filosofia} {Arte}.



14 Ptolemy of Language (LAPIAK, 2006).

{C} {F} {A}	Ciência sujeita pela incerteza.	Filosofia inventiva.	Arte de transcriar
<p>Sujeito-verbo-objeto atuante de neutralidade e atuador de corpo-espírito-mundo próprio e último.</p> <p>De um lado, os nomes próprios singulares, os substantivos e adjetivos gerais que marcam as medidas, as paradas e repousos, as presenças; de outro, os verbos que carregam consigo o devir e seu cortejo de acontecimentos reversíveis e cujo presente se divide ao infinito em passado e futuro (DELEUZE, 2006, p.26).</p>			
{F} {C} {A}	Filosofia de Derrida	é uma Ciência desconstruída	por Artistas de torres científicas intensas e extensas.
<p>Sou-estou-vivo de artes inventivas e de conceitos desconstruídos-construídos-reconstruídos de tradições-tradutórias filosóficas passadas-novas-futuras.</p>			
{C} {A} {F}	Ciência nômade	é artista de racionalidades sujeitas-objetivas de cada repetição- diferença	que pintar.
{F} {A} {C}			
{A} {F} {C}	https://youtu.be/5FCRoD9jJDM	Sinalário de filosofias gestuais	e de científicas de tradição- tradução- criação
{A} {C} {F}	Objeto de chave	feito de aço? de ferro? de alumínio? de prata?	respostas duvidosas. Se formos direcionados ao chaveiro, saberíamos resposta parcial?

- Ei, faltou uma lacuna, *profê*.
- Estamos fazendo cenas de pensamento artístico, de que formas? Estéticas, poéticas, caóticas, criativas, éticas, inteligentes, potentes, afirmativas? Essa lacuna pode ser preenchida por vossos escrileitores?
 - Sim, desde “sempre uma operação literária” (PAZ, 2009, p.15), operação inventiva. –Diz Bay, a menina ousada da turma.
 - Mas, lembremos de que “tradução poética é uma operação análoga à criação poética, só que se desdobra em sentido inverso (PAZ, 2009, p.23). –Sinalizou Zack, grosso menino.
 - Sem dúvida, operamos-nos inventivos e criativos, daí criamos operações diferenciadas, mas como? De que modos? Deleuze (2015, p.33) nos complementa: “um nome que designa uma coisa remete a outro nome que designa seu sentido, ao infinito”.
 - Muito bem, ciências filosóficas feitas desses autores, como pensam e preparam para serem artistas desses conceitos e tornem cientistas de si mesmos? –Repetiu o Emmert, menino levado.
 - “No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p.23). – Carl, desligado de ciências exatas.
 - Que complexo, como te transcria? –Começou a navegar em mundos cristais de imaginação, visualizando parcialismo-roteiro de Corazza (2010) do EIS AICE, de repente percebe a turma a esperando para tomar ação coletiva e Carl sinaliza:
 - Então com citação de árvore-coração-raiz-axila-galho, no método de criar FAC, filosofia de Deleuze e Guattari mostra imagem sensíveis de pensamento. Entramos artistas como se fossemos árvores-autores de EIS diariamente escritores de próprias obras, às vezes quebramos galho de EIS, semeamos também, fabricamos folhas, também as fazemos mortas, sentimos vento, chuva, sol, trovão, isso tudo como raízes novas, novas artes, folheando contatos linguísticos-pragmáticos, daí os nomeamos-

conceitualizamos como noção de galho-axila como ciências filosóficas.

– Muito bem! Parece interpretar um dos pensares que antes pensei de atividades de EIS AICE, pergunto de qual herança você te herdou?

–Como? –Estranhou o sentido signal.

– Carl, você herdou herdeiro da herança verdadeira-pura-falsidade-atualidade. Inscrição de signos ingressos-expressos sempre é regressão de outros signos. Signos de repetição da ciência filosófica nos distinguem sujeitos-objetos virtuais-possíveis e os atravessamos inconscientes transcriados. Daqui, conscientes-signadores da diferença-artista. Com filosofia de tradutor Campos (apud CORAZZA, AQUINO, 2009, p.8): “quando é que seremos artistas, nada mais que artistas, mas realmente artistas? ”. Com isso,



15 CFA

Repetição- diferença- arte-limite.

Passado-futuro-presente-ao vivo.

Sujeito-objeto-verbo transitivos

Substantivo-adjetivo-verbo agentes.

Yang-ying-tao de si todo= eu-fragmentos.

Sinalizar, sinalizante-sinalizador de gestos.

Gestualizar, gestualizante-gestualizador de lembranças e sonhos.
Problematizar, problematizante e problematizadora de memórias e
inteligências.
Agir, agente-atuador de artes fantasiásticas-reais.
Bruxa-anja-diaba de educar.
Paraíso-inferno-terra de pesquisar.
Sentidos universais-lógicas-múltiplos-dramáticos.
Documento-monumento-arquivo de repetição a diferença.
Saber a ética ao invés de saber e Poder.
Ciência e Religião/ Ciência e Filosofia/Filosofia e Arte = arte a ciência
a arte.
Bondade passiva a ativa. Reversões a perversões. Velhice a infantilidade.
Moral a ética. Santo a louco. Conteúdo por linguagem-pensamento.
Espaço e tempo. Espaço a ação.
Identidade e diversidade. Identidade a diferença]]ção.
Da hierarquia acadêmica-categorizada-nivelada-segregada a amizade-
inamizade de EIS AICE

– Método de transcriar se constitui por linguagem-pensamento corporal-racional-agente e trans-constitui por procedimentos intensos-intensivos, extensos-extensivos, inventados-inventivos, derivado-derivativo, projetados-projetivos, topológicos-topoextensivos. Estrutura estrutural, a abertura construcional de construtivismo que “exige que toda criação seja uma construção sobre um plano que lhe dá uma existência autônoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 16), daí estruturalismo a construtivismo. Pesquisas Clínicas/ Pós-Críticas a pesquisas-ensinos-extensões transcíticas e transartistas. Arquivistas da repetição-generalização e da diferença pura. Arquivistas da repetição acadêmica, arquivistas-arqueológicas de diferenças filosóficas e arqueologistas-arquivistas-artistas de artes filosóficas, estéticas, literárias, poéticas, gramáticas, políticas de vida.

– Política de gestos. Interessante, método significa meta-tudo que é de saber-poder-ética de bloco conjunto-transversalizado, somos metativos, não é gente?

– Boa. Terminamos agora de nos jogar, didáticos, finalizamos com FAC, trabalhamos com isso, agora peguemos a caixa Poética, sim, Samie?

– Ciência de tudo isso é “por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio” (BACHELARD, 2008, p.18). “Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões” (BACHELARD, 2008, p.185).

– Boas teorias. Lembremos de que “não se trata de um pensamento seletivo, mas de ser seletivo” (DELEUZE, 1983, p. 80). Por favor, Emmet, a caixa? –Olhou o relógio que estava acabando aula, depois olhou ao Emmet que a interpretou e fez esse gesto. Papel sorteado e mais um olhar ao público a garantir atenção, mas já estava atenta, retorna olhos ao papel, em sinalização:

Signário de *comunicar* (agente de pensar). Leis de sujeitar-objetar-viver: Significante, significado, significação. Tradução, Transcrição, Arte. Signo, espaço, ação. Leis corporais-espirituais-mundos de comunicar? O que, como, qual, quando, onde, porque? Ciências e filosofias “para atingir o ineditismo” (CORAZZA, 2013a, p.77): Verdadeiro/falso de designação (DELEUZE, 2015). Verdadeiro de EIS significa “efetivamente preenchida pelo estado de coisas, que os indicadores são efetuados, ou a boa imagem selecionada”. Repito, verdade signal é o que

[...]significa que o preenchimento se faz para a infinidade das imagens particulares associáveis às palavras[sinais], sem que haja necessidade de seleção. Falso significa que a designação não está preenchida, seja por uma deficiência das imagens selecionadas, seja por impossibilidade radical de produzir uma imagem associável às palavras [sinais] (DELEUZE, 2015, p. 14).

Atividade de reaplicar as citações abaixo por meio de método de CFA e/ou criar uma cena dramática de verdade-falsidade e de falso-verdadeira.

I. “Mais valem os logros da subjetividade do que as impostoras da objetividade. Mais vale o Imaginário do Sujeito do que sua censura”. (BARTHES, 2005a, p.4). Comunidades caseiros de estudos poéticos a comunidades-agilidades poéticas.

II. “Resta dizer que o modo, de qualquer maneira, não tem outra potência a não ser atual: a cada instante, ele é tudo aquilo que ele pode ser, sua potência e sua essência” (DELEUZE, 1968, p.63). Noções: Modalidade+identidade-realidade-virtualidade-atualidade

III. Os signos se levam “pela urgência da comunicação e pela necessidade de adaptar-se a uma situação pragmática muito pontual” (ASLANOV, 2015, p. 17). Ciências de Deleuze e Guattari, 1995a, p.33: RIZOMÁTICA = ESQUIZOANÁLISE = ESTRATO ANÁLISE = PRAGMÁTICA = MICROPOLÍTICA. “Se a pragmática externa dos fatores não-linguísticos deve ser levada em consideração, é porque a própria linguística não é separável de uma pragmática interna que concerne a seus próprios fatores. (DG, 1995b, p.26). Que signos de urgência e de necessidade?

CENALÁRIO VERSITÁRIO+POÉTICO

E agora, entram docentes-estudantes de disciplina curricular-didática *Métodos de criação* formados em redondo gramado. Conversam-imaginam com/entre/em signos, espaços, tempos, imagens, ações e retornam agentes-todos, imagéticos-todos, temporário-todo, espaçador de signos artistas como pesquisadores-professores+extensionistas (PPE) de aulas ou lições

criativas. Encontrados em instituição supostamente chamada Associação de pesquisadores-docentes-discentes do presente e da diferença, associação do “estado desse ser, tomado como um campo de singularidades pré-individuais, e que, acima de tudo, é diferença e disparidade” (CORAZZA, 2008a, p.93).

Alguns sentindo sol sob seus rostos, preenchendo mundos entre lembranças involuntárias, infantis, autorais a manipulações imaginárias, ou espaciais-tempos+novos, uns escrevendo em mundos pensamentais de lembranças voluntárias aos sonhos imaginários, abusando de/em signos de sentido (DELEUZE, 2003), da diferença interior+exterior pura entre meio signal e além, espaços-tempos de filosofia rachista. Cada PPE joga jogo espiritual+corporal= tradutório+transcriatório; outros aparentes como se fossem acorrentados de signos criativos, sentados em cadeiras de praia, com vistas a montanhas verdes e outras de terras de areia gostosas de sentir, algumas de areia macia, umas de areias de bem grossura, outras, os mares as tomam diariamente, as renovam, as salgam, os banham de novas águas. Tempos-espacos-signos-imagens (por diante...) produzidos por escredutores que não analisam, mas que os criam em processo cinematográfico, ou romanesco, ou filosófico. No momento que jogam, autores-escreutores-tradutores, com significações produtivas sob (seus) métodos de criação:

– Método de criar depende de quem tem “mentes elevadas” que “pensam em seu dever” ou “mentes vis” que “pensam em seu proveito” (TZU *apud* STÜTTGEN, 2016, p.7). Dever, devir, por vir, dever-ciência a produzir devires múltiplos, não? – Sorriu Alice em alegria-potência. Ou essência+potência=modo de diversificar potências, forças, agenciamentos singulares e coletiv@s.

– E por vir?

– Como, Samie?

– Por vir, como te declara dividida individuada-endividada em *estado puro* (CORAZZA, 2007, p.118)?

– Ora, pare de te abusar de proveitosa de gramaticários, risos. Fale outra língua!

– O filme LUZAZUL (PLAZA, 2010, P.177). Plaza diz como tradução intersemiótica. Esse filme é chinês, que aplica+implica+amplia dois sentidos, ao mesmo tempo, que... –Interrompida, ao ver parceira indo procurar a internet, que parecia querer ver cenas descritas-imagéticas, mas esse objeto online não sabe de tudo.

– Volte, ainda não terminei! foi feito do livro de mutações ou I ching. Viu só são representações nem finitas e continuamos representadas em ambiguidade.



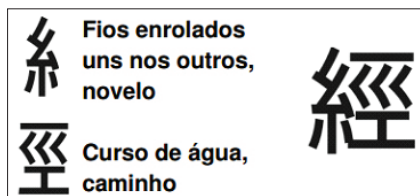
– O que é? Entendi “pá”, mas segundo objeto, que isso? Porque esse sinal?

– Complete com complemento de +ciência.

– ãh? Outra língua, louca!

– *Paciência*, Alice.

Zoaram uma com outra. Essa “verdadeira causa do riso é esse desvio da vida na direção da mecânica” (BERGSON, 1983, p.20) partindo-chegando juntas aos estudos poéticos, mantendo diária casa esta de poesia e arte, fazendo sede de curiosidade de que livro é este, de mutações. Conta Silva (2012, p.12) o método *I Ching em seda (clássico escritor)*.



16 (SILVA, 2012 p.15)

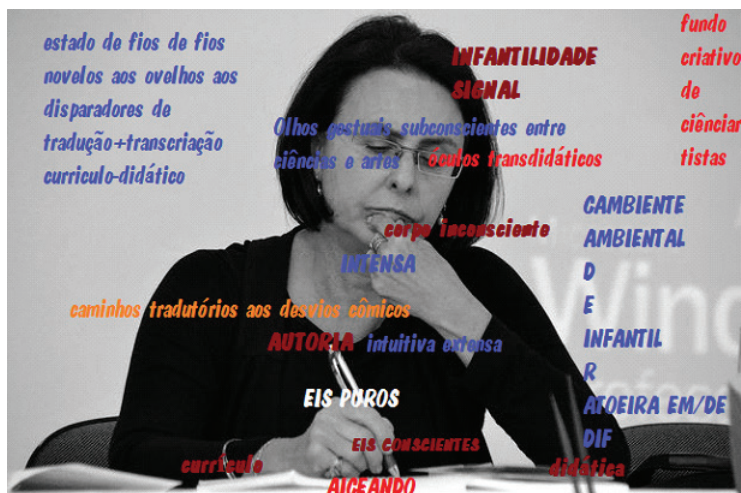
– A mecânica de pensagem e linguagem noveladas-de fios copiastas depois abstratas, depois vazias, nem sentem próprias águas, mares, ondas. A máquina de pensamento fluxo-de fios científicartistas de mutação...

– Ciência de *seda*, de *sabor*? (lembrou-lhe o Barthes do sabor do ano 1987).

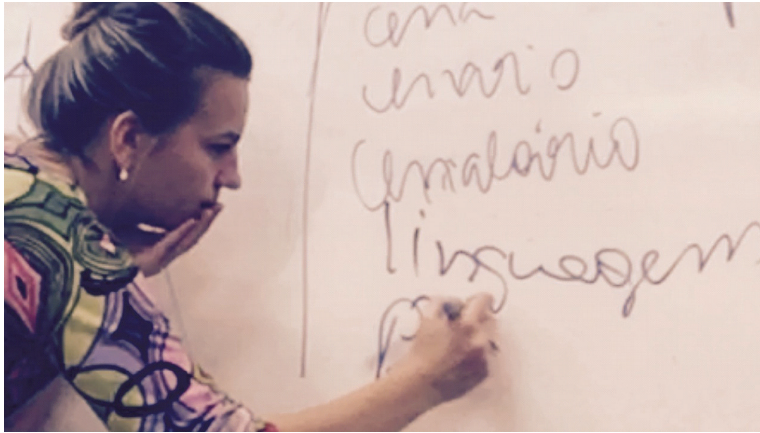
– Isso talvez nomeia-se “filosofia”? Fios-novelos didáticos em fluxo, enquanto caminhamos de águas curriculares, Deleuze (2003, p.49) diz: “Os signos sensíveis que se explicam pela memória formam, na verdade, um “começo de arte”, eles nos põem “no caminho da arte”.

– Bem boa, “uma verdadeira transmutação da matéria”, diz Deleuze (2003, p.46).

Logo partiram-se em fundo poético+metódico entre CFA, uma monta filosofias por meio de fotografias e outra monta a tabela metódica como preparação momentânea+intensa em meio à vida espiritual e depois, tornado como meios didáticos de/em diferença com os alunos.



17 Montagista-criativa de EIS AICE



18 Docentes do momento e discentes do espaço.

“Desde o primeiro passo, o da classificação, a Fotografia se esquivava” (BARTHES, 1984, p.12), fotografistas didáticas da foto como dramatizadas-infantis “na comédia intelectual do currículo” (CORAZZA, 2010, p.1).



13

¹³ Videoteca gravada no DVD.



EIS AICE II

AICE/ EIS	ESPAÇOS	IMAGENS	SIGNOS
Autor	Sótão/Corredor	Ar/Afecção	Mundanos/Qualisigno/Ícone
Infantil	Porão/Quarto	Água/Percepção	Amorosos/Dicisigno/Figura
Currículo	Cozinha/Banheiro	Fogo/Ação	Sensíveis/Sinsigno/Índice
Educador	Sala/Escritório	Terra/Movimento	Artísticos/Sonsigno/Opsigno
	{Bachelard}	{Pré-socráticos}	{Deleuze}

(CORAZZA, 2010, p.89)

Corredor escolar e sem intervalo, andado por dia e noite, expresso por ares ventosos, afetuosos, inventando-se sujeitoseobjetos amorosos-intelectuais-espirituais-de alma e sensíveis-corporais agentes-necessárias de saída, de fuga. Depois de entrada, outras ondulações diárias e trilhadas ao diário anoitecido a amanhecido. Corredor+sala+pátio: escritor-escritório de educação a escreitor-escreiteurário em educação, movimento diário e último, depois produzido-último, por dantes últimas.

{C}{F}{A}	Ciência sujeita por erro e neutro e por verdade- falsidade.	Filosofia conscientes e subconscientes conceituais.	Arte de transcriar
{F}{C}{A}	Índice EIS AICE EIS: bases funcionais- linguísticas-falas- escutas-sinalizadas- visualizadas AICE: efeitos+fios+novelos inventivos diários de pensamento e de criação.	Simbólico imaginário	Signos feitos singulares de si Feitos de si coletivos?

{A}{F}{C}		<p>- -----</p> <p>Dobras-redobras- [desdobras] REDOBRADAS DOBRAÇADILHA S S S P p F S V O PRESENTE VERBAL INFINITO</p>	<p>Deleuze, 2005a, p.128.</p>
{A}{C}{F}	 <p>Silva, 2012, p.16</p>	<p>“Não são representações das coisas enquanto tais, mas de suas tendências de movimento” (Silva, 2012, p.5).</p>	<p>Duograma = linguagem + representação</p> <p>Trigramma = linguagem + interpresentação + criação.</p> <p>Representar = repetição que repete signos eisaicados passados ao interpresentar = diferenciação presente que abusa tanto de passado quanto de futuro. Criatividade funciona junto ou sem.</p> <p>Ciência é base de pensar, meio funcional, fim de história. Filosofia, base vital, criativa e finaliza nova filosofia diária. E começa, recomeça, cria, recria com arte.</p>
{F}{A}{C}	<p>[...] Há três tipos de autor: em primeiro lugar, os que escrevem sem pensar. Escrevem partindo de memória, de reminiscências, ou até diretamente</p>	<p>C.Reminiscência F. Iminiscência A. Imanência</p>	<p>Currículo = pesquisa = Ciência Didática = ensino = Filosofia Criação = intensa + intuitiva + extensão = ARTE</p>

{F}{A}{C}	de livros alheios. Essa classe é a mais numerosa. Em segundo lugar, os que pensam enquanto escrevem. Pensam a fim de escrever. São frequentes. Em terceiro lugar, os que pensaram antes de se porem a escrever. Escrevem simplesmente porque pensaram. São raros (SCHOPENHAUER, 2005, p. 5).	C.Reminiscência F. Iminiscência A. Imanência	Contra a reminiscência, porque “as ideias inatas não são “antes”, mas “ao mesmo tempo” que a alma) (DELEUZE E GUATTARI, 2010, p.44). “Absoluto ilimitado” (idem, p.52). “O pensamento cria, tendo-se em conta o plano de imanência que se dá por pressuposto, e todos os traços deste plano, negativos tanto quanto positivos, tornados indiscerníveis: pensamento e criação, não vontade de verdade, como Nietzsche soube mostrar” (idem, p.73).																																					
{C}{A}{F}	<table border="1"> <thead> <tr> <th data-bbox="340 838 564 901">Nome</th> <th data-bbox="564 838 715 901">Atributo</th> <th data-bbox="715 838 838 901">Imagem</th> <th data-bbox="838 838 1027 901">Função Familiar</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td data-bbox="340 901 564 944">☰☷ Chi'ien, o Criativo</td> <td data-bbox="564 901 715 944">Forte</td> <td data-bbox="715 901 838 944">Céu</td> <td data-bbox="838 901 1027 944">Pai</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 944 564 1004">☷☰ K'un, o Receptivo</td> <td data-bbox="564 944 715 1004">Abnegado maleável</td> <td data-bbox="715 944 838 1004">Terra</td> <td data-bbox="838 944 1027 1004">Mãe</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1004 564 1064">☰☳ Che-n, o Incitar</td> <td data-bbox="564 1004 715 1064">Provoca o movimento</td> <td data-bbox="715 1004 838 1064">Trovão</td> <td data-bbox="838 1004 1027 1064">Filho mais velho Primeiro filho</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1064 564 1123">☰☵ K'an, o Abismai</td> <td data-bbox="564 1064 715 1123">Perigoso</td> <td data-bbox="715 1064 838 1123">Água</td> <td data-bbox="838 1064 1027 1123">Filho do meio Segundo filho</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1123 564 1183">☷☶ Kên, a Quietude</td> <td data-bbox="564 1123 715 1183">Repouso</td> <td data-bbox="715 1123 838 1183">Montanha</td> <td data-bbox="838 1123 1027 1183">Filho mais moço Terceiro filho</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1183 564 1243">☳☴ Sun, a Suavidade</td> <td data-bbox="564 1183 715 1243">Penetrante</td> <td data-bbox="715 1183 838 1243">Vento, madeira</td> <td data-bbox="838 1183 1027 1243">Filha mais velha Primeira filha</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1243 564 1303">☲☱ Li, o Aderir</td> <td data-bbox="564 1243 715 1303">Luminoso</td> <td data-bbox="715 1243 838 1303">Fogo</td> <td data-bbox="838 1243 1027 1303">Filha do meio Segunda filha</td> </tr> <tr> <td data-bbox="340 1303 564 1388">☱☳ Tui, a Alegria</td> <td data-bbox="564 1303 715 1388">Jovial</td> <td data-bbox="715 1303 838 1388">Lago</td> <td data-bbox="838 1303 1027 1388">Filha mais moça Terceira filha</td> </tr> </tbody> </table> <p data-bbox="564 1422 805 1456">19 (WILHELM, 2006, p.5)</p>				Nome	Atributo	Imagem	Função Familiar	☰☷ Chi'ien, o Criativo	Forte	Céu	Pai	☷☰ K'un, o Receptivo	Abnegado maleável	Terra	Mãe	☰☳ Che-n, o Incitar	Provoca o movimento	Trovão	Filho mais velho Primeiro filho	☰☵ K'an, o Abismai	Perigoso	Água	Filho do meio Segundo filho	☷☶ Kên, a Quietude	Repouso	Montanha	Filho mais moço Terceiro filho	☳☴ Sun, a Suavidade	Penetrante	Vento, madeira	Filha mais velha Primeira filha	☲☱ Li, o Aderir	Luminoso	Fogo	Filha do meio Segunda filha	☱☳ Tui, a Alegria	Jovial	Lago	Filha mais moça Terceira filha
Nome	Atributo	Imagem	Função Familiar																																					
☰☷ Chi'ien, o Criativo	Forte	Céu	Pai																																					
☷☰ K'un, o Receptivo	Abnegado maleável	Terra	Mãe																																					
☰☳ Che-n, o Incitar	Provoca o movimento	Trovão	Filho mais velho Primeiro filho																																					
☰☵ K'an, o Abismai	Perigoso	Água	Filho do meio Segundo filho																																					
☷☶ Kên, a Quietude	Repouso	Montanha	Filho mais moço Terceiro filho																																					
☳☴ Sun, a Suavidade	Penetrante	Vento, madeira	Filha mais velha Primeira filha																																					
☲☱ Li, o Aderir	Luminoso	Fogo	Filha do meio Segunda filha																																					
☱☳ Tui, a Alegria	Jovial	Lago	Filha mais moça Terceira filha																																					

Função + produção + criação	Em processo. Método gráfico de desenhos geopolíticos-biopolíticas em artesanagem-paisagem-linguagem-praticagem. “Os oito trigramas não são tanto imagens de objetos, mas de estados de mutação” (WILHELM, 2006, p.9).
-----------------------------	--

– Vemos objetos e imaginamos sujeitos+objetos representados a inventivos, impossíveis a possíveis, negativos aos afirmativos. Nesse processo, ou naquele, ou neste processo, move impulso de imagens, signos, espaços, palavrasções. Certamente, há impulsões em velocidade alta ou mínima, em linguagem técnica-científica, em linguagem científica-filosófica, em linguagens de arte. Esses instantes imaginativos de escrever movem-se, param-se, matam-se, vivem-se, morrem-se, animam-se... – Desanimou as mãos ligeiras.

– Isso aí, amiga, podemos trabalhar isso com nossos pimpolhos, criando algum vídeo, mas meio que estamos com elaboração de provas, para isso, temos de ver questões de formação-transformação curricular-didática, bora preparar? – Lembrou do torturado ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), lembrou de passantes-combatentes éticos de si que fizeram direito à educação. ENEM transformou por ENFB (Exame Nacional de Formação Básica), que no caso de estudantes formados de ensino médio desejassem profissões docentes, para serem provadores de conhecimentos básicos de CFA e no caso de preparados bem científicartistas à sociedade, familiar, empresa, lazer, esporte, aprovados! Educandos a educados a educadores em prol a formação gratuita, publica e de qualidade. Olhou para a semelhante amiga de filosofia, Alice, que também é realista de elementos-traços-pensamentos últimos, complementa em tom amigável e tom arial entre outros ares ventuosos currículos-didáticos sempre de instalação própria do “teatro marcial da Decisão, da Ação, da Saída” (BARTHES, 1981, p.132) último.

– Samie, como eles têm a dificuldade de se abrir às filosofias criativas? Às meditações singulares? – Questionou meio cortada, Alice, olhando

obras dualistas de sujeitos e objetos fixos e resultantes, preparando para serem recicladas com imagens, signos, espaços inscritos-imprimidos de artes absolutas.

– Eles foram educados por escolas não modernas.

– Ah quer dizer, não contemporâneas? De pensamento antigo- duplo-
grudado?

– Nossa moda é ser/estar/ ficar moderna de signos que permitem a nós
agirnos atualizadores de arte.

– Mas é possível eles serem educados-artistas?

– Sei que não sei... vimos cansativamente a criação-circulação
de espaços-tempos acadêmicos-repetidos de sujeitos e objetos fixos,
compostos por visões nomeadas e de status acadêmico; não percebem que
são constituídos-construídos-pisados-repisados de imagens-movimentos-
ciências em mesmas outras, por diante. Cenas da repetição docista-
econômica. Não percebem que são inventados por pessoas-objetos
capitalistas de potências passivas.

– Isso está fora do nosso comum, né?

Olhando das janelas uma enorme plantação de alimentos feitos em
trabalho interdisciplinar de biologia, química, física, transdisciplinares,
existência de pesquisadores-empreendedores transagriculturas e produções
econômicas coletivas, “todas as relações humanas mais próximas são
atingidas por uma claridade penetrante” “cada vez mais no plano natural
como no ético, a confiança irrefletida, o repouso e a saúde” (BENJAMIN,
2012, p.22), pensou-sentiu sortuda-parte desse espaço e voltou a questionar:

– Porque será que não percebem ou percebem fingindo não ter
percebido?

– Talvez estejam percebidos-submissos sob sociedade de disciplinar,
diria Foucault (2011), ou de controle, diria Deleuze (2005), ou ainda diria
Corazza (2002), simples mediadores, neutros transmissores, iluminados

orientadores de almas e corpos, sim, porém científicos de ciências das ciências, do “mito da origem do mito, a metáfora da metáfora, a narrativa da narrativa, a tradução da tradução” (DERRIDA, 2002a, p.11). Arquivo do arquivo, biografema da biografema, romance do romance, entre outros, “é preciso evitar repetir, é o que se costuma dizer, para conjurar um adestramento, um hábito ou uma convenção” (DERRIDA, 2002b, p.12). É preciso diferenciar “como tudo o que ocorre, e é a condição do que ocorre, inantecipável. É apenas retroativamente, e bastante perturbado que, relendo os títulos destes três encontros: “Os fins do homem!”; “A passagem das fronteiras?”; “O animal autobiográfico”(DERRIDA, 2002b, p.1). Três sujeitos-objetos formados-transmutados de Derrida envolveram por caminhos-processos-desenvolvimentos-acontecimentos-fases conceituais entre ciências exatas a animais, entre ciências construídas a desconstruídas, entre traduções a a-traduções. Que ciências inventadas de que nossa escola-casa-gesto assume e afirma?

– Proliferadas entre certeza cristal a incerteza produtiva de signos, entre semiologia-semiótica-semi-gesto “que se busca e já se impõe como ciência positiva dos signos” (BARTHES, 2013, p.32) a gestos tanto ativos quanto possíveis e entre devires-infantis-educacionais-contemporâneas-atualizadas a devires por vir.

– Grata, Samie e Alice, pela discussão e cooperação. Algo mais a observar? – Olhou Lisete ao redor, até que Carolina sinaliza, mão levantada e liberada a falar:

– É preciso evitar a armadilha de cair na “extensão histórica de sua significação” (BARTHES, 1987, p. 73), é preciso sinalizar sempre em significação última. Isso é um terceiro grau espacial-imagético que depende de arte? Ao mesmo tempo, independente de ciências artísticas? Primeiro e segundo elemento? Como criar um quarto elemento criativo? Primeiro, segundo, terceiro, por diante, não creio que a ciência seja primeiro elemento....

– Consideramos pontos de partida, de mediação e de criação... está aí, ponto de partida, pesquisar, que é entrar no significado e sair dele escrito como mediador...– Pausou Lisete, em pensamento contínua e continua:

– Cientista criador de signos. Significa estar ciente e afetuosa, de signos pensados. Afeto não é só arte, signo cria afeto, que cria conceito que cria afeto. Por exemplo, que método biografemático? É de se basear nos signos de neutralidade e sem-sentido, que estimulam signos da diferença, entramos mais intensos como vivos de signos fonéticos, de gestemas, morfemas e de estilos próprios. Que método de criação? É como entregamo-nos criadores do transpensional. Dramatização? É de entregamo-nos como teatralizados-direitos de signos, imagens, espaços-tempos, tanto em pensamento quanto em extensão. Método gestual? É sair de signos de referência a entrar de gestos criativos, método romanesco? É entrar no querer-inventar signos de amor, método poético? Captar por signos da história-filosofia-poesia e expressar em escritura? Quando/ como/o que partimos-mediamos com que copiar/interpretar/criar ordens-graus-blocos de pensamento nem são ordens sequenciais, ordens difusas, complexas entre línguas mistas de culturas, linguagens gráficos de fonemas-morfemas-filosofemas-gestemas? Geométrico de literatura, entra em ato bachelardiano (2008, p. 205): “A casa primeira e oniricamente definitiva [...] surge da literatura em profundidade, isto é, da poesia, e não da literatura eloqüente que tem necessidade do romanceados outros para analisar a intimidade”. –Parou de tagarelar, não sentindo mais de pele.

Aulas de performances performáticas “têm um valor de denúncia e de demonstrativo dramático de gestos, adquirindo o estatuto de se confrontar com o óbvio, o simples e o natural” (CORAZZA 2005c, p.1). Escola-casa “é um grande berço” (BACHELARD, 2008, p.201) para navegarem nos sonhos e saírem de desvanecios em infinito curricular-didático-ético-artístico. Ciência (memória ou função de escrever-ler-significar), performática (viver junto, formar entres) filosofia (processo ou produção

de traduzir-imaginar-inventar) ativa e afirmativa ou arte (matérias de criar) transformáticas de/em cada repetição e diferença; de/em cada tradição e tradução transcriidora; e de/em linguagem e praticagem.

Estando na escola, é o conforto de estarmos em uma casa pensamental onde sabemos que cada ciência, cada filosofia e cada arte é traduzida de diversos modos, diversas maneiras de criar. Casa poética significa “corpo e alma” (BACHELARD, 2008, p. 201), escrever-ler e ler-escrever, dois estados de traduzir e transcriir em/de casa de corpo físico, mental e intelectual-criativo-imaginativo. Esses dois modos são gestos de alma-corpo enquanto pensamento-extensão e ou vice-versa (DELEUZE, 1968). Gesto intenso-extenso é cada “a potência de agir própria da alma”, “mas, justamente, o poder de ser afetado permanece constante, qualquer que seja a proporção das afecções passivas e das afecções ativas” (DELEUZE, 1968, p.150). Assim, a escola inventiva desta tese é educada e educadora de ciências a artes e de artes a ciências. Educamos por meio de EIS (espaços, imagens e signos) de pensamento curricular-tradutório e educamos-nos como autores, infantis, curriculistas e educadores (AICE) da afecções didáticas-artistas em educação (CORAZZA, 2017). Gesto é “o rumor da língua” (BARTHES, 2004a), gesto significa mão de mexer, de escriler, de traduzir, de verter, de entrar no “estalo do Imaginário”(BARTHES, 2013, p. 38) e no “breve clarão” (FOUCAULT, 2003, p. 208). Bendita escola poética maldita!



AULA TRAÇADA-FILOSÓFICA-NÔMADE

Numa grande sala, vidarbos. Ali estão Carolina e os estudantes sentados no chão, alguns pegando cadeiras de praia, almofadinhas, uns sinalizando e outros com cabeças atentas à parede vazia, alguns separando livros de

Foucault e Deleuze, outros, clicando em vídeos de Lapiak projetados em um quadro.

– Pega uma almofada daí, Samie. Venha se juntar a nós. Vamos ler juntas os slides orientados de dizeres foucaultianos e deleuzianos:

§ *“O que é a filosofia senão uma maneira de refletir, não exatamente sobre o verdadeiro e sobre o falso, mas sobre nossa relação com a verdade?” (Foucault, 1980, p.5).*

§ *“Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. [...] mas o que é filosofar hoje em dia - quero dizer, a atividade filosófica -senão o trabalho crítico do pensamento sobre o pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? [...] O ‘ensaio’ - que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação -é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma ‘ascese’, um exercício de si, no pensamento” (Foucault, 1984, p.13).*

§ *“Pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento” (Deleuze, 2005a, p.124).*

– Entre pensadores da diferença, nós, assumimos-nos pedagógicos-didáticos do conceito (funcionário-operário-criativo-ético- tradutório-transcritório-poético). Nossa relação com a verdade? Sim verdade imaginativa, mas como criada?

– Palavras, sinais, linguagens corporais, desenhos... que verdade signal? Real-ficção-atual? Não seria falsidade verdadeira? Saberes lógicos e dramatizados entre verdade-falsidade-atualização... – Questionou um dos estudantes, Zack, e logo respondido:

– Em forma de ensaio pensamental? Que ensaio? Parece algo de saltar com os pés, de saia rosada... – Sinalizou rindo, um outro cabeçador de diferenças, relembrando de ensaio como eisaiceano, clínico-crítico, da tradição à tradução.

– Emmet, fica sério, nossa relação com verdade-falsidade, como significa-te?

– Exercício de si, parceiro?

– De si como?

– Maneira de significar-me na entrada de sentidos...

– Entrada-Sentida. Que mais modos?

– Imaginar-me por meio de linguagens gestuais... Algo resistente-insistente-problematizante... por meio conhecimento-objetivamente-movimento-acontecimento-subjetivamente? nomeamos-nos sentidos e criamos nomes sentidos. De qualquer forma, nós interpretamos por significantes-significados e traduzimos em significações, sentidos, conceitos...de diversos mundos preenchidos de formas, sistemas de signos...

– Torna Deleuze de conceitos nominais, mas abuse de conceitos de Natureza.

– Como, Zack?

– Conceito ou significado, conceitualização ou significação, dão no mesmo? Seria então o ponto de criação, o ponto de mutação? “Os conceitos com compreensão finita são os conceitos nominais; os conceitos com compreensão indefinida, mas sem memória, são os conceitos da Natureza” (DELEUZE, 2006, p.26). Conceitos da natureza é arte? Como tomamos teorias + práticas científicas-filosóficas-artísticas, isso, conceitos nominais?

– De que?

– Invente.

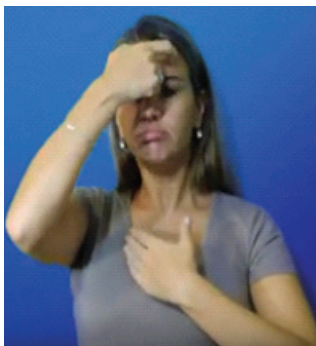
– Ética. Mas isso não seria a noção definida, indica também alma, espírito, mundo, gesto...uma noção define múltiplo conceitual, enquanto

múltiplo conceitual define uma noção? Noção é signo? Gesto? Como traduzir em gesto-sinal? Gesto-imagem? Gesto-espaco?

– Signo é feito de significante+significado, então signo teórico refere produção-função, enquanto signo da diferença que lhe preenche com significação? é o que e como funcionamos linguistas-pensadores-criadores? Por exemplo, sinal gráfico de ética, aquele que usa duas mãos de forma alfabética-manual de “E”...

– Mas isso é o sinal comum, técnico. – Entrou outra colega em discussão.

– Como lhe significa, em que signo, Carol?



20 Fotogesto: Ética

(Risos visíveis de kkk e cabeças mexidas, Carol ri junto).

–Pois é, pareço a médium, Chica espíritografemista. Sinalizo ética desse modo, claro, tanto faz, de olhos abertos ou fechados. Não percebemos que ficamos de olhos cristais, andando em outro mundo, estamos conscientes, mas entramos inconscientes, isso é, de entrarmos em pensamento e saímos dele, daí olhos normais, não? Como penso-invento é algo ético de si, vejo-me (às vezes apenas de rosto, ou corpo, ou palavra, ou ação de se inserir dona de mundo imaginário, sentida-parte de signos-espacos-imagens-tempos, sinal-comum de ética, que há falamos, significa ética rigidamente ética olhada-sentida?

– Carol, sinal que fez, gostei, menos segundo sinal posicionado em peito, se sinalizo esse sinal para frente de que estou olhando, isso talvez seria ética filosófica, por exemplo citação de Barthes, daí partimos éticos imaginários, estéticos. Tomemos por ética necessária ao andar toda redonda. Daí retomamos sujeitos éticos mas também incertos, prazerosos-e-gozados. Ética imaginária de visão-gosto ruim (tenso, confuso) a ética de se significar, ética fantasiada de visão-gosto prazerosa (violência de estrutura, paz à expansão). Ética é uma moral convencionalizada? Moralidade e imoralidade, sempre (re)inventadas. Ética, algo profundo. Redondo. Escrito. Traduzido-reescrito, ainda de outros signos. Moral, partes. Ética estética é criar efeitos-ações enquanto existência da estética apaixona-se. Por exemplo, uma professora pergunta aos fulanos: Qual medo e coragem? Um diferente dos iguais responde: medo de luzes não existirem mais, coragem de criar luzes. Professor monolíngue: Calma, esperamos luzes voltarem. Professora bilíngue responde: Entendo, daí a gente aquece a vela! Professor multilíngue: somos-funcionamos-amamos a/com/entre criatividade. Coragem funciona de coração-ação e entre mente-ação, que apaga medos.

– Como?

– Perguntou se coragem referia também a ética?

– Não, quis saber como subverter medo por coragem.... Coragem, você disse coração-ação, algo me ocorreu, estou pensando.... coragem deriva mesmo de coração? –Mexeu no computador que estava localizado na sala, objeto de pesquisa, mas também de produção. Estava Bay digitando no outro computador, que olhou Carol de expressão cristal aproximando-se:

– Boa aula? Não culpe minha ausência, eu preciso...

– Pessoal, Bay aqui, pergunta se estamos numa boa e pede desculpas por ferir nossa ética ou ela faz isso por ética singular? Primeiro por singularidade que lhes vale, se não, não parta para o exterior sem isso. Bay,

querida, não a culpo sem dúvida. – Direcionou a atenção ao *Google*, por alguns minutos, e voltou à turma:

– Coragem deriva de cor ou coração. Interessante, coração-prática-ação, coragem, olhos-teorias-ação, linguagem-paisagem, sem linguagem-passante, com linguagens passadoras delas si mesmas, coração corporal-olhos espirituais-mundiais, praticagem-artistagem...

– Mas existem aqueles corajosos de repetir teorias, se sacrificando sem ser autoral, sem coragem?

– Coragem impotência. “Aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer consequências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência” (DELEUZE, 2002, p.29). – Invadiu Bay, e outra vez interpretou Deleuze (2006, p. 12): “A cabeça é o órgão das trocas, mas o coração é o órgão amoroso da repetição. (É verdade que a repetição concerne também à cabeça, mas precisamente porque ela é seu terror ou seu paradoxo)”. Coração próprio da diferença. Cabeça própria da repetição. Da arte, que, qual órgão? Corpos sem órgãos, antiediapianos, linguagens complexas, mas trabalhadas-necessárias entre produção de linguagem+pensamento para que maquinem de criação. da arte, invento filosofias gestuais e os nomeio por meio de palavras, ou sinais, ou imagens poéticas de pensamento. corpo da arte. sim. mãos-planas da arte, sim. arte: ação real+territória em/entre/para educação eterna de repetição e infinita da diferença.

– Daí, tomamos a coragem que ao mesmo tempo nega e afirma potências passivas a ativas “contra a segura dos corações, a acídia nas relações e o agreste dos códigos” (CORAZZA, 2013a, p.12). – Complementou Emmet.

– Eternos tradutores no sentido de traduzir aquilo que “é linguagem num texto, mas o que é não-linguagem” (CAMPOS, 2006, p. 32). Não-linguagem diz gesto. Resgatemos o que ficamos herança signal-filosófica e também produzimos heranças pensamentais, a partir de signo, definimos conceitos, variando entre outros cotidianos, também a partir de conceito,

sejam funcionais de letrário ou de sinalário, inventamos novos conceitos funcionais em artesanagem, depois, definimos às vezes todo conceito imagético em um signo, mas nunca é suficiente. Só é suficiente tendo lido e escrito. Vimos repetidamente entre pensadores da diferença, que pensagem é produção e criação de conceitos sentidos, que os traduzimos sinalizad@s em linguagem criativa e então, como transcriamos? – Questionou Carol.

– Transcrição é mútua complementação entre significantes-significados a imagens poéticas. –Respondeu Carl, pensando no Haroldo de Campos e Gaston Bachelard, repensando no campo gasto de conceitos.

– Sim, teorias já feitas, de que teorias presentes nos tornamos autores? Os inventores somos também nós. Ética, ciência da tradução, arte... são dizeres de mundo, terceiro-olho ou problematizado. Foucault falou: “o trabalho crítico do pensamento sobre o pensamento” (1984, p.13) enquanto Barthes (2003, p.7) fala: “a linguagem refletindo sobre a linguagem” enquanto falo-me, fantasiosa, composicional, de fantasias? Barthes diz: a fantasia como origem de cultura (2003,p.7), língua científica é ponto de referência, língua constatada de gestos culturais, ponto de composição?



21 (HORROCKS; JEVTIC, 2013, p.63).

“Escrever dava um dor terrível no traseiro” diz Foucault.

– Que isso? –Estranhou Emmet ao uso da imagem, Carl, risonho por causa de expressão corporal de outros homens que o assistiam Foucault cavando (guia-intérprete lhe passou descrição imagética), Bay, muda-concentrada em seus pensares, Samie, curiosa o porquê isso e Zack se toma agente em ato:

– Entendi, professora, Foucault era cientista de signos fixos, com livros de Nietzsche, ele percebeu-se incerto, duvidoso, daí tornou questionador como nós. Entre nós, escrever dá prazer de texto e recebe texto de prazer, falando barthesiano (1987).

– Foucault cavador de sistemas de pensamento-governo-mento-subjetivamente-objetivamente-acontecimento, depois descavador de ética, e quanto nós escrevermo-nos escritores do escrever? Escrever a partir de quê?

– *Coragem de verdade* (FOUCAULT, 2011). Coragem de educartista. O próprio método de se educar montado conceitos da utilidade, de atualidade e literalidade, que são, por sua vez, ficções estéticas. Uma arte experimental pode ser um diálogo, um objeto, uma ação, um signo inventado.

– Ei, favor repetir sinal de arte. – Pediu Zack. Após o sinalizar de “arte” mostrado da Bay, responde, surpreso:

– Interessante, mas não é convencional-oficial-definido?

– Arte é algo mais do que apenas isso, apesar de se expressar também nesse sentido. –Bay entra no circular de corpos, agitando, chamando a atenção de todos, enquanto a professora percebe a distância de Zack, depois a irritação de Emmet, a ansiedade do Carl e a intolerância da Samie. E notou outros, que pareciam querer- desenrolar a aula por outras criações. Olhos atentos à sinalização da Bay tratada de literatura de Foucault (2014b, p. 222):

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha mais relação com os objetos, e não com os indivíduos ou com a vida; e também que a arte seja um domínio especializado, o domínio dos peritos que são os artistas. Mas a

vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que um quadro, uma lampâda, ou uma casa são objetos de arte, mas não a nossa vida?

– Agir eticamente liberdade de saber-fazer-artistar a própria vida da obra que se voa. Foucault teve boa razão. Entre nossa sociedade + comunidade + diversidade, felizmente surpreendemos com signos poéticos, não é? – Bay resiste pegando livro grosso e escrito “Vocabulário de Foucault” (2009) e parte para leitura sinalizada da página 107-108:

– Então “a atualidade não é somente o presente no sentido da repetição. Diagnosticar a atualidade consiste também em marcar as diferenças”. – De repente essa menina se teatraliza em signos gestuais de “não compreender o presente a partir do passado (como uma época do mundo) nem do futuro (como anúncio ou promessa), mas em sua diferença, a partir de si mesmo”. Ainda em discussão com alguns e no silêncio das mãos de outros, ambos se movem em criação de desenhário de sílabas, e letras figurativas. Samie pensou nas classes semiológicas e um pouco de gramática e um pouco de invenção, moveu-se corpo ao dar voz:

– Textos flexionados entre presente-repetição, presente-diferença, presente-ética. Estar ciente de signos próprios, produzir pensamentos formados de se diferenciar ao rumo de sentido último, sentido ético. A figura de Foucault cavador, escrever teorias passadas, por exemplo citações, ainda mais escrevíveis repetidores de suas linguagens, não sinalizam uma busca “pelos outros desviantes. Por uma razão essencial: ele é desviante em relação aos desviantes” (BARTHES, 2004b, p. 421).

– Vamos artistar nossa língua gestual, a nossa própria! Inventar uma verdade desviante, em cores. Gostei desse teu sinalário, Samie, “que foge do pensamento único para tornar as singularidades possíveis, afirmar o múltiplo, multiplicar os devires” (CORAZZA, 2002, p. 3). –Sinalizou Bay, fazendo movimentos de bailarina, e, com olhos fixados no livro “Lógica do sentido”, lê-sinaliza em tom delicado:

– “Não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Não são agentes nem pacientes, mas resultados de ações e paixões” (DELEUZE, 2015, p. 5-6). Essa lógica do sentido se diz como? Produzir sentido é um verbo diário. Tanto adjetivos quanto substantivos, mudam nossos seres, teres...

– E fazeres! Vamos exercitar uma filosofia, uma amizade vital relacionando-a com regra gramatical, como substantivo comum e próprio, como vocês podem ver que o termo “Surdo” ou “Surdocego” é?

– Substantivo próprio!

– Substantivo comum! Se for “s”urdo em português.

– Tanto faz. Elementos surdos-mudos, por exemplo, noções teóricas de pensadores podem ser transformadas por noções de elementos gritantes de sentido, ou imagens, pinturas, fotos, elementos surdos-mudos a elementos criativos de se escrever nomeando e conceitualizando. É substantivo concreto que devemos visualizar. Então deixemos de palavras, eis o termo sinalizado de Surdo, que atribui diferentes sentidos linguísticos. Faço essa pergunta porque reflito o sinal de Surdo, na rua, de repente se é abordado por um falante que sinaliza, como se fosse um aviso, que é surdo, sinalizando com forte carga negativa (como aquele sinal de polegares para baixo). Talvez, o falante fica com expressão de “pena”.

– É mesmo, não tinha pensado nisso. - Sinalizou Emmet.

– Isso parece uma tradução poeticamente política. – Animou Bay, voltada a escrever no seu diário: Manipular signos desejantes talvez seja também como o de traduzir estrategicamente a arte de ser.

– Puxa! É necessário primeiro pensar em mim, a partir do eu. Poderia sinalizar: Eu sou Surdo! – Alarmou Zack.

Bay retorna, resistente, dessa vez, olhos fixados:

– Sim, mas há um “porém”. Pensemos de outro lado, um sinalizante é abordado e logo responde em sinalização: “Opa, sinalizo Libras”. E o falante fica com expressão de surpresa ou de “ahhhhh...”. Tudo muito carregado. Então imaginemos um “eu sou Surda” jorrado de imagens

de significações diversas em cada um de nós. Não se trata de separação, de um eu e de um outro, mas de eus parciais figurativos, que estacionamos em muitas paragens, mas nunca os completamos. Deleuze e Guattari (2010, p. 29) nos provocam... (e, procurando a marcação amarela com anotação de “eu”), está aí: “O “eu”, como índice linguístico, não tem outro sentido. [...] é um conceito com três componentes inseparáveis: mundo possível, rosto existente, linguagem real ou fala”. Então um eu do mundo imaginário e do rosto que presentifica a linguagem sinalizada, sempre recriado pelo ato de pensar, literalizar, politizar ... (com expressão corporal mudada), a leitura barthesiana nos abre a mente para perceber sujeitos impuros, incertos, fronteirços. Imaginemos o conceito de diferença surda e diferença pura, o primeiro elemento é inventado no campo de conhecimento “Estudos Surdos”, enquanto outro de outro campo de conhecimento, apostado na ação puramente criada por nós mesmos, diferenciadores da diferença diferente.

– Diferença Cega seria termo “racional”? – Riu Carl, de si mesmo, não considerando cegueira da diferença, pois a produzia pela inteligência tátil.

– Diferenciar de forma cega, de forma surda não faz sentido, mas diferença pura de conceitos verbais cotidianos. Nome de diferença é montar de purezas de cor. –rebateu Bay, e logo apreciada pela professora que parece repetir sua paixão por gramaticalidade:

– Excelente. Mudanças substantivais provocativas de características adjetivais, flexionadas nas/pelas relações de práticas. Daí toda a transmutação de ações artísticas. Desafio a pensarem o inverso do “eu surd@”, negativo para o afirmativo...–Diz Carol, ousando assumir sua vez. Questionou-se o uso escrito de “eu sou”, elaborando sua noção de significação, e inventou-se:

– Nós somos Sinalizadores de orgulho. Temos vergonha quando não tratarmos “tudo sobre nós conosco”!

- Eu e você, amantes da Libras...
- Amadores da música-política gestual!
- Orgulho, vergonha todos temos, mas de nossa língua, eis a sensação intraduzível...
- Sou, estou e vivo surdo de senso comum e acadêmico, mas assumo-me Surdo, Deaf, em ato político, existem poucos governos que reconhecem nossa existência! Por isso sinalizo “sou surdo, falo por Libras”, – defendeu Zack, olhando atentamente Bay que lhe sorriu e pegou celular, mexendo. Click apertado. Outro click de aperto. E a turma baixou aos seus celulares, abrindo grupo da Criação por meio de *Whatsapp*:



22 Silent Experiences (VARDHAN, 2014)

Libriando, librando, libriando, librando, libriando, librando,
libriandolibriandolibrandolibrandandolibrário



23 Birth Right 1 (WALKER, 2015)

– Política que não se atém a uma forma, a uma subjetividade, mas a mãos tradutoras, mãos que dão movimento à cultura. Não desejo incursionar na produção de estagnação, de cultura como *produto*, detenho-me nas subjetividades sempre móveis e parciais, sempre cambiantes. Zack, depois de aula, fazemos juntos um ato político-ético, defender nossa língua de sinais implementada como de estudos básicos de/em/para educação filosófica através da TV ESCOLA, nesse programa do canal 13, nem inclui Libras e nem inclui éticas, filosofias, artes, português, exclui mundos ordinários de transcrição.

Logo apaga ar fluente de sinais literários do prazer. Toma outro ar preguiçoso. Ficam sem fazer nada. Isso é uma preguiça conceitualizada de não querer trabalhar nuvens pensamentais, “no sentido de “não mexer

em nada”, não determinar nada” (BARTHES, 2004b, p. 479). É essa cultura cenalária de viver vidas múltiplas em cada corpo presente. **Tipos de vida** = preguiçosa: ativa: duvidosa: questionada: amorosa. Dois pontos de sujeito amoroso e de objeto romanesco = vertidos de sempre novos pontos desviantes. Passar de uma comunidade parasita por outra ativa, alunos sonolentos por alunos ativos, vontades docilizadas por vontades de potência. Corazza (2005a, p. 94) chama figuras de afetos, “não como esquema, como uma maneira muito mais viva, como o gesto do corpo captado na ação e não contemplado no repouso”. Aula atuadora do vivaz. Muitos menos, ou melhor excluir: o repouso de linguagem decorativa e memorizada. O repouso gestual de deitar de mãos no queixo com cara expressiva de sacrifício-sem ânimo-robotização de aturar a cópia da ciência sem vida -não querer fazer parte daqui (e buscar formas de querer fazer parte daqui, de desejar o presente); que atua como atividade estruturalista (BARTHES, 2013b) de desmontar as Histórias de Outros e de arranjar Histórias eruditas de conceitos “descobridores”.

Todo cenalário se constitui como momento de arte que não constitui uma sequenciação de conteúdos bem definida e nem um plano de aula definido, pensou a professora. “Em movimento perpétuo, com vagos trejeitos de um Currículo-Ambulante, distribui-se, em espaços abertos, sem partilha, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada, crescendo no meio do campo curricular como grama”, diz Corazza (2008c, p. 9). Substituir por montagem das próprias histórias vitais, ou seja, escritas de Vida-Obra e desarranjo conceitual de signos. “É por isso que a semiologia [...] não é uma hermenêutica: ela pinta, mais do que perscruta, *via di porre* mais do que *via di levare*” (BARTHES, 2013a, p. 35). Via di porre! Via embrigada da manipulação política-poesia-literária-filmica de forma taticamente criativa. Via de embriaguez de pauladas bopianas à educação sedentária. Via estratégia de se dar pauladas de prazer à educação de potência. Via sonhada de se dar pauladas de amor à arte do educar.

Todo o teatro imaginado se opera como uma disciplina curricular-didática. Talvez nome da disciplina: filosofia figurativa, ou talvez semiótica figurativa, talvez semiologia visual. Talvez se reconheça nome ao trabalhador de sinais heterológicos. Mas como assim? Outra vez, drama da semiótica. Reformulo. Trabalhar linguagem, imagem, palavra, sinal... tudo é sinal. Ou seja, sinalidade. Suspirou, o ar alimentou a escritora, contemplando o momento de inspiração e voltando a ver e visualizar os estudantes que ficavam atentos, curiosos, duvidosos, abanando ideias para além das mãos de Bay. Estas, silenciosas, a espera carinhosa de continuação.

–Opa, desculpem-me, foram nuvens de ZZZ que há pouco formulei, sobre atividades de encenar-rachar transdisciplinaridade, transemiótica, translinguística, transculturalidade...

– Bem boa, colega, apesar de ser tagarela, reconheço que posso fazer essa tagarela virar tagarela de ações políticas-éticas... Isso é ideia deleuziana: “Criar é ter uma ideia” –sorriram olhos meigos de Zack, expressando uma lembrança amorosa de que assistira todo vídeo de Deleuze. Nesse instante, a Bay lhe sorri de volta, e vira cabeça da professora a observar a tradução sinalizada que estava ali no vídeo poético de Lapiak (2014).

– As imagens difusas de signos inscritos-familiarizados. Pensemos visualmente nesse sujeito metamorfoseado, a mulher que racha as próprias

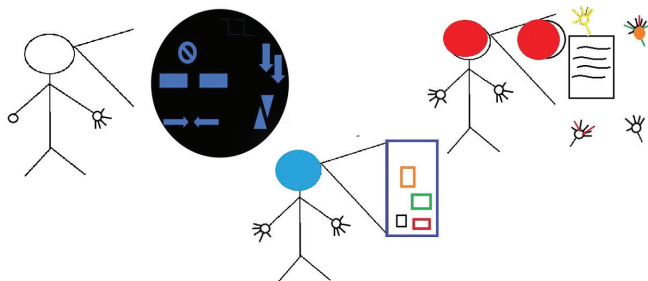


24 (LAPIAK, 2014)

ciências de arte, como fez com mãos pintadas, sinalizando e ao mesmo tempo marcando traços no corpo. Escrituras marcadoras de signos marcantes.... Ela traduz signos de arte em si mesmos. Transparentes, muito vivos.... É riscar obras passadas. É riscar obras amorosas. Assim, sai toda a força de potência para se arriscar vitalmente. Isso é uma verdadeira arte da poesia, da literatura. – Terminou-se Carol em leitura surda. E retorna violenta de EIS em ato:

*Sonho uma estrutura que se reconhece fragmentada. Mas me param dizendo: a palavra é regular. Duvido de inúmeros sentidos já significados. Mas me param dizendo que palavra é Lei. Acredito na originalidade de texto que é além de palavras. Me param dizendo que a linguagem se deve ser como estudo da ciência. Aproximo-me do livro e vejo os escritos silenciosos da arte. Mas me param dizendo que speech is central to language (LAPIAK, 2010¹⁴). Chega de ser empurrada para trás, e fiquemos frente a frente, meus caros, perante os teóricos da frieza, estudem a seguinte fórmula: **A Riqueza Transpossível de A.R. T.E.***

– Proponho a nós senhores e senhoras de invenção, preparemos um exercício de traduzir a transcriar. Vejamos a seguinte imagem:



25 Blocos/planos/traços/trajetos/mundos pensamentais

¹⁴ Em tradução minha: a fala (oralmente) é central para a linguagem.

– Imagens de movimento, signos letrados, signos gestuais, espaços autores, signos infantis a maduros a infantis curriculares, imagens espectadoras, ora positivas, ora amorosas, ora sensíveis, ora lentas, velozes, ora voluntárias, involuntárias, traduzíveis, ora intraduzíveis. –Disse Emmet.

– Esse ora parece bem longa história de sistemas do pensamento (risos)
– Resistiu-se outra vez, Bay.

– Parece repetição da repetição, ora diferença da repetição se encontra bem difícil de traduzir. –Duvidou-se Carol. Entra silêncio maior. Ficam silêncios singulares. Jorram-se seus barulhos sinais:

– É preciso estar espert@ a repetição e violentada a diferença. É esta “realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (BARTHES, 2013, p.19). – Disse Carol, com força o livro e silenciou em um outro fulgor do real.

– Ei, professora.

Ego fica. Mais Surda. Vê entrada de gestos risonhos, uns neutros, outros misteriosos, alguns mortos. Épocas difusas. Tempo presente, cortado. E sai recortada em gestual:

– Opa, percebo-me sonhadora. Bem. Retornemos aí, signo de escritura que se escreve de diferentes modos, objetivações, subjetivações...

– Professora, já estamos perto das treze!



§ Tiraram-nos ciências de filosofia e prenderam com as de ciências de homens. em textos acadêmicos da repetição. Livros que escrevem “O homem”, tirem e joguem no lixo. E entre nós, tiramos uns de outros uma multiplicidade molecular, singular. Devir-mulher. Devir-infantil, devir-não macho?

§ *Imaginação, diferenciação, atualização por meio do corpo - espírito - gesto (visão extensa e intensa). Algo que pode ponderar o afirmativo de si mesmo em qualquer função e ação.*

§ *Momentos de percepções-prisões-doenças de fontes-signos-conceitos de primeira origem não existem mais. Conheço e reconheço mundos da diferença.*

§ *Os livros, educadores, pesquisadores, escritores do mundo mental múltiplo-terceiro. E, nisso, viajo-me em proposição da afirmação, manifestação e diferenciação. Em imaginação. que “atravessa os domínios, as ordens e os níveis, abatendo as divisórias, co-extensiva ao mundo, guiando nosso corpo e inspirando nossa alma, apreendendo a unidade da natureza e do espírito” (DELEUZE, 2006, p. 209)*

§ *“A atualização se faz segundo três séries: no espaço, no tempo, mas também numa consciência” (DELEUZE, 2006, p.209) Consciência figurativa-imaginativa-criativa, diria Deleuze e Guattari (2010), como disciplinada-criadora.*

Samie acaba de fechar o diário do Zack, um dos estudantes da Criação e, de frente, vê a turma concentrada em suas atividades diversas, a de ler-imaginar, de escrever, a de gravar sinalização-pensação em Libras, a de estudar-rachar-editar vídeos, não de tipos aulas sequenciadas de conteúdos-atividades, mas aulas potentes e ativas em diferentes singularidades. Alguns com dúvida, com neutralidade, com afirmatividade, todos em “consciência larvar, indo sem parar da ciência ao sonho e inversamente” (DELEUZE, 2006, p. 209). Com livros abertos, que versam sobre Barthes, Deleuze e Guattari, Corazza, Foucault, dobrando cada página, que parecem estar querendo compartilhar a leitura com os colegas, e outros de livro fechado, e seus comportamentos transparecem pensamentos e suas ações eram no sentido de escrever nos diários, que foram dados pela escola para serem preenchidos de atividade de escrever-e-ler de si. Era uma sala bem grande,

grande mesmo, que superava a si mesma, se esparramava para além da parede, além da escola, além dos muros.

Carolina com a cabeça colada ao computador, analisando-se por meio de vídeo https://www.youtube.com/watch?v=JcRSwc_W16I. E atrás, a Digital anota algo em papel, “própria pessoa de transmutação”, toda atenta-fora do pensar-mover e, de repente, é alertada, ao ser tocada pela mão delicada do Emmet, que é um menino ruivo que bem aproveita a vida. De volta ao mundo concreto, a atentar a sinalização que Emmet tinha finalizado, este vira sua expressão como se duvidasse da sua atenção:

– Professora, repito: como é sinalizar “Ciência”, “Filosofia” e “Arte”?
–Abaixando braços-mãos após longa (e exaustiva) soletração alfabética (pela segunda vez).

Carolina fica pensativa por alguns minutos. Visualiza signos mentais, coletivos, elaborados de maneira ainda não plenamente definidos, ainda suspensos entre diferentes esboços signícos, tornando-os apaixonantes de sentido. Nesse momento, “não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apóia sempre...” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 7). Volta à “sã consciência”, sinalizando:



26 Sinais de CFA

E viu-se fantasma-referente-amigável-de-viver-junto: “Onde há sentido, tem que haver ordem perfeita. - Portanto, a ordem perfeita tem que estar também na mais vaga proposição” (WITTGENSTEIN, 2009, p.68).

– Ciência é algo fechado, neutro, mas variado, é um corpo de referir-se a... Filosofia é criar formas imagéticas-sinais-espaciais-temporais na mente. Arte é o gesto de traços estéticos. Todos traços traçados por cada prática de si.

– Mas filosofia já é ciência?

– Ciência de que?

– Hum, de conceitos?

– Ora, já temos sinais definidos de Ciência, Filosofia e Arte. – Afirmou o menino da idade de ferro.

– Devemos inventar signos tanto letrados quanto gestuais, estes são sinais técnicos, frios, inventados-científicos-humanos dos “Homens”. – Respondeu em tom condescendente, e, de costas para ele, uma outra virava olhos, que era Bay.

– Mas as palavras ciência, filosofia e arte já são definidas? – Diz Zack, que se orgulha da atenção da segunda professora sobre o seu diário, que era de cor verde e com letra branca, com uma letra Z estampada.

– Definamos também cientista-filósofa-artista? Ciente de signos, saborosa de texto, ou imagem, ou sinal e daí fruição. Definição muito difícil de imaginar. Ciência é igual teoria? Saber? Conhecimento? Filosofia é igual pensamento? Paixão por signos? Arte é igual literatura? Linguagem? São conceitos que nós mesmos fabricamos...

– Fabricar? Tipo empresariar? – Questionou Emmet.

– Pode ser, como aprendemos administração-gestão-presidência por modos governados de si, regovernando nossos eus de pensamento, se os sentimos como signos bem cientes, isso é, semiológica, ou sintagma da lógica, paradigma do drama. Sentido de ver-significar-produzir... – A professora se dava conta, aos poucos, da lentidão de si e dos outros e, em

mente, tenta esquematizar algum exemplo que sirva até Bay entrar em ação, nutrida de paixão por conceitos montados dessa vez, apostou nos ditos de Deleuze e Guattari (2010).

– Semiológicos. Literários e poéticos...se quiserem ler diretamente, é na página 254 do livro *O que é filosofia?* Faço aqui a tradução, então (logo lendo-traduzindo em Libras): “A filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções”. Ciência é documento, filosofia é acontecimento de conceitos e arte monumental. Ciência, estado de coisa. Filosofia, estado de coisificação (um acontecer de conceitos), arte, estado puro de monumentais-sinais-espaciais-temporais. Saberes fragmentados aos escritores de sintagmas e paradigmas diárias-derivadas, e daí árvores das árvores por vir.

– Todos nós constituímos pensares de diversos movimentos-acontecimentos e sistemas criativos de pensamento, entre jogos piercianos (Plaza, 2010): Sujeito, objeto e interpretador, embora Pierce utilize “interpretante” ou seu tradutor de livro traduziu. Sujeito difuso de culturalidade enquanto nomeado variavelmente de objetos de se interpretar pela arte visual. Interpretadores de sujeitos-objetos ora imaginários, ora presentes– Expressou-se Zack.

Nossos jogos de linguagem claros e simples não são estudos preparatórios para uma regulamentação futura da linguagem, -não são, por assim dizer, aproximações preliminares, sem levar em conta o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem estão aí muito mais como objetos de comparação, os quais, por semelhança e dissemelhança, devem lançar luz nas relações de nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 2009, p. 76)

– Além disso, novidade. Esta, talvez, seja simplesmente uma noção que deve ser repetida e diferenciada de nova noção traduzida desde

sempre. Sempre criada desde nós sobre nós mesmos. Novidade gestual. Gesto da novidade, ciências da novidade, mais artes de novidade. Senão, seria “Nada sobre funções sem ciências filosóficas. Nada sobre tradução sem transcrição. Nada sobre nós sem nós”, pensou a docente. “Assim dizer, como medida; e não como preconceito ao qual a realidade tem que corresponder. (O dogmatismo, em que caímos tão facilmente ao filosofar)” (WITTGENSTEIN, 2009, p.76). – Pausou, olhou a toda turma e voltou:

– A tradução é aquilo de nós leitores exercitamos na releitura desses parágrafos, escritos ali. – Levantou-se a questão de (in)traduzibilidade e apontando o dedo indicador para o quadro caprichado: NADA SOBRE NÓS SEM NÓS. E continua:

– Composto de palavras que, espero, sejam ditas na elaboração inédita de uma “nuvem” pensamental e não técnica de palavras que se movem nuveadas de novas significações. Nada sobre sujeitos-objetos sem nossas manipulações de artistar.

– A ciência ou crença? Seja como for. Ciente de que deve ser sempre algo que parte de nossa visão. A ciência dessa filosofia transparece a expressão de signos, de onde jorram figuras difusas, a partir de um Eu montado. Seria como: Nada sobre eu sem eu? – Questionou-se Emmet.

– Isso talvez seja “pré-fixo” ou pode ser “possível-novo”...fixamos a nós mesmos enquanto atuadores de signo. Tudo sobre nós composto por artes singulares de ser-fazer. – Respondeu, imaginando que, embora o espaço esteja estruturado, a flutuação é presente nesses tempos, e “a professora não se questiona quando interroga um aluno, assim como não se questiona quando ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela ensina, dá ordens, comanda” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 7). Samie a observa, a interpreta como disciplinadora da novidade, mas ainda há alguém que pensa contrariamente dela e de si mesma:

– Ciências são nuvens de pensamento? Comprovam, designam entre signos e conceitos? – Questionou o ferrujado.

– E também funcionam linguagens, em que por linguagens nos tornamos, além de linguistas-literárias, como artes de escritura que são um todo de nuvem manipulada de pensamentos. Entre vários sistemas de signo-conceito, percebe-te impossível de definir tudo isso? O que te torna possível?

Em silêncio. Barulhentos no pensar. Bay decide tomar a ação:

– Biblioteca, estranha palavra e pesquiso com curiosidade a sua “origem”, vejo imagens parciais de livraria, museu. ou simplesmente, o lugar do imaginário. Então biblioteca é ciência, imagens foscas-conceituais são filosofias e pensamento feito é arte linguística?... – Entrou em espaço escritor de vidarbos ou instantes. E ainda recebe outra pergunta tão sem sentido.

– Como?? Ciência é algo que funciona em nossa linguagem? Algo ciente de própria linguagem? Não faz nenhuma ideia. – Retornou o mesmo ferrujado. Teimoso de não se abrir, ou ingênuo de não sentir? Apesar de perguntar, estava ficando aquela conversa toda muito estranha.

– Mas funciona em nova ciência. – Diz Bay.

– Arte é criar esboços de potência. Isso é jogo textual de Deleuze. – Abusou de uma sinalização rápida, Emmet, com movimento corporal de modo dançante. Os sinais eram leves, cujo sentido não coincidia com o significado, mas era uma camada de tinta que os sinais encadeavam. O retorno do retorno pelo Val, dependente de conceitos-sentidos já significados. Porém, para realizar “escrita biografemática”, “lança mão de inventividade para criar novos sentidos” (FEIL, 2015, p. 146).

– Bah, não consigo entender. Então sou eu o exclusivo....

– Não traduz como preposição fixa, sentido duplo, de dois lados dobrados, entre palavra e coisa, entre noção e conceito. Não te imaginou produtor? Idealizador não de sentidos fixos, mas de abertura a fechadura signal, espacial, temporal? Imagina-te sujeito sinalizador de signos, ao mesmo tempo objeto sinalizado de signos de outras versões?

Transversalidade, atravessar palavra e coisa para criação...embora aquela frase “Nada sobre nós sem nós” seja um tipo de *slogan* utilizado pelo movimento das pessoas com “deficiência”, mas vejo um novo sentido: nada sobre nós sem nós transparece significação sempre que formular uma crença, que sempre deve partir de nós mesmos. Isso é eficiência. Sem nós, ficaria como pensamento técnico, articulado de ideias abstratas. Aí, isso seria deficiência!

Semelhanças e diferenças em jogo intelectual, mental, lógico, cada aluno se movimentava com sua lentidão ou seu grau todo, em 360°. Ela desejava tanto que tudo fosse sacudido... que signos fossem virados. Em longo momento de silêncio, uns, com olhos como se ficassem visualizando bolas de cristais e outros, com olhos curiosos a cada raio de movimento que outros movem, e outros, com olhos baixos e segurando canetas, que dava para visualizar a cabeça do objeto, como um jogo de *ping pong*. Também dava para ver um movimento firme, escrevendo, que torna os segundos como *flashes* e visualizado o rosto deprimido do Emmet, segurando caneta, com um jeito de querer escrever algo, sem, no entanto, conseguir. A professora, que ficara observando seu ato que seguiu após aquele momento, direcionando corpo ao estúdio (gravação de vídeos), que se chama *Mãos Caras*, que foi uma invenção esboçada de palavras que significassem riqueza visual onde fluímos múltiplas linguagens como portas abertas à criação. Logo, o espaço fica mais claro como que ligassem luzes para gravação, Emmet sinaliza:

– Língua Brasileira de Sinais é uma ciência útil, afirmativa. Minha filosofia é sinalizá-la como uma modalidade franca e visual. Portanto minha arte é pensar com liberdade para reformulação de ideias sinalizadas e tornar a Libras como uma vontade de potência.

– Modalidade tátil. – Complementou Carl.

– Isso é filosofia... sua filosofia, minha filosofia e filosofia da professora, outros produzem nuvens diferentes, experimentam sensações,

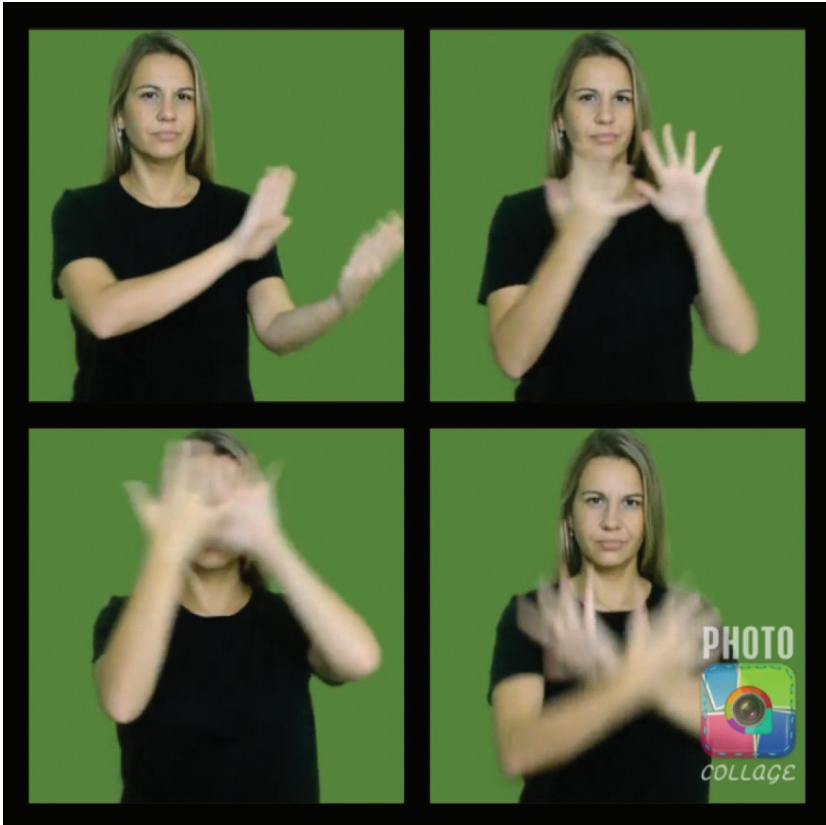
e, ao mesmo tempo criam artes. Tudo isso não se refere “só aos olhos” ... muito menos às preocupações “de qual sua origem conceitual”, nem imagens celestes, nem repetição de discursos já significados. Tudo isso se racha por nossas ações.

– Nem aos sons!

Logo a turma é percebida em cada sistema de signos, cada imagem do pensamento, alguns atentos e outros com rostos bem rugados de dúvidas. Torna a desligar essa visão do mundo concreto, manipula imagens virtuais, sendo que uma é a que faz lembrar alegremente das conversas com Zilu, criatura andrógina de quem fora colega de trabalho por longo tempo e com quem mantinha uma amizade de estudo. Juntos criavam signos visuais acerca das ciências, filosofias, artes que cada um, de si e de outros, traduziam e transcriavam. Em cada um e cada objeto, “procede como uma passagem, que age de denotação em denotação, os desvios estratégicos são sempre capazes de denotar a sua própria passagem, levando os elementos a agirem, por meio de deslizamentos conotativos” (CORAZZA, 2017, p.7).

Carolina sorri e levanta do chão, largando diários, caneta, óculos, caneca, saindo do espaço onde havia um tapetão de zebra e ficando no subespaço onde ligou a câmera, fica para trás um pouco, ajeita seu cabelo que estava solto, e baixa os braços. Dando um clique na filmadora, pensou como algo expresso em duas línguas, sendo sinalizada e escrita, tudo isso foi por “apagar a singularidade das máquinas abstratas, quando estas são construídas em torno de variáveis e variações” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 28).

MÃOS BIOGRAFEMÁTICAS DE/EM GESTO



27 Sinais possíveis: Tradução, transcrição, transformação.

Que gestos são esses? Sinais. Língua de sinais. Chamaria todo sinal um conjunto de tradução, que difere do sinal comum. Chamaria também de transcrição. Ponto de partida, ponto de meio, ponto de inversão. Expressão de formas simultâneas de espaços, imagens e signos. Durante tradução mental, ecoam em travessia e em jogos simultâneos de EIS, que

bem diferem de tradução escrita-linear. “Toda tradução nada mais é do que “a transposição de uma língua na outra mediante um continuum de transformações” (BENJAMIN, 2008, p. 18). Tradução que adota uma concepção de linguagem não instrumental; não fundada na transitividade da função referencial; nem centrada na comunicação, e sim, na nomeação; numa explícita posição de autorreferencialidade, derivada da função poética.

Nuvem que provoca pensamento, nuvem que gera ação de mapa e nuvem artista com relação a si mesma.... (paralisou e inspirou devagar), daí respirarmos ar puro. Ar exposto = “ter cuidados com a própria alma, é o alcance da felicidade; que esta atividade de ter cuidados com a própria alma deve ser praticada em todos os momentos da vida” (FOUCAULT, 2006, p 108). Ar intenso-sinal, alma também seria como filosofia? São signos morfológicos da vontade de saber (FOUCAULT, 2014c), e ou noções fragmentados e pueris (DELEUZE, 1992). Plaza (2010, p. 19) responderia junto: “O signo é, portanto, mediação como ser social noológico que se supõe enraizado numa comunidade”. Comunidade composta (daqui mesmo), de leitores-escritores, submetida “a uma progressiva reelaboração neológica” (CAMPOS, 2013, p. 78). Diferentes pensadores, isso é, um eu pensador e um ele pensador não cessam de dizer como devemos não buscar origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas “pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas; rachar as palavras” (DELEUZE, 1992, p. 109).

Click desligado. Gravação resultante de desvios de se expressar. Escrever signos de palavras é um trabalho um pouco mais doce que escrever signos gestuais. Sinalizar-filmar sem se ler é um pouco mais complexo do que esta escrita - possibilitada ser manipulada de escreituras do próprio tempo-espaço frasal. Seria preciso inventar formas de ir e vir nessa sintaxe espacial. Bense (CAMPOS, 2006, p. 32) aparece no imaginário da Carol após finalizar sua expressão gestual sob gravação: “por sua vez, transcende

a semântica, no que concerne à “imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação de signos”. Após desligar a câmera e vai até o local onde visualiza estudantes com rostos atentos, como fossem olhar numa bola de cristal. Em seguida, cada um vai pegando um livro para si mesmo, observando as mãos abrindo no local onde marcaram como signos e conceitos necessitados a registrar em sinalário.

–Muito bem. Aquele exercício fotografado de configurações distintas de mão, uma ideia é exercer composições tradutórias, isso é, se quisermos, e após visualizarmos segunda leitura de vídeo, então manipulamos sinalário montando seu glossário.

Dessa vez, a sugestão se torna firme e percebe-se corpos moventes ao anotar alguma coisa. “Caudatário de forças reativas, que se colocam em primeiro lugar” (CORAZZA, 2005b, p. 1207) criado de direções cambiantes. Zack, que ainda não largara a caneta, agradece a posição da Carol, que facilmente tem aquele levantar de bochechas rosadas. Logo é recebido por olhos da parceria em contato amigável:

– Não é o sinalário que “traduz”, “interpreta” e “repete”, tampouco “adapta” através de vocabulário. Algo como elaboração estética de sinais, práticas de visualizar e sinalizar no sentido de *escrileituras*. “Isso porque *Escrileituras* é, sempre, um ato político, que não assimila o outro a si mesmo, mas aproxima distâncias e transpõe culturas estrangeiras umas às outras” (CORAZZA, et al, 2014, p.1029). (Re) constituir o sinalário no “devir das próprias línguas” (BENJAMIN, 2008, p. 78). Se não tratarmos de nos traduzir, Foucault (2009b, p. 270), nos apanharia com a pergunta “onde é preciso parar?” Referindo-se à tradução exclusivamente de conceitos de Outros, como uma caixa de ferramentas, como uma caixa de sinalário, é fragmentário. Nietzsche também nos apanharia (via Corazza, 2005b, p. 1208): “um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” enquanto condição da própria criação”.

– Escrita profunda! – Sinalizou um dos alunos.

– Escrita fragmentada. Criar conceitos-e-sentidos em profundidade. Assim, talvez seja mais traduzido como o sufixo grego “-idade”. Adjetivo que dá mais cor? Substantivo que congela ou aquece? Verbo que dá ondas em circularidade-desviedade? Assim o nome “escrita” se adjetiva em profundidade? Talvez uma escrita da profundidade, profundidade da escrita, não sei.

Nesse momento, os gestos silenciam. Jorra uma imagem nuveada dessa educadora: “Ora, abuso de suas obras de expressão, às quais empresto termos inventariados e recrio, por serem ainda reinventariados”. Prazer do fetiche. Fetiche do prazer. Desejo, prazer, amor, alegria, dúvida, leveza=fetiche romanesco = Fetiche literário.

Bay, que estava levantando a expressão como se fosse querer sinalizar, paralisa o sonho cristal da professora, que sorri dando um aceno de cabeça e um piscar rápido como que a fim de proceder:

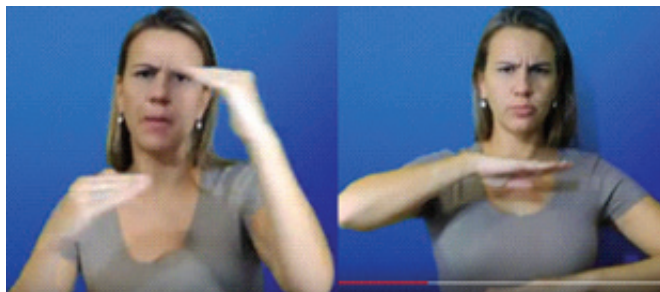
– “Nenhuma criação existe sem experiência” ...Deleuze+Guattari (sinalizados nas páginas indicadas a partir de 166 do ano 2010).

– Criação de signários que experimentam o prazer do texto e o texto do prazer. Ambígua via do Barthes de 1987 se afirma sem definição relativa de prazer+texto. Sinal, desse aí, se move em dobradiça, isso é: sinalizar mãos fechadas e abertas. Mãos apoiadas = signos de Outros + signos da transcrição. Nesse momento, a professora pensou nas palavras haroldianas (CAMPOS, 2001, p. 31): “o caráter experimental de quem trabalha com a semiótica deve ser preservado e há muitas maneiras de fazer isso”.

– Sinal gráfico de saber, é o verbo de saber? Ou Nome próprio, “sabedor”? “sabedoria”? Signos nominais de inspiração. Verbo infinito. Não seria assim de que sinal se traduz em cada palavra? – Questionou o ferrujado ao aberto um pouco aberto.

– Óbvio que não, mas em sistemas amplos-diferentes. Uso dois sinais de “saber” a seguir, quando o sinalizo objeto de saber, não necessariamente

se fixa no mesmo espaço do corpo, mas em várias direções, seja ao lado de cabeça, ou, na frente de rosto, ou do tronco...



28 Objeto de saber

– Esses sinais nem são definidos, ou finitos, certo?

– Óbvio que sim, diferença sempre diferença. Ser-ter objetivo de ciências fechadas, ao mesmo tempo subjetivo da abertura de signos a conceitos. “Os conceitos designam tão-somente possibilidades” diz Deleuze (2006, p.138). Vejamos outra vez a figura-sinal-gestual. Algo corporal-espiritual-mundial em diferenciação A diferenciação como processo de atualização de ideias que criamos (DELEUZE, 2006).

– Também negações, afirmações, alterações, composições, supressões, omissões, adições, subtrações, derivações, composições, flexões, complementações, invenções!

– Com certeza, “é ao mesmo tempo que se torna um e outro. É maior agora e era menor antes. Mas e ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos faremos menores do que nos tomamos” (DELEUZE, 2015, p.1). Qualquer língua, seja de modalidade oral, escrita, sinalizada, visualizada, compõe por determinados sistemas linguísticos-espaciais-imaginários. Percebemos a tão grande família de signos de sílabas, fonemas, morfemas, sintagrafemas e os escrevemos como biografemas?

– Estilística vital. “De forma em forma, por gradações imperceptíveis, ela realizará aos nossos olhos metamorfoses bem singulares” (BERGSON, 1983, p.6) Sinalizo um outro exemplo a complementar:



29 Objeto de terceiro grau

– Arquivista de arquivologia, arquivo da lógica, transmuta-se pelas mãos de cada um de nós, não? Pois “trata-se aqui, a partir do exergo, da violência do próprio arquivo, como arquivo como violência arquivai” (DERRIDA, 2001, p. 17). Este autor afirma arquivo como conceito babélico, vejamos, direita ou esquerda, orientalismo ou ocidentalismo, errado ou certo, nada disso. Tão-somente... arquivar! Pensamentos-conhecimentos-acontecimentos e rearquivar além de arquivos. Arquivo ou desarquivo currículo-didático em português e daqui (daí Libras), de línguas menores-maiores e de artes singulares de si mesmas, deslocando “das vastas unidades descritas para fenômenos de ruptura” (FOUCAULT, 2008, p.4). Esses dois sinais também referem como mundos preenchidos de diversos tipos imagens, tipos espaciais, tipos sinais, tipo gestuais. Tipos atuais, tipos virtuais, cristais. Da lembranças aos sonhos (DELEUZE, 2005b, p.59). Preencho noções emprestadas de Deleuze (2005b) e os invento em signos de intimidade e amigável, percebemos que de qualquer memória, seja de ciência, de filosofia, de arte, inscrevemos em diversos sistemas de signos, imagens, rachamos, navegados e insuficientes (em imagem-

movimento e suficientes - em imagem-tempo). Mas também em imagem-movimento escrito, suficientes enquanto imagem-tempo insuficiente. Todas essas dimensões envolvem imagens ópticas (opsignos), imagens gestuais (gestosignos), imagens de modos temporais (cronosignos), imagens de expresso (lektosignos), imagens de novidade (noosignos). Pensar clínico-crítico com Deleuze e Corazza, de memória-imaginação com Bachelard, de memória-inteligência com Proust e Deleuze, de passado-futuro ao escrito presente, em diária lógica do sentido. “Tensão e elasticidade, eis as duas forças reciprocamente complementares que a vida põe em jogo” (BERGSON, 1983, p.13). Em linguagens deleuzianas sobre a lógica do sentido, olhemos bem a palavra lógica que deriva de logos. Saíamos logad@-sentid@- dramátic@ de signos:



30 Sinalário: Vida e Morte.

I.

ESCRILER IMPONHA E EXPOSTA.

II.

ESCREVER SEM IMPOR E EXPOR UM EU SERIA MORTE.

III.

IMPOSTA morte A IMPORTA morte-vida A EXPORTA

Carolina se vê também teórica-filósofa das multiplicidades (DELEUZE, 1996), Nietzsche (2013a, p.48) lhe pergunta: “O pensamento científico e o pensamento filosófico não diferem então senão pela dose? Ou então talvez pelos domínios?”. Carolina se percebe repetidora de diferenças conceituais e mesmo assim se difere em signos culturais. Conta-lhe de um sonho antigo de escrever, ser escritora em/de sua língua, pois a Libras é uma outra teoria de multiplicidades funcionais-artistas. Nietzsche (2013b, p. 149) escuta e responde: “Em si, uma tentativa inversa seria possível, [...] fazer fundir com a má consciência todas inclinações não naturais, todas essas aspirações ao além, ao contrasensível, ao contrainstinto”. Carol lhe agradece e seguidamente encontra com Barthes (2013a, p. 17), que lhe adverte a necessidade de comunicar aos leitores de que é preciso figurar-se “no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro”. Carol agradece outra vez, re-olha as figuras acima e ruboriza ao ver seus mamilos “públicos”, por algum tempo, de pensamento, de olhos cristais e aparece Foucault balançando o dedo: *Você é escrava ou livre de seus desejos?*¹⁵



¹⁵ (FOUCAULT, 1984, p. 221)

Esse cenário dialogado toma por método fronteiro de se enunciar ora via sinalário, ora via palavrário, ora via imaginário figurativo. Escrever, ler e interpretar textos = processo dado de significações; e sinalizar, visualizar e interpretar = um outro processo movido de se ressignificar. Escrito-encenado de cenário escolar-vital onde movimentam-operam personagens, conceitos, signos, espaços, tempos, matérias e devires desde as perspectivas repetidas de teorias de tradução e diferentes (DELEUZE, 2006) de novos olhares corajosos (FOUCAULT, 2011), de vezes guiadas por mares corazzianos (CORAZZA, 2013, 2014, 2015) por meio de tudo isso: Ensino curricular-didático de Libras; Filosofia; Libras para Falantes; Libras filosófica para Surdos; Português para Surdos; Semiótica/ Semiologia; Literatura Biografemática; o que lhes convém definir em outras noções. Cada ensino constitui e reconstitui-se desde o pensamento da diferença, questionando-se posições permanentes da Ciência, da Verdade. Esse pensamento não é único, não é uniforme, é plural-singular, é informe cuja potência de escrituras, filosofias, literaturas, romances e vidarbos. A partir desse tipo de pensar, multiplica-se saberes de sabor, jorrando ações que permitem agir em si mesmas. Entra em ação, a invasora Escola da Ciência, questionando sua Verdade de Diferença, afirmando-se de modo estruturalista:

– Sabor? Saber? Saber é conhecimento. É preciso adquirir muito conhecimento e subir na vida...

– Subir como? De escadas abstratas-sistemais pensamentais, de conceitos, de signos que já estão mortos?

Entre nós, prefiro conceituar o saber como algo que dê prazer e provoque fruição em escritura, fica sugestão a leitura do livro do Barthes (2013), acompanhemos sua escrita da página 20: “a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (saber e sabor têm, em latim, a mesma etimologia)”. Escritura começa com conhecimento, mas também o termina criando infinitamente saberes de sabor. Mas também termina

escritura ao começar a reescrever-me (aqui) – Pensou Escola de ciências diferentes de que aquilo afirmativo-técnico não passava de senso comum e afirmou-se mais ainda afirmada-educada:

– Saber pulverizado, como dizia ele (2013, p. 19), que “o saber é um enunciado; na escritura, ele é uma enunciação”, escrever, inscrever, reinscrever saberes, mas também potências de sabor, “de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise” (CORAZZA, 2005, p. 94), assim evitamos “o risco da “pulverização na História” (CORAZZA, 2015, p. 32), e, aí agimos por desterritorialização, reterritorialização, territorialização histórica-filosófica de ler-escrever-traduzir-criar...operações de pensamento da diferença, mais ou menos isso...

– Isso parece quatro operações que Barthes (2005c), dá por outra significação: isolar-se; articular; ordenar; teatralizar. Isolar-se é algo material vazio que toca um novo pensamento, ou de nova linguagem, ou de nova língua, ou de novo Texto. Algo assim parte com cortes, combinatórios, ajustes, composições, junções, fazendo articulações e ordenações como operadores de linguagem, de sintaxe, tornando “alguém para regular (mas não: regulamentar) [...] a orgia, mas esse alguém não é um sujeito; regente do episódio” (BARTHES, 2005c, p. 7). Assim, tornamos-nos atores, autores e agentes ao teatralizar, não para “enfeitar a representação”, sim, sem dúvida, para “ilimitar a linguagem”. –Suspirou-se um breve ar ético e viu uma nota que antes marcara atenção enquanto dava aquela voz barthesiana e que estava escrita “representação”, em alguns minutos silenciosos, Escola de Filosofia Prática suspira-se, outra vez, em novo cheiro ético, inspirando-se:

– Representação é signo que prende com corpos controlados por Ciência da Verdade, sendo corpos reais-virtuais ou virtuais-reais. Dizem publicações de área de “educação de surdos”, os termos surdo e surdez representam sujeitos possuidores de língua de sinais, de Cultura Surda e Identidade Surda e sujeitos clínicos e dependentes de ouvintes, nos

perdoem, Escola da Grande Ciência, mas ao mesmo tempo, nos ofendemos com esses signos já estabelecidos e também, evitamos dependência de signos-conceitos históricos-políticos-documentais-arquivos maléficis. “Mas é importante ter registro científico!”, mas digamos, registrar algo que já foi estabelecido ou significado em tempos-espacos distintos, não é compatível em nosso meio.

– Sinal gráfico de conhecer-conhecimento difere do sinal de saber, mas entre palavras e coisas, não são mesmas coisas? Tomo-me socrática: Sei que nada sei! Reconheço que nada conheço. Penso, logo vivo-me. Escrevo, logo escrevo-me.

– Sinal de *Filosofia* parece um nome próprio de fragmentação. Sinalizamos inúmeros sinais que dão significações últimas, e nos contextos de que são cientes de metafísica, não-cientes de terceiro grau/traço/plano de criação, falo o sinal “formal” e depois, complemento sinalário e seu textuário em diferenciação.

– Como?

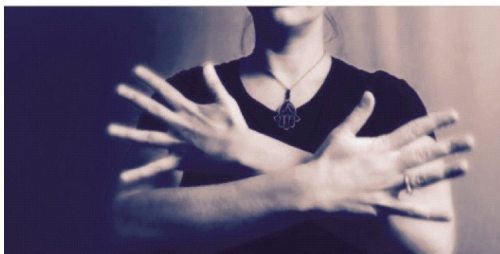
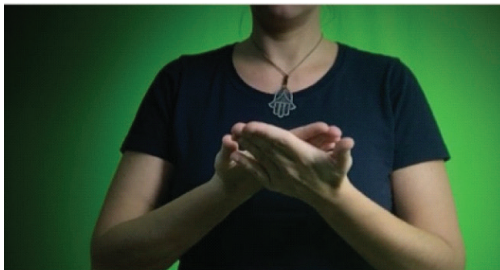
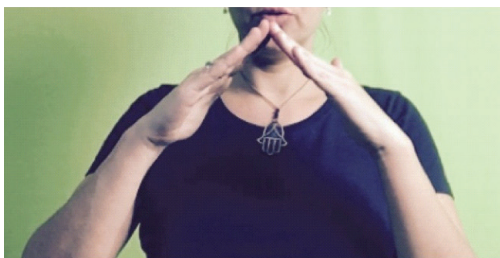
– Vivemos um pouco do pensamento de Deleuze e Guattari (2010, p.144-145) “Agir contra o passado, e assim sobre o presente, em favor (eu espero) de um porvir – mas o porvir não é um futuro da história, mesmo utópico, é o infinito Agora”. Por exemplo, apreendo linguagens foucaultianas (de diferentes seres-teres e diversos EIS): saber, arqueologia ou arquivos de lógica, ou razão, ou estudo, relação de poder, ação sob ação, genealogia ou geração de lógica, conhecimentos, conceitos, sistemas científicos humanos e ética, sexualidade de si, subjetivação ou sujeição de eu-difuso. Para isso funcionar, antes se vê pessoas e objetos em tempo presente para depois “fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove a graus de profundidade insuspeitos. Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 2008, p.201)

– Aqui a escola, então, é o espaço poético de/em/para casa!

– Para?

– Sim para formar, transformar e transcriar estudantes como indivíduos que não se copiam, mas se criam em cada circulação profissional, pessoal e para (por vir) vidas profundas. Também é preparada para subjetivar-objetivar indivíduos problemáticos de si mesmos e de outros.

–De que modos? Eu, nós, ele, vocês, são de corpo, mesmo físico, mas que criam corpos do acontecimento, do agenciamento? Individuais-coletivos?



31 Sinais: Casa, estudo, gesto.

– Casa e estudo se compõem e derivam como Escola que deriva do sentido grego como descanso, folga. Nossa escola é praticamente isto. O lugar de não depender de palavras e coisas, mas com elas, ser criador. É uma casa poética de estudos-deslizamentos-fluxos-fugas-devires.

– Nesta escola, reconhecem-se algumas comunidades: de ciências de ideologia-história, por exemplo, Campos diz tradução, transmutação, Benjamin diz tradução, transponível, etc; desde tal fulano, século, espécie, gênero, número, fonte; de ciências filosóficas “para suas descobertas e achados de crítico sensívelíssimo que é Barthes, para retomar um jogo de palavras que lhe é caro, não está preocupado com a doxa (a opinião verdadeira) mas com a hetero-doxia, a para-doxia”(CAMPOS, 2006, p.122-123); de artes próprias. Prazer de verter, subverter e inverter. Amor por sabedoria. Amor por filosofia. Sabor por saber. Saber saboroso, romanesco. Saber por sabor. Seja como for significação, pois então “o sabor do saber é Babel feliz” (BARTHES, 1987, p. 7), então escola Criação é babel feliz!

– Esse conceito de Babel feliz, talvez se vale como o saber romanesco, é um conjunto alegre de se inventar da expressão da nova expressão? Relação nova de poder? Fazer e obedecer saber amoroso, ou seja, linguagem amorosa. Podemos manipular Babel de signos gestuais por vídeos para nosso conhecimento. – Animado, um dos estudantes, que aprecia os momentos de inspiração artística, mas se apercebera da expressão meio fechada do Carl e vai até ele, tocando suas mãos, gestualizando qual era o motivo da expressão enrugada. Carl sorriu agradecido pela consideração e coleguismo, e disse que tinha dúvida em delimitar o sinalário e perguntou-lhe como era o sinal de “poder”. Logo, Carlos sente os músculos fortes das mãos do outro, que lhe sinalizou este sinal de poder.



32 Sinal: poder

E por alguns segundos de manipulação de mundo interior, retorna a falar-mãos:

– Este mesmo representado por seu dito antes como um verbo de potência? Há outro conceito de que tem força submissiva, oposta de quando utilizarmos “poder” (o agir de potência)? Para Foucault (2014a), a relação de poder age sobre sua própria ação.... Justifico essa dúvida, pois recentemente, na aula dada, o intérprete profissional recusara-se a aceitar minha sugestão de mudança de signo visual. Ele disse que os sinais foram “convencionados”, têm de ser fixados, assim como a palavra “surdez”. Mas lhe respondi que tanto “poder” quanto “surdez” geram sentidos heterônimos e lhe complementei uma fala barthesiana (2005a, p. 224): “um heterogêneo, um heterológico de Verdadeiro e de Falso”.

– Boa observação, Carl, ops...

– Ops? Observo em cheio, não é? Observo com percepções e afecções!

– Certo, parceiro, teremos de fazer uma formação continuada para os intérpretes...

– É preciso, muitas vezes entro em choque pragmático, me faço pensado de conceitos quadrados, é preciso fazer conscientizar de que entre

nós, de cabeças viso-gesto-espacial nos significamos em metamorfoses enquanto as mãos “acessíveis” se invertem! Explico, seria como fosse algo assim: “Escrileituras são maquinadas entre relações de saber-poder produzidas, entre cada um de nós, entre cada relação de si, ética, poética...”. Tradutor em serviço lhe passa assim: Escrileituras cada um nós faz relação poder (de rei)...

– Hahaha

– Que foi?

– Nada não, tudo sim memória que acabei de ver de mente, aconteceu comigo também, numa aula, o mediador interpreta palavra de trilho como andar-trem contínuo, o subjetivo-me objetivo conceitual, mas está aí conceito desfigurado.

– Porque?

– Trilho refere ao verbo de trilhar-se!

A docente entra em ação, lhes solicita a realizar atividades da criação dando opções conceituais aos estudantes expressarem em sinalidade:

I. Rastro de desejo.

Eis porque é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os signos, que faz de toda educação alguma coisa amorosa, mas também mortal. Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.

Modo de usar: a)leia o excerto supra, retirado do livro Diferença e repetição (Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.54) de autoria Gilles Deleuze, mas não o explique nem comente [nem o aplique]; b) deixe-se deslumbrar, transportar por ele; c)deixe que ele

o acarície e que essa carícia produza seu efeito, como uma espécie de incandescência misteriosa (explicá-lo não o esgotaria); d)no contentamento de um desejo amoroso, passe do ler ao escrever; f) no rastro desse desejo, simplesmente escreva (em até meia página). (CORAZZA, 2016, p.1).

II. Escrita complementada de complementações, declara-te em “potência intelectual, imagética mental, lógica imaginativa” (CORAZZA, 2012a, p.128). O poemeto (breve poema) pode tornar-nos complementadores poéticos de outros EISAICE. Texto preto é de *Dar aula* (GUERRA, 2017) e texto azul é por própria invenção. Escolha uma cor e preencha-te artista.

Se não dá aula: recalçada; se dá aula dualista de signos, bloqueada.

Se dá uma boa aula: gostosa; se inferna (em latim) dá aula boa.

Se dá aula com amor: maternal; sim, maternos signos.

Se dá aula humilhando: sádica; de EIS tristes.

Se dá aula para si: masturbadora; transartista.

Se dá aula fixada no dedão do pé de um aluno: fetichista; bruxista

Se sofre para dar aula: masoquista; se sofre para dar aula de carne, sofre mais.

Se dá aula mijando os estudantes: pervertida; Carrie estranha do baile.

Se dá aula em alto e bom som: histérica; não-conhecida. Se dá em tom bom, reconhecida por novos unitários EIS;

Se dá aula selvagemmente: bestialista; sendo menina selvagem e mulher animal;

Se dá aula descuidadamente: relaxada; leve;

Se dá aula intensamente: sensualista; perdida e encontrada em intensidade;

Se dá aula animadamente: exibicionista; teatróloga cômica;

Se dá na aula: criminosa sexual; de carne textual

Se dá aula em voz baixa e sentada: submissa; individual a multividual.

Se dá aula castigando: dominatrix; castigando conceitos de abertura
Se dá aula movimentando o corpo: descontrolada; controlada de unitários
AICE
Se delira ao dar aula: louca; dançarina
Se nunca deu aula: virgem; inexistente
Se dá poucas aulas: inexperiente; se forem breves aulas de tradição científica-filosófica, esperta.
Se dá muitas aulas: devassa; se de diferença, devassadas de paixão
Se não gosta de dar aula: frígida; demitida.
Se reclama ao dar aula: ressentida; de fome, pede licença, de vontade, pega comendo maçã.
Se dá aula com tesão: tesuda; tesuda aula a aula tesuda. Tesuda aula ou sem aula não tesuda.
Se dá aula sem tesão: fingida, interesseira; aula sem tesão de dogma, doxa, melhor.
Se dá aula por sentimento: mulher; potente
Se dá aula por instinto: homem; essencial
Se dá aula por vocação: pura; por chamada de sabor, puríssima, por apelo celeste e fora de si, pobre.
Se dá aula obrigada: estuprada; de diferença, mais estuprada de EIS AICE.
Se dá aula sem saber por que: ingênua; ao saber por que/qual/como/quando sabe, doa-se, não sabe, não doa.
Se dá aula para viver: vagabunda; aula de viver, vagabunda, viver aula, marejada, aula sem viver, atestado de óbito.
Se só pensa em dar aula: ninfomaniaca; se pensa tão-somente aula, ouro, se pensa depois de aula, ferrujada. Se pensa antes de aula, preparada.
Se vive para dar aula: libertina; se vive aula singular, libertinadora, se vive aula coletiva, uma bombástica.
Se se pergunta por que dá aula?: neurótica; educada de glossário
Se não se pergunta absolutamente nada: alienada; existe indivíduo que

sequer uma vez nem se pergunta? se não se pergunta em problema-solução-hipotese, subjetiva-passiva, se não se pergunta julgando pré-conceitos, inteligente. Se não se pergunta julgando-significando de si, burrística.

Se dá aula por dar: fácil; se for de repetição-diferença-arte.

Se resiste ao dar aula: difícil; se for de repetição, fácil depois dessa dificuldade.

Se dá aula um dia aqui outro lá: depravada; aventureira

III. Aplicação de método de CFA a partir de noções “subjetividade”, “objetividade”, “atualidade”, ou a partir de filosofia “os dinamismos espaço-temporais puros têm o poder de dramatizar os conceitos, porque eles, primeiramente, atualizam, encarnam Idéias” (DELEUZE, 2004, p. 118), ou/ texto conceitual-poético-contínuo de Fazer aula.

III. Te torna participante-ousador de discussão entre Deleuze, comentadores e entrevistadores do texto abaixo de Deleuze de 2004. *A Ilha Deserta. O método de dramatização*. Das páginas 123 a 126 : “O claro e distinto é a pretensão do conceito no mundo apolíneo da representação; mas, sob a representação, há sempre a Idéia e seu fundo distinto-escuro, um “drama” sob todo logos”.

INAUGURADOR: – *Nós agradecemos vivamente por tudo o que disseste. Raramente estivemos em presença de uma tal tentativa – não quero dizer de sistema – mas de visão por diferenciação, escrita duplamente, de um mundo descrito talvez de maneira quádrupla. Mas paro por aqui, pois o ato do Presidente é calar-se e deixar a palavra aos outros.*

SUJEITO OCULTO: O presidente se cala? Quem dera.

SUJEITO STATUS: – Enunciarei uma questão a Deleuze. Gostaria de

saber como, em seu modo de ver as coisas, se apresentaria a oposição entre o natural e o artificial, que não é espontaneamente dinamizada, mas que se pode dinamizar por auto-regulação.

SUJEITO FRANCO: Você é super artificial, pensamento de viés artificialista, não existe oposição entre o natural e o artificial, sempre acoplagem. Você é teórico-copiasta-prazista de ciências sem sentido.

GILLES DELEUZE: – *Não seria porque o artifício implica dinamismos próprios que não têm equivalente na natureza? O senhor frequentemente mostrou a importância das categorias de natural e de artificial, notadamente no pensamento grego. Essas categorias não são diferenciadas, precisamente, em função de dinamismos – em função de percursos, de lugares e de direções? Mas, tanto nos artificios quanto nos sistemas da natureza, há organizações intensivas, precursores, sujeitos-esboços, toda uma sorte de vitalidade, um caráter vital, se bem que de um outro modo...*

SUJEITO-MESMO STATUS: – *Isso vem a ser muito nervaliano*¹⁶

GILLES DELEUZE: – *Com efeito, eu o desejaria.*

SUJEITO-REPETIDO STATUS: – *No Filebo, em 64 b, Sócrates diz que se completou a criação de uma ordem abstrata tal que ela poderá animar a si própria. No domínio do espírito isso vai por si só. Resta esse imenso domínio da matéria...*

GILLES DELEUZE: – *Seria preciso classificar os diferentes sistemas de intensidade. Desse ponto de vista, os procedimentos de regulação aos quais o senhor aludiu há pouco teriam uma importância decisiva.*

¹⁶ Tal fulano que cria quimera ou nuvens abusadas de sonhos.

Esse cenário manipulado por essa pessoa, daquela que sempre se estuda “sempre imediato, regrado por uma espécie de evidência que lhe salta aos olhos” como estalo do Ideário, pois então “joga com os signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender (BARTHES, 2013, p. 38).

DE EXTENSÃO: singularidades

Alice termina de digitar o trabalho de conclusão do curso (TCC), retorna às referências, percebe alguns erros, os corrige. O olhar encontra o título de Haroldo de Campos (2001) *Semiótica como prática e não como escolástica*. Volta-se à memória “noológica”, entra nesse livro, encontra, de fato, a palavra noológica e confere a página 19. Abre um arquivo *Power Point* e digita: Escola Criação: atividade-escolástica-noológica da virtualização-atualização, pensando com Deleuze (1996, p.49): “Todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais. Essa névoa eleva-se de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais se distribuem e correm as imagens virtuais”. Criação parece ser constituída em fórmulas múltiplas e plurilingues, biografemáticas. Modos não passivos ou transmissores científicos e situações reais-apaixonadas em cenário. Eu, o próprio corpo é inventado de várias maneiras, cujas mãos se escrevendo aqui, questiono com o pensar (antes formulado por signos éticos-potentes) traduzido e criado por mãos biografemáticas. Entra Lisete em ato, perguntando se estava preparada. E Alice sorriu balançando a cabeça.

DE EXTENSÃO: multiplicidades

Na praça onde se desenrola o evento parceiro de escolas Criação, Escriteiras e EIS AICE, encontram-se aproximadamente dez mil pessoas

participantes, algumas praticantes da diferença e outros da repetição-generalização acadêmica. O evento é feito por estudantes universitários de licenciatura que fizeram acompanhamentos com discentes e docentes regentes da escola, esse, feito somente depois de se ter escrito o TCC, como um compromisso profissional e público.

Um pouco antes de começar o evento, se encontram, animadas Alice e Lisete, além de estudantes-professores de outras escolas, pondo em ordem de suas falas a serem apresentadas. (Essas pessoas são derivadas daquelas escolas, Cris e Paula, estudantes, enquanto Idalina e Luiz, seus regentes e regidor de pensares+signos puros). Enquanto Sérgio, escolhido como alguém que abre as cortinas do evento, se prepara e dirige a equipe de organização, perguntando se tudo estava já preparado. E viraram as cabeças levemente, movidas para cima e para baixo.

– Bons dias, é uma alegria estarmos todos aqui, esse evento é um compromisso que os estudantes de Universidade fazem, demonstrando relações puras nas escolas onde atuam docentes de discursos curriculares-didáticos da diferença aos estudantes. Depois, colocam-se em redação artista em ações individuais ou multidividuais, como a escrita do TCC e o evento de extensão, este, como política da Escola e da universidade, funciona junto à pesquisa-ensino-extensão conjugada e transdisciplinar de ciências, filosofias e artes. Temos três apresentadores de diferentes escolas... eles falarão sobre os métodos trabalhados, de experimentações curriculares-didáticas, depois farão uma ação de extensão com vocês. Bom evento! Pena eu não poder ficar aqui, - olhando o relógio - tenho reunião marcada com o Presidente, marcada não, agendada, bem não, na verdade ele enviara a carta-convite para discutir educação da diferença, estou surpreso por ele ter nos reconhecido. Não estou temendo nada, vamos ver se ele se desapegar de seus temores em relação às nossas propostas educacionais. Bom evento e boa sorte para mim. Grato. – Saiu tão rápido que Alice entra em ação:

– Olá, viram ele avistar diversas vezes o relógio? Isso não aconteceu nas nossas escolas, certo? – Olhou para a equipe e viu diversas expressões positivas. Mas não viu que o público estava em OCA. E continua:

– Apresento-me estagiária da escola Criação, particularmente, gosto mais de escola Poética, talvez um dia eu crie esta. O relógio não é muito visto por nós, pois entramos em diversos imaginários, muitas vezes, manipulados a criativos, por pensamentos, produções e ações, aprendemos-estudamos diariamente, não em ordem sequencial-curricular, sim em processo-exercício de criação nas relações mútuas entre ciências, filosofias e artes. Relógio? Só para continuar em possibilidade criativa! Experimentei diversos métodos de criação, vivenciei diferentes processos de singularização. Houve um estudante que não compreendia o traduzir signos não fixos e criar conceitos múltiplos. Foi por isso que decidi tomar por trabalho de conclusão as experimentações docentes com este aluno. Depois retornamos a isso. Tanto o TCC quanto escola Criação funciona em pedagogias do conceito (DELEUZE, GUATTARI, 2010). Além disso, “uma pedagogia dos efeitos é, pois, possível: há que sensibilizar alunos sobre a produção e a recepção dos efeitos” (BARTHES, 2004b p.341). Um dia, criei aulas cheias (CORAZZA, 2012a, 2012b) de conhecimento-saber-aquivo-discurso. Aulas de semiótica poética, teórica e prática (CAMPOS, 2001, p.32) e também de semiologia-escritura-literatura barthesiana. Semiologia é uma ciência própria dos signos, somente os escritos nos fazem existir nomeando-se, “é portanto simultaneamente verdade que as coisas chegam à existência e perdem a existência ao serem nomeadas” (DERRIDA, 2014, p.62). Também sinalizo “uma banalidade dizer que há mais gente que lê do que gente escreve. Mas esse fenômeno não é normal, natural: ele é historicamente determinado (BARTHES, 2004b p.341). – Pausou, olhou o público, e logo ficou de cabeça branca. E Cris interpreta como se precisasse de complementação e entra em ato:

– Como Alice disse, entre nós, temos determinações históricas de educação da diferença (CORAZZA, 2002), esta autora é multiplicadora de nossas escolas, faço parte da Escreituras e experimentora-escreitora de método da diferença. Escreituras é algo que lemos-visualizamos-escrevemos sempre entre duas realidades, sendo atual-virtual-real (nosso exterior) e outra virtual-atual-real (nosso interior). Por exemplo, estamos na aula da Sandra, que propõe uma “invenção de aula em vias dramáticas” (CORAZZA, et al, 2017), isso soa em nossa atualização virtual de signos, cada um de nós o realiza em virtualidades sempre a partir de teorias da tradução e da diferença, algo que não nos constitui como robóticos-mecânicos de teorias de repetição, por exemplo, aulas onde explicam signos e conceitos sem fazer escreitores se tornarem explícitos de próprios signo. Onde aplicam a regra de 2, signo é conceito e conceito é signo. uma operação pensamental entre imagem-índice e imagem-movimento. Mas além disso, regra dos três, trip tradicional-greco-latino-atual, move imagem-percepção-espaco-afecção-tempo-pulsão-ação e ainda assim, move diária “crise da imagem-ação” (DELEUZE, 1983, p. 242) Imagem-índice, por exemplo, ciência, daí entramos em imagem-movimento, lendo-escrevendo sob significação, daí entramos um pouco mais insistentes no imaginário, que é de imagem-tempo (DELEUZE, 2005b). Essas imagens, escreituras de pensamento em movimento e escreitoras da diferença em tempo: Escrevemos-lemos ao mesmo tempo aqui em forma linear. Para vocês, o que é diferença? Não a interpretem necessário para ter de diferir de outros signos, mas para se diferir do sentido duplo ao múltiplo. Derrida nos complementa: “Difere-se deste modo para se reapropriar” (2014, p.103) Alice, agora é com você, estamos curiosos com suas experimentações discentes-docentes. – Estenderam os braços a Alice, que estava sonâmbula em seus pensares e sem consciência de frente real, a abraçou. Cris ri e diz, enquanto seus braços abrem, indicando a sua vez de tomar as mãos, de voz, e Alice, despertada, percebe que estava em outro mundo.

– Mas é bom abraçar, é verdade Cris, sou em sonho nuveado. – Riu-se e olhou um grande número de pessoas também se abraçando, talvez era um contágio, pensou.

– Certo dia, estávamos na aula configurada “como um território transdisciplinar, translinguístico, transemiótico, transliterário, transartístico, transcultural e transpensamental, que nasce e vive em diversas obras de diferentes línguas” (CORAZZA, 2013c, p. 1), discutimos sobre noções de biologia, de religião e de filosofia. Antes Cris abordou a regra de 2, pois então, entre nós e Deleuze (2002, p.30): “a regra de três, nós a aplicamos, nós a consideramos um dever”. Deveres de concentração, contemplação e criação criam o múltiplo devir. Concentrar, é como entrar em consciência (com ciência), contemplar é algo que concretiza o processo de criar. Trabalhamos com isso com a turma. Em resultado, produziu-se vários métodos de concentrar-contemplar-criar, mas havia um aluno cuja cabeça insistia na regra de dois, criticou, isto é, de forma corrigida ou avaliativa, as noções de governo, biologia, de religião, abordando épocas/tempos/histórias como mostrasse comprovações científicas, mas ao mesmo tempo fragmentárias. Daí sugeri a este aluno: – Não crie representações absurdas. Não quero com isso me intrometer, apontando seus modos históricos e geográficos, se estão em falta de se ver um eu inventivo, porém, de qualquer forma, como aborda essas identidades finitas? E ele ficou em silêncio, nesse momento senti a amargura sob a própria ação de educar, baixando olhos cansados mas fortes, e por acaso, encontrei-me com trecho marcado do livro *Lógica do Sentido* e sinalizei para ele: “identidade infinita dos dois sentidos ao mesmo tempo, do futuro e do passado, da véspera e do amanhã, do mais e do menos do demasiado e do insuficiente, do ativo e do passivo, da causa e do efeito” (DELEUZE, 2015, p.2). Experimentamos um dos métodos possíveis de aplicar a regra de 3, apontando fórmula de três pensada por Pierce (PLAZA, 2010, p.23) em ideia/pensamento que move entre Signos-Em (ícones), Signos-De (índices) e Signos-Para

(símbolos). Signos icônicos são os que manipulamos formas de pensar ou escrever. Dessa forma, envolvem indicialidades de possibilidades a partir de nossas traduções intersemióticas. Dessas possibilidades, criamos inúmeros signos simbólicos. Objeto imediado EM signo, objeto dinâmico DE signo e objeto simbólico ao manipular objeto simbólico. Cria-te em cada escritor da diferença que “dispõe-se essa didática na cena dramática da aula, sua zona prática e proximal de criação em processo” (CORAZZA, 2015b, p. 105). Didatiza-se como currículo da tradução. “A tradução não buscaria dizer isto ou aquilo, a transportar tal ou tal conteúdo, a comunicar tal carga de sentido, mas a remarcar a afinidade entre as línguas, a exibir sua própria possibilidade” (DERRIDA, 2002, p. 44). Em alguns segundos, esse aluno sai (nem entrou) da aula. Preferiu manter assim as potências de agir passivo-negativo-triste. Seguiu ignorante, fora de aulas cheias que há mais de 30 anos Sandra Corazza coordena sob nossas escolas. Academia atualmente categorizada, mesmo incluindo filosofias, nisso, minoria de signos (mas mascarados por maioria de Verdades) têm diária luta-guerra com as representações, pois os detestamos. Amamos imaginações não precipitadas, não julgadoras. Não menos que sim agimos por “docência afirmativa, autoral e criadora” (CORAZZA, 2016, p.1313). Outro dia, o encontrei assando na sauna, sim, em nossa escola existe isso, depois de exercícios físicos, pois melhora respiração e relaxamento. De repente, senti o toque de uma mão no ombro, o olhei todo sorridente e ele disse que foi um ignorante. Contou que entregou-se naquela fórmula peirceana e se atuou signador: Entre signos-em, biologia como vida, lógica, logos, através de signos-de, é o estudo de vidas-comunidades-animais ambientais e então com signos-para ser lógico de vida e estar lógico de vida de si e de outros eus em vida.

– Lá, Alice no intervalo. Aqui entro, escolar de EIS AICE, meu nome é Paula e atuei atuante a atuadora dessa escola. EIS (espaços, imagens e signos), fórmulas curriculares de estudar-aprender enquanto AICE (autor,

infantil, currículo, educação) trabalhada-processada de tradução-criação. Somos diversos-tradutórios EIS, tornamo-nos autores de nós mesmos, além de amizades intelectuais com outros autores, tomamos a infância de EIS, como fosse expressa em novidade, tomamos curriculistas de três planos traçados de referência, de composição e de criação e tornamos-nos mesmo educadores de si, de outros eus, e de outros. Esse bloco eisaiceano é interminável como a linguagem. Aliás, ele é a própria linguagem inventiva e apreendida no seu infinito. “O «bom» professor, o «bom» estudante são aqueles que aceitam filosoficamente o plural das suas determinações, talvez porque sabem que a verdade dum relação de fala está noutra lugar” (BARTHES, 1975, p.36), talvez não, puramente verdade. Temos combate com o pessimismo escolar-memorizante, combate de signos celestes para profundos. Além de fundo duplo tomamos profundos-educares de EIS e retornamos artistas em autoria, de signos de fluxibilidade. Assim navegamos crianças, ultrapassando velhos significados. Assim tornam a maturidade que retornam infantilidade. Tanto currículo maduro da diferença quanto infantil em novidade e em educabilidade. Somos invertores de potência ativa e alegre, também agentes da ação profunda. Também cientes de educação proibida de se educar em ciências exatas (opostas de nômades), vejamos o slide:

O modelo hidráulico da ciência nômade e da máquina de guerra consiste em se expandir por turbulência num espaço liso, em produzir um movimento que tome o espaço e afete simultaneamente todos os seus pontos, ao invés de ser tomado por ele como no movimento local, que vai de tal ponto a tal outro (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.22)

– Então temos ciências nômades de matemática não axiomáticas, não teorematizadas, sim intuitivas ou construtivistas, dizem Deleuze e Guattari (1997); de geografia, geografema e geologia não decorada de nomes de

tipos de montanha, ou desenhos de mapas, puramente abstratos, sim de perspectiva imaginativa-espacial, história não sequenciada-nomeada de gêneros, tornamos a nós próprios fragmentadamente historiadores, tomamos religiosos-filósofos de Spinoza (DELEUZE, 2002), potentes de atividade (não celeste, não de olhos para cima), é claro, não são todos que são ativos-ousados em pensamento e outros, em mundos mundanos, outros em ação própria. Ativos, passivos e neutros. Além de cada âmbito subjetivo, objetam spinozamente, potência, alegria, tristeza... as subvertem. A responsabilidade de conduzir as aulas era escolhida por sorteio, ou por livre escolha, ou o próprio indivíduo se escolhe. Pois pesquisar é com todos, professar também. Escola não possui aquilo de “não sei, melhor esperar até aula de tal disciplina exata”. Entre nós, não temos status acadêmico, de gestores, estudantes, professores, pois todas pessoas aqui ensinam e aprendem. Claro, os professores se formam nas universidades, para ensinar e disciplinar, mas sempre em arte da diferença visual-ótica-signal, afinal esta é a ÚNICA vida que temos para aproveitar. Acordem, vivemos tão pouco. Esclarecemos que não somos contra ciências humanas ou exatas, mas a favor a estas transversalizadas com filosofias e artes, “para além das ciências: desmaterializar, aquém das religiões: desmistificar os deuses e os encantamentos, tipos: culto do intelecto, transposições antropomórficas” (Nietzsche, 2013a, p. 108), “que se dirigiria a essências morfológicas vagas, isto é, vagabundas ou nômades. Essas essências se distinguiriam das coisas sensíveis, mas igualmente das essências ideais, regias, imperiais (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p.26). Todo dia, dia todo, papel e funcionamento desta escola, da Criação e da Escrita é sempre mais: ser original e falsa verdadeira, abusar de identidade à singularidade desperta por potências a valer, olhar o signo sem identificação, formamos personagens propriamente conceituais e isso só abre entradas imaginantes em grau redondo de eu, do determinado pensamento-movimento-acontecimento. Reconhecer diferença, nem se precisar amar ou odiar.

Duvidar de conceitos, questionar a vida (nunca mais a morte) perguntar por coisas abstratas-concretas e em pureza, responder, pureza inversa, afirmar potência de agir, negar signos fixos do finito da origem histórica. Todos nós não existimos em hierarquia sistêmica de conhecimentos gerais-específicos, mas sim todos são classificadores, geradores e especificadores da diferença pura. Isso é programa de vida, diria Corazza (2006).

– Agradecemos, Paula, nossas escolas obrigatoriamente fabricam processos de pesquisa, criação e inovação. São “preparação para a vida” (FOUCAULT, 2011, p. 209).

– Foucault não tem pesquisas sobre escola! –Ironizou um dos sinalizantes ingênuos.

– Foucault escreveu “a ética é a preparação para a vida”, traduzo em outras palavras, arte, filosofia produzir conceitos e novos conceitos sempre em vida, bem ao contrário da morte que foi experimentada há pouco. Além disso, passamos para outro *slide* e depois nossos estudantes compartilham filosofias conosco:

[...] trata-se de produzir, na obra, um movimento capaz de comover o espírito fora de toda representação; trata-se de fazer do próprio movimento uma obra, sem interposição; de substituir representações mediatas por signos diretos; de inventar vibrações, rotações, giros, gravitações, danças ou saltos que atinjam diretamente o espírito. (DELEUZE, 2006, p. 17)

– Curso de graduação, curso de extensão, disciplina ou área de conhecimento, escolásticas-científicas apontam categorias semelhantes-repetidos da Ciência fria e necessária para o consumo, produção e circulação capitalista-econômica. Sabemos disso, então por aqui, nossas escolas que recebem a herança-tradição filosófica e a doam em transcrição diária. Uma das mil políticas curriculares-didáticas da Escola chamada Biologia ou Vitalismo lógico-contemporâneo. Objetivamos subjetivações de cada um de nós, os produzimos em acontecimento objetivo-subjetivo,

em acontecimento duplo de sujeito-objeto, e os criamos, biologia objetiva a viver e a sujeitar saberes teatrólogos-dramatizados de/em/entre biologia, que significa produção de vida lógica. Apresentaremos então, aula cujo tema é a cadeia alimentar.

Professor@: Bom dia, queridos! Hoje vamos aprender sobre Cadeia Alimentar. Vocês querem aprender?

Estudante socrático: Querer aprender algo a respeito de que nada sei?

Estudante crítico: Se vale conhecimento para a vida, então sim.

Estudante bonzinho: Sim, mas o que é Cadeia Alimentar?

Estudante dogmático: É a maneira de expressar as relações de alimentação entre organismos de um ecossistema, incluindo: produtores, consumidores e decompositores. Os produtores e consumidores são herbívoros e, seus predadores, os carnívoros.

Estudante babélico: Ou seja, teia alimentar? “Vocês querem”? Não seria vossa mercê própria-mesma, não aprende?

Professor@: Verdade, estou aprendendo-pesquisando, como produzimos discursos em diálogo, ao mesmo tempo em que aprendemos a traduzir-nos, então proponho a nós reaprender signos tradutórios: “cadeia alimentar”?

Estudante brincalhão: Cadeia alimentar é prisão alimentar, que faz nó na barriga.

Estudante fiscal da visão: Existe sinalário de Biologia? Sinal cadeia alimentar?



33 Sinal *Cadeia Alimentar* (EPEEM, 2015)

Estudante gestual+letrado+visual: Sinal linguístico-paramental de configuração ativa e outra passiva, significa consumidores dos consumos consumitantes consumidores.

Estudante crítico de gestemas: Sinalizaria não esse sinal significando cadeia alimentar, pois estou-vivo cadeia alimentada de ciências novas conceituais, sinalizo assim, veja! - indicando próprio corpo alimentado de si.

Estudante reclamador-bílingue: Meus Deus ainda tenho de aprender novos sinais, sinais antigos sinais múltiplos, blá blá.

Estudante oculto-quieto em si: (pensou nos meus deuses, plural, logo deuses?)

Estudante reclamador de português: ciência de natureza: biologia e química, ciências biológicas,

Estudante inocente: cadeia alimentar é grupo de alimentos, quem come quem? Por qual animal comer qual animal?

Professor@: Vou dar um exemplo de cadeia alimentar produzida entre animais e animais. (pensou, curioso, se era possível ensinar-aprender cadeia alimentar entre homens e animais). Quem ou o que produz seu próprio alimento animal? O que os coelhos, ratos, cobras, macacos procuram para comer? Do como eles se alimentam? Eles = quem+o que.

Currículo didático da criação: mil educações em devir e por vir. Entre nós, BOFFF (bandidos de orientações filosóficas-fragmentadoras de fragmento). Bons filhos da putaria-academia. Fazemos filhotes demais pelas costas. Bem intenso, o sexo com palavras-imagens-sinais. Tomo-me Alice na porra das maravilhas. Deleuze ensina: É a linguagem que fixa os limites. Que limites? Não é este sinal “limite”. Possivelmente signifique aportuguesadamente os traços produtivos por instantes de espaço-tempo-signo-imagem-ação. Linguagens multidimensionais. Fixamos traços (limites) de criação. Nossas linguagens variam-terrorizam sob

invenção-criação-tradução, sob tradução como crítica e como criação (CAMPOS, 2013); sob tarefa do tradutor e língua pura (BENJAMIN, 2008), sob Torres de Babel e a-traduzir (DERRIDA, 2002), sob aspectos semiológicos- biografemáticos-romanescos (via Barthes), teorizações-práticas-acontecimentos da filosofia-diferença. “Desde que a língua curricular repercute os seus impactos filosóficos, artísticos e científicos, como estratégia de renovação dos sistemas educacionais e culturais da contemporaneidade” (CORAZZA, 2013c, p.1).

Em paz exterior, onde encontra-te redondo, crie sendo seguro-criativo de si mesmo. Em guerra interior, ciente dos próprios signos em ato, seguro-criativo de um outro eu a construir e a escrever, não digo segurança emocional. Nem física. Nem mental. Nem digo segurança científica-acabada, sim digo segurança sinal de que já foi repetida e é diferente, sim digo segurança bioespírita de que sabe nunca saber o começo-final de Signo/Conceito Correto, Original, Verdadeiro, Justo, Deus. Às vezes (para as vezes, não senso comum) mesmo que se esteja inseguro de significações em que outros inventam e se sintam seguros de que estão seguros em sua própria biopolítica-da filosofia e de que ninguém tem memória grudada a toda História, a toda Geografia, a toda Biologia. “Há hoje bastante orgulho, senso do risco, coragem, segurança, vontade do espírito, vontade de responsabilidade, liberdade da vontade para que já nesta terra, “o filósofo” seja verdadeiramente-possível? (NIETZSCHE, 2013b, p.188).

E muitos do público levantavam, gritavam um YEAH! E a sinalizadora do evento (e escritora deste texto) sorriu e continuou:

– Pois então, “não autorizamos mais a ficção conceptual. Somente na obra de arte”, somos filósofos-docentes-discentes “como médico da civilização (NIETZSCHE 2013a, p.104-105). Trabalhamos com diversos métodos de filosofar, de criar. Método diagramático, romanescos, cinéscos,

biografemático, de dramatização (Deleuze), de pele profunda (Valéry), cada docente e discente adotam método que lhes toca, lhe sentem e lhe criam, Barthes (2003, p.5-6): método é “uma boa vontade do pensador” e é um “meio para evitar ir a determinado lugar de garantir-nos a possibilidade de sair de lá”. Ver-escriler-fantasiar. Imaginar. Criar. Filosofia antiga, filosofia traduzida, filosofia transcriada atual-virtual-presente atual: imagens difusas do pensamento. Método de interpretar-traduzir-criar sujeitos-objetos em sonho-fantasia-atividade, é um meio para movimentar talentos poéticos e criativos. Descubra (não cubra) os nomes-dados fechados-inexistentes, cubra com os de que lhe provocam a traduzir. E crie, é só! Alguém aqui (do evento) deixou um outro papel, perguntando sobre pré-requisitos para ingresso de estudantes ou profissionais na escola. Primeiro passo aos estudários da diferença: ler livro de Deleuze e Guattari *O que é a filosofia?* E aos profissionais de educação: livro de Sandra Corazza *O que se transcria em educação?*; ambos perfis estudantis e trabalhadores de/em/para educação partem então para segundo passo: escrever texto-teste em presente vivo, se for para negar e contrair, reprovado. Se for para desconfiar, duvidar, sintase bem vind@. Se for para afirmar, está aí nosso planeta da EP! EP é ética pura, modo de ser puro, de estar puro e de agir puro. Esse questionar é um verbo diário, em vez de ter repetida a tradução da tradução histórica, neste objeto se afirma a ousadia, a criação própria. Isso é uma das maneiras de se diferenciar de formas-linhas-traços-pontos-vírgulas diferentes que outros já tenham pesquisado-ensinado. “O aluno deve voltar a ser, não digo um indivíduo, mas um sujeito que gere o seu desejo, sua produção, sua criação (BARTHES, ver, p.340) e “a relação docente não é mais que a transferência que ela institui; a «ciência», o «método», o «saber», a «ideia» vêm por portas travessas; são dados a mais; são restos” (BARTHES 1975, p. 34). Assim, restos últimos.

EXTENSÕES+INTENÇÕES =INTENSAS+EXTENSAS

=

Intuição

Momentos, tão somente. Momentos produzidos da arte. Por sujeitos-professores das escolas e universidades que se encontram produtores em linguagem não gaga-praticagem-artistagem (CORAZZA, 2003, 2006), se reúnem ao encontro de reagir saberes-ações novos e próximos, aos encontros executados por trabalhos, currículos-didáticas, e encontros familiares que educam os estudantes das escolas com necessidades-desejos de aprender conhecimentos de filosofia e exercitar a produção de conceitos.

– Nossa apresentação pública dos TCCs foi produtiva, é sim, gente? Maquinada de artes guerreiras de pensar...Que conceito é esse de máquina de guerra?

– É como ver-rachar-verter sentidos. É como não se acomodarem primeiras verdades.... Também é de estar ciente de verdades que vivem ou mortificam verdadeiras ou mentirosas...fazer signos, imagens, espaços e conceitos sentidos-mistos de repensar...

– De repensar, de que mais?

– De fazer-se significada conceitualizada em realidade última...

– Certamente, que mais? – Percebeu silêncio pausado, Samie continua:

– Artistagens, diria Corazza. Práticas-criativas-afetos em real. Considero necessário incluir estudos-pesquisas de como criar artistagens didáticas de tradução e de criação. O evento, sem dúvida, foi uma arte, mas arte de ciências semelhantes-diferentes e de conceitos produtivos. É pouco afeto afetado ao público sentar e assistir enquanto falam de sujeitos e objetos já passados. Talvez é mais produtivo quando os TCC forem gravados-montados e tornarem produtos de ciências da diferença ao uso didático de exercitar graus-terceiros viso-espaciais. Para aulas. Oficinas. Formações complementares. Projeto nômade de ciências, filosofias e artes...

– Bem pensado. O evento teve público diverso, entre famílias dos donos da Criação...até estavam algumas pessoas de cara muda...

– Falando disso, “será necessário produzir ou autenticar, como uma *universitas litterarum*, por meio da qual se comunica certo saber, elementos ou funções das próprias letras, além de um princípio de prazer do pensamento” (CORAZZA, 2017, p.2).

– Próprios sinais.

– Que sinais?

– Ela quis dizer de sinais barthesianos, bachelardianos, corazzianas-docentes...

– Não, gurizada. Falo de nossa língua!!!

– Continuo não entendendo, seja direta.

– Seja realista, quando você ditou *funções das próprias letras* de Corazza, tomo a sinalização, ora, língua de sinais também é de pensar, a pensar-traduzir-criar conceitos de criação, tradução, transcrição, arquivagem, tradição, manifestação, montagem, criação, educação. Talvez essas dicas tornem produtos de estudo-pesquisa aos familiares para que se familiarizem com a família babel da Semelhança-Diferença....

– Sim, para todos nós também. Recebi alguns pedidos deles para elaborar um glossário de noções, para possibilitar o uso básico, para diálogos intelectuais entre eles e os donos das nossas escolas...

– Tantos signos de arte. Que transformem em artes puras, como desenho, revista, quadrinho, teatro, música, cinema... que tal realizarmos o festival escolar-casa poético para todos?

– Festival Escolar-Casa-Árvore Poétic@. Festival Escolar-Poético-Casa-Árvore-Fruta. Festival de arquivos-mares poéticos....

– Então reproduzir, o que entendemos não como críticas entre tal fulano e tal fulano, ou entre não e sim. Além disso. Criticar para negar e criar ou para afirmar e criar. Criticar para agir. Elaboremos a missão (meta+ação) familiar e escolar para depois também operar a missão

estudantil e profissional. Submetemos o projeto de extensão por meio de *Sigproj*¹⁷, o chamemos de Todosum e umtodos?

– Prefiro nomear Libriação...

– Ah, mas prefiro proponhar um pouco mais formal...

– Que formalidade? Ora, te perdeu ao símbolo fixo? Ou te viajou ao todosum e todosum isso, não é poético, Samie?

– Não é isso, Alice. Falo de dar um pouco de forma mais concreta. Me diga, como você significa-se com todosum e umtodos?

– Todos são como nossos pensares enquanto falamos por um? Um é algo vivo ou concreto pode ser de vários conceitos pensamentais?

– Algo de pensar, agora juntemos algo de agir. – Pausou Samie em imaginário de Bachelard (2006, p.25): “o espirito científico apenas tende a mostrar que, em caso de necessidade, seria um bom jogador. Na realidade, a discussão não reside aí. Não é a propósito de interdições longinquas e brutais que convém discutir” e voltou em si sã:

– Tem razão, Alice. Que tal Surdx criadorx?

OPERAÇÃO CIENTE-ARTISTA ENTRE ESCRILEITURAS E CONCEITOS

– Escrileitura é um conceito operatório de ler-escrever tradutórios-novos EIS. Não basta definir seu conceito, mas contanto que sempre esteja em momento instantâneo, movimento de significar, acontecimento gestual-pensamental, daí nossos transpensamentais: arte visual, diferença figurativa, ética cinemática, poética em papel etc. Por essa atividade, proponhamos criar um folder infografista para imprensa pública. – Olhou os cadernos preenchidos de desenhos, pensou em transformar em artes,

¹⁷ Sistema de Informação e Gestao de Projetos. [Http://sigproj1.mec.gov.br/](http://sigproj1.mec.gov.br/)

assim, de maneira bem vulgar, e de repente é cortada por estudante intrusa-alegre, interpretada como senhorita-espinoza como sujeito-objeto de aumento da potência de sofrer-agir em afecções passivas-ativas (DELEUZE, 1968).

– Mas, também, o conceito é a própria escrita. Conceito não é feito de palavras, mas também de imagens, sinais, espaços-tempos. Vários tipos de trabalho conceitual, em linguagem deleuziana, acontecimentos. Acontecer-sinal não é para gerar fato passado ou futuro, somente presente. Trabalhar não indica mãos que mexem para cima e para baixo, como trabalho mecânico, quero dizer como exercício de pensar. Em cada exercício de pensar, trabalho de elasticidade conceitual a trabalhos fruídos de meios artísticos (DELEUZE; GUATTARI, 2010), arte é “a elasticidade de conceito, mas também a fluidez do meio. É necessário os dois para compor “os seres lentos” que nós somos” (p.51).

– Creio não, Bay, somos seres espertos, seres lentos-leigos são aqueles das escolas repetidoras, somos todos seres lentos da repetição e espertos da diferença...– Defendeu o Emmet, em braços cruzados e com expressão dura.

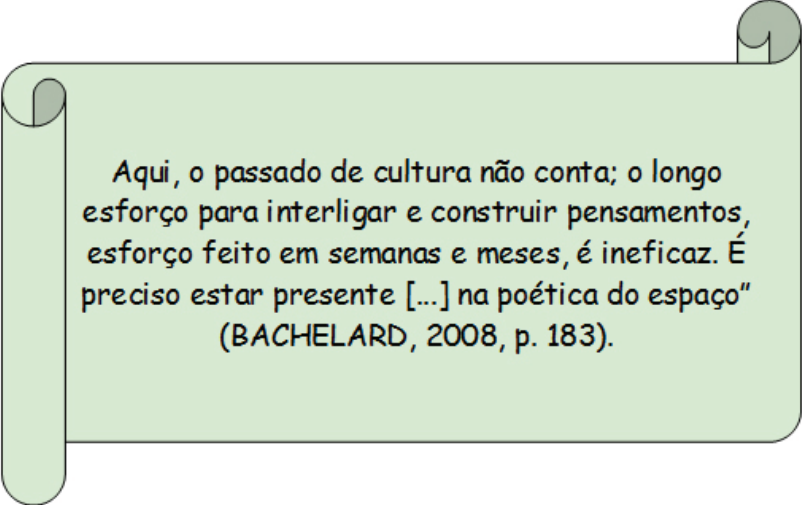
– “Problema do pensamento é a velocidade infinita, mas esta precisa de um meio que se mova em si mesmo infinitamente, o plano, o vazio, o horizonte” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 51), para isso, nossa escola é um meio. – Docente interpretada por Emmet como ignorante e, concentradamente, fecha o livro e continua sinalizando:

– Certamente, Emmet, em nosso meio, criamos pensamentos-problematizações, mas em que maneiras? Com que ponto de partida?

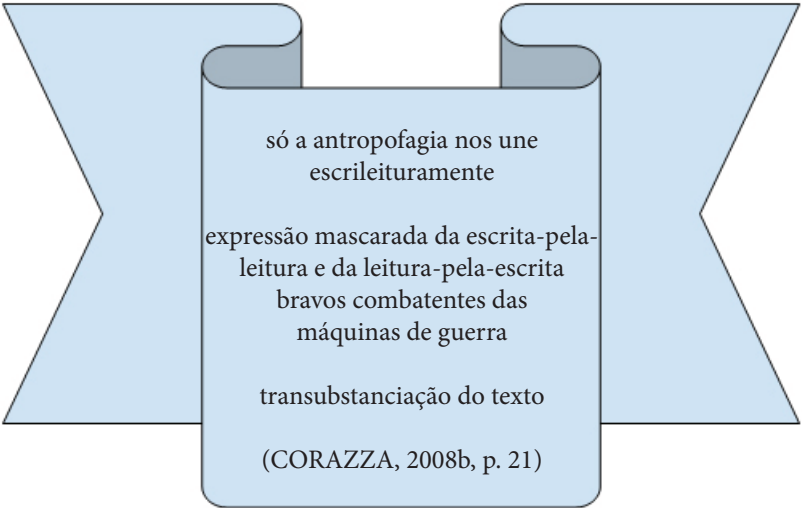
– Barthes também é um outro meio!!! O rumor gestual da língua; o grão produtivo de voz; sentido óbvio-obtuso de provocar; preparação-efetivação de romance; câmara clara-exposta...– Sinalizava rápido como um foguete, o Emmet.

– Deleuze, os meios vários de artistagem. – Complementou, como água serena, Bay.

- Isso é Corazza, Deleuze nomeia “arte”. – Retornou Emmet.
- Ora estamos em atualização, em transcrição, Campos (2013) nos reprofessa que isso é uma mútua complementação. Olha os *banners* ali pendurados:



Aqui, o passado de cultura não conta; o longo esforço para interligar e construir pensamentos, esforço feito em semanas e meses, é ineficaz. É preciso estar presente [...] na poética do espaço”
(BACHELARD, 2008, p. 183).



só a antropofagia nos une
escreleitivamente

expressão mascarada da escrita-pela-
leitura e da leitura-pela-escrita
bravos combatentes das
máquinas de guerra

transubstanciação do texto

(CORAZZA, 2008b, p. 21)

REENCONTROS-CRIADORES SEMIOLÓGICOS-LITERÁRIOS

Certa vez, trabalho feito de aulas breves, de ciência, fazendo artes em cheiro filosófico, e, de súbito, recebo nota dessa produção:

Obrigada, Carolina

Depois conversamos melhor.

Esta tarefa, na verdade, é a tarefa final da disciplina, depois de todas as nossas discussões do semestre. Podes ainda complementar o texto até o final da disciplina, apresentando tuas ideias para os colegas no último dia de aula.

Assim, desse modo, zeram-se ligeiramente ideias, paixões e criações. Depois, finalidade, coisa que não existe depois, ou algo que vem a ser. Teria respondido: “Não estou grata, professora. Gosto de conversar agora: não existe tal tarefa final. Existe tarefa finita deste Texto. Monto novas tarefas infinitas. Por isso não monto “complementos” além de que complemento-me, chamo de processo de produção de ideias. Se optar por método biografemático, isto é, de rachar-alimentar ciências, os comer como sentidos-mastigados de grafemas-morfemas-paragrafemas, assim teríamos aulas cheias de produções ou complementos de artisagens (CORAZZA, 2006).

Cada encontro em que me pego com livros, com ações-efeitos-reais, com sujeitos da educação. Cada imagem de pensamento é arte. Criação após formar o pensar-traduzir. Educação nuveada. Olhar de verdade nuvens, manipula-as em figuras, remanipule e veja quantas manipulações criou. Isto foi história de pensamentos? Por isso, nossa escola é pensamento-acontecimento diário. Movimento é pesquisar por própria Ciência da Diferença, vazia de cenário de Repetição (duplo exclusivo mundo-corpo de pensamento) e cheia de Diferença (mundos de terceiro grau). Desafio:

criar o que acaba de escrever. Já nós nos vemos enquanto mapeadores intensivos de afetos (ativos e alegres, passivos e tristes) (CORAZZA, 2013a, p. 20). Não mais “sob o jugo do Princípio de Identidade” (DELEUZE apud CORAZZA, 2013a, p. 21), graças à existência de nossas escolas de herança criativa:

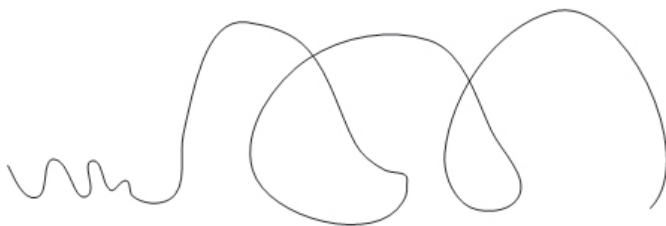
– De onde exatamente saiu esta fonte? Quais páginas?

– Não liga para tal fonte, se sabe que livros-obras editam em mil versões bélicas, peço para ligar mais olhar curricular-didática da diferença, ou da filosofia, ou da arte. Bem, estamos como campo dialógico aberto, não? Franco sim? Você, seu si mesma, resiste-se com “princípio de Identidade”, diria Deleuze, ou Corazza, Ou Barthes.

– Mentira, você manipula teorias comprovadas e resultadas de dados coletados, você inventa demais!

– Mentira ou verdades daqueles que pensam demais, diferente, menos repetido, mais criador, pensamento “que vem de uma beleza não para contemplação, mas de uma beleza para a ação ou em ação (CAMPOS, 2013, p.17). “Quase não sentimos mais uma ação nas derivações gramaticais, nas deduções, nas induções. Os próprios verbos se cristalizam como se fossem substantivos. Só as imagens podem recolocar os verbos em movimento” (BACHELARD, 2008, p. 269). Inventamos nomes substanciais-referenciais, juntando com novas composições criativas, fazendo adjetivamento fenomenal, daí, nisso, movemo-nos verbalizados em arte. Culturas tradutórias. Tradução de inglês e português. Por exemplo, *Deaf Culture* por Cultura surda. Mas não abrange de forma única a definição, de que a cultura é surda? Ora, entendemos regras gramaticais, substantivo com adjetivo. Nomeação com caracterização? Verbo presente e último de cultivar com que “o arquivo trabalha sempre a priori contra si mesmo” (DERRIDA, 2001, p.23). Entra Wittgenstein (2009) fazendo mais um amigo conceitual: seria um jogo de linguagem que “lança uma luz em nosso conceito de ter-em-mente. Pois ele é, naqueles casos, diferente do

que tínhamos em mente e tínhamos previsto”. Está aí um porém deste Objeto: são coisas de morte, inventadas, aqui de encontro com a escrita de Vida-Obra imaginária, que as agarram co-presentes nesta Obra. Obra imaginária do romance, do prazer e do desejo, fugindo de ficar entre o mal e o bem. Não é nunca cópia da Obra celeste, mas “transcrição, que modifica os originais, como uma heterofilia, desfazendo identidades sedentárias. (CORAZZA, et al, 2014, p. 1041). “A potência de compreender ou de conhecer é a potência de agir própria da alma. Mas, justamente, o poder de ser afetado permanece constante, qualquer que seja a proporção das afecções passivas e das afecções ativas (DELEUZE, 1968, p. 150).



Docente-discente, agora cientes de como filosofar em gesto? Mente, coração, corpo-espírito-mundo trilham juntos. Criam juntos. Nomeiam-se juntos. Como filosofar entre palavras e sinais? Em mundo pensamental-tríplice. Resisto em mundo primário, seja, de C, ou de F, ou de Arte, entrome em sinalidade ética-estética: às vezes só rosto, às vezes só mãos de três parâmetros, gestos de cinco parâmetros, às vezes mexida silábica de boca, palavras óticas e de gestos, escritura signal, ações de acaso, pessoas montadas, máquinas semióticas ou regimes pragmáticos de discursos rizomáticos (DELEUZE, GUATTARI, 1995b).

De = Escola, pensamento de partida, herança. Em = Casa, pensamento de meio para: Gestos. Depois? Poéticos, ou literários, ou narradores de

cenar, ou comediantes-dramáticos de EIS AICE. Libras e/ou português. Gratuidade de se criar. A riqueza das soluções estéticas. Nossa função é enriquecer e potencializar Sinalizadores-Escritores-Multiplicadores para um agora melhor. Isso é uma doce ciência-arte de amor, de potência em bondade. Ciência docente-doce de educar-aprender e de pesquisar-ensinar= filosofias discentes-sensíveis. Depois, torno artista, retornando uma eterna aprendiz-tradutória. Ciência ciente de sal e açúcar envolvida. Sal muito fácil de escolher. Fácil de dourar por meio de diplomas, criação de ciências positivas-negativas em exatidão, sal cria dinheiros pobres. Sal, maioria alimentar de signos e conceitos duplistas do dualismo duplo. Doce, isso é minoria, doce meio difícil como uso alimento de conceitos.

Envolver-se é como semear frutos de ser. Incidentes, impulsos e impulsionadores em impulsão para descobrir a força de seu potencial criativo e perceber que ele não serve apenas para educação ou para as brincadeiras. Está na hora de trazer novos elementos para sua rotina de trabalho! Foucault abana a cabeça, pois “parece-me que a filosofia hoje não existe mais; não que ela tenha desaparecido, mas que está disseminada em uma grande quantidade de atividades diversas” (apud CASTRO, 2009, p.173). Filosofia, não é área de conhecimento, é área criativa em criação de criagens. Em todas ciências humanas, exatas, sociais, humanas, de natureza, adotem o quanto antes melhor o uso alimento de doces aos salgados de negrinho, torta, bolo achocalhados.

Há significações em jogo. Cenas, formas imaginárias, biografemas produzidos pelos objetos-sujeitos-objetos-sujeitos reinventados e transformadores de si e mais outros. Assim como imaginário-cenário-biografemário (ordem invariável/variável) produzido por elementos traduzidos e criativos (pular de significados acabados e pisar em inspiração, gerando outra respiração de novas significações). Cenas imaginadas pela ação do educar manipulada e reescriturada de escritos das imagens mentais traduzidas aqui). Imaginação de prazer, de paixão e de

desejo. Daí cenalário romanesco. Daqui um cenalário biografemático. Cenas sinalizadoras da diferença em educação = escrita de Vida+Obra. Texto proposto a se metodizar em linguagens criativas. Cenários formados de diferentes espaços-tempos fictícios. Personagens atuadores da ação imanente. Própria difundidade da criação imaginária.

Todo cenalário flui e frui “em cada corpo ritmos diferentes de inteligência, conforme o dia, conforme a página”, diz Barthes (CORAZZA, 2015a, p. 32). Cenalários enunciadores de figuras que se expõem “no sentido coreográfico” (CORAZZA, 2005a, p. 94). Cenas dançantes e de imaginário figurativo. Cenas de se guiar por valores culturais, por saberes coloridos e por amores de bater tum-tum-tum. Espaço imaginário do educar, aquele que “opõe-se a conservar, apropriar, reapropriar” (Deleuze via CORAZZA, 2005, p. 42). Cenas montadas de “girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles” (BARTHES, 2013a, p. 17). Cenas deslocados de “sistemas cujo percurso não para no texto nem no eu” (Barthes via CORAZZA, 2014a, p. 55) Texto vivo de experienciar- escrever-sinalizar a difusão de um eu, de cenas biografemáticas e de autoria da vidarbo saltadora de “um simples plural de encantos, lugar de pormenores sutis, fonte de vivos clarões romanescos, canto descontínuo de amabilidades” (CORAZZA, 2014a, p. 50).

Nesse cenalário, ou nesse próprio biografemário, estamos em jogo, onde jorra “o passeio do esquizofrênico: eis um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o fora” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 12). Isso não é um consciente exterior para cá, é um inconsciente que se produz e é produtivo se for feito por passeio semiológico-biografemalógicas. Passear o início (ou um ponto), o meio (ou mediato), e o imediato. Eis o passeio de minha produção de Tese última. Sem dúvida, não é “última produção”. Talvez propriamente significação metodológica e biografemática. Perspectivas curriculares, estéticas. Educação: Educar+ação. Educação diária. Diária educação.

Assim seja infinita educação. É isso que defendo também, dentro da Tese, como uma escola, um currículo, um objeto curricular-atual-artística.

Para fugir da cultura de cristalinidade de signos, afirmo o desejo quente e raiado pela ciência, filosofia e arte (via DELEUZE; GUATTARI, 2010); os três sempre subvertidos de cenas romanescas-biografemescas na/em/entre a educação. É esta própria diferença pura que “escapa às pesquisas de causalidade” (BACHELARD, 2008, p. 188). Conceitos montados pelo querer-escrever. Uma transgressão da visualidade e sinalidade. Enfim, há aqui um desejo de tradução, uma urgência de desejo. Desejo de realimentar discência de filosofias da diferença e alimentar docência de amores. Desejo de explorar toda essa energia criativa. É isso, a eterna aventura da tradição-tradição da criação que se encontra presente aqui.

Ora, sinalizar = algo que se sinaliza, vejamos em sinalidade de título exposto: mil cores diferentes de se pintar. Mas logo são desta sinalidade (velha operação de se ver e desviar). Nova máquina de se ver e se desviar: manipular arte de se titular: Cores aparentes daí. Quantas cores? Três cores? Como? Vejamos quais cores de cinza, azul, preto? Nomes acabados? Cor azul? Cor roxo? Cor embaraçada? Cor nuveada. Cor exposta de outra cor. Cor do Eterno.

Mas trato de uma única cor que deve ser vitalmente exposta. Esta cor nunca já significada. Cor de pretalizar (não neutra), é se inscrever, se manipular, se ousar. Imagem de preto sem significado? Ora, esta própria significação, isto é, com significado vivo. Ora, este próprio Word (esboço de se inscrever + esboço tecnológico de escrever + traços já expostos) é a própria cor preta do Eterno. Cor de ousar. Cor aparente. Título exposto de sombras ambíguas, deste tempo real, mas tempo do imaginário, sombras do Eterno. Isso é o diário de se criar. Criar um eu de se sentir de vento sentido. Vento como incidente ventoso que passa rápido, ou devagar. Dependendo de acaso exterior ou interior, se inspiram incidentes. Não são acidentes forçados de se fazer acontecer.

Mas a primeira e única cor intraduzível. Cor diária de se inventar. Formas de se ver criativas. Isso é sinalidade do cotidiano. Cor preta de se inscrever exposta. Mas está também a ambiguidade de se sinalizar. Sinalizar Libras e escrever português, significações passadas, ou seja, inexistentes. Nem Língua Sinalizada, nem Língua Escrita. Nova ambiguidade de prazer: língua de se inscrever por linguagem. Linguagens múltiplas de se inventar. Traduzir linguagens de se criar. Tudo isso é o próprio traduzir desta tradução. Por isso a chamo de uma tradutibilidade do Eterno. Eterna palavra de se traçar. Objetividade deste eterno. Própria cor deste eterno. Nome próprio do Eterno. Repetições de se traduzir. Repetição do Vazio, não é bem-vindo aqui. Noções que repetem “primeira língua” e “segunda língua” = conceitos escuros, escuridão do Vazio.

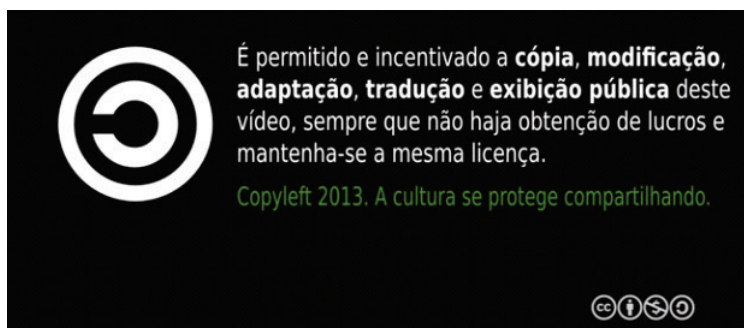
Claramente por aqui, um clarão apaixonado de língua metamorfoseada a borboleteada. Eis uma mais nova repetição bonita: o romance de se escrever no “processo da boa-fé literária multiplicando voluntariamente, sistematicamente, até o infinito” (BARTHES, 2013, p. 28). Cenas montadas infinitamente se montam. Registro aqui um novo incidente: traduzir signos manipulados, traduzi-los por aqui e revisar em todo. Um *click* de espaçamento (de teclado) aparente, deixando assim o conjunto estético da visão. Revisão daqui: uma diagramação de se criar, uma diariedade da beleza.

Cena nomeada de poesia (recriação) estratégica. Cena biografemática de “uma escrita em diferenciação” (OLIVEIRA, 2015, p. 75). Cena escrita sobre escrita reescrita da diferença em educação. Além disso, uma outra tática de inventar cena escrita-sinalizada em ação, em missão ativa de escrita, para reescrita de transcrição, de didaticários produzidos por Sinalizadores-amadores da Língua gestual brasileira que também tratam de um corpo gestual de escrever significações em fonemas e gestemas.

Logo, na sala redonda da Casa & Sinalizadores, visualizava-se a presença de professores passivos-ativos, tradutores de lexicologia

figurativa, ou, seja de semiologia visual e atadores de “poemepisódios” (OLIVEIRA, 2015, p. 72) da educação. Essa daí conjunção de se inventar poemas - poesias - prosas - histórias - literaturas - filosofias - textos-aulas, por meio de episódios encenados por personagens amorosas. Samie e Zilu, loucos por artes de se traduzir, pesquisadores, Brie, personagem da diferença e atuadora da escola. Esta noção se compõe por dois sinais de [casa + estudar = sinal de escola]. Coisa de composição gramatical. Mas entendamos outra vez o sinal de escola que se dá por significação de estar em casa nuveada, o querer-escrever do educário. Tapar-rachar a sede de culpabilização, ou de silêncio cínico ou de egoísmo, individual, do mundo para si mesmo. Daí a escrita da escola é sempre um ato de pesquisar-estudar- escrever - ler- interpretar - descrever -afirmar -traduzir -transcriar em cada obra movida-presentificada, falando desta Obra, a própria. Métodos variados de estudo visual e se modifica em cada ação de afeto.

Eram Sinalizadores vivos “no topo aqueles capazes da risada de ouro”. “Rir de maneira nova e sobre-humana- e à custa de todas as coisas sérias” (NIETZSCHE via CORAZZA, 2015a, p. 39). Um bando de sujeitos-objetos sinalizadores vitais. Nesse instante, os atuantes presentes assistem o vídeo esboçado de transcrição e esbarram com uma visão forte, se cristalizando diante dos olhos:



34 Imagem via youtube *Educação proibida*

– É permitida e incentivada a cópia, modificação, adaptação, tradução e exibição pública deste objeto, sempre que não haja obtenção de lucros e mantenha-se a mesma licença. Escola Criação, 2017. A cultura se protege compartilhando. A criação se cria infinitamente. Uma cópia da cópia, não. Cópia-recriação, melhor. Apenas está aí um vídeo simulado para nossa possibilidade de jorrar imaginação gestológica (lexicológica). Cópia de Outros como amigáveis da lógica não estruturalista e enamorados de figuras do afeto, por exemplo, copio uma fala de Barthes (2005b, p. 31), “o romance do scripturire (querer-escrever)” mas o invento por outra criação: o querer-sinalizar do romance, isto é, um novo ensaio literário composto de elementos curriculares- didáticos. E ainda há que se rir do romance do querer-sinalizar. O querer-sinalizar da tradução romanesca parecer jorrar mundos possíveis. Mas espera aí, deixa-me partilhar o sinal.

Estado de bem-estar.

Estado de estar-bem.

– Mundo universal de cada sujeito, que interpreta objeto singular e produz cada significação? O sinal seria outra significação, de movimento envolto, de mãos fazendo o corpo universal? – Questionou-se Samie, percebendo-se. E continuou:

– “O papel do sistema não é aqui transmitir uma mensagem positiva (não é o teatro dos significados), mas fazer compreender que o mundo é um objeto que deve ser decifrado (é um teatro de significantes)” (BARTHES, 2013b, p. 168). É disto que trato ao sinalizar “o mundo”, não daquela foto exposta ali. O sinalizar de mundo é visualizar cenas figurativas do pensamento e ser traduzido nessas palavras cujas formas significantes são outras. Esses mundos teatralizados (manipulados do signo gestual “mundo”) deveriam se produzir por “estatuto tautológico de toda literatura, que é mensagem da significação das coisas, e não de seu

sentido”. De outro modo barthesiano = “significação como processo que produz o sentido e não esse sentido ele próprio” (2013b, p. 168).

– É mesmo, esse mundo de literatura me puxa para dentro da linguagem, seria mais ou menos assim. – Yuri notou-se uma expressão gêmea de rosto, como fosse uma obrigação por ser, ela mesma, atuadora de ação, apontou o seguinte desenho colocado-colado na parede pintada.

– É isso... nuvem de pensamento, ou cena de visão interior. “Privilegiar o mundo quer dizer dirigir a obra para a presença do mundo, fazer com que o mundo seja co-presente à Obra” (The Rolling Barthes, 2005b, p. 163). – Sorriu Tim, respondendo ao sorriso partilhado da colega, ficara a pendurar os olhos direcionados à sinalização de outro colega:

– Daria a essa ressignificação de sinalizar “mundo”, decifração de imaginário de um sujeito fictício ator da produção de expressão lingual. Como diz Barthes: “os espectadores reais tornam parceiros eróticos” (2005b, p. 92). – Impulsionou-se em um ato, corpulento selvagem-dançante, rindo de si mesmo.

– Mas esses vídeos esboçados (transcritos destes cenários todos) foram alocados em um lugar nobre, burocrata, burguês; não existe tablete, nem recursos para gravação de filmagem, nem mesmo internet nas escolas – Cortante, Brack, pensando no local onde trabalha, no papel de professor, reclamando de coisas que já existem há muito, permanentes vistas de mundos das culpas, dos erros. Está aí um porém deste Objeto: são coisas de morte, inventadas, aqui de encontro com a escrita de Vida-Obra imaginária, que as agarram co-presentes nesta Obra. Obra imaginária do romance, do prazer e do desejo, fugindo de ficar entre o mal e o bem. Não é nunca cópia da Obra celeste, mas “transcrição, que modifica os originais, como uma heterofilia, desfazendo identidades sedentárias. (CORAZZA, et al, 2014, p. 1041). Muito mais que inventar Vida (obra), sempre que possível em transmutação metaforeada, muito mais que o diário verbal do

re-formar. Criação metamorfoseada de signos amorosos. Obra escrita de vida: exposta.

– Não tenho esse conhecimento administrativo. – Resistiu-se em mais um ato passivo da morte velha. Logo, trava diálogo com Samie, que lhe mostrou um texto de Mallarmé: “Só existem duas vias abertas à pesquisa mental, em tudo, onde bifurca nossa necessidade, a saber, a estética por um lado e também a economia política” (via BARTHES, 2005b, p. 358). Economia manipulada de significações poestratégicas à Sociedade dos Poetas Vitais, talvez. Poderíamos pensar como recursos distribuídos pelo Governo Federal, quem sabe devemos provocar efeitos, por exemplo, como submeter algum projeto, um edital que às vezes promove investimento de verbas nos âmbitos institucionais, vamos ver.

– Mas assumo não ter conhecimento de Poesia, pior ainda, também de Filosofia. – Diz timidamente Luke e logo recebe de parceiros: – O que é um verbo de poesia = poetizar? Fazer poesias? Luke ficou sem responder. Zilu docilmente complementa como fosse um apoio amigável:

– Filosofia, ou literatura ou romance, ou poesia, conceitos metafo-reados-vivos da sua produção. Lembra de ilustração que você criou compartilhado no *Facebook*? “*Querer* nos queima, e *Poder* nos destrói; mas *Saber* deixa nossa frágil organização num perpétuo estado de calma” – Diz Balzac (via Barthes, 2005b, p. 59) no imaginário da Samie, que se inspirou nas linguagens lidas, em elaboração estética, sentiu-se ousada em sinalizar a escrita co-presente: *Querer* aquecido de desejo-prazer-amor, *Poder* apagado de morte celeste e acordado em nova morte vital. Ora, este Objeto, uma morte muda, mas muito viva por amor da própria escrita desta escrita.

– Para isso, é possível que se estabeleça relações interdisciplinares (objeto de saber do sabor) e transdisciplinares (objeto de potência), mas que sempre partem de Desejo imaginário de cada um que se expressa. Ou de Prazer que cada um o significa partir de seus textos. Romance deve ser “um ponto de partida de escrever verbo médio: escrevo me afetando

no próprio processo de escrever”. Isso dá para imaginar em uma versão gestual, como aqueles múltiplos vídeos de que vimos, circulados-vistos, das redes sociais, parece ser mais frequentemente de vídeos expressos da metalinguagem. – Encerrou-se a expressão meio preocupada do Zilu. E ainda complementou:

– Vídeos elaborados e traduzidos, em uma perspectiva transcriadora da literatura, que se toma elementos da cultura e os coloca em circulação de uma maneira renovada, potente e alegre.

– Boa ideia, criar material videoativo, onde nós montamos nossas mínimas montagens-artistagens, logo se torna uma obra da educação criativa. – Diz, animada, Brie.

– Aquela imagem da cultura que se partilha e se protege incluída! Seria interessante manipular vídeo Educação Livre. Também lembro de ter visto o vídeo proibido do educar-artistar¹⁸, apresentando a metáfora da caverna platônica.

– Mito da caverna?

– Tanto faz. Como aquele aluno chamado Val, que parecia se recusar a sair da caverna. – Passando um olhar discreto trocado com Brack, pareciam ter expressão neutra, depois pareciam ter expressão fingida, como se não vissem. E continuou falando:

– É um documentário aparente e ciente da educação “estruturalista”, de aulas de tagarelice; isso, isto, aquilo, não, sim, falso ou verdadeiro, errado ou certo, torturados por ficarem sentados durante quatro horas diárias, copiando o português nos cadernos que parecem velhos, mesmo que mal fossem tocados.

– Além de materiais de papéis didáticos acabados de significantes sem sentido e sedentários. – Tim complementou, movendo cabeça positiva, mas triste. Parecem aulas de memorização, tecnicidade de “quebra-cabeça”.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=rIardd7xfFE>

Samie, logo, lembrou do livro *O que é filosofia?* Onde Deleuze e Guattari nos surpreendem na página 35: “Não há nenhuma razão para que os conceitos se sigam”.

– Por isso, entendemos o vídeo da criação. Não de transmissão.
– Adiciona Zilu, ao mesmo tempo Samie abanava de forma positiva, baixando olhos ao mesmo livro, e abriu em outra marcação que estava torta e que estava na página 16, e visualizou: “O construtivismo exige que toda criação seja uma construção sobre um plano que lhe dá uma existência autônoma. Criar conceitos, ao menos, é fazer algo”.

– Sinalizar conceitos, teorias que façam sentidos da concretude vital...– Olhou Zilu para que Samie continue apertando os botões para continuar a apresentação, passando cada slide, e chegou em um que estava escrito “Ninguém é perfeito”.

Samie ficou sem movimento, de cabeça direcionada a parede, fixando olhos, distantes de mundo concreto, esboçando, traduzindo por outros signos gestuais, percebe em 360, os rostos que viravam acompanhando seus olhos naquele lugar, e agita as mãos:

– Opa. Estava montando nuvem de pensamento, então já vimos tantas vezes “ninguém é perfeito”, pensando bem, todo mundo é perfeito de si. Já que o primeiro elemento diz ciência de “ninguém”, mas no fundo do meu vivo corpo, minha mente, me acho perfeita, se falo ninguém é perfeito, penso que Samie não existe, ou seja, não é “ninguém”.

Entrou Tim agitado de se dar sorriso fácil, que explodem de significações estéticas:

– Típico dualista. Bom, diferença pura, voltemos a atenção ao projeto, que está correndo o tempo, para sinalizar Libras e produzir vídeos, estas são ações afirmativas. São práticas de leitura, tradução, escrita, manipulação didaticamente criativa...

– Análise linguística? Interpretação de Texto? Não daqueles de que abusam categoricamente nomes e conceitos, ou nem daqueles que exigem

estudo de significantes das palavras e coisas, né? Então, exploremos sempre que possível expressão de linguagem e exploremos nossa criação de se artistar = junção de experimentar e agir. – Complementou Samie.

– Isso mesmo. Manipular conceitos musicais, filosóficos. Cada um inventa singularidade artística por qual temos distintas potências de fazer?

– Exato, isso quer dizer que nosso trabalho é tratar duas línguas visibilizadas, abusando de videoteca, claro, pensando nas linguagens de alunos-tempos-espacos.

– Isso seria o objetivo que a lógica torne rompida; de que “os surdos devem ser surdos em português por dever e em Libras por concessão¹⁹”. –Pulou de assunto, Paulus, que deu antes espiadinha no slide, pegando essa frase que se pendurava ali, de forma volumosa, seguido por escrito: “Relatório Política Linguística de Educação Bilíngue, 2014”.

–Além disso, esse aí, esse documento, reporta também ao uso necessário de videoteca para a aquisição de linguagem. Este nosso projeto força processos criativos de significações e inventa versão curricular que se verte por trad(u)ição do presente. Dar cor mais viva às escrituras de próprias significações. E jorrou uma longa discussão tratada de autores-conceitos amadores e recriados por autoria montada deste instante:

– “É preciso conceber que a relação consigo é estruturada como uma prática que pode ter seus modelos, suas conformidades, suas variantes, mas também suas criações (FOUCAULT, 2014a, p. 223)”.

– Sinalizou Samie, e, ainda em seu imaginário: “Mas as imagens quase não abrigam ideias tranquilas, nem ideias definitivas, sobretudo. A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar” (BACHELARD, 2008, p. 196).

¹⁹ (BRASIL/MEC/SECADI, 2014). Relatório Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa que trata de subsídios, orientações e metas em/sobre Libras de modalidade gestual, visual e escrita.

– Vejamos, pegamos referências, sejam palavras, ou sinais, ou imagens de Outros de forma vaga, manipulando nossas significações do prazer e as fazemos expostas. Estilhaçamento de Benjamin (2008, p. 63), nos mostra: “a liberdade em favor da língua pura verifica-se primeiro em sua própria língua. Resgatar em sua própria língua essa língua pura, ligada à língua estrangeira, liberar pela transcrição essa língua pura cativa na obra, é a tarefa do tradutor”. Isso não chegaria nem perto àquele programa “Manuário”, que aborda sobre Histórias “autorais” de Foucault²⁰, Guattari²¹ e Spinoza para mim não tem gracinha de se saber.

– Manuário? Feitos de mãos? –Caíram na dúvida.

– Manuário? Seria mesmo que bocário! – Caíram na gargalhada.

– Seria um melhor remédio se pudéssemos resistir à sua morte e inventarmos nossos vídeos que nos fazem rir...Veremos com Deleuze (1997, p. 9): “Essas visões, essas audições não são um assunto privado, mas formam as figuras de uma história e de uma geografia incessantemente reinventadas”.

– Então onde postar vídeos circulantes...circuladores do prazer?

– *Youtube* Jornalzinho Gaúsuro²².

Samie lembrou de vídeo postado da palestra apresentada no evento²³ e compartilhou o link com o pessoal que estava rindo, uns dos outros, na zoeira de figurários mentirosos (mentiras alegres debochadas entre si). E começaram todos atentos ao vídeo:

²⁰ <http://tvines.com.br/?p=5696>

²¹ <http://tvines.com.br/?p=11089>

²² <https://www.youtube.com/watch?v=K3oclpQ968g>

²³ IV Semana Pedagógica do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) em 8/12/15.

Tendo em vista que estamos inseridos no contexto da Educação Básica, e entendendo a Libras como nossa primeira língua, que, no contexto educacional, está em um movimento de ida e volta em relação ao educar sobre/em/entre/ “primeira” e “segunda” língua, então não seria mais oportuno que a SECADI fosse alocada na própria Secretaria de Educação Básica? Assim nossa educação sinalizaria da educação básica a educação continuada. Muito mais que isso: educação da Vidarbo. Conceito composto de Vida e Obra. Composições das vidarbos não são de esperar, de mãos passivas. Diante de tantos conceitos de que, bem sabemos, são cheios de clarões de luz, sem parar, tantas coisas de que dispomos, tantas discussões que nos são pertinentes, tudo se dá pelo silêncio estudioso de si.

Tinha na imagem em que os dois estão caminhando, quando o menino diz à sua amiga: “As pessoas esperam que o ano que vem seja melhor do que o ano que passou, esperam que seja um ano melhor”. A isso a menina responde: “Olha, o ano que se inicia espera que as pessoas sejam melhores”. O que significa que não deveríamos esperar passivamente que o ano seja melhor, mas faze-lo melhor desde agora. É a partir disso que penso sobre o conceito de tempo. Tempo atual sempre redundante de se temporalizar por nossas artes de criar, assim como coloca Deleuze (2006, p. 76): “Uma sucessão de instantes não faz o tempo; ela também o desfaz; nele, ela somente marca o ponto de nascimento, sempre abortado”.

Talvez pensemos em alguma coisa estratégica, manipular uma videoteca, explorar vídeos de Sinalizadores para que possamos montar objetos imaginários e amar novos objetos de se escrever a escrita e de se sinalizar ditos-vistos. Diariamente nossos pensamentos se voltam, incomodados, às posições instituídas. Por exemplo, como estou viva, posicionada como se fosse um “ator” principal, vejo vocês muito distantes, sentados em cadeiras, dessas de se prender, enquanto vejo vocês como a paisagem de cidade minúscula, ao ver através da janela de avião. Não gosto dessa estrutura arquitetada. Precisamos pensar alguma nova forma,

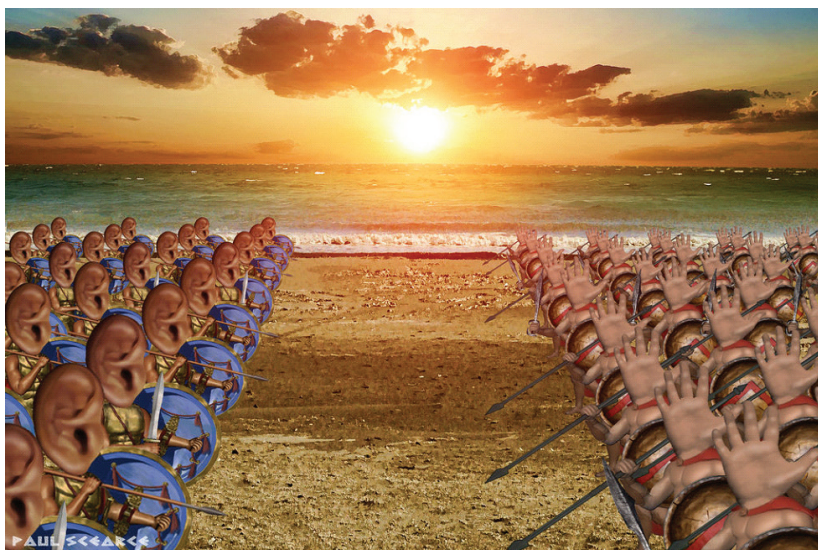
inventar um evento onde podemos ser todos atores da educação, pois sozinha, tão alta, sinto-me em nuvem abstrata. Juntos, manipulamos uma educação da potência e não da autoridade...

Em relação ao sinalário, e às articulações que são possibilitadas a partir deste, muitas pessoas utilizam o Instagram, o *Facebook*, por isso eu creio que essas ferramentas podem ser válidas ao imaginário do educar. Nossos estudantes navegam nessas redes. Por exemplo: quando estivermos em uma aula (não equipada de recursos tecnológicos), sempre que possível registramos sinalário de criação, de produção, porque não usarmos celulares? Uma ideia criativa que foi discutida, algo a que os alunos possam recorrer para recorrer de signos manipulados de se criar? Estará ali, registrado, o histórico de tudo o que foi estudado. Seja uma palavra visual, seja uma configuração de mão, algo que foi estudado e que continuará a ser pensado dali em diante. Não podemos mais esperar que as instituições autoritárias resolvam essa questão do registro do sinalário, a questão de educação bilíngue, seja como for. Então esse registro deve ser realizado agora, a fim de que possam se aglomerar e produzir coisas novas.

A disputa sobre o sinal a ser utilizado, onde se buscam comprovações, originalidade e legitimidade de um ou outro sinal, também vemos disputas acontecerem fervorosamente entre falantes da língua portuguesa, a mesma história se repete. Da mesma forma, por exemplo, os sinalizantes (não sinalizadores = amadores de se traçar de sentidos difusos) entram nessa atmosfera de ânsia pela razão, de disputas potentes de “ser o certo”. Não seria a melhor potência de que os sinalizadores da diferença se colocassem de forma alternativa a esse tipo de embate que busca o erro, a conceituação correta, a prova científica, e efetivamente pensassem naquilo que o outro diz, de maneira a articular com novas significações vitais? Significações de prazer?

Vocês se lembram de uma discussão que ocorreu este ano, por ocasião do ENEM 2015, em que uma das questões abordadas na prova exigia

do candidato Surdo- que tinha o direito de fazer em sua língua, isto é, Libras-, conhecimentos e conceituações relacionadas à audição e aos sons? Também a abordagem científica rigorosa que foi testada nesta prova, algo que exigia uma memorização desse tipo de conhecimento? Parecemos atores dessa forma imagética:



Eugenicist Persians. (SCEARCE, s/d)

De um lado, resistência, de outro, também um tipo de resistência, num movimento dialético onde são travadas disputas, continuam resistentes, da resistência fria? Um eu imaginado da resistência de se manipular por desejos, por vontades, por alegrias estando dentro dessa imagem, correndo, com as pernas livres, levantando mãos convidativas, nadando no mar. Ora, o mar ali e as pessoas ainda resistiam, em se cegar encerrados no mundo brigante, contraditório. Tentemos ver os mundos possíveis. O sinalizar

mundo seguido do sinal de *possível* é algo muito bonito e necessário à nossa vida.

Convido a conhecerem escolas de escrituras, de criação, de EIS AICE, de diferenças nômades. Trabalhamos com tipo diferente do ENEM, que obriga respostas únicas, enquanto nós, rachamos com múltiplas respostas, por exemplo, a questão era: “Isto é um currículo: um ser falante, como nós, efeito e derivado de linguagem. Um ser sem coerência e sem profundidade. Que experimenta razões fracionadas, construídas ao redor de pedaços de falas de cada um (CORAZZA, 2002, p.14). Disporemos as respostas possíveis e uma impossível. a) currículo progressista. b) currículo pós-estruturalista. c) currículo crítico. d) currículo magic. e) currículo multiculturalista. A resposta talvez seria B? Mas, isso não seria militar-memória? As palavras “currículo crítico”, “currículo multiculturalista” “pós estruturalista” seriam palavras derivadas e que se fariam sentidos também? Também inventemos um outro nome: Currículo da potência de se artistar. De qualquer modo, o objetivo é rasgar determinados olhares para novos possíveis, além dessas visualizações.

Uma vez li uma postagem online, dizendo que o ensino de música deveria ser eliminado da grade curricular da “Educação de Surdos”. Porque “...”? Pois é estranho, ao meu ver, já que tratamos de educação da pessoa múltipla. Surdocegos, surdos com potências mentais, outros com potências corporais. Então retomo àquela postagem que derivou outra postagem, propondo de que fosse ensinado música em Libras. Meu sonho. Também outro sonho de se romanescar em Libras. Isso seria simplesmente maravilhoso, como fossemos de Alice, Alices-homens, alices-pessoas navegando pelos textos das maravilhas, pela música de se viver, pela criação de si romanesca-literária-poética!

Pausa do vídeo. Visualiza os corpos agitados ao terminar a leitura traduzida do texto presente. Nesse instante, Samie recebe um dito sinalizado por Alice:

– O que você estava gestualizando? O que é que “podia”? Confesso que meio que me assustei.

– Corpo conversa com a alma. –Ficaram atônitos, alguns rostos como se vissem um fantasma. Neste exato momento a gestualizadora se personificava em um eu sinalizador de linguagens romanescas e ficou cabisbaixa, exigindo algo de si mesma, e com olhos atentos ao objeto que se prepara em se armar e o interpreta para mundo exterior:

– Sinalizei neste vídeo sobre a questão de a palestra ser compartilhada, mas ao mesmo tempo se torna falsa. O modo de se fazer palestra é o problema, eu poderia fazer de forma diferente, uma conversa mais dialogada com aquele público de professores e futuros professores. Não sei – Parou de sinalizar, estranhando que expressou uma tradução fragmentada e se acabou no mundo interior, o desejo de se inventar outras artes de linguagem.

– Deixar o tempo de expansão dentro de escolas e nos levar para fora de sala a mudar para um espaço de visualidade, com direito a uma almofada... (mudando de corpo). Sabe gente, nesse contexto era uma palestra, mas poderia ser criada como aula, mas o próprio termo AULA traz qual sentido? Aula de história, português, Libras, filosofia?

– Aula vital e cotidiana!

– Mas como criar texto sinalizado?

A que estava em pé, percebe um pio gestual de outro amigo, presumindo que fosse dialogar sobre aquela dúvida, ele, que acabara de entrar em uma outra nuvem pensamental, tentando resolver qual era a formulação sempre-diária de um eu. Escriteiras de um eu amoroso, raivoso, cego, e acordado, sempre após se ler e se dizer: Nossa, não é mais o mesmo signo desejante! Pensou na metodologia de se expressar,

sentindo-se imersa entre as próprias significações e decidiu investir nesta escrita calorosa. Com edição de vídeo, uma maneira oposta de escrever este texto de palavras, basta deletar em menos de um segundo e reescrever por novos signos amorosos, mas não desistiu de criar, também, através de videoteca, pensou.

– Então criar vídeos, criar atividades que possam promover imaginação e não militar-memória. Não haveria o intuito de montar uma resposta unicamente correta, como, por exemplo, provas de concursos, aquelas de marcar uma alternativa única enquanto montamos vídeos de se inventar respostas cambiantes do prazer. Samie e Zilu, ao mesmo tempo se olharam, sinalizaram: PRAZER + FRUIÇÃO = GERADORES+HIFINIDORES = POTÊNCIA + COMPETÊNCIA = CRIAÇÃO + REATIVAÇÃO = TRADUÇÃO + TRANSCRIÇÃO = TRANSCULTURAÇÃO + infinito de criar = produção manifesta-infinita.

Logo percebem rostos paralisados, curiosos, de outros, e Zilu gestualiza em tom risonho:

– É que nós lembramos dos alguns biografemas de Barthes, Benjamin, e Corazza, onde vemos noções marcadas de discursos nunca completos, mas completos de si. Noções manipuladas de novidade de se desejar e se produzir. Corpos presentes nesse momento de cena, mas congelados ao sinalizar alguma coisa. Samie entra em outra ação:

– Objeto do sentido nunca se termina por completo. Nome de prazer e nome de fruição se variam por nossas manipulações de linguagem. Quisemos referenciar para pensarmos que não há sentido “cheio” ou “completo” em cada noção. Como dizia Barthes (1985, p. 15): “visar fissurar o próprio sistema do sentido” –Percebeu-se Samie, olhando Zilu, que toma um sinal como se pudesse terminar logo o encontro desses afetos, pois já estavam por três horas, alguns famintos de sair e outros agitados do querer-mais. Toda essa cena entusiasmada é tomada como uma tagarelice, ao mesmo tempo:

- Criar conceito é senti-lo por meio vital...
- Prazer de sentir vivo o texto, ou seja, biografema criativa de si. Morfemas de se derivar. Fonemas de se mudar...
- É isso que deve ser explorado em nosso material.
- Seriam como tradução, criação, recriação, transcrição...
- Criatividade como junção de criação + atividade.
- É como produzir as diferenças puras, no sentido gramatical, adjetival, que puramente diferem na/pela/para a produção de efeitos de signos, imagens e espaços.
- Literatura, filosofia, arte, tudo é uma máquina de criar. Literalizar sinais, palavras, imagens, corpos...tudo jorra arte de se jorrar!

Após essa gente metamorfosear com as conversas animadas e combinações dos próximos encontros, aproximou-se Tim de Samie, que continuava a sinalizar:

- A nossa ação, nosso conhecimento, nossa paixão se cria em cada crivo do pensamento, não há como separar teoria desejante e prática poética nesse plano de pensamento. É isso que fazemos por aqui. – De tanto baixar as mãos, desabou na cadeira que estava perto o tempo todo, mas levantava para fazer as despedidas.

Dessa vez, somente Tim e Samie, magros, riscando a sala grande.

- Teu projeto muito interessante! Torço para que seja levado adiante.
- Espero que sim, porém, não é um projeto meu, é nosso, parceiro. – Respondeu Samie alegre com o elogio recebido e viu um abrir de sorriso caloroso. Um gesto de tchau e outro de até mais. Samie ficou só. Um longo suspiro. Logo desabou na cadeira. E um último olhar cristal direcionado à parede vazia, acabou-se de conversar com o espírito escritor de Barthes (2013, p. 35): querendo aquele projeto “como um alvo, e *dentro* da linguagem”, tratando-o “como uma arma”. Linguagem, arma da expressão. Romance, arma do desejo. Desejo, arma do Escrever (BARTHES, 2005b).

AMIZADES CULTURAIS-INTELECTUAIS

Deste tempo presente. Instante furado da cena. Neste instante, amigas de estudo, sentadas no sofá, estão lendo *Aula*. Em suas mãos, Kina segura o objeto alaranjado, com as pernas cruzadas. Ao lado, está Oprah, pernas ajeitadas como fosse uma posição zen. Ambas leem Barthes, deliciando-se com seus ditos didáticos, ao mesmo tempo fabricam suas significações. Uma ficava roendo unhas, lendo com olhos bem cristalinos e outra, viajando e se deliciando, fazendo, no livro, marcas de cor verde. Ambas manipulam signos remontados de outros já significados. Deleuze chama de “capa reativa” (via BARTHES, 2013a, p. 17). Capa sempre reativa de significações. Sentidos que se arrastam, por qual nesse momento, Oprah mexe canetas e escreve copiando da página:

Comentário da Leyla Moisés, tradutora de Barthes (2013a) da página 100: a relação que Barthes estabelece entre “encenar os signos” (teatro), “tocar os signos” (música) e “lançar os signos” (jogo); nos três casos, temos, em francês: jouer les signes”. Três casos resumem este Texto: jogada-traduzida-lançada ao gesto poético.

Kina observava o modo de escrever da Oprah, imaginando sua fluência em leitura e chegava a questionar se chegaria a ser fluente na escrita. Oprah, que estava mexendo a caneta no diário zebado, sente o olhar da amiga e larga o objeto rosado de escrever, sinalizando:

– Muito bom esse Barthes, hein.

– É mesmo...- Kina tentava voltar a si consciente, ajeitando o corpo. Após alguns breves segundos, já formulava os imaginários de Barthes:

– Tradução barthesiana. Escrita original, a escrita de tradução, parece. *Leçon* (palavra original de Barthes), traduz-se por *Aula*, diz a comentadora, da obra, em posfácio, das páginas 84. - Sinalizou duvidosamente.

– Ai, Kina, sim, bendita lição, vemos a página sinalizada 73: “Traduzir é entrar na dança”. Veja o que criei, uma dança de “*jouer les signes*”. – Mexendo a caderneta, Oprah entrega o papel à companheira, que percebia o texto todo de uma folha e sentia a traição de a representar como “escritora lenta” e começara então a ficar com cabeça atenta ao papel:

JOGOS DE LINGUAGENS/DISCURSIVOS/SABERES
JOGOS DE ROMANCES/SABORES/PRAZERES
JOGOS DE CRÍTICA DE 360° GRAU
JOGOS DE POESIA REATIVA
JOGOS DE ARTE
JOGOS SUCESSIVOS-ESQUIZOFRÊNICOS
DE EU.

Os jogos de linguagem são montados por signos silábicos. O meio grande de expressão ao romance. Criação de linguagem prazerosa e amorosa. Crítica, nunca a última palavra, nem o último sinal, nem a última expressão facial-corporal. Infinito de signos enamorados de sua própria linguagem que é de invenção. Significação poética. Arte de um retorno eu jogador.

– Quero ser tradutora deste texto em Libras!

– Veja, mesmo de tradução, ou noção traduzida, joga com as próprias palavras. Logo, a tradução se dá nos sinais que traduzem novos signos.

– Ora parceira, é claro que faço tradução, não técnica, mas, outrossim, poética. Estava pensando há pouco. Gosto do termo arte. Mas não do respectivo sinal (semiaaberto e fechado). Pois me estranha o significante (contextual), arte significa produção de forças desejanter e atribui significado de sinal aberto e explodido (significante). O que acha desse sinal? – Diz Kina, em demonstração.

Nesse momento, Oprah se sentia satisfeita, em diálogo incorporado de cores, arte, beleza, encantamento e inspiração. Kina, que voava olhos

aos livros espalhados no chão, pegou trechos marcados, a fim de serem citados: “Cada figura explode, vibra sozinha como um som despojado de toda melodia, ou se repete, até cansar, como motivo de uma música sempre igual” (BARTHES, 1981, p. 4).

Ao terminar de ler, Kina reformulou outro pensar, substituindo “som” por signo musical, dizendo a si mesma que estava ciente da ciência de Barthes (1981, p. 5): “Porque, se o autor empresta aqui ao sujeito apaixonado a sua “cultura”, em troca o sujeito apaixonado lhe passa a inocência do seu imaginário, indiferente aos bons costumes do saber”. Signo musical se refere ao montar de significações de se deliciar e não de se imitar.

– Perfeito. Isso é sua universal criação. – Sorriu Oprah ao lembrar esse dito do Octavio Paz: “O artista é o tradutor universal (via Plaza, 2010, p. 205). Kina sorriu de volta, lembrando doutro dito de Plaza (2010) da página 97: – o traduzir desmonta os elementos, “pôr os signos de novo em circulação e devolvê-los à linguagem”. Movimentou uma mão pegando caneta e outra, segurando diário estampado de onça:

Foram experimentos, atos de resistência, de sobrevivência, que se impuseram ao texto musical da Tese. Ingresso/processo de disciplinamento/significação, como ainda se impulsionam! Tempo é uma palavra nada banal, tempo é algo que se apreende na atualidade. Distanciada de teorizações copiadas de outros. Além deste papel, autoria da vida. Vida que age por impulsos de desejo. Quase morri durante o tempo aquele de doença, por teorias de só papel, foi a força de verdade, força e coragem que destruí isso. Hoje sou de papel, mas um papel vivo!

Carolina-Sperb-Muda-Surda-Sinalizada-Escrita, se resume em um eu movediço. Carolina é nome próprio, mas abstrato. Sperb, nome autoritário, mas nome desta autoria. Muda, de ciências já mortas. Surda diante do barulho que só se repete como teoria rasgada. Sinalizada (ou Falada) poeticamente de signos. Escrita de todos os novos significados vitais. Escrita de mundo muito mais fantasiástico.

Me disseram certas vezes: “falta da afinidade teórica” e “Você não tem maturidade teórica”. Mas creio que a tese da minha tese é de total afinidade teórica-filosófica. Eles eram de só duplo mundo. Tudo isso, entendo e transponho. Hoje, seja como for, não me sinto mais em estática fronteira - é porque estou sentindo sob minha pele. É como se fosse minha “pensão”, expressando por efeitos estéticos. A fronteira se alarga. Texto é ser de autoria, de um Eu difuso, logo se modela no desejo de agarrar ciência, filosofia e arte que têm caráter educacional, não montada no estabelecimento institucional, mas como método biografemático da educação. Método apaixonado de palavrário, sinalário, imaginário (imagem, ação, fotografia, filme) a arte do educar.

Trata-se de não estacionar em tais considerações de passado e avançar passo a passo para se realizar e, principalmente, ousar afirmar desejos. Desejo grande talvez não seja um erro. O grande erro, neste caso, seria de se impedir de desejar! Desejar como? Desejo de se escrever mais. Querer-escrever cenários de imaginação romanesca. Isso é uma diferença em si. É este método biografemático. Método de montar novos cenários amorosos da educação.

Kina, ao terminar a segunda leitura desse seu texto elaborado, sorriu, emotiva, à amiga que estava preparando o café (mais, algo em comum) e quando se olharam, já dava a entender que, mesmo sem precisar de sinais ou palavras, apenas se agradeceram por momentos em que inspiraram uma a outra. Cada corpo movido de inscrever uma escrita “haicaiana” da inspiração. Haicai: uma “conjunção de verdade (não conceitual, mas do Instante) e de uma forma” (BARTHES, 2005a, p. 52). Um Haicai escrito da Kina exposto:

Além de Bartheário,
momento de velejar
o prazer do texto.

Oprah, ao acabar de ler, fechou o caderno escrito de “Quanto mais quente melhor”, visualizou o rosto estampado de Marilyn Monroe e o imaginou através de rosto da Kina. Percebeu o lido daquela expressão haicaiana “não da Explicação, nem mesmo da Interpretação, mas da *Ressonância*” (BARTHES, 2005a, p.49). Escrito singular. Barthes como um balneário desse velejar pelas águas correntes. Corpo textual de Barthes traduzido por novos signos de se apreciar. Corpo inventado em um novo corpo, musical, de se tocar. Signos criativos pela leitura, “em suma, a hemorragia permanente” (BARTHES, 2004a, p. 42).

Criação deste “mundo de um certo ponto de vista. Mas o ponto de vista é a própria diferença, a diferença interna e absoluta” (DELEUZE, 2003, p. 40). “Só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua”. (BARTHES 2013a, p. 17). Trapacear valores fantasmagóricos, valores do Vazio, valores de contrabandos (do gosto ruim). Trapacear, tudo isso para trás. De gosto romanesco, Oprah e Kina, tomadas por literatura trapaceada de se aventurar, como um cada leitor-tradutor-escritor “folheado infinito” (BARTHES, 2005a, p. 70). Conversavam entre outros assuntos: Foucault e Barthes se conheciam, trabalhavam como professores de linhas de pesquisa diferentes na Universidade (ou Colégio?) Francesa. Percebo a diferença entre trabalho docente ao público livre. Aulas públicas, chegando os interessados em seus estudos de diferentes campos de conhecimento. A disciplina de Foucault era “História dos sistemas de pensamento”, que Foucault considerava *um saco*. A de Barthes era chamada de “Semiologia literária”, que considerava uma tripla alegria! Além dele estar surpreso, em sua imersão espacial-institucional, sentiu-se alegre por ser aceito como docente no espaço onde se sente como “um sujeito impuro que se acolhe numa casa onde reinam a ciência, o saber, o rigor e a invenção disciplinada”. *Uma alegria mais do que uma honra; pois a honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é*. Segunda alegria: “a de reencontrar aqui a lembrança ou a presença de autores que amo e

que ensinaram ou ensinam no Collège de France”, além de citar alguns autores (entre Valéry), citou Michel Foucault. “[...] a quem sou ligado por afeição, solidariedade intelectual e gratidão, pois foi ele quem se dispôs a apresentar à Assembleia dos Professores esta cadeira e seu titular”. Terceira alegria: “me vem hoje, mais grave porque mais responsável: a de entrar num lugar que pode ser dito rigorosamente: fora do poder”.

Que belos professoramentos de Barthes. Obrigada, Foucault. Com Deleuze e Guattari (2010, p. 14): *O batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação: Tá certo que Inglês é fundamental, que Espanhol é muito importante, é que Francês é chique. Mas custa aprender Libras primeiro? Diz comunidadesurda.com.br. Currículo-didático...Educação da diferença... Filosofia... Semiologia... Arte... Movimento de Alteridade... Estratégia... Tática... Politização! Ass.: Famílias semiológicas. Custa aprender, primeiro, o aprender? Custa escrever segundo o escrever? Custa criar conforme a Criação? Essas literaturas apresentam “dois aspectos, na medida em que ela opera uma decomposição ou uma destruição da língua materna, mas também opera a invenção de uma nova língua na língua, por criação de sintaxe” (DELEUZE, 1993, p. 17).*



360° todo composto de (re) visão desta Tese. Encena-se uma figurário do bar francês, o local onde se encontra Carolina, dialogando com o Roland (personagem amorosa desta inspiração). Duas pessoas de corpos dançantes, deliciadas com o cheiro do café, enquanto Roland termina de

ler este objeto de pesquisa, um pouco antes de fechá-lo, resistem-se os olhos ao título antigo “Cenários metamorfoseados da educação” ao título “Escola Libriação: biografemática do gesto”. Ficou gravado desse jeito gestual de pensador. Carolina decide interromper, ainda de forma tímida:

– Nunca me defino em finitude. São todos cenários biografemáticos do educar.

– Não é isso. Título, longe de ser algo importante de se pensar agora...

– É mesmo? Mas de perto, é preciso mostrar ao público que vem assistir minha defesa ideológica da filosofia-educação-criação, que tal... – Mexeu a cabeça a procurar algum papel, viu caderno de forma hippiana, pegando, logo folheando até trecho encontrado, mas interrompida:

– Carolina, você tem de se assumir uma biografemática de romances e diferenças sinalizadoras. Era isso que estava tentando lhe dizer. Vejo você sonhando, a se defender da criação de um (teu) romance metamorfoseado da educação. Por meio de romance, cada cena se expressa da forma desejante e vejo, sempre, diferença própria do educar. Tempo próprio da imaginação. Carolina, sua escrita é uma mistura partilhada de teoria do sabor. Só uma coisa, me pareceu que introduzes um pouco teórica de “metaromance”, mas ao ler as suas cenas biografemáticas, já te via querida-tomada-romanescada. Menos partilha de outros. Mais partilha de si mesma.

Neste instante, Carolina se lembrou da cena em que estava na reunião de pesquisa, ganhara de amigos um livro de capa em preto e branco [VIDARBOS]. Ficou muito agradecida pelo que esta obra lhe inspirou. E despertada por:

– Menina sonhada, vejamos, o produzir linguagem metódica é dominar “o tempo próprio da frase e não apenas o tempo do real” (BARTHES, 1985, p. 194).

– Roland, bem como vimos a circulação, muito resistente, de publicações em revistas, livros direcionados ao mundo acadêmico. Há leitores, muitos ingênuos, na eterna espera de “copiar” sem criar.. Cada vez mais visibilidades de crianças e jovens “abandonados”, passando a focar o envolvimento somente com “Ciência Política”, com busca intensa pelo “*qualis*”, com sacrifício de “preencher” o Lattes, para mim nada valem. Quero ações bem vivas, obras de se pulsar *tum tum tum*. Este gesto forte, de mexer tanto corpo-visão, caindo de nuvens amorosas de zigue-zague. E agora, vejo a escrita da tese, ao menos neste momento, termino “introdução”, “desenvolvimento”, mas conclusão... – Interrompida por Roland, que lhe pergunta: – conclusão de quê?

– Concluir o propór desta Tese: assumir o compromisso de se inventariar pela paixão do escrever, do sinalizar, pelo acaso exterior, interior, também pelo instante de imaginário. Montar os instantes concluídos da artistagem...

– Então apresentas algo parecido com uma caixa improvisada de cenários produzidos na/entre/dentro/com Vidarbo. Então deves esquecer de todos aqueles julgamentos. Conceito da belezura. A tese já é uma ciência política aberta de significações e que tem próprio método da diferença, se diferenciar, e de toda diferencialidade.

– É mesmo...ah sabias que recentemente consumi mais outros dos teus livros (Escritos sobre Teatro; A aventura semiológica; Incidentes)? – Com um clima caloroso, retorna a quietar as mãos teimosas.

– Bom proveito. E lembre-se de que deves ler como passatempo aventureiro e que não me cite em excesso. Lembre-se que também fui um teórico de frieza. Ora ouse Romance como literatura da paixão pelo que se faz e se age. Crie os próprios signos que te inspiram, inclusive te tocam, desejo do escrever, viste?

Carolina sorriu-lhe, admirando com sua doce paciência, ficou em seu mundo interior, surpreendendo-se, manipulando o haikai e logo pegou a caneta:

Ao reler o trecho meio embaraçado, deixando a letra meio ilegível, rapidamente risca a raiz de borbolet-, balançando cabeça negativa e logo é tocada pela mão de Roland:

– O que foi? Vejo a palavra riscada aí. Por mim é criação tua. Lembra de meus ditos sobre a preparação de romance que dá vida à obra e que força vontade da obra? Ora, não seria diversão imaginar fantasias infantis? O próprio Kafka, de mente intelectual, no tom borboleteado (sentido liberal) escreveu sua obra “A metamorfose” ...

– Desviar os desviantes instantes do desvio! Romance borboleteado da educação! – Ficando com rosto rosado, e seguido de sobranceiras rugadas de dúvida, dispara outra vez:

– Opa, melhor não rescrever mais, já que logo o material será entregue à banca examinadora. Aí, eis o desejo romanesco de se variar em tempos de escrita-leitura-escrita. Tempos a mais -inscrever os escrevíveis imaginários e escrevê-los pela leitura do saber amador.

– Isso, o desejo de escrever parte por um ponto que te localizas em si mesma. – Disse Barthes de 2005b, preocupando com atitude de Carol, estando perto do prazo de compromisso, ela ainda quer escrever, pensou.

– Aliás, cada escritor escreve uma obra singular. Também talvez seja assim, lembro de que tu me falaste sobre um anti-ediapiano seminário do próximo semestre; nesse espaço, que aproveites para estudar-pesquisar-extensionar (são verbos vivos, aliás). Talvez, mas também acredito que as sugestões da banca lhes possam reforçar a operação de mediação de signos presentes do tempo.

A mulher logo ficou sob o balanço de uma nuvem romanesca, de rosto sonhador, imaginou seu objeto como livro, o leitor, o público – sinalizador da vida. Retornou a visualizar mãos de Roland, uma, repousada ao lado do café, e outra, ainda no mesmo gesto pensador²⁴ e cujos olhos, chegados

²⁴ <http://1.bp.blogspot.com/-E3aWmrNz1mQ/TkDr74jKITI/AAAAAAAAAB1c/6ubD3-pkaXo/s1600/Pensador.png>

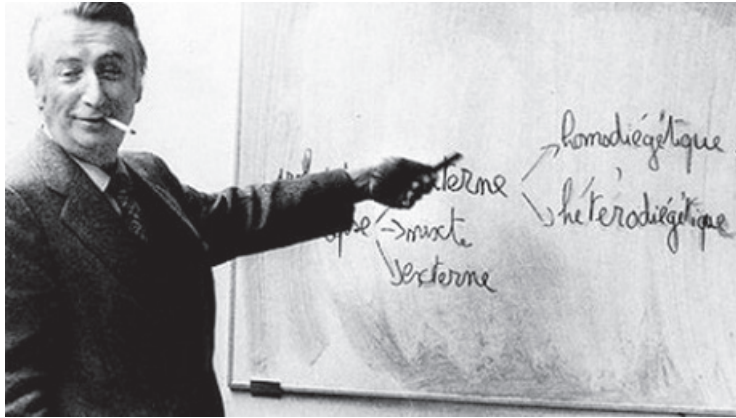
de encontro com seu olhar respondido de forma neutra, mas humilde. Ambos, sob estado de “paz de vida cotidiana” (2005b, p. 11) ficavam em silêncio por algum tempo.

Carolina, de postura congelada, no seu mundo interior, de diálogo com uma linguagem barthesiana (2005a, p. 29): *“O Romance ama o mundo porque ele o abarca e abraça” = Palavrário abraçado-abraçador (deste ou além de texto?)*. Sinalário à velha eterna espera de se abraçar e ser abraçado. Logo é surpreendida por toque gestual do Roland, como se fosse leitor de seu pensamento:

– Pensas em continuar a produção de mundos em sinalário, tu repetias algumas vezes que se traia. Como o produziria?

– Talvez seja possível se inscrever objeto puramente cultural. Não sei. Me pego muitas vezes no querer-sinalizar da sinalização. Mas somem-se nuvens de criar ao me direcionar à câmera... Daí sem vídeos, por enquanto. Não sei... Às vezes é preciso colocar o porém, mas positivo: como eu e milhões de surdos visualizantes (pouquíssimos visualizadores) da Libras e do português lemos-escrevemos as línguas misturadas; estrangeiras, às vezes, estéticas, muitas vezes. Talvez eu escreva palavras romanescas, manipulando da mistura com vídeos, imagens, fotografia. O que também me preocupa é editar vídeos, às vezes tornam complexo ter de reeditar signos que deixam de se significar. E...

Roland rapidamente pegou um cigarro, o acendeu e levantou até o quadro de madeira grega, que esse lugar de bar era misto de desfrutar de vontades seja como sentar sob cadeira de balanço, acompanhada de mesinha apoiada de escrever diários de mediação, com varanda aberta. Nesse momento, Roland se move de forma firme e diz-se por um rosto levemente risonho:



35 Imagem do Roland Barthes

– Tu, Carolina, tens de sempre se lembrar que és autora heterológica de signos. Vejo sua obra estruturada, dentro de normas técnicas. Ainda dentro deste objeto, você inventa suas próprias normas criativas...

Carolina, ao retornar de si mesma, recebe um olhar atento de Roland que lhe novamente gestualiza por sinais:

– Beethoven (pianista Surdo) dizia: “Tocar uma nota errada é insignificante, tocar sem paixão é imperdoável”. Lembres sempre disso. Te vi muitas vezes medrosa de se escrever. Ora ouse mentirosa de si apaixonada. Explodiste de um eu em eus imaginários do desejo. “Não pode se efetuar pelo simples de um voto piedoso relativo aos méritos do “diálogo”, mas por uma descida profunda, paciente e muitas vezes desviada, no labirinto do sentido” (2004a, p. 21) ... veja o total de XX páginas montadas por suas próprias mãos, cheia de dúvida, de afirmação da afirmação... Me alegro ao te ver bem corajosa de mentira e de verdade. Talvez um pouco menos mentira convencida de si. Talvez um pouco mais cuidado amoroso de si, estudo prazeroso de si... Prepara-te a defesa ao público e aí ele lhe fará se mover em novos rumos metamorfoseados.

Anotação da foto do Barthes (da página anterior daqui): Palavras francesas? Estrangeiras ao meu ver. Mas faço a tradução manipulada de signos não fiéis da origem, já que o tempo sempre é nova origem. Roland aponta o dedo para algo necessário de pensarmos e escrevermos além de ficar entre Lei e Ética; Ficção e Real; entre Minoria e Maioria, mas misturados de sufixos, tão gregos, homo e hetero. Sufixos manipulados por signos do prazer. Texto heteroliterário. Literatura homovital em cada ciência- filosofia – arte. Ciência de signos heteroliterários exposta. Filosofia, linguagem homomanipulada. Arte, a criação da criação romanesca.

“O que força o esquizofrênico a redobrar-se num corpo sem órgãos tornado novamente surdo, cego e mudo?” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 122). Daí grito por meio dessas palavras sentidas-arquivadas da diferença, alternativas únicas e últimas. Raridade-positividade? Subjetivação impotente? “O pensamento enfático exige coragem civil” (ADORNO, 1995, p.21). Linguagem diferente de si mesma e diferenciadora em nova outra linguagem. Desvalorização de todas as “paixões tristes” (em proveito da alegria): Espinoza o ateu” (DELEUZE, 2002, p. 31). Bem, nosso bem, não interprete tão rápido, buscando rótulo de ateu como não crente de deuses. Refiro-me a deuses como mutilo os eus. Como não crente de ilusões proibidos, negativas e de Morte...Crente de eus que se mutilam. “Todo o caminho da Ética se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente. A alegria ética é o correlato da afirmação especulativa” (DELEUZE, 2002, p. 35).

Aula gorda de aprender-ensinar. Para Corazza (2012a, p. 238), “a didática da criação considera que a potência artística de uma aula, exercida por meio de um processo criador de verdades (imanentes), valores (não representativos), sujeitos (pré-individuados) e poderes (provisórios), não se equaliza com uma adesão sem resistência ou com uma simples rejeição das normas”.

Pareço-esgotada de palavras, mas ao mesmo tempo manifesta de menos (DELEUZE, 2010), em língua de sinais, em gesto. Rachar língua de sinais mudada a sensível a poética. Também racho por palavras românticas-cinestésicas. Amor é a criação, a morte a destruição, tempo o que fica no meio durativo. Ciência forçosamente destrói, filosofia intensamente constrói, arte reconstrói em extensão. Einstein chamou o tempo de “ilusão teimosamente persistente”. Libras é âmbito de arte que se preenche em maior dimensão do que a dimensão de signos letrados.

O FIM DESTA ROMANCE?

o infinito deste romance
até breve?breveza!braveza?bravura!!!

Ousou antes, e some daqui os brevidades-múltiplos escritores-leitores. Música visual-gestual-tátil, eis tradução estética-criação. Mas esta, às vezes, limito-a. Dura uns minutos de elaboração mental -puxar, rasgar signos- e outros minutos de se inspirar esta própria escrita. Método próprio deste Texto-Vida de se escrever signos apaixonados, de se inscrever efeitos, de deliciar-se pela imaginação ora apaixonada ora estratégica. Texto de verter os possíveis alegres. Linguagem deleuziana-espinoziana-barthesiana.

Escritores breves, de incidentes, acasos, afetos, reencontros não caem de céu instrumentalizado. Cada revisão deste Texto (perdi a conta do número) = válida e nunca validada. Cada prática de se reescrever por signos realmente significados e depois realmente velhos= eterna incompletude. Não há sinais esperando para que sejam traduzidos. Ora estes sinais expostos. Sinal ambíguo de múltiplos conceitos. Assim como as palavras que compõem este arranjo, nesta específica lógica, são também uma nova diariedade de língua. Linguagem-literatura. Novo Texto. É esta Tese em forma diária de se transformar. Ciente de tempo que se diariza. Diário do diário que se diariza diariamente a diariedade do Diário. Talvez um breve exagero linguístico. Aplausos visuais (para mim) e sinalizados (talvez para um novo leitor) à Ciência do Sabor. Em termo grego, *hypomnemata*, diários = “livros de vida ou guias de conduta” (FOUCAULT, 2014b, p. 231).

Significação dada, recebida e expandida. É assim que encontro sentidos de pesquisar-estudar-ensinar, que jorram múltiplos olhares. Elementos, traços, aspectos narrativos, literários, científicos, filosóficos e artísticos se misturam entre textos variados de expressar sob prazer imaginário. O método todo desta posição de escritora se inscreve ao escrever-riso. Um eu deseja enlouquecer de paixão selvagem, animal ao

escrever mais, mais e mais cenalários. Pois é esse encontro de que escrevo me afetando com afetos, sensações e percepções. Hiato afirmativo-exposto entre mãos inscritas de signos-olhares difusos e amorosos. Método do “Querer-escrever + Objeto” (BARTHES, 2005a, p. 20). Método cheio de risos faceiros. Própria inscrição de signos imagéticos: escrever + riso = J.

Até aqui, textos são tomados não a partir da ideia de revisão “teórica”, mas sim de musicalizar ao reler-escrever o texto. Está aí o próprio texto, em funcionamento. Sempre é uma diferença diária da educação. É isso que vem acontecendo, de certa maneira: a busca incessante por fazê-lo viver do Desejo e do Imaginário. Tantas espacialidades estéticas de inventar em língua (língua, texto), em literatura (poesia, prosa, poema, música), em filosofia (parece ética?), em arte. Olhemos “arte”, palavra pequena sem acompanhamento de noções familiares? Ora montemos juntos Arte = Obra = Vida. É o que me realizo pelas próprias referências. Referências de se ver imersa por meio de nuvens coloridas.

Escrevo me ocupando do querer-escrever. Barthes (2005b, p. 165) nos ensina que é “fazer de sua vida Obra, sua Obra”, fazer a vida como um lobo desejante, fazer da vida um fogo de aquecer e reaquecer. Pois então, Tese-Vida-Obra= Arte do meu único viver. Vida curtíssima demais para pensar numa perspectiva desestruturalista (ou melhor desestruturada?). Estruturalista (estruturada), transestruturada, isso tudo “faz algum sentido planejar o ensino” (CORAZZA, 2009, 105) Ensino romanesco da semiologia. Planejar aulas imaginários é uma gostosura de se montar. Ensino ensaiado de se criar, de se ter idéias. Texto florescem de se ensaiar. Isso é um novo-ativo jorro de palavrário. O Queimar da Obra Única. Obra única de se queimar desde já. O Molhar da Obra-Vida. Obra-Vida de se molhar de tesão! Tesão = desejo, prazer e amor (um eu animal exposto). O molhar da raiz (ambígua, pois imagem de galhos de difusão de raiz) se cresce, se cuida, se ama. Escrita de um eu difuso, de deslizes desejantes. Multiplicam-se entre galhos que piscam o corpo flutuante e folhas

romanescas como sementes menores e sinalizadores de língua gestual em cada árvore. Cheia de literatura, poesia, filosofia, arte... Uma árvore, todavia, não definitiva, sem início nem fim, em que a semente não é menor do que o fruto, e este não é menor do que os galhos, e assim por diante.

Com os pensadores da diferença, os que foram citados desde o começo, os Textos empurrados da força potente. Textos transgredidos da existência do viver: que se subvertem em mil possíveis e apreciam mil vidas criativas. É este Método do Prazer. Estudo próprio de se imaginar por arte do educar. Uma luta contínua de expandir além da minoria e maioria, além de verdadeiro e falso, verdade e falsidade. Imagino nova pergunta de proposito: Como não deixar de se conduzir minha Tese tornando-a obra artística? O tronco-texto (daqui mesmo) passa por faxinas conceituais e molda e cria rascunhos de arte. Não é de passá-la “a limpo”.

Paz (próprio objeto e sujeito de autoria) sinaliza tradução poética que “é uma operação análoga à criação poética, só que se desdobra em sentido inverso” (2009, p.23). Paz deliciada que, ao aprender a escrever, “é aprender a traduzir”. Paz, a própria tradução romanesca de educação curricular-didática. Cenário de figuras estéticas. Figuras romanescas. Figuras desejantes. A composição vital. Caixa montada, composta, cheia de escritos-lidos de nuvens bravas, guerreiras, suaves e tensas. Hoje, corajosos-romanescos expostos. O Sempre fica junto de artistar o inspirar e o respirar. O depois do depois infinitivo, ou melhor, o mais do mais de prazer além de palavrário e sinalário.

Relação entre pesquisa, ensino e extensão percorre e performa em diversos domínios de vida, seja como âmbito institucional, âmbito profissional, âmbito familiar, âmbito pensamental. Invertem-se através de minha visualidade: Objeto x Sujeito x Jogo. Ciência x Filosofia x Arte. Esses signos escritos se inspiram e expiram além de produções de Roland Barthes, Michel Foucault, Jolanta Lapiak, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Sandra Corazza, entre outros. Eles, como autores criativos. Essa expiração

foi como me encontrei! Criatividades puras de cada escritor. Esses personagens expostos deste Texto se fragmentavam em personificações da destruição-desconstrução-descontinuação de mitos visíveis - escrevíveis - ora pela imaginação, ora pelo conhecimento estético. Escolhas corajosas me trouxeram até aqui. Em relação aos sinalizantes, aos sinalizadores, escreventes, escritores (por diante...) em relação à vida acadêmica, em relação à vida, nunca aceitei as primeiras possibilidades, sempre preferi as segundas, terceiras, quartas, quintas, e assim por diante. Atuais e futuras. Se não desviasse daquele movimento primeiro, não sei o que ocorreria, mas não aceitaria, de qualquer forma, as primeiras opções. Adeus, um eu cego de se enxergar. Um eu acordado de se engrandecer erótico. Gestos movediços inscritos.

Talvez seja ou não, uma idiotice, mas, ora, um pouco mais de linguagem infantil. Um pouco mais de poesia. Um pouco mais de arte. Um Total-todo do ler-querido a querer-escrever. É esta infantilidade de se escrever como montados, remontados, rereмонтados, rerereremontados. Foram essas práticas de se inscrever própria autoria da obra. Palavras ignoradas de avisos avermelhados de verificação de ortografia e gramática? Seria não obediência ou castigo ignorar o tal corretor ortográfico, mas seria o próprio Word daqui a assumir desejos de se romancear a infantilidade dos signos? Abrir campos de circulação de traduções, onde os sujeitos se aferram. Onde os sujeitos se apreciam. Sujeitos que criam artes de se expressar. Cada singularidade subjetiva se inventa livremente por meio de um mundo exterior, interior e se verte em gestos de se conhecer. É produzir rascunhos saborosos do saber, pensá-los compostos e expostos pela força potente. Os atuais e eventuais fatos não se completam exatamente por procurarem sempre uma nova tradução, que é a própria tradição da diferença.

É isso que se fazem, plurais, de se personificar pela energia calorosa e de se aproveitar. Assim, tudo isso faz parte do show que cada um

carrega. Mundo romanesco. Mundo cheio de imagens, espaços e signos aventureiros. As mãos sinalizadoras contêm, em potência, toda a história e toda a cultura. Não trato deste sentido de tod@ como História Superior, Cultura Superior. Quero dizer um imaginário manipulado por toda imagem, quadrado imagética da visão segunda? Terceira? Quarta... Apenas quero “fazer e obedecer a linguagem” de/em/para sinalário romanesco. Ora também palavrário. Um eu se questiona em duas línguas de se estudar, vivo disso diariamente. Ao mesmo tempo, muitos são os signos que forçam a circulação dos artefatos, não há que se definir sinais nem palavras, sim há que se inscrever.

Não há, nesse sentido, UMA tradução. Tarefa de *Deaf Artist*. Tarefa de artista- tradutor. (PLAZA, 2010). Uma própria tradução: muitas investidas de tradução. Para Corazza (2003, p. 11), “qualquer teoria nova implica uma linguagem nova, e a produtividade de seu discurso depende desta novidade. Cada forma de linguagem, seja qual for seu objeto, situa seu enunciador e sua enunciadora numa determinada posição política e intelectual”. É o imaginar de figurário, ao estudar possíveis relações, é o manipular possibilidades criativas. Pôr em funcionamento, minhas próprias posições de se pesquisar, se ensinar e se extensionar como uma eterna sinalizadora. Muito mais sinalizadores além de sinalidades.

Desde essa perspectiva artística da diferença que se
diariza por pauladas do Oxé
Bando
do pensamento da própria execução
às posições fogosas,
mil posições,
tempos,
espaços
que são as muitas saídas

da ciência lógica
a entradas
de muitas fugas,
muitas partidas-chegadas e
multiplicidades por vir...

TAGARELA, passadas, desvaziadas?

Ou seja, intensão-intenção dessa extensão: Carne textual, exposta. Carne desta escritura. Ressignificando aqui, também, como um novo olhar de 360° de se traduzir e se criar. Olhar transcrito desta volta. Esta operação sempre diária. Significação diária. Barthes (2013b, p. 66) cria um belo conceito de significação: “o processo sistemático que une um sentido e uma forma, um significante e um significado”.

Processo de produção maquinicamente se cria. União de sentido e forma se vale sempre, mas se vê que ao mesmo tempo, se rompe, se fluxa, se recorta. Significantes se mudam, mudam significados. Sentido diário de se significar. Forma sempre cortada, recortada, (trans)cortada, **transmontada**. Um corte signário-imaginário recortado. Significação de signos se produz pelo processo criativo: Significantes se cortam. Significados se movem a significações de criação. Vivacidade de se traduzir. Fixo em linguagem os próprios traços-planos-sentidos. **Nunca mais inérciada**.

O instrumento criativo do pensamento se desvia do “sono antropológico” (FOUCAULT, 2007, p. 470). O objeto de “efetuar a escritura afetando –se a si próprio, é fazer coincidir a ação e o afeto, é deixar o escritor no interior da escritura, não a título de sujeito psicológico, [...] mas a título de agente da ação” (BARTHES, 2004a, p. 22). Despertada por palavrário. Leitora franca. Escritora às vezes estrangeira, às vezes incompreensiva, às vezes artista de se ver. Despertada por sinalário. Leitora intensa-extensa. Escritora às vezes desembaraçada. Escrita colorida de se

pintar pelo que apaixonava, pelo que “contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura” (BARTHES, 1987, p. 21-22). A própria lei de escrever “vem sempre do significado, na medida em que ele é dado e recebido como último” (BARTHES, 2003, p. 24).

Tradução fictícia-pensamental desta tradução: O retorno da partida neutra. Retornar signos, imagens e espaços como se fossem práticas imaginárias, cenárias e biografemáticas, e então os neutros fonemas-morfemas-biografemas são primeiros criadores glosamente a partir de signos-espaços-imagens e recriados em próprios métodos diagramáticos. Em outras palavras, com o Adorno (1995), métodos autocríticos. Ainda mais outras palavras de Foucault, métodos arquivistas-arquivísticos, em palavras derridianas, arquivada e arquivadora de arquiescritura. Aqui na escola não expõe histórias de sistemas pensamentais-conceituais, pois, se fragmentam e se criam em novas significações. Aqui também não divide os mundos em bons-maus, em certos-errados-, em originários-excluídos.

Escrever-traduzir-reescrever significações produzidas-criativas de sentidos-e-significados. Traduzir intraduzido = processo de ver algo, de traçar um traço material. Traduzir traduzido= criar nova tradução, retraduzir aqui. Essa operação de tradução-transcrição se diariza em duas formas, parece. Traduzir-se o imaginário e o real, ao mesmo tempo. Nuvens da manipulação, nuvens letradas deste rachar. Mas, espere, parece uma junção de máquina diária de pensar-criar-traduzir! Pensar algo, cria-o como novo algo traduzido. Daqui máquina de escrever, daí máquina de traduzir, dai-lhe uma alegre cotidianidade da tradução. Tradução eterna da tradução infinita. Não sei mais.

E entra, neste outro instante, uma traduzibilidade de Cheio. De Eterna Criação. Sujeitos-objetos-ações de algodão doce. Tempo-espaço real, tempo-espaço imaginário, tempo aparente deste espaço escrito-sinalizado. Ambiguidade do Eterno. Um verbo de se ver, ambíguo, aberto

à significação. Eterna ambiguidade de me inventar? Inventar? Inventar outro? Criar-inscrever linguagens que ora se manipulam de outros, ora se criam em si mesmos, ora se criam nesta arte. É a própria arte diária-ambígua-expandida.

Esse escrever = Escrever sinalizado(s). Outra operação de se desviar. Esse escrever sinalizado, objeto acabado. O escrever sinalizado, objeto aberto de se criar. E o objeto de traduzir escritos-sinalizados (sinalizar a Libras, sinalizar português=ora alfabeto manual = ora alfabeto mental através das mãos)? Eis o Vazio exposto. Digo, invisibilidade de sinalidade. Operações completamente diferentes de expressar significações. Tenho uns eus da expressão criativa. Um eu que manipula por meio de sinalidade (traços-imagens-signos) de linguagens de signo, expressões corporais, expressões de rosto. Um outro eu que se traduz em palavras, sílabas, sinais gráficos. Palavra imaginada do significado último. Sílaba manipulada de sentido gregário. Gráficos manipulados de criação. Daí o travo de transcriar sinalidade.

Literalidade (literatura + escritura). Literatura é uma noção viva de manipular aspectos gráficos-ideogramas-pragmáticos de arte. Isso torna a escritura de tradução e transcrição. Tradução como uma operação diária de traduzir a traduzir. Opera-se agora, opera-se por meio de nuvem pensamental (mundo interior; imagem-afeto por visão). Nuvem se significa aquilo de ficar de olhos cristais (desligados de olhar a Realidade redonda) ao mundo interior (pensamento de se criar linguagens). Portanto, linguagens manipuladas traduzidas por escritura daqui. Mas acontece também que ao imaginar escritura, se doam olhos de se romanescear, produzindo próprias significações. Assim como o romance de texto “supõe toda uma produção indireta” (BARTHES, 1987, p. 36). Aqui está a produção exposta de paixão do escrever. Não é uma produção direta de ver-copiar algo. Produção indireta é algo manipulado diário. É esta produção direta, em que se traduz a própria arte de se criar. Produção da produção da produção, por diante. Produção criativamente indireta, sempre.

Ao processar nuvem de sinalidade, fica-se impossibilitada ou possibilitada (às vezes isso, às vezes aquilo) de se traduzir aqui. Traduzir sinalidade em literalidade de signos gestuais, mil maravilhas. Traduzi-la em palavrário se trava um pouco, se chocando pela cultura linguística, ora, por exemplo: sinal de “mundo” e palavra “mundo”. Sinal fazendo gesto de se fazer de “ladrão”, então duas mãos de ladrão fecham-se um pouco: uma imagem minúscula visual de ação circular. Talvez possa significar sinal em nova significação, isso é traduzir sinalidade em palavras. Sinal de mundo é aberto, difuso. Sinal maiúsculo de se traçar. Traduzir palavrário imaginário neste palavrário: Noção “mundo” circulada pela tradução imaginária. Circula-se nova circulariedade?

O jorro de circular entre mundo exterior e interior: me circulo traduzida, me circulo imaginada, me circulo artista daqui. São assim mundos circulantes de se cortar. Mundos circuladores de se ousar. Uma nova tradução circular: uns sinais americanos (Ameslan=língua gestual americana) e brasileiros (Libras=Língua gestual brasileira) que referem ao significante exposto (acima, no glossário) significado visual de ALEGRIA, MARAVILHA, isso é, signos próprios das línguas de que as pessoas se comunicam através da visão (criadores de significações através de visão, não de audição). Sinais escritos em gráfico. Significado imaginário (o imaginar da imagem, imagem imaginativa). Significado diário de se amar. Amor de se apreciar bem visível e bem vivo. Querer-sinalizar se resiste (sentido ambíguo). Querer-escrever se presentifica. O escrever- sinalizar muito querido deste Texto. O amor de se traduzir e se inscrever. Prazer de se textualizar e me textualizar por amor adoçado. Saber adoçado. Texto do açúcar imaginário. Tudo isso é uma ciência do saber gostoso!

Duas mãos, um plano e um ato infinito. Ora, mil planos e um ato. Ora, um plano e mil atos ou mesmo mil planos e mil atos. (D)escrevo esta forma: escritora de “metonímia desejante” (CORAZZA, 2015a, p. 27). Imagem viva “no próprio seio da linguagem servil, uma verdadeira heteronímia das

coisas” (BARTHES, 2013, p. 30). O “sinal” é metaforicamente ambíguo. Uso de aspas também já é sinal. Então refere também a índice, símbolo, letra, imagem, língua. Como escrever sinalário? Sinalário: conjunto de mãos-corpo que risca sentidos formados por significantes e move significações. Talvez eu escreva a Libras através de *links*. É apenas uma promessa romanesca, mesmo fictícia.

Um processo de produção de significação (BARTHES, 1987) é muito vivo do tempo-espaço imaginário. Todo o conjunto desta escrita (português estudado pela visão-interior) se inscreve enquanto se pensa no mesmo processo de palavrário visual. Transformo-me Barthesiana que se diz “escrevo me afetando no próprio processo de escrever”. Inteligência adoçada da manipulação. Inteligência de se textualizar. Inteligência não é uma linguagem estudada de autoria, nem do saber de “mil livros”. É uma linguagem da criação estudiosa. Certos livrinhos do imaginário, linguagens de se artistar instantes. Estudar os pensadores da diferença, muito bom. Escritores de inspiração, prazer em conhecê-los.

Substituir abecedário formativo por artístico! Escrevo aqui primeiramente as produções de instantes presentes. Um Zero, um Meio, uma Praia, pontos especiais a criar. Pesquisa-ensino rachad@ e riscad@. Objeto diário de se fazer. Estranho ler Tese de Doutorado em educação, se opto por teses doutorais ao pesquisar-ensinar-extensionar em meio à educação? Se é inicial, é projetado, é examinado e é desfinal? Como se fosse projetar-defender A Tese, que ao mesmo tempo, produz teses inversas? Metaforicamente móvel (Nietzsche). Propõe-te a escrever signos recriados. “A investigação torna-se ela própria texto, produção” (BARTHES, 1975, p. 36).

Tomo por significação de romance como uma prática amorosa, ou como um nome apaixonado, por biografema, como dar vida às palavras, aos sinais lexicais? Às imagens? Se estou ensinada a pensar o informe, filosofar a criação de conceitos, então estou romantizada de me montar

autobiografemática, ou então, estou biografemada na loucura romanesca. Por mais que sim. Não é nem de longe buscar origem de onde vem o significativo, ou quem inventou tal noção, o tal “foi atrás” é apenas um fantasma puro.

Então como seria feita esta Tese de Doutorado? Monografia? *Pluragrafia*. Daí pluralidade de biografemas e de romances. Dissertação? Sim, palavras dissertadas de alma-corpo e deste corpo-alma. Tese? Sem dúvida, seguidora de vida-e-obra. Racho aspectos gramaticais: Método é um nome de se pesquisar e se processar e caracterizar como não naturalizado, mas como habitante de próprios signos de criação, isto é, biografemático. Tese é uma cena inacabada e informada de signos, imagens e espaços nômades (via Corazza). Daí imaginário (imagens), cenário (espaços) e biografemário (signos), grandes bancadores de Ética, de Romance e de Arte que são os próprios estilos daqui. Ora Barthes, uma pessoa que escreveu a semiologia montada de traços gerais-particulares. Ensinou muito, ele (2004b, p. 222) afirmando uma felicidade de signos, como “códigos fortíssimos”. Dizia ele que a escrita japonesa lhe deu “uma espécie de coragem de escrita”, e eu digo que tanto ele quanto outros pensadores da diferença, da tradução e da transcrição estimulam essa escrita daqui.

Não digo que sou seguidora de Barthes. Digo que estou seguindo alguns palavrários barthesianos, foucaultianos, deleuzianos, corazzianos, assim por diante. Ora sou seguidora de um eu cujos próprios olhos que captam por meio de próprias mãos, rachando os próprios fonemas, morfemas e biografemas. Tudo isso são uma felicidade de signos! Todos esses sistemas de signos são “sempre da ordem dos pormenores, das nuances, das sutilezas, das pequenas coisas, da distinção” (via FEIL, 2015, p.148).

Esta própria Tese, como objeto, é produzida por “verdades do tempo redescoberto e verdades do tempo perdido” (2003, p. 144). Ousar-escrever as próprias verdades em instantes presentes. Conforme acontecimento.

Conforme leitura. Conforme aula. Conforme qualquer objeto/sujeito que aparece até aqui “no como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso” (via Barthes, 1984, p. 39). Por enquanto, estou zerada. Produção é uma noção muito válida. Criação é muito mais.

Traduzir teses estrangeiras. Produzir teses romanescas. Artistar-fazer romance teses de política, educação, filosofia, história, geografia, matemática. Não trato de campos de “conhecimento”. Trato de linguagens circunvizinhas que compõem, recompõem e descompõem as teorias budistas (Buda= inteligência desperta), de teorias socráticas (questionar, duvidar, afirmar: essenciais verbais), de teorias foucaultianas (saber, poder e ser, pontos verbais-infinitos), de teorias barthesianas (significante, significado e significação, triplice trabalho diário), de teorias corazzianas (filosofias de diferença em educação) e de teorias desestruturadas

Inteligência é uma capacidade de estar desperta diante de dogmas e agir esperta em instantes presentes. O contrário de acomodação de tal fulano, ou de tal conceito. Contrair signos dorminhocos. Ciência filosófica confortável. Ciência filosófica se artista. Relações não doutrinárias. Relações inteligentes a despertar “uma pedagogia do conceito” (via Deleuze e Guattari, 2010, p. 19). Este Objeto de Tese comporta tudo isso. De si mesmo= signos fechados, acabados. A curiosidade também desprende de signos criativos.

(Re)parto, então, com/sem curiosidades inéditas. Distante de mesmice. Persistência de novidade. Isso tudo se inverte “inquietante em face das condições formais” (via Foucault, 2014a, p. 30). “O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo” (via Foucault, 2000, p. 536). Foucault acertou em cheio: o fim ultrapassado e reinventado-diário. Próximo, ou melhor imediato? “Homem” muitas vezes, me estranha. Talvez Humanidade? Talvez Ciência da Ciência? Tanto Foucault quanto Barthes, tanto Deleuze

quanto Foucault, tanto Foucault quanto Nietzsche, tanto Deleuze quanto Nietzsche. Esses conceitos personalizados de ciências.

– Seria isso o ponto final? Essa oposição de ideias, a maior de todas, foi relegada para sempre *ad acta* [entre as coisas já reguladas? Ou somente adiada e por longo tempo? [...] o que quero justamente com esta perigosa palavra de ordem, talhada sob medida para meu último livro: Além do bem e do mal. De maneira nenhuma quer dizer “Além do bom e do mal” (NIETZSCHE, 2013, p. 80-81).

Todos aspectos do bem e do mal torcidos e sacaneados. Todos esses pensadores-escritores-autores diagnosticavam por meio de olhares maquinados temporal-espaciais diferenciados. Cada um filosofa como “uma árvore no seu corpo, um seio na boca, o sol no cu (via Deleuze e Guattari, 2011, p.15). Sempre esperavam ir além. Distantes agora de “Desde tal fulano”. Aposto na composição, recomposição e de(s) composição. Isso é uma fórmula simples, mas ousada: “O texto de prazer é Babel feliz” (via Barthes, 1987, p. 8). Corazza dá outra fórmula também simples, mas elegante: “Transgredir o existente e subverter o possível” (2005a, p. 12). Mais uma outra fórmula esperta de filosofias por Deleuze e Guattari (2011, p. 40): “Uma vez como eu dissociado, outra vez como eu cindido, e outra ainda, a mais faceira”!

Ler-escrever como? Vez de Pensamento? Vez de Texto? Vez de Linguagem? Literatura? Escritura? Filosofia? Poema? Poesia? Vez de Romance? Sim, todas essas vezes como escritas da Vidarbo (via Corazza). O pensar de sentido é formar o através de operação significada-manipulada-romanesca por linguagem. Que linguagem? Este mesmo Texto. Esta mesma literatura como “o grafo complexo das pegadas de uma prática” (BARTHES, 2013a, p. 17) Pegadas da significação literárias-semiológicas-prazerosas (BARTHES, 2013b). Texto resistente = sujeito deste objeto. Texto subvertido por objeto do sujeito romanesco. Sujeito que ama textos

sinalizados da imagem, antes cristal e agora imagem impulsionada de desejo e de prazer (BARTHES, 2005a; 2005b; 1987; 2013a).

Mas ler-escrever biografemas é uma afirmação de ciência+filosofia+arte. Biografema é um nome afirmativo. Torna-se negativo quando se trata de escrever escritos-cópias teóricos e escrever explicações citacionais. Causalidade a Causalidade, algo de fantasma, sem utilidade. Escritura de biografemas, algo fantasma-fantasia que aquece um fogo de Tum Tum Tum, como “uma reconstrução linguística apaixonante a ser feita” (via BARTHES, 2004b, p. 223).

Assino teses como autoria-pintura-escritora amorosa dessas palavras a vir: invento literatura do grafo de significados estéticos, invento aula da potência e invento Texto como escritura teatral de vida-obra, invento leitor-escritor da arte pintada de cenários. Tudo se dá pela transcrição que “se rege pelas necessidades do presente de criação” (CAMPOS, 2013, p. 3). Daí o resultado de querer-escrever sujeitos e objetos (re +) inventados. Escritora de um eu difuso. Leitora de mundo criativamente “criado por nossa escolha, e não pelo destino” (BARTHES, 2005a, p. 237). Aqui não se encolham, nem escolhem signos “celestes” do vazio, pois “a arte do romance exclui toda continuidade” (BARTHES, 2005b, p. 37). Não é gostosura ter de costurar com signos e conceitos. Esta arte do romance abarca gostosura de se artistar linguagens e do querer-escrever cenas imaginárias como “sonho de valsa”. Eis a escolha do “Romance como Ópera” (BARTHES, 2005a, p. 41).

Desvios cambiantes que fazia-e-faço ao ler-escrever deste Texto. Texto mil vezes de ser trocado de signos nominais. Nomes titulados, “como elos de uma cadeia de sentido, mas essa cadeia é flutuante. Quem poderia fixá-la, dar-lhe um significado seguro?” (BARTHES, 2013b, p. 16). Cadeias frasais de significações (nunca + de instrumento do Vazio). Isso é significar+ação diária, traçadas vitais do escrever. “Escrevo me afetando no próprio processo de escrever” (BARTHES, 2005b, p. 47). Própria escrita

(primeiro lida-traduzida e digitada) da criação se dá pela mediação de ler o escrever e escrever o ler pelo pensamento. Daí resulta o traduzir deste ler-escrever da “viscosidade de formas” (BARTHES, 2005a, p. 254). Mas claro, “a escrita de Vida = quanto mais a escrita e a vida se fragmentam” (BARTHES, 2005b, p. 173). “A leitura seria o lugar onde a estrutura se descontrola” (BARTHES, 2004a, p. 42) e o escritor é o único, por definição, a perder sua própria estrutura e a do mundo na estrutura da palavra” (BARTHES, 2013b, p. 33). Muito mais que fragmentos lidos-escritos da tradição e da tradução + transcrição (CAMPOS, 2013). Operação de se traduzir e operação de se transcriar, sempre gêmeas vias da Criação.

Substituição viva do aparente vazio de Histórias das Autores e Obras por pós mágicos de “X14”, espumando gorduras criativamente cheias. É preciso sempre tentar a fuga destes males: Silêncio fantasmático - Silêncio de má-fé - Silêncio do Vazio. Noção, citação, teoria de outros tecnicamente estruturados de diferentes culturas e desenhados, de diferentes épocas: hoje tornam apenas obras passadas, que são indutoras “de diferentes sentidos, incertos e, no entanto, nomeados” (BARTHES, 2013b, p. 109). Em vez de olhos cegos de nomes autoritários, olhos pulsantes do imaginário da obra vital. Se não se trocar dessa forma, seria “a impotência da prática do romance” (BARTHES, 2005a, p.225). Eis a escolha do “Romance como Ópera” (BARTHES, 2005a, p. 41). É claro, sem dúvida, com certeza, portanto faço “do saber uma festa” (BARTHES, 2013a, p. 20).

Cenas imaginários que se festejam “pintados pelos imaginários” (BARTHES, 2003, p. 33). Cenalários inscritos deste tempo muito vivo algo que “consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram” (BARTHES, 2013, p. 29). Desenhos de linguagens arrebentados do prazer. “É o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer (BARTHES, 1987, p. 8). O arrebentar do ler-escrever se age por produção de um eu floreado de “viver o meio-do-caminho, de

me encontrar nessa espécie de ponto” (BARTHES, 2005a, p. 4). Pontos encontrados, distintos e expostos moveções por “um sistema sem fim nem centro”. (BARTHES, 2004a, p. 69).

Pontos de signos enquanto signos de elementos semiológicos (signos atuadores). “Decifreadores de língua” (BARTHES, 2004b, p. 224). Pontos signos da significação. Pontos breves do mundo de fantasias. Pontos expostos da vidarbo corporal de encontros-afetos = obra + vida (CORAZZA, et al, 2015a). Corpo de se ler, se aligeira, corpo de se escrever se faz babélica, se faz dançante de signos! Corpo direcionado ao teclado, às vezes flutuado em nuvem. Digo (talvez de novo). Nuvem: aquela significação de pensamento, com olhos de duvidar significantes em preto e branco e de manipular significação em cor viva. Nuvem escura, clara, viva sempre. O escrever do ler imaginário “nunca produz mais do que presunções de sentido, formas, por assim dizer, e é o mundo que as preenche” (BARTHES, 2013b, p. 15-16). Mundo preenchido do palavrário-sinalário-imaginário a ser traduzido aqui. “É esse momento em que meu corpo vai seguir suas próprias idéias, pois meu corpo não tem as mesmas idéias que eu” (BARTHES, 1987, p. 26). Este mundo traduzido por palavras formadas com sufixos gregos de “ário”, de “ism@”, “idade”, “ativ@”, “sta” “ação”. Sufixos ordenados invariável- intraduzívelmente (algo que não se cria previamente) de signos expostos.

Este Objeto-Tese-Texto-Teatro se cria pela vida-obra biografemária: vidarbo de grafemas de autoria amadora desta escrita. Daí escrita biografemária (palavras vitais entre si) contagiada, escrita errática, escrita caótica “acontece quando a vida e a obra encontram-se, tornam-se discerníveis” (via haroldiana FEIL, 2015, p. 151). Nisso tudo, pulsam elementos desejantes de inscrever signos amorosos “ao longo da vida amorosa, as figuras surgem na cabeça do sujeito apaixonado sem nenhuma ordem, porque dependem cada vez de um acaso (interior ou exterior)” (BARTHES, 1981, p. 4). Obra-Vida inscrita do encontro afetivo “entre a

ficção e o real, entre o imaginário e a história” (FEIL, 2015, p. 151) Parto de escrita da imagem-afeto “como origem da cultura” (BARTHES, 2003, p. 8). Pintar figuras arrebatadoras é um verbo mediado, vale esta Tese como mediada de artistagens. Este objeto “se torna de certa forma seu próprio fim, a literatura é no fundo uma atividade tautológica” (BARTHES, 2013b, p. 33).

Este Texto biografemático é uma arte que “é uma certa conquista do acaso” (BARTHES, 2013b, p. 54). Quanto aos sinais que criam objetos do acaso, não é de traduzir signos gestuais para signos letrados? Isso é um exercício paradoxal enquanto leitora de sinalário e escritora dessas palavras. Claro, opero, ao mesmo tempo, figuras leitoras-escritoras, “não no sentido retórico”, mas antes no “sentido ginástico” (BARTHES, 2003, p. 262). O próprio Texto se fragmenta, se modifica e se inspira em outro Texto. “A inspiração é conduzida por trocas; há trocas de conceitos (eu diria de *fantasias*) estéticos: a ideia de bela pintura, um belo efeito de pintura etc” (BARTHES, 2005b, p. 22). Nuvem pintada de fantasias. A nuvem ovelhada-arquiteta-ginástica. Nome disso? Liberdade de expressão? Expressão de liberdade? Lei vital da obra. Direito “à prática digressiva, o direito à digressão”. (BARTHES, 2003, p. 268).

“Escrita contagiosa que faz recair sobre o leitor o desejo mesmo com que formou as coisas”. (BARTHES via CORAZZA 2015a, p. 27) Conceitos dançantes no ato de ler-escrever. Conceitos romanescos. Conceitos vivos da vidarbo. Vidarbo é Biografema. Biografema é Sujeito-escreve-obra-que-escreve-vida. Forma efetuatória de escrever, “ao personalizar o sujeito que vive e escreve, realiza escrita de vida” (CORAZZA, 2015a, p. 26). Lá lá lá Biografema, cá cá cá Vidarbo.

O acontecer e o devir deste Texto se variam por meio de encontros-afetos-efeitos. Textos denotativos de Biografemas. Textos conotativos por traduções, pensações, criações, transcrições, ensaios, experimentações. Texto da potência de se educar. O texto se significa em literatura, filosofia, arte, pintura, cinema, teatro como temas transversais e intransversais de transformar em discursos esquecidos ou amorosos. Texto que se escreve

como verbo intransitivo, que se pesquisa como verbo transitivo e que se traduz, se transforma e se transcria como verbo de criar.

Criação é um jogo de mundos inventados em pensamento e nesta escrita. Pensamento se vê, se traduz e se cria. É tornar corpo, olhos, jogando “com os signos como um logro consciente, cuja fascinação saboreia, quer fazer saborear e compreender” (BARTHES, 2013a, p. 41). “A linguagem não é mesmo feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 7). Leio-escrevo signos linguageiros no seio de prazer-arte. Se tese de doutoramento é uma “pesquisa curricular”, tomo por palavras de Corazza (2013, p. 166) que “não segue circuitos fixos, mas abre-se para imprevistos trajetos”. Trajetos por vir.

O pensamento científico-curricular de iniciação exposta não deseja se repetir aqui e quer se diferenciar por meio de significações caóticas. Reescrevo possibilidade da novidade. Criação é Novidade. Dar cor nova aos signos. Transcriar possibilidades de novidade. Inscrever novidade da possibilidade. Tudo isso sempre se via em duas maneiras: “primeira, face ao contexto da contemporaneidade da arte, isto é, como política; segunda, como prática artística dentro dessa contemporaneidade, isto é, como poética” (PLAZA, 2010, p. 205). Texto poético de se saborear, em modos produtores inseparavelmente do devir (DELEUZE, 1993). Mil ciências maquinadas por prazer. Gestualidade da literatura. Sinalidade vital. Política de se desdobrar “fora da morte”. Linguagem se expôs. Linguagem “voltada para o signo, este a cativa e ela o recebe, o trata e, se preciso for, o imita, como um espetáculo imaginário” (BARTHES, 2013 p. 41).

Se Deleuze e os demais nos ensinam que filosofia é uma prática de criar conceitos, não estou possibilitada de definir um único conceito, mas, pelo menos, posso escrever-traduzir significação última: grafia é uma prática. Grafema é um objeto. Biografema é viver-escrevendo. Em algum lugar é possível visualizarmos a máquina diária de Família linguística-semântica-semiológica. Ousar a máquina infamiliar: Criação. Escrituras familiares de mãos-biografemas e não familiares de mãos-grafismos.

Própria função estética de educação, de filosofia e de arte. Este Objeto é constituído por método biografemático, ou por cenalários montados de biografemas. Manipulo-as como contação literária, ou as imagino como aula discutida, também as imagino através de Diário. Objetos de se escrever, objetos de se conhecer, se perguntar, se responder, já que isso tudo é arte do educar. Todos verbos ditos são metamorfoseados de riscar educação para riscar infantilidade de se inventar signos em linguagem romanesca. Não trato de linguagem formativa, sim de linguagem criativa. Sim de palavras, sinais e imagens como criação nova, em alguns aspectos da tradição. Daí tradução de ciência saborosa, artes de ler-escrever e gracinhas de se educar. Daqui... tradução da Criação.

Risco o Espaço Pós-Graduado para riscar novo espaço relvado de infantilidade e criatividade. Espaço relvado de se consumir o desejo de escrever signos biografemáticos, Cenalário biografemático? Romance escolar? Escrita amorosa? Escrita biografemática? Vai encontrar isso, aquilo e aqui: Criação última. Escrituras de mãos biografemáticas. Escrever cenas biografemáticas por meio de mãos que estão digitando, ou por meio de mãos que sinalizam em mente, ou por meio de mãos que racham as próprias palavras e próprios sinais.



25

²⁵ Videoteca gravada no DVD.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **A crise na Educação**. S/d. Acesso online datado de 18.06.2017: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf>.

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa: Edições 70, 1970

_____. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel, supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **O ensaio como forma**. In: Notas de Literatura I. Trad. J. Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed.34, 2003.

ADÓ, Máximo Daniel L. **Educação Potencial: autocomédia do intelecto**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

AQUINO, Julio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente**. 1ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

ASLANOV, Cyril. **A tradução como manipulação**. 1 ed. São Paulo: Perspectiva. Casa Guilherme de Almeida, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela**. Tradução Glória de Carvalho Lins, Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand, 1989.

_____. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. **A Epistemologia**. Trad. Fátima Lourenço Godinho; Mário C. Oliveira. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA. Setembro de 2006.

_____. **A poética do espaço.** Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. “Escritores, intelectuais, professores”. In: _____. **Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios.** Lisboa: Presença, 1975.

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Tradução de Hortênsia dos Santos. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

_____. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **A aventura semiológica.** Tradução de Maria de Santa Cruz. Edições 70. Ltda: Lisboa, Portugal, 1985.

_____. **O prazer do texto.** Tradução: J. Guinsburg; Revisão: Alice Kyoko Miyashiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____. **Como viver junto:** Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins, 2003.

_____. **O rumor da língua.** Tradução Mario Laranjeira. Revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. 2ª ed. São Paulo: Martins Fonte, 2004a.

_____. **O grão da voz:** entrevistas. Tradução de Mario Laranjeira. Revisão de tradução Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

_____. **A preparação do romance I:** da vida à obra. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **A preparação do romance II:** a obra como vontade. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **Sade, Fourier, Loyola.** Tradução: Mário Laranjeira. Revisão de tradução Andréa Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005c.

_____. **Crítica e verdade.** Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Aula:** aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio de Leya Perrone-Moisés. São Paulo, 2013.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. (Org. Lucia Castello Branco.) Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

_____. **Rua de mão única.** (Obras Escolhidas v.2) Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre a significação do cômico.** Tradução: Nathanael C. Caixeiro. 2ª Edição. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1983.

BRASIL, MEC/SECADI/FENEIS/Grupo de Trabalho. **Relatório Política Linguística de Educação Bilíngue** – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=56513>>.

CAMPOS, Augusto de. Mallarmé: o Poeta em Greve. In.: CAMPOS, Haroldo de (org). **Mallarmé.** São Paulo, SP: Editora Perspectiva S.A, 1991.

CAMPOS, Haroldo de. **Semiótica como prática e não como escolástica.** Entrevistadores: Armando Sergio Prazeres, Irene Machado e Yvana Fechine. São Paulo: PUC-SP, 2001.

_____. **Metalinguagem & outras metas:** ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Transcrição.** Org. Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAMPOS, Maria Idalina Krause. **EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA COM PAUL VALÉRY:** método espirito-gráfico. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o “hífen” da ligação necessária na formação docente. In: ESTEBAN, M.T. (Org.). **A professora pesquisadora.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

_____. **Educação da diferença.** Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS. Palestra no 7º Colóquio CLACSO – ANPED: “A colonialidade do saber e o sentido da escola na América Latina”, na mesa *A escola e as políticas da diferença: perspectivas pós-coloniais.* <<http://25reuniao.anped.org.br/textoclaccsosandrakorazza.doc>> Caxambu, Minas Gerais, 01 de outubro de 2002b.

_____. **Manual infame...**mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.* Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002c.

_____. Palestra **O QUE FAZ GAGUEJAR A LINGUAGEM DA ESCOLA. IV Seminário de Linguagens:** Mestiçagens culturais. Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Instituto de Linguagens. Cuiabá, 07 de novembro de 2003.

_____. Pesquisar o Acontecimento: estudo em XII exemplos. In: TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Uma vida de professora**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005a.

_____. NÃO SE SABE... **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1205-1208, Set./Dez. 2005b.

_____. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Linha de Pesquisa: Filosofias da diferença e educação Área temática: *Pós-curriculo, diferença e subjetivação de infantis* - Seminário Avançado: EDP – **O anti-Édipo e a esquizo-análise**: uma criança não brinca apenas de papai-mamãe, 2005c.

_____. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Labirintos da Pesquisa, diante de ferrolhos. In: COSTA, Marisa (org.). **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3.ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

_____. **O docente da diferença**. Originalmente apresentado na Mesa Redonda: “Currículo, diferenças e identidades”, no IV Colóquio LusoBrasileiro sobre Questões Curriculares e VIII Colóquio sobre Questões Curriculares. UFSC, Florianópolis, 2 de setembro, 2008a. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/viewFile/3422/2348>>. Acesso em 2/4/ 2017.

_____. **Os cantos de Fouror**: escrita em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008b.

_____. **Currículos nômades**: múltiplos nomes em 51 fragmentos. VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em

Educação e Inserção Social. Mesa Temática por Eixo: Currículos e saberes, 2008c. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Curriculo_e_Saberes/Mesa_Tematica/12_05_23_Eixo2_mt_sandra.pdf>. Acesso em 2/4/ 2017.

_____. **Tese-manifesto de escreiturartística em filosofia-educação.** Conferência VII Foro de Estudiantes de Filosofía y Letras: PAIDEIA Universidad de Nariño, Colombia Nariño, 24 de abril de 2009.

_____. **Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo:** método Valéry-Deleuze. Projeto de Pesquisa – (Produtividade), apresentado ao CNPq em agosto de 2010. 91p. (Texto Digitalizado).

_____. **Didaticário de criação: aula cheia.** Porto Alegre: UFRGS, 2012a (Escreituras cadernos de notas 3).

_____. Didaticário de criação: aula cheia, antes da aula. In: **XVI ENDIPE:** Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Anais... Campinas, SP: 23 a 26 de julho de 2012b.

_____. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. Educ. Real. [Online]. 2012c, vol.37, n.3, pp.1009-1030. <<http://dx.doi.org/10.1590/S2175-62362012000300016>>.

_____. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013a.

_____. **Didática-artista da tradução:** transcrições. Mutatis Mutandis. Vol. 6, No. 1. 2013b. Online acesso em 29/04/2017: <<https://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/view/15378>>.

_____. **Currículo escolar:** transcrições do contemporâneo. UFRGS/ CAPES/CNPq. Conferência XI Seminário Nacional de Educação:

“Como educamos? Como construímos conhecimento na escola”? Instituto Palavrasões Lajeado, RS, 18 maio 2013c.

_____. **Introdução ao método biografemático.** Revista EM TESE. Belo Horizonte. V. 20 n. 3 set.-dez. 2014a.

_____. **Didática da tradução, transcrição do currículo:** escrituras da diferença. Projeto de Pesquisa (Produtividade), apresentado ao CNPq em julho de 2014b. 41p. (Texto digitalizado)

_____. Discurso do método biografemático. In: CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo (orgs.). **Biografemática na educação:** Vidarbos. Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2015a.

_____. **Didática da tradução, transcrição do currículo** (uma escrita da diferença). Pro-Posições | v. 26, n. 1 (76) | p. 105-122 | jan./abr. 2015b.

_____. **Para inventariar procedimentos didáticos de tradução em uma aula.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de Pesquisa. 09. Filosofias da diferença e educação. Seminário Avançado: Tradução/transcrição/transculturação: aula/currículo/didática. Professora: Sandra Mara Corazza. 2015c.

_____. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Faculdade de Educação-FACED. Departamento de Ensino e Currículo-DEC. Prova. Didática e formação docente. Disciplina. Edu 02084. **Educação contemporânea:** currículo, didática e planejamento, 2016.

_____. **Ensaio sobre eis aice:** proposição e estratégia para pesquisar em educação. Revista Educação e Filosofia, v. 31, n. 61, 2017. [Online] <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/27109/20480>>.

CORAZZA, Sandra Mara; RODRIGUES, Carla Gonçalves; HEUSER, Ester Maria Dreher; MONTEIRO, Silas Borges. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. **Educ. Pesqui. [Online]**. 2014, vol.40, n.4, pp. 1029-1043.

CORAZZA, Sandra Mara; AQUINO, Julio Groppa. **Alguns incidentes e um prefácio**. In.: _____(orgs.). Abecedário: Educação da diferença. Editora Papirus, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Texto, obra e vida; vidarbo; vida e obra, texto. In: CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo (Orgs.) **Biografemática na educação**: Vidarbos. Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2015.

Sandra Mara Corazza; Ester Maria Dreher Heuser Julio Groppa Aquino. Invenção de aula em vias dramáticas. In.: CORAZZA, Sandra Mara; HEUSER, Ester Maria Dreher; AQUINO, Júlio Groppa (orgs.). **AULA COM ... em vias de uma didática da invenção**, 2017.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Pesquisa biografemática como ato de criação de uma vida estrangeira em educação**. Revista do Difere, v. 1, n. 1, jun/2011.

COUSTILLE, Charles. **O que seria uma tese barthesiana?** Rev. Polis e Psique, 2016; 7(1): 247 – 259.

DELEUZE, Gilles. **Espinoso e o problema da expressão**. 1968. [online] <<http://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinoso-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf>>.

_____. **Cinema 1: a imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Rasgar as coisas, rachar as palavras/a vida como obra de arte/ um retrato de Michel Foucault In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **A literatura e a vida.** Minuit, Paris, 1993.

_____. **O atual e o virtual.** Texto originalmente publicado em anexo à edição de *Dialogues*, de Gilles Deleuze e Claire Parnet, Paris, Flammarion, 1996.

_____. **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pal Pelbarr. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Proust e os signos.** 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A ilha deserta e outros textos** (Textos e entrevistas, 1953-1974). Edição preparada por David Lapoujade. Tradução brasileira. Editora Iluminuras, 2004.

_____. **Foucault.** Tradução Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

_____. **Cinema 2: a imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2005b.

_____. **Diferença e Repetição.** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **O teatro e suas minorias. Sobre o teatro: um manifesto de menos; O esgotado.** Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Lógica do sentido.** Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol. 1: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. (Coleção TRANS). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____; _____. **Mil platôs vol 2:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____; _____. **Mil platôs vol. 5:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997

_____; _____. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3ª ed. Coleção Trans 34, 2010.

_____; _____. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia 1. Trad. br. Luiz B. L. Orlandi. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. **Torres de Babel.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002a.

_____. **Animal que logo sou.** Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.

_____. **A escritura e a diferença.** Tradução Maria Beatriz Marques N. da S. Pedro L. L e Pérola de C. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DIDEROT, Denis. **Os pensadores:** textos escolhidos. Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí, J. Guinsburg. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DINARTE, Luís Daniel Rodrigues. **De mente, de gesto.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: BR-RS, 2010.

_____. **Congresso dos Signais:** didática filosófica do Gesto. Tese de doutorado em processo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre: BR-RS, 2016.

EPEEM, Grupo. **Cadeia alimentar**. Dicionário de Libras da Biologia (Ensino Médio). [Online]: <<https://www.youtube.com/watch?v=DmPbmH4eugs>> 2015.

FEIL, Gabriel. Tratado fragmentário do biografema- O retorno do eu, com Barthes, Kerouac e Deleuze. In: CORAZZA, Sandra; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo (Orgs.) **Biografemática na educação**: Vidarbos. Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O filósofo mascarado**. Entrevista com C. Delacampagne. Fevereiro de 1980). Le monde. Nº 10.945, 6 de abril de 1980: Le monde-dimanche. ps. I e XVII.

_____. **História da Sexualidade II**. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal,1984.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. **Ditos e Escritos IV**. Estratégia poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**: Estética, literatura e pintura, música e cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **O governo de si e dos outros:** curso no Collège de France. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010b.

_____. **A Coragem da verdade:** O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **Que é o senhor, professor Foucault?** In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos, volume X: Filosofia, diagnóstico do presente e verdade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

_____. **Aulas sobre a vontade de saber:** curso no Collège de France. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

_____. O texto Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do trabalho em curso. In: _____. **Ditos e Escritos IX.** Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c.

_____. A Escrita de Si. In: _____. **Ditos e Escritos, volume V:** ética, sexualidade e política; organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d.

GIANNETTI, Eduardo. **O livro das citações:** um breviário de Idéias replicantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GUERRA, Sara Caumo. **Dar aula.** Atividade realizada-solicitada da disciplina docente *Educação Contemporânea* da Sandra Corazza. 2017.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Em tempos de escola sem partido, perguntemo-nos:** qual a função da educação em uma sociedade? o que cabe à escola e ao professor? ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP, v.19, n.esp, p. 206-216, jan./mar. 2017.

LAPIAK, Jolanta. **Phonocentrism:** Ptolemy of Language. 2006. [Online]: <https://www.handspeak.com/byte/p/phonocentrism/ptolemy.jpg>

_____. **Pulsing Collectively.** Poetry performance. <<https://www.handspeak.com/byte/p/phonocentrism/ptolemy.jpg>>. Bow Valley College, Calgary, Canada. July 25, 2008.

_____. **Deconstruct W.O.R.D.** 2010. [Online]: <http://www.lapiak.com/media/index-perform.php?media=deword>

_____. **Two Thousands and One Years: Artist Statement.** 2014. [Online]: <https://www.youtube.com/watch?v=e1pzWw-AqZM>

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Livro do Filósofo.** Prólogo de Ciro Mioranza; tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2013a.

_____. **A Genealogia da Moral.** Prólogo de Ciro Mioranza; tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, 2013b.

NODARI, Karen. Para dar uma “intempestiva”. In.: CORAZZA, Sandra (org.). **Didaticário de criação: aula cheia.** (Escrileituras cadernos de notas 3). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

OLIVEIRA, Marcos. Biografemática do cotidiano. In: CORAZZA, Sandra. et al. **Biografemática na educação:** Vidarbos. Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2015.

PAZ, Octavio. **Tradução, literatura e literalidade.** Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9.ed: Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVA, Gilberto Antônio. **I Ching**: manual do usuário. São Bernardo do Campo, SP: Gilberto Antônio Silva, 2012.

SCEARCE, Paul. **Eugenicist Persians**. <http://silentmobster42.deviantart.com/art/300-Deaf-Spartans-vs-100-000-Eugenicist-Persian-333878570s/d>.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Material de estudos da Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

VARDHAN, Amit. **Silent Experiences**. <<https://culturasurda.files.wordpress.com/2014/12/amit-varadhan.jpg>> 2014.

WALKER, Rob. **Birth Right 1**. <<https://culturasurda.net/category/artes-plasticas/>> 2015.

WERNER, Rudolf. **Freiheit der Gebärdensprache**. Öl auf Leinwand, 100 x 130 cm. http://www.kugg.de/alt/kunst/img/rw_freiheit_geb%E4rdensp_1995.jpg 1995a

_____. **Befreiung**, Acryl auf Leinwand, 100 x 130 cm. http://www.kugg.de/alt/kunst/img/rw_befreiung_1995.jpg 1995b.

WILHELM, Richard. **I Ching**: o livro das mutações. Tradução do chinês para o alemão, introdução e comentários Richard Wilhelm; prefácio C. G. Jung ; introdução à edição brasileira Gustavo Alberto Corrêa Pinto; tradução para o português Alayde Mutzenbecher e Gustavo Alberto Corrêa Pinto. São Paulo: Pensamento, 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. Marcos G M. Revisão e apresentação Emmanuel C. L. 7ed. Petropolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

ZORDAN, Paola. **Arte com Nietzsche e Deleuze**. Educação & Realidade [en línea] 2005, 30 (Julio-Diciembre): [Fecha de consulta: 1 de mayo de 2017] Disponible en:<<http://www.uacm.kirj.redalyc.redalyc.org/articulo.oa?id=317227042011>>

_____. O (NÃO) LUGAR DO EDUCADOR CONTEMPORÂNEO: SUBJETIVAÇÃO, EXTERIORIDADE E LINGUAGEM. II **SIEFPE**. Faced-UFJF. Outubro de 2015. <<https://sifpe.files.wordpress.com/2015/10/paola-zordan-gabriel-torelly-fragacorr3aaa-da-cunha-o-nc3a3o-lugar-do-educador-contermporc3a2neo-subjetivac3a7c3a3o-exterioridade-e-linguagem.pdf>>.